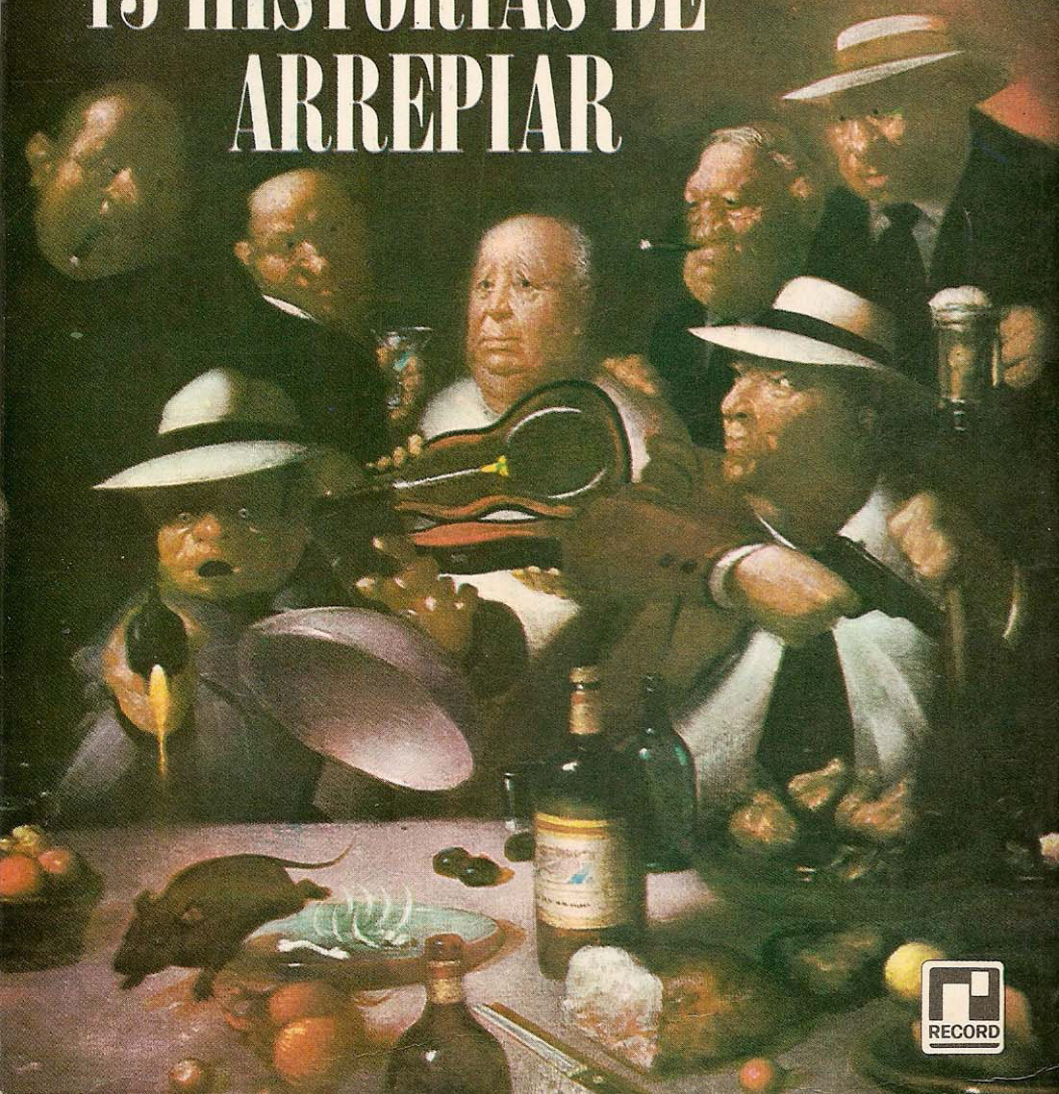


ALFRED HITCHCOCK

apresenta:

13 HISTÓRIAS DE ARREPIAR





ALFRED
HITCHCOCK
APRESENTA:

13 HISTÓRIAS DE ARREPIAR

Tradução de

A. B. Pinheiro de Lemos

Editora Record

INTRODUÇÃO

Eu gostaria de ocupar este espaço para promover um projeto que me é muito caro.

Como todo mundo sabe, eu seria o último a reclamar de qualquer coisa que fomenta o sangrento, o fantástico, o fantasmagórico, o horrível. Sempre que chamado a colaborar com uma nova revista de horror ou a endossar um novo produto medonho, nunca me fiz de rogado. Por maior que tenha sido meu sucesso, nunca hesitei em oferecer algumas palavras de estímulo a algum humilde assassino de machadinha ou a um pobre coitado que gosta de pisotear suas vítimas.

Sendo assim, provavelmente será uma surpresa para meus discípulos saber que sou a favor da abolição do Halloween, o Dia das Bruxas (véspera de Todos os Santos). Surpresa ou não, o fato é que tenho influentes agentes em postos-chaves, lutando para que a festividade seja extirpada do calendário e substituída por alguma outra coisa. Afinal, nenhum adulto em seu juízo perfeito pode deixar de concordar que o Dia das Bruxas se transformou numa chatice insuportável. Somente o Dia do Papai consegue superá-lo em matéria de tédio e hipocrisia.

Embora as origens do Dia das Bruxas estejam mergulhadas nas trevas da pré-história, de um modo geral todos concordam que as raízes se encontram nos festivais da colheita romana e druida. O momento de colher os frutos do verão assinalava o prenúncio do inverno, o qual, como qualquer pessoa com um mínimo de pensamento poético é capaz de imaginar, representa simbolicamente a morte da natureza.

As Forças das Trevas, oficialmente, obtinham assim a supremacia, no Dia das Bruxas, espalhando a confusão e o terror pelos campos. Dúndes e gnomos, harpias e megeras, fantasmas e espíritos, bruxos e feiticeiros disseminavam o terror e a desolação entre os campônios. Esses es-

píritos das trevas desencadeavam sua virulência na época da Saturnália, continuavam a manifestar-se pelos Idos de Março e não se aquietavam até os dias oficiais do renascimento da natureza, comemorado no Dia das Mães. As Forças do Mal voltavam então para o fundo da terra, onde ficavam a imaginar novos terrores para o outono seguinte.

Essas terríveis incursões foram um tanto modificadas no Século VI, quando Bombazine, o Sereno, um patriarca druida, instituiu o Dia de Ação de Graças, como uma festividade preventiva. Espertamente, ele pressentiu que esse feriado iria quebrar o impulso das festividades que duravam o inverno inteiro, de tal forma que somente alguns demônios mais empedernidos sobreviveriam para o aparecimento na Véspera do Ano Novo. A Walpurgisnacht (véspera de 1.º de Maio) também está envolvida nessa história, mas não posso deter-me agora para explicar como.

O costume de pregar peças nos outros, no Dia das Bruxas, surgiu quando os humanos, ciumentos (como sempre) dos poderes possuídos pelos elementos sobrenaturais, desejaram semear o mesmo tipo de devastação e terror sobre pessoas e propriedades. Tal inveja, estimulada pela energia liberada com o fim da colheita e lubrificada pelos vinhos e bebidas alcoólicas feitas de cereais, abundantes naquela estação, inspirou a população rural a causar uma grande variedade de danos. Sobrepondo-se a todas as demais tropelias, havia a ameaça que hoje é conhecida como Trick or Treat (Travessuras ou Regalos).

A palavra trick tem suas raízes na palavra grega trichinos (de cabelos), vem do latim tractare (tratar). Torna-se evidente, portanto, que o costume remonta a um tempo em que as pessoas iam visitar as casas e gritavam “Cabelos ou Traio” para os moradores. Não faz muito sentido para nós, é verdade, mas, afinal, muito pouca coisa daquele tempo o faz.

Pois bem, as coisas transcorreram tranqüilamente dessa maneira, durante mil e tantos anos, somente afetadas pelas Cruzadas e pela Guerra Sino-Japonesa. Mas esses dias alegres e despreocupados teriam um fim abrupto, com o advento dos Estados Unidos. Nesse momento, o que de pior havia na natureza humana e merecidamente prevalecera durante quase toda a história conhecida desfigurou-se completamente, criando-se condições totalmente adversas ao florescimento das Forças das Trevas. Não tenho a menor idéia do que há com os Estados Unidos da América que faz com que as festividades mais respeitáveis se desvirtuem, ao chegar às nossas bandas. Além do mais, trata-se de um problema irrelevante

aos objetivos do estudo que ora estou apresentando.

Não vou entrar em detalhes sobre as atrocidades que meus companheiros e eu costumávamos cometer, mas direi que, no meu tempo, os meninos demonstravam um gênio impressionante para aumentar os sofrimentos deste mundo e as variedades pelas quais podiam ser infligidos. Quando batíamos na porta de uma casa e berrávamos “Trick or Treat!” esperávamos ser tratados com nada menos que todo o conteúdo do cofre na parede ou o equivalente em balas e doces. Se tal não acontecia, perpetrávamos trlcks ou travessuras na mesma escala do ataque dos comandos a Dieppe ou o Motim dos Sipaiois. Alabardas, arcos, clavas, ácidos corrosivos, azagaias, boleadeiras e garrotes eram alguns dos instrumentos com que executávamos nossa vingança. Quando voltávamos para casa, deixávamos atrás de nós um cenário que se parecia com o de uma comunidade costeira após um maremoto, com carros aninhados em cima de árvores, trilhos de trens retorcidos como grampos, em torno dos postes telefônicos.

Em contraste com isso, observe-se agora uma típica comunidade moderna no Dia das Bruxas.

Com várias semanas de antecedência, os comerciantes locais começam a abastecer suas prateleiras tanto com os petrechos para o terrorismo como com os meios para impedi-lo. Os comerciantes sempre foram oportunistas em tempos de distúrbios civis e não agem de maneira diferente nessa ocasião. Não favorecem a nenhum dos lados e encorajam a ambos. Os supermercados são terra de ninguém, onde os oponentes se misturam, em torno da fonte única de suprimentos.

No arsenal ofensivo, encontramos armas tão temíveis como trajes de gaze representando feiticeiros, monstros, duendes; e irrelevâncias como piratas, freiras e ratos do campo. Há também máscaras de gaze de vampiros, esqueletos, gatos pretos e as celebridades ora reinantes na televisão. E ainda há sacolas de compras, em cores alegres, para se recolher a pilhagem. Isso sem falar nas inevitáveis caixas de giz, de cores suaves.

No lado da defesa, há material destinado a assustar ou apaziguar os diabinhos, como esqueletos de papelão e outros implementos semelhantes, abóboras de papier-mâché com ou sem lâmpadas elétricas, imensos estoques de doces, fabricados com os formatos de personagens familiares da demonologia, tais como Drácula, Quasímodo e o Pato Donald. Tudo é exibido na maneira apropriada para a melhor venda das mercadorias.

Todos os produtos estão expostos de forma a se exigir o mínimo esforço da imaginação.

Como são as mães que compram as coisas que as crianças usam no Dia das Bruxas, não é de admirar que a festividade se caracterize hoje por ser totalmente inofensiva. Na verdade, a segurança é a preocupação básica e todos conspiram para que ninguém saia machucado, fique assustado ou mesmo vagamente confuso.

A Câmara de Comércio local seleciona as paredes que as crianças podem riscar com giz. Meninos e meninas são devidamente instruídos para o fato de que dar sustos em adultos pode provocar ataques cardíacos. E como as crianças não querem carregar pelo resto de suas vidas a responsabilidade pela morte de um adulto, tratam de limitar sua assombração a gemidos bem modulados, quase tímidos e envergonhados. Os motoristas são alertados a guiar com mais cautela do que o habitual, porque os pequenos terroristas podem não ver a aproximação dos carros pelos cantos de suas máscaras. Aumentando-se as precauções, as mães tratam de costurar insígnias fosforescentes nas mangas ou pernas das calças das crianças. Os policiais são convocados em peso para a ocasião, mas não para impedir a violência e a pilhagem e sim para ajudar os saqueadores a atravessarem as ruas. Organizam-se festas para mantê-los inteiramente longe das ruas, proporcionando-se brincadeiras como morder a maçã pendurada de um barbante, sem auxílio das mãos, a fim de que as crianças possam dar vazão a seus impulsos diabólicos.

Um pequeno grupo de crianças mais ousadas, que não se deixam intimidar pelos pais preocupados, percorre as ruas, provocando uma confusão infernal peculiar às crianças americanas do século XX. Disfarçadas em fantasmas, ratos do campo ou Ben Caseys, essas crianças vão de porta em porta a murmurarem “Trick or Treat!”, sempre esperando plena cooperação. Não têm a menor idéia do que possam fazer, caso encontrem alguma resistência. Mas jamais deparam com a mínima resistência e a cooperação é abundantemente oferecida. Mães e pais recebem as crianças com gritinhos de admiração e divertimento diante das fantasias, apressando-se a entregar-lhes sacos de pipoca, doces e tostões. A operação é rápida e bem organizada. Torna-se impossível determinar se existe prazer ou sofrimento na troca efetuada. As crianças, encarando aquelas oferendas de paz como algo invariável e rotineiro, guardam o saque em suas sacolas, indiferentes, partindo em busca da próxima vítima.

Assim, podemos dizer que o Dia das Bruxas é de fato muito perigoso. Em nenhuma outra ocasião o perigo para uma juventude saudável torna-se mais patente. Parece que esquecemos que os três elementos principais da psicologia de uma criança são a imaginação, o desafio e o instinto de destruição. Dêem a uma criança um dos chamados brinquedos pedagógicos. Se a criança tiver um mínimo de espírito, irá destruir rapidamente o brinquedo e encontrará coisas interessantes e variadas para fazer com a caixa que o continha.

As crianças não querem cooperação e supervisão no Dia das Bruxas; querem ser desafiadas a cada passo do caminho. Não querem ganhar guloseimas, a menos que isso custe alguma coisa ao doador, em angústia mental. Não querem festas controladas nem ruas bem iluminadas; não querem trajes pré-fabricados ou lugares especialmente designados onde possam destruir propriedades sem valor. Elas querem, simplesmente, provocar uma confusão dos diabos, atemorizar de fato.

Não estou assumindo a posição de que as crianças são monstros puros, porque sou sensato o bastante para saber que não existe nada puro neste mundo. Mas creio que é vital que reconheçamos uma acentuada tendência em toda criança normal e saudável a ser rude e mal-educada. O Dia das Bruxas oferece uma excelente oportunidade para que as crianças dêem vazão às suas atitudes anti-sociais, reprimidas durante todo o resto do ano. Se suprimirmos completamente tal possibilidade, estaremos eliminando uma fonte vital de criatividade. Isso pode causar o aumento de alunos reprovados na escola secundária, problemas alcoólicos, socialismo radical e uma incidência 31 por cento mais elevada de cáries dentárias, botulismo e calvície precoce. Vamos, portanto, devolver a essa festividade as suas características anteriores de indignidade e desrespeito. Ou então encontremos uma alternativa apropriada. Já temos o Dia das Mães e o Dia dos Pais. Assim, o melhor substituto seria o Dia das Crianças, completando-se a tendência para a idolatria das crianças, que vem aumentando desde que as leis do trabalho infantil libertaram a nata da nossa juventude.

Alfred Hitchcock

OUÇA-ME, POR FAVOR!

Fletcher Flora

— Acorde! — disse a voz.

Freda abriu os olhos e fitou o teto, esperando que a voz dissesse mais alguma coisa. Mas só houve o silêncio. O que não era nada inquietante, pois havia ocasiões em que a voz não lhe falava por horas e horas a fio, voltando a fazê-lo subitamente, em algum momento estranho e inesperado, com instruções específicas para fazer isso ou aquilo, de uma maneira determinada e em tal ou qual momento. No princípio, Freda ficara assustada com a voz. Mas só no princípio. Não demorara a compreender que não havia absolutamente motivo algum para ficar assustada, muito pelo contrário. Passara então a aguardar ansiosamente a voz, sempre muito atenta, pois nunca sabia quando ela iria falar. Ocasões havia em que a voz lhe falava quando estava sozinha. Mas havia também muitas vezes em que lhe falava quando estava em companhia de outras pessoas, até mesmo conversando. Freda parava de falar no mesmo instante, às vezes no meio de uma frase, escutando atentamente o que a voz lhe dizia. O que era sempre desconcertante para a pessoa ou pessoas com quem Freda estava falando. Para Freda, tal situação era bastante divertida, um tanto cômica, algo de que poderia rir, embora secretamente.

Um fato estranho era o de que a voz, embora falasse sempre com muita clareza, jamais era ouvida por qualquer outra pessoa, além da própria Freda. Outro fato estranho, cada vez mais estranho, era o de que jamais havia necessidade de responder à voz falando alto. Bastava pensar as palavras que a voz queria ouvir, pois a voz escutava atentamente e respondia. Desse modo, Freda podia manter longas conversas com a voz, sem que qualquer outra pessoa porventura presente pudesse ouvir.

Mas tais coisas só eram estranhas na medida em que eram excepcionais, certamente além da crença de alguém que não as tivesse experimentado. Mas eram realmente realidades admissíveis. Nada havia de sobrenatural nelas, como a presença de luz na escuridão e um mundo de sons abaixo dos níveis de audição.

Fora a voz que levava Freda àquela cidade, aonde chegara na noite anterior, e àquele quarto de hotel, onde acabara de despertar. A voz dissera a Freda o que fazer, exatamente quando e como. Mas Freda sabia perfeitamente o que deveria fazer ao final, depois de todas as pequenas coisas que deveriam ser realizadas antes. E era para fazer tal coisa que Freda viera àquela cidade, naquela ocasião. Viera matar um homem chamado Hugo Weiss.

— É melhor você sair logo da cama — disse a voz.

Era um aviso gentil. Não havia na voz o menor vestígio de raiva diante da preguiça de Freda, nem mesmo uma insinuação de impaciência. A voz era sempre gentil, invariavelmente suave, de uma beleza pungente, com um sussurro de tristeza a impregnar a pronúncia das vogais e consoantes, como uma brisa ligeira a murmurar por entre as árvores, ao crepúsculo.

“Tem razão, está mesmo na hora”, pensou Freda.

Freda levantou-se e dirigiu-se ao banheiro, acendendo a luz. Seu rosto, refletido no espelho por cima da pia, parecia o rosto de outra pessoa, não o de uma estranha, mas o de uma pessoa que Freda conhecera há muito tempo, em outro lugar, e da qual não conseguia lembrar-se muito bem.

Sentiu pena daquele rosto e da pessoa a quem pertencia. Subitamente, teve vontade de chorar e de dizer ao rosto como estava sentindo pena. Em vez disso, porém, Freda tirou o pijama e tomou um banho de chuveiro. Voltou ao quarto e vestiu-se, começando em seguida a escovar os cabelos. Sentou-se na beira da cama, escovando-os em movimentos rápidos e curtos, a cabeça primeiro inclinada para um lado, depois para o outro. E, enquanto escovava os cabelos, Freda começou a pensar na voz, que não lhe estava respondendo agora, e em Hugo Weiss, a quem ia matar.

A voz lhe dissera que assim o fizesse, na primeira vez em que lhe falara. Fora nessa ocasião que Freda compreendera, pela primeira vez, como Hugo Weiss era um demônio monstruoso. Freda estivera grave-

mente doente, com acessos de febre alta. Passada a doença, quase não havia o que fazer durante o longo período de convalescença, exceto pensar, ler e esperar que os dias e noites compridos passassem. Na manhã daquele dia em particular, Freda abriu o jornal que a mãe levava a seu quarto. E lá estava, na primeira página, um retrato de Hugo Weiss. Freda já tinha ouvido falar nele antes, é claro, pois não havia quem não soubesse a respeito de Hugo Weiss. Mas era a primeira vez que Freda via uma fotografia de Hugo Weiss ou pelo menos ao que se lembrava. Ele estava sendo investigado por um grande júri, por sua ligação com uma organização criminosa, supostamente internacional. Somente a cabeça e os ombros dele apareciam na fotografia, que certamente devia ser a ampliação de um instantâneo tirado na rua ou algum outro lugar, pois Hugo Weiss jamais iria sentar-se docilmente num estúdio fotográfico ou permitir voluntariamente que seu retrato fosse batido em qualquer outro lugar.

Ele era incrivelmente feio, o que, por si só, nada tinha de condenável. Mas a feiúra dele era anormal, quase aterrorizante. O rosto de Hugo Weiss é uma obscenidade brutal, pensou Freda. Sentada em seu quarto, Freda estudara com atenção a fotografia do jornal, o nariz achatado, com as narinas à mostra, parecendo buracos escuros abertos na carne com um ferro em brasa, a boca parecendo uma chaga em carne viva prestes a sangrar, a pele áspera, marcada pela varíola. Os olhos estavam quase por completo ocultos pelas pálpebras abaixadas. Freda sentiu, em sua própria carne, um calafrio sutil, estranhando que um homem tão monstruosamente marcado por uma feiúra diabólica pudesse ter adquirido, à sua maneira, um poder tão grande sobre outros homens. No momento em que estava pensando nisso é que Freda tinha ouvido a voz pela primeira vez.

— Hugo Weiss deve morrer — disse a voz. — E você é que deve matá-lo.

Freda compreendera, instantaneamente, que não se tratava de uma alucinação. A voz era real. Ela podia ouvi-la. A voz falava-lhe com extrema clareza, suavemente, de um ponto logo atrás de seu ouvido direito. Freda compreendeu que seria inútil tentar convencer-se, mesmo que assim o desejasse, de que a voz não passava de um eco dos seus próprios pensamentos. Assim, depois do choque inicial de medo e espanto, Freda passou a aceitar a voz com tranquilidade, quase como se a estivesse esperando, inconscientemente, ao longo de todos aqueles anos.

“Mas por que sou eu que devo matá-lo?”, pensou Freda.

— Porque foi você quem finalmente me respondeu.

“Ninguém mais quis escutar?”

— Não se trata de escutar, mas sim de ouvir.

“Somente eu, entre todas as pessoas do mundo, é que posso ouvi-la?”

— Pelo menos você é a primeira.

“O que me dá a capacidade de ouvi-la e a você o poder de fazer-me ouvir? Será que minha doença recente tem algo a ver com isso?”

— Não sei as respostas às suas perguntas. Qual é a explicação para qualquer milagre, a não ser que não se trata absolutamente de um milagre, mas apenas o efeito raro de causas naturais que não compreendemos? Eu falo e você ouve e isso é o bastante.

“E quem está me falando?”

— Não posso dizer.

“Por quê?”

— Porque eu também não sei. Como uma voz, sou meramente a expressão de um imperativo inconsciente. Expresso tal imperativo, mas não posso ter conhecimento da fonte do qual deriva.

“Não tenho muita certeza se consigo compreender.”

— Isso não tem a menor importância. Voltarei a lhe falar, mais tarde.

Fora assim o início de seu relacionamento com a voz. Freda jamais pensara em matar alguém antes e era realmente extraordinário que ela pudesse começar a pensar a respeito agora, com uma serenidade indiferente, como se fosse outra pessoa a pensar e planejar, outra pessoa a ouvir a voz e a conviver inteiramente à vontade com aqueles pensamentos de morte violenta. Aparentemente, não havia qualquer pressa. A voz jamais instara ou forçara Freda a promessas e atos que ela não estava preparada para assumir. Freda começou, um tanto lentamente, a reunir todas as informações que podia encontrar, a respeito de Hugo Weiss. Havia bem poucas informações, a maior parte não digna de muito crédito, pois Hugo Weiss era um personagem astucioso e sorrateiro, preferindo agir por intermédio de outros e sempre permanecendo nas sombras do anonimato. Era o filho de um operário. Pela astúcia, traição e crueldade maquiavélica, expressando-se através de uma personalidade estranhamente compulsiva, num corpo horrendo e atrofiado, ele se transformara no homem mais poderoso do Estado. Controlava a cidade onde vivia.

Controlava o governador do Estado e os legisladores. Havia gente influente em Washington que escutava com atenção quando ele falava. E Hugo Weiss sempre falava em sussurros, por trás das cortinas, nos bastidores. A investigação do grande júri, evidentemente, não levava a nada. Uma das testemunhas morrera em circunstâncias misteriosas, outra havia perdido a memória, uma terceira desaparecera. De qualquer maneira, era muito duvidoso que o grande júri conseguisse indiciar Hugo Weiss.

Tudo começara na primavera. Naquele verão, a voz voltou frequentemente, falando a Freda quando bem lhe aprazia, sem qualquer coerência de tempo ou lugar. No outono, Freda reiniciou suas atividades como professora de uma turma do sexto ano, numa escola elementar perto de sua casa. Ocasionalmente, a voz a visitava durante as horas de aula, o que às vezes era bastante embaraçoso. Era necessário ficar quieta por instantes, completamente imóvel, a fim de ouvir o que a voz dizia, já que, ela falava baixinho. Tais momentos de súbito alheamento, quando Freda permanecia sentada como uma estátua de pedra, eram percebidos pelos alunos, como não podia deixar de acontecer. Freda receava estar adquirindo a reputação de esquisita, mas era-lhe impossível explicar que aqueles lapsos aparentes eram na verdade normais e necessários, pois ninguém compreenderia. Depois de algum tempo, Freda descobriu que não mais se importava com o que os outros pudessem pensar a seu respeito.

A esta altura, Freda já não tinha a menor dúvida, se é que algum dia tivera, de que terminaria matando Hugo Weiss. Não se sentia messiânica por causa disso. Era simplesmente algo que tinha de ser feito. Por algum tempo, Freda ainda se inquietou com as conseqüências possíveis que teria de sofrer. Mas logo descobriu que era incapaz de pensar além do ato de matar Hugo Weiss, como se sua vida também fosse terminar naquele instante, tornando-a eternamente invulnerável a qualquer ofensa terrena. De noite, deitada em sua cama, no quarto às escuras, Freda se divertia ao pensar em Hugo Weiss, onde quer que ele estivesse, fazendo o que estivesse fazendo, numa total inconsciência de que, em breve, iria morrer pelas mãos de uma mulher que nunca vira e que jamais chegaria realmente a conhecer. Era divertido, muito divertido mesmo. E Freda ria baixinho para si mesma, na escuridão, um mero sussurro no quarto silencioso. O rosto de Hugo Weiss flutuava acima dela como uma obscenidade ectoplásmica, horrendo e diabólico.

Em março, Freda comprou um revólver, calibre 32, explicando ao

dono da loja que isso lhe daria uma sensação de segurança, embora jamais tivesse disparado uma arma, em toda a sua vida. Alegou que, como morava sozinha com a mãe numa casa grande, parecia-lhe uma insensatez não ter qualquer tipo de proteção. O comerciante concordou que era uma boa medida e sugeriu que Freda praticasse com o revólver, nos campos ao redor da cidade, nas tardes de domingo. Ele vendeu diversas caixas de balas para o revólver. Freda levou a munição e o revólver para casa, guardando-os com cuidado numa gaveta da penteadeira em seu quarto. Mas não praticou tiro ao alvo nas tardes de domingo, pois isso não era necessário. A necessidade que houvesse seria devidamente providenciada, quando chegasse a ocasião própria.

Em princípios de junho, logo depois que as aulas terminaram, para as férias de verão, o longo período de espera chegou ao fim. E terminou bruscamente, sem qualquer aviso prévio, numa tarde de sol, na sala de leitura da biblioteca pública. Freda tinha ido até lá sem nenhum motivo em particular, exceto o de que a biblioteca pública era um bom lugar para se ficar, quieto e repousante, com os raios de sol entrando inclinados pelas janelas altas. Freda ia até lá regularmente, até o mais longe de que conseguia lembrar-se. Estava sentada sozinha a uma mesa, junto à janela, com um livro aberto à sua frente. Mas não se estava concentrando no livro, mal percebendo as palavras escritas, entre os longos intervalos de devaneios. Mais tarde, não pôde recordar-se do nome do livro ou de qualquer coisa que lera.

— Está na hora de entrar em ação — disse a voz, súbita e suavemente.

“Para fazer o quê?”, pensou Freda.

— Está na hora de matar Hugo Weiss. Já esperamos tempo suficiente.

“Como?”

— Com o revólver. Não comprou o revólver?

“Comprei. O revólver e as balas.”

— Isso é ótimo. Vai ser muito simples. Você verá.

“O que devo fazer?”

— Em primeiro lugar, é claro, você tem de ir para a cidade onde ele está.

“E depois?”

— Vá para um hotel. Mais tarde, na ocasião apropriada, irá até o

escritório dele. Ele recebe lá todos os tipos de pessoas, a maioria à procura de favores. Ninguém achará estranho que você tenha ido também. Já sabe onde fica o escritório dele?

“Já. Fica na parte sul da cidade, perto da estação ferroviária. Na Euclid Street.”

— É isso mesmo. Pelo que estou vendo, andou preparando-se devidamente.

“Não encontrarei a menor dificuldade para vê-lo?”

— Provavelmente não. Ele faz questão de receber pessoalmente todas as pessoas que lhe vão pedir favores. É uma fraude. Dessa forma é que consegue manter seu poder.

“E o que acontecerá comigo depois?”

— Não se preocupe com isso. Não se preocupe com mais nada, além daquilo que precisa fazer.

Tendo formulado a pergunta, o que lhe iria acontecer posteriormente, Freda sentiu por um instante um medo terrível. No momento seguinte, porém, o medo se desvaneceu. Ela se levantou, devolveu o livro à prateleira e saiu da biblioteca. Chegando a casa, disse à mãe que decidira passar um ou dois dias na outra cidade, bem maior, coisa que fazia ocasionalmente, desde que alcançara a idade suficiente para viajar sozinha. Subiu para o seu quarto e arrumou uma mala pequena, com algumas roupas e o revólver carregado. Não tinha a menor sensação de ter chegado a um ponto crítico de sua vida, de ser o início de qualquer coisa ou o fim de alguma coisa. Nem mesmo sentiu que era uma mudança radical em sua vida, em relação ao que fora antes. Freda sabia que havia um trem que partia para a outra cidade às 5 horas da tarde. Depois de arrumar a mala e despedir-se da mãe, ela pegou um táxi e foi para a estação, chegando com vários minutos de antecedência.

Isso acontecera no dia anterior. Agora, Freda estava num quarto do hotel em que se hospedara. Olhou para o relógio e viu que eram 9 horas da manhã. Parou de escovar os cabelos e levantou-se, vestindo o casaco leve que usara no trem. Ficou parada por um momento, a cabeça ligeiramente inclinada para a frente, numa atitude de abstração, como se, agora que estava preparada para partir, tivesse esquecido para onde devia ir e com que propósito. Depois, com súbita determinação, tirou o revólver carregado da mala, guardou-o na bolsa e, saindo para o corredor, desceu. Foi pela escada, ignorando o elevador. Caminhava lentamente,

não como alguém relutante em chegar a seu destino, mas como se fosse um passeio a esmo, sugerindo que não tinha qualquer destino específico.

Na verdade, Freda tinha bastante tempo. Do hotel ao escritório de Hugo Weiss, a distância era de quase dois quilômetros. Não seria muito sensato, pensou ela, chegar lá cedo demais. Do saguão do hotel passou para a sala de café, sentando-se a uma mesinha nos fundos. Uma garçonele levou-lhe o cardápio do café da manhã, mas Freda não estava com a menor fome, embora nada tivesse comido desde a hora do almoço do dia anterior. Pediu apenas uma xícara de café. E tomou o café tão devagar que estava frio antes de chegar à metade. Continuou sentada diante da xícara de café frio por mais 10 minutos, antes de partir. Àquela altura, passava um pouco de 9:30 horas.

Chegando à Euclid Street, com a boisa debaixo do braço e ainda caminhando como se passeasse sem nenhum destino específico, Freda virou para o sul, na direção do escritório de Hugo Weiss. Não podia recordar-se com exatidão de como descobrira o endereço do escritório. Provavelmente era algo que ela sabia há muito tempo. Afinal de contas, era um local famoso e em várias ocasiões fora divulgado pelos jornais. Era o primeiro escritório que Hugo Weiss tivera e também o único, duas salas escuras num prédio quase em ruínas, no bairro pobre da cidade. Era uma prova da vaidade dele o fato de ali ter permanecido, ao longo de todos aqueles anos, exercendo o seu poder cada vez maior e amealhando uma fortuna fantástica, no mesmo lugar em que começara. Era outra fraude, pensou Freda. Uma mentira. Uma ilusão de humildade, de um monstro de vaidade.

Percorrendo a rua, Freda sentia-se maravilhosamente bem disposta, quase exultante. Tinha a impressão de que era gasosa, mal tocando a calçada de concreto com os pés, prestes a se erguer e flutuar a cada passo. Já se sentira daquela maneira algumas vezes, quando era menina, especialmente bem cedo, nas manhãs de primavera, quando se levantava antes dos outros e saía sozinha para o quintal. Na vitrina de uma loja viu um vestido leve do azul mais claro possível, exatamente o tipo de vestido para a garota exuberante que ela fora outrora e que já não era mais. Ficou parada diante da vitrina, contemplando o vestido, por vários minutos, apertando a bolsa debaixo do braço, sentindo o revólver que estava dentro da bolsa. Depois, virou-se e afastou-se, chegando logo em seguida a determinado prédio quase em ruínas do bairro pobre da cidade. Na rua,

diante do prédio, a voz voltou a lhe falar, pela última vez. E, como sempre, era uma voz de pungente beleza, impregnada por um sussurro de tristeza.

— Aqui está você finalmente. Demorou bastante a chegar.

“Tem razão”, pensou Freda. “Bastante tempo...”

Ela continuou a esperar, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado. Mas a voz não tornou a falar. Depois de um ou dois minutos, Freda foi até a entrada do prédio e seguiu por um corredor escuro, do qual saía uma escada estreita, imersa em sombras, que levava ao segundo andar. Freda subiu a escada, hesitando por um momento lá em cima, virando-se em seguida na direção da rua e percorrendo um corredor estreito, onde havia duas portas, com vidro fosco na parte de cima, sem nada escrito. Freda passou pela primeira porta e foi para a que ficava mais perto da rua, abrindo-a e entrando numa sala pequena, que parecia exibir um certo orgulho por seu despojamento miserável. O chão era descoberto, escurecido e engordurado por muitas camadas de cera. Encostadas em três paredes, havia uma dúzia de cadeiras de madeira. Numa cadeira estava sentado um velho, num terno listrado de algodão, sujo e amarrotado, as mãos encarquilhadas cruzadas sobre o colo. Em outra cadeira, na parede oposta, estava uma mulher de cabelos louros, lustrosos, usando uma pele caríssima a lhe envolver os ombros, com uma expressão entediada e cuidadosamente distante.

Aqueles dois pareciam ser as únicas pessoa na sala. Mas Freda viu, um instante depois, que havia uma terceira, um homem sentado atrás de uma mesinha, junto a uma porta, na quarta parede. Tinha um rosto magro, com um nariz comprido, por cima da boca quase sem lábios. Era um homem perigoso, capaz de matar, o que era tão perceptível quanto um cheiro ou um som. Embora ele estivesse ali servindo como recepcionista, era evidente que sua função básica era de guarda-costas. Fitando-o, Freda experimentou uma sensação de incomensurável superioridade, um sentimento inebriante de exultação, que era o clímax da exaltação que experimentara durante todo o caminho até aquele lugar. Ninguém, pensou ela, ninguém poderia impedi-la de levar a termo o que ela fora fazer ali. Ninguém, absolutamente ninguém...

— Eu gostaria de falar com o Sr. Weiss — disse Freda ao homem.

— Seu nome?

— Freda Bane.

O homem levantou os olhos para fitá-la, com um brilho de desdém,

tornando a baixá-los imediatamente, contemplando as mãos bem abertas sobre a mesa, como se estivessem dedilhando cordas silenciosas de um teclado invisível.

— Tem hora marcada?

— Não. Mas vim de muito longe, de outra cidade. E gostaria de vê-lo apenas por uns poucos minutos. É muito importante.

— É sempre importante, sempre...

O homem deu de ombros, cruzando os dedos.

— Sente-se numa das cadeiras vagas. Ele a receberá. Sempre recebe todo mundo.

Freda foi sentar-se na cadeira mais próxima. Ficou empertigada, os tornozelos juntos. A bolsa estava no colo, debaixo de suas mãos. Podia sentir o revólver lá dentro. Em determinado momento, chegou a entreabrir a bolsa, o suficiente para enfiar uma das mãos e sentir o aço frio. Foi um gesto extremamente íntimo e excitante, como tocar a carne da pessoa amada. Freda quase gemeu de tanto excitação. Ela deve ter ficado muito distraída e distante, pois levou algum tempo para perceber que o velho não mais se encontrava na sala e a mulher de cabelos louros e abrigo de peles estava cruzando a porta para a sala contígua onde desapareceu. Freda continuou sentada na cadeira, sempre empertigada, mas não mais exultante como antes. Continuava serena e com um sentimento que era mais de resignação que outra coisa qualquer. Pouco depois, o homem atrás da mesa fitou-a e sacudiu a cabeça ligeiramente, na direção da porta a seu lado.

— Pode entrar agora — disse ele.

— Obrigada.

Freda ficou imaginando qual o sinal que ele recebera para saber que estava na hora de deixá-la entrar. Talvez houvesse alguma pequena luz na frente da mesa. Devia ser alguma coisa que não fizesse o menor ruído. Levantando-se, segurando a bolsa com as duas mãos, à sua frente, Freda encaminhou-se para a porta e passou para a sala contígua, da qual a mulher de cabelos louros devia ter saído diretamente para o corredor. E dentro daquela sala, por trás de uma velha escrivaninha de carvalho escuro, dois metros além de chão sem tapete, estava sentado Hugo Weiss, a quem Freda iria matar a tiros, exatamente dali a 16 segundos.

Ele era tão baixo que apenas a cabeça e os ombros eram visíveis acima da escrivaninha. Mas quando Freda se encaminhou em sua dire-

ção, Hugo Weiss levantou-se subitamente e contornou a mesa para cumprimentá-la, o corpo raquítico e atrofiado à mostra, o rosto horrendo bem visível, quando ele parou, iluminado pela luz que entrava através da única janela da sala. Era o mesmo rosto que Freda vira no jornal e flutuando como uma visão ectoplásmica no quarto escuro de sua casa, um rosto de uma feiúra obscena. Havia uma única diferença, que Freda pôde perceber à luz fraca que entrava pela janela, uma diferença que a deteve por alguns segundos: a diferença estava nos olhos. Freda via à sua frente olhos suaves e gentis, os olhos de uma mulher oprimida pelo sofrimento.

— Meu nome é Freda Bane — disse ela, sentindo, naqueles segundos finais, que era de uma importância fundamental que se identificasse.

E assim que acabou de falar, Freda teve a impressão de que os olhos suaves de Hugo Weiss se arregalaram com uma espécie de choque, para logo depois se iluminarem com uma expressão de alívio infinito. Freda teve a sensação de que Hugo Weiss subitamente reconheceu a voz dela, como se se tivesse materializado de um sonho freqüente, um sonho do qual ele jamais conseguira recordar-se nitidamente ao acordar, até aquele momento.

— Entre — disse ele. — Entre.

A voz dele era gentil, compatível com os olhos.

A voz era sempre gentil, invariavelmente suave, de uma beleza pungente, com um sussurro de tristeza a impregnar a pronúncia das vogais e consoantes, como uma brisa ligeira a murmurar por entre as árvores, ao crepúsculo.

UMA QUESTÃO DE ÉTICA

James Holding

Naquela ocasião, seu contato no Rio era um homem chamado simplesmente Rodolfo. Talvez Rodolfo tivesse outro nome. Mas, se tal acontecia, Manuel Andradas não o sabia. Ele devia encontrar-se com Rodolfo na Rua do Rosário, na esquina do Mercado das Flores. Enquanto esperava, na calçada estreita, as costas apoiadas na parede de um prédio, Manuel ficou contemplando, cheio de admiração, uma cesta de orquídeas roxas que estava sendo vendida num estande de flores, do outro lado da rua. Como sempre, tinha o estojo da máquina fotográfica pendurado no ombro esquerdo.

Rodolfo apareceu pouco depois e passou rapidamente por Manuel, murmurando-lhe “siga-me” pelo canto da boca. Era um homem indefinível, quase maltrapilho. Manuel seguiu-o, por entre a multidão que saía às ruas na hora do almoço, até um pequeno café nas proximidades. E ali, tomando um cafezinho, eles ficaram frente a frente. Manuel concentrou sua atenção no café preto na pequena xícara. Rodolfo é que iniciou a conversa:

— Gostaria de fazer uma pequena viagem, Fotógrafo?

Manuel deu de ombros.

— Até Salvador, na Bahia, Fotógrafo. É uma linda cidade.

— Já me disseram isso. O serviço tem prazo?

— Não há prazo. Mas gostaríamos que fosse executado o mais depressa possível, Fotógrafo.

Manuel era conhecido por seus contatos apenas como O Fotógrafo. E ele era de fato um fotógrafo. Dos melhores, diga-se de passagem.

— O preço?

Ao formular a pergunta, Manuel levantou os olhos castanhos para fitar Rodolfo, ao mesmo tempo que tomava um gole do cafezinho.

— Trezentos mil cruzeiros. Manuel quase perdeu o fôlego.

— Seu chefe deve estar precisando desesperadamente do serviço...

Rodolfo sorriu, se é que se podia chamar de sorriso o ligeiro arreganhar dos lábios.

— Talvez... Mas isso não é da minha conta. O preço é satisfatório?

— Perfeitamente satisfatório. E muito generoso, para dizer a verdade. As despesas por fora, é claro. E um terço adiantado.

— Está certo.

O homem chamado Rodolfo rabiscou com um coto de lápis no verso do cardápio do café, entregando-o a Manuel. Escrevera um nome e um endereço. Automaticamente, Manuel decorou-os. Depois, dobrou o cardápio e rasgou-o em pedacinhos, os quais meteu no bolso do seu terno escuro impecável. E franziu o rosto. Observando a expressão dele, Rodolfo perguntou:

— Qual é o problema?

— É uma mulher — murmurou Manuel, em tom de desaprovação.

Rodolfo soltou uma risada.

— Negócios são negócios, não é mesmo?

— É que eu prefiro quando são homens.

Terminaram o café e se levantaram, saindo para a rua. Ao se despedirem, Rodolfo apertou a mão de Manuel, deixando nela um maço de notas.

No caminho de volta a seu estúdio, Manuel parou num botequim e tomou um copo de suco de caju. Achava que era muito melhor do que café para acalmar os nervos.

Seis dias depois, Manuel desembarcou na Bahia, tendo viajado num cargueiro velho e enferrujado, que ali fez escala, a caminho do norte, para pegar um carregamento de cacau, couro e mamona.

Sem querer atrair atenção, Manuel seguiu a pé, por entre o movimento intenso da Cidade Baixa, até o Elevador Lacerda, encostado num penhasco alto. O elevador levou-o rapidamente até a Cidade Alta, deixando-o diante da praça principal. Dali, por cima dos flamboyants vermelhos que cresciam na encosta, Manuel tinha uma vista espetacular do porto, repleto de navios e fervilhante de atividade.

No saguão escuro do Palace Hotel, na Rua Chile, ele se registrou

com o seu próprio nome, Manuel Andradas. E durante dois dias compor-tou-se exatamente como o faria um fotógrafo que tivesse ido a Salvador a serviço de uma revista. Levando sempre duas máquinas fotográficas, visitou os pontos turísticos de Salvador, tirando inúmeras fotografias de tudo o que lhe chamava a atenção, desde a fachada da Igreja da Ordem Terceira até o mural em tons azuis, ao estilo Mondrian, do novo Hotel da Bahia. No terceiro dia, depois de fixar sua imagem como um fotógrafo inocente e inofensivo, Manuel preparou-se para executar o serviço que o levara à Bahia.

Por volta de uma hora da tarde, ele pôs um calção no estojo de cou-ro, juntamente com duas máquinas fotográficas, saindo do hotel. Subiu pela Rua Chile até a praça lá em cima, onde estavam estacionados inúmeros ônibus, suportando com uma indiferença mecânica o dilúvio de propa-ganda e música que se derramava de alto-falantes. Subiu num ônibus com o letreiro Rio Vermelho e Amaralina e sentou-se na parte de trás, um homem pálido e de ossos salientes, de aparência bastante comum, exceto pelas mãos desproporcionalmente grandes e pelos antebraços extrema-mente musculosos. Nenhum dos passageiros barulhentos e apressados, que em seguida entraram no ônibus, lotando-o a um ponto excessivo, lançou-lhe um olhar mais do que de passagem.

Manuel fechou os olhos e pensou no trabalho que tinha pela fren-te. Sentiu o ônibus partir, ouviu os outros passageiros falando com ani-mação. Mas não abriu os olhos. Como era o nome? Ele se recordava per-feitamente. Eunícia Camarra. Exatamente. O endereço? Amaralina, Bahia. Exatamente.

Eunícia Camarra... Uma mulher. Quem seria ela? O que teria feito, para que alguém no Rio — o cliente anônimo e desconhecido de Ma-nuel — desejasse que ela fosse anulada? Era essa a palavra que Manuel sempre usava, ao pensar no que fazia. Uma pessoa anulada... Seria ela uma amante infiel? Ou uma mulher que rejeitara uma proposta de casa-mento? Trezentos mil cruzeiros eram uma soma considerável. Seria uma mulher da qual o cliente de Manuel tinha ciúmes? E será que o cliente de Manuel não seria também uma mulher?

Manuel, evidentemente, jamais sabia dos verdadeiros motivos para os serviços dos quais era incumbido. Depois de executado o servi-ço, pelos meios que lhe parecessem mais apropriados e práticos, Manuel ficava na ignorância das razões por que haviam contratado seus serviços

profissionais. E assim era melhor. Manuel preferia não se envolver emocionalmente com seu trabalho. Fazia cada trabalho eficientemente, sem muito alarde, evitando imiscuir-se nas questões morais ou éticas.

Manuel afastou Eunícia Camarra dos pensamentos e abriu os olhos. O ônibus seguiu para o interior por algum tempo, proporcionando a Manuel rápidos vislumbres de amplas extensões de terra vermelha, jardins coloridos, matas tropicais luxuriantes. O ônibus inverteu a direção e novamente se aproximou do mar. Manuel sentiu a brisa fresca que soprava do mar entrando pelas janelas do ônibus e secando completamente o suor que lhe escorria pelo rosto.

Manuel saltou na parada do ônibus em Amaralina, ao lado de um abrigo circular, de teto de colmo, a poucos metros da praia. À sua frente havia um café, a tinta das paredes inteiramente removida, pela ação interminável do vento e da areia da praia. Ali perto, um homem sorridente, exibindo dentes muito brancos, vendia cocos para meia dúzia de colegiais. Cortava a parte de cima dos cocos com um facão, para que pudessem tomar a água adocicada.

As vozes das crianças, extremamente alegres porque as aulas haviam terminado por aquele dia, soavam joviais aos ouvidos de Manuel, enquanto ele passava lentamente pelo café, encaminhando-se para uma pavilhão de banhistas, quase em ruínas, onde vestiu o calção. Pegando o estojo com as câmaras, encaminhou-se para a praia.

Não havia muita gente na praia. Ele viu um casal deitado na areia, por trás de alguns rochedos, completamente alheio ao que se passava em volta. À direita, havia um pequeno grupo de banhistas, mergulhados na água até a cintura, que soltavam gritos estridentes de prazer quando eram atingidos pelas ondas espumantes. À esquerda, mais ao longe, Manuel podia ver os prédios de Ondina, quase mergulhando na baía cor de safira. E à frente dele, perto da água, brincavam na areia as mesmas crianças que pouco antes estavam comprando cocos.

Manuel foi sentar-se na areia, perto das crianças, com o estojo das câmaras nas mãos. As meninas usavam uniforme colegial azul e branco e eram todas mais ou menos da mesma idade, 12 ou 13 anos. Manuel sorriu para elas e cumprimentou-as com uma expressão muito séria:

— Boa-tarde, senhoritas.

Não fez mais do que isso. Não se adiantou, não tentou forçar o contato. Manuel era sutil demais para isso. Ao retribuírem o cumprimento,

as meninas viram o estojo das câmaras nas mãos dele. Imediatamente, demonstraram intenso interesse, em especial a menina loura que parecia ser a líder do grupo.

Ela se aproximou de Manuel e perguntou:

— Isso é um estojo de máquina fotográfica? Será que poderia mostrá-la? Quer tirar uma fotografia de nós? Bate fotos a cores? Qual é o tipo de filme que acha melhor? Poderia mostrar para mim como ajustar a lente, a fim de que eu possa tirar uma fotografia também?

Ela falou tão esbaforida e suplicante, com uma curiosidade infantil tão intensa, que Manuel não pôde deixar de rir, contra a sua própria vontade.

— Mais devagar, senhorita, por favor. Fez perguntas demais, ao mesmo tempo. De fato, o estojo tem uma câmara. Mais de uma, aliás. E podem dar uma olhadela nelas, mas tomem todo cuidado para não deixar entrar nenhum grão de areia.

Ele entregou o estojo com as câmaras à menina loura e todas as outras se reuniram ao redor dela, falando animadamente. A menina que pedira o privilégio de ver as câmaras abriu o estojo.

— Mas que maravilha — exclamou ela. — É uma Leica! Não é uma máquina muito cara? Minha avó tem uma.

Ela remexeu o estojo mais um pouco.

— Ei, também tem uma máquina minúscula! — disse ela, erguendo a Minox de Manuel. — Eu nunca tinha visto uma máquina tão pequena assim!

Manuel continuou sentado na areia, calmamente, deixando que as meninas examinassem seu equipamento, embora as observasse com atenção, para evitar qualquer ameaça de dano. Só depois de algum tempo é que ele disse:

— Vou tirar agora uma fotografia de vocês.

Elas ficaram imóveis, muito compenetradas, sorrindo no momento em que Manuel tirou a fotografia. A menina loura perguntou:

— Vai nos mandar a fotografia? Minha avó gostaria de vê-la.

— Claro que vou. E nada cobrarei por ela, embora eu seja um fotógrafo profissional e costume cobrar alto pelos meus serviços.

— Muito obrigada.

Manuel sacudiu a cabeça para a menina, compreendendo, com satisfação, que conquistara a amizade daquelas meninas e elas teriam agora

o maior prazer em responder a todas as perguntas que fizesse. E Manuel tinha muitas perguntas a fazer, sobre Amaralina, sobre as casas em que elas moravam, os vizinhos, os amigos dos pais, sobre uma mulher chamada Eunícia Camarra. Mas não havia pressa. A menina loura perguntou:

— Não vai dar um mergulho, moço? Se for, pode deixar que tomaremos conta de suas máquinas. E fique tranqüilo que nada acontecerá com elas.

A menina apelou para as companheiras, que concordaram em coro.

— É uma boa idéia — disse Manuel. — Muito obrigado por ficarem guardando minhas máquinas.

Ao se levantar para entrar na água, Manuel cometeu seu primeiro erro. Mas estava sentindo muito calor, com o corpo suado, e um mergulho seria um alívio, apesar de ele não ser um bom nadador. Quanto às câmaras, poderia ficar tranqüilo, pois as meninas tomariam conta, até sua volta.

— Tome cuidado junto daquelas pedras, pois tem uma correnteza muito forte ali — avisou a menina loura.

Manuel mal a ouviu, pois estava pensando em outras coisas. Somente depois que mergulhou e deu algumas braçadas, afastando-se da praia, é que compreendeu plenamente a advertência da menina. Nesse momento, porém, já era quase tarde demais. Manuel sentiu-se impelido por uma correnteza forte demais, à qual nem suas mãos grandes e os braços musculosos podiam resistir. A cabeça afundou e ele engoliu água. E pensou, estupidamente, que teria sido melhor continuar com calor e suado, do que refrescar-se a tal preço. E logo em seguida ele deixou de pensar inteiramente.

Ao abrir os olhos, Manuel ficou ofuscado com o azul intenso do céu. Estava deitado de costas na areia. Ao desviar os olhos doloridos, ele focalizou o corpo esquelético e nu da menina loura, parada ali perto, prestes a enfiar o uniforme sujo pela cabeça, a fim de cobrir a pele molhada. Perto dela estavam duas outras meninas, também vestindo os uniformes sobre os corpos molhados. Manuel deixou escapar um grunhido abafado e sentou-se bruscamente.

As meninas soltaram gritinhos nervosos e terminaram rapidamente de se meter nos vestidos.

— Não olhe, moço! — gritou a menina loura, alegremente. — Espere que a gente termine de se vestir. Caímos na água sem maiôs.

As vozes alegres das outras meninas juntaram-se à dela, como periquitas irrequietas. Manuel sacudiu a cabeça, tossindo e cuspiendo água na areia. A menina loura explicou:

— Nós avisamos, moço, que há uma corrente submarina muito forte naquele ponto! Mas não nos deu atenção!

A menina censuravam de maneira gentil, mas Manuel percebeu que ela estava profundamente satisfeita por ele ter ignorado a advertência, proporcionando-lhe a oportunidade maravilhosa e excitante de salvá-lo, juntamente com as amigas.

— Todas nós somos excelentes nadadoras, moço, porque moramos aqui em Amaralina. Mas o senhor não sabe nadar muito bem.

Ela sorriu alegremente e acrescentou:

— Mas conseguimos tirá-lo da água, Maria, Letícia e eu. As outras fugiram.

Manuel Andradas sentiu-se invadido por uma emoção intensa, pouco familiar.

— Senhoritas, eu lhes devo minha vida. E agradeço do fundo do meu coração.

As meninas ficaram embaraçadas. Manuel olhou para a menina loura, que estava passando os dedos pelos cabelos molhados, e perguntou, com uma premonição de desastre:

— Como se chama?

— Eunícia Camarra. E qual é o seu nome?

Manuel despachou as outras meninas, com seus agradecimentos, mas convenceu Eunícia a ficar mais um pouco na praia, em sua companhia.

— Gostaria de tirar novamente uma fotografia sua — explicou ele. — Mas sozinha. Quero ter um bom retrato da moça que salvou minha vida.

Pela primeira vez em sua carreira, Manuel descobriu que estava encarando uma vítima em perspectiva com um sentimento que ia além da objetividade fria. Ao olhar para Eunícia, ele sentia o coração palpitar, algo a que não estava acostumado. Era uma emoção feita de gratidão, admiração, simpatia e, estranhamente, de ternura. Como se ela fosse sua própria filha, pensou Manuel, vagamente. Depois de tirar diversas fotos da menina, em poses infantis e encantadoras, Manuel lhe disse, num impulso súbito:

— Agora, mostre-me como eu estava parecendo quando me tirou da água e arrastou-me até a areia.

Rindo deliciada, a menina estendeu-se na areia, assumindo a pose de uma boneca de trapos. Os braços ficaram caídos ao longo do corpo, inertes, as pernas esticadas, os olhos fechados, voltados para o céu, a boca entreaberta. Manuel inclinou-se e, usando a Minox, tirou uma fotografia dela assim.

E durante todo o tempo, eles não pararam de conversar.

— Mora aqui com seu pai e sua mãe? — perguntou Manuel.

— Oh, não! Minha mãe e meu pai já morreram. Vivo com minha avó, naquela casa grande lá no alto da colina.

Ela apontou para a casa.

— É uma casa realmente grande. Sua avó deve ser uma mulher rica. Sendo assim, é de admirar que você tenha salvado a vida de um pobre fotógrafo.

A menina ficou indignada e declarou veementemente:

— Minha avó é antes de tudo uma grande dama. Mas, como o senhor disse, é também muito rica. Afinal de contas, quando estava vivo, meu avô era o maior negociante de diamantes do Brasil.

— É mesmo?

— É o que minha avó sempre diz.

— Então tenho certeza de que é verdade. E mora sozinha naquela casa com sua avó? — Manuel fitou a menina por um momento, em silêncio, antes de continuar: — Não tem irmãos ou parentes que façam companhia a vocês duas?

— Ninguém — disse ela, com tristeza, para logo depois acrescentar, subitamente animada: — Mas tenho um meio-irmão no Rio. Ele já é um homem idoso agora, acho que tem mais de 30 anos. Apesar disso, é meu meio-irmão. Nossa mãe era a mesma, embora tivéssemos pais diferentes. Está entendendo?

Na verdade, Manuel estava começando a entender tudo.

— E sua avó não gosta muito do seu meio-irmão, não é?

— Não. Ela diz que ele é um homem mau. Um mentiroso e trapaceiro, uma desgraça para a família. Minha mãe fugiu de casa e casou-se, quando era ainda muito jovem. Meu irmão Luís nasceu desse casamento. Tenho pena dele, porque seu pai está morto, assim como o meu. De vez em quando eu escrevo para ele, mas não conto para a minha avó.

— É perfeitamente compreensível que não queira que ela saiba — concordou Manuel, gravemente.

— Minha avó se recusa a ajudá-lo por qualquer meio que seja. Nem mesmo lhe dá dinheiro. E eu sei que ele está sempre pedindo. Mas minha avó sempre nega.

— Talvez ela deixe algum dinheiro para ele, em seu testamento.

— Não, senhor, não vai deixar nada. Eu é que vou ficar com tudo. Minha avó diz que Luís não ficará com um só tostão, enquanto houver uma pessoa viva na família. Ela não tem a menor paciência com meu irmão Luís. Coitado do Luís! Eu acho que ele é muito simpático. Irei ao Rio, para visitá-lo e cozinhar para ele, assim que minha avó me der dinheiro bastante.

— Nunca se encontrou com ele?

— Nunca. Só o conheço de fotografia. No ano passado, ele me mandou uma carta com uma fotografia sua. Foi a carta em que perguntava se minha avó já havia mudado de atitude com relação a ele. E eu lhe enviei uma fotografia minha. Luís é um homem muito bonito.

— Como é o nome todo dele?

— Luís Ferreira.

— E ele trabalha?

— Claro que trabalha. No escritório do Hotel Aranha. Depois de trocar de roupa, Manuel levou Eunícia para o café e, num impulso de generosidade a que não estava habituado, comprou-lhe uma garrafa de refrigerante de laranja. A menina bebeu rapidamente. Depois foi para casa, explicando que a avó ficaria preocupada, se demorasse mais. Ao despedirem-se, Manuel disse:

— Não sabe como lhe sou grato pelo que fez, Eunícia. E talvez eu lhe possa prestar um pequeno serviço, em retribuição.

Manuel continuou sentado no café, sozinho, depois que a menina se foi, num banco sem conforto, ao lado de uma mesinha, contemplando o mar encapelado. Pediu três doses de Cinzano e tomou-as rapidamente, uma depois da outra, pensando no problema inesperado. Trezentos mil cruzeiros! Mas o problema todo, pensou ele, sombriamente, reduzia-se agora a uma simples questão de ética.

Como ele gostaria de tomar naquele momento um copo de suco de caju!

Manuel Andradas voltou para o Rio de avião, naquela mesma noi-

te. Seguiu do aeroporto diretamente para o seu estúdio, revelando o filme da Minox, que batera na Bahia. Examinou com cuidado os minúsculos negativos, com uma lente de aumento, antes de selecionar um e fazer uma ampliação. Ligou para o telefone anônimo que o poria em contato com Rodolfo e marcou um novo encontro para a manhã seguinte, na Rua do Rosário. Depois, foi deitar-se e teve um sono tranqüilo.

No dia seguinte, ele mostrou a fotografia ao homem chamado Rodolfo, comentando com desaprovação:

— Não era uma mulher, mas uma criança.

Rodolfo examinou a foto de Eunícia. A menina estava caída na areia da praia de Amaralina, inerte, indubitavelmente morta. Ele assentiu, satisfeito.

— Creio que esta fotografia é prova suficiente. Rodolfo continuou a fitar a fotografia por mais algum tempo e depois sorriu.

— Posso ficar com esta fotografia? Vou entregá-la a quem de direito. E se estiver tudo bem, tornaremos a nos encontrar amanhã, aqui mesmo, às 3 horas da tarde.

Ele foi embora com a foto. E no dia seguinte, às 3 horas da tarde, encontrou-se novamente com Manuel, na esquina do Mercado das Flores, parando apenas o tempo suficiente para apertar-lhe a mão e dizer:

— Bom trabalho. Foi satisfatório.

Desta vez, ele deixou na mão de Manuel um maço de notas ainda maior do que no primeiro encontro.

Manuel embolsou as notas quase que distraidamente e fez sinal para um táxi. Mandou que o motorista o levasse à praia de Copacabana, saltando um quarteirão antes do Hotel Aranha, na Avenida Atlântica. Depois de pagar o táxi, ele contemplou a praia larga, povoada àquela hora da tarde por uma multidão de banhistas, tão numerosos quanto formigas num torrão de açúcar derrubado no chão. Depois, atravessou a rua e entrou numa cabina telefônica pública, ligando para o Hotel Aranha. Um momento depois estava falando com o Senhor Luís Ferreira, um dos funcionários do hotel, numa voz deliberadamente abafada.

— Trouxe-lhe um recado da Bahia, Sr. Ferreira. Encontre-se comigo na praia, em frente ao hotel, dentro de 10 minutos. Ao lado do vendedor de pipas.

Manuel não esperou por uma resposta, desligando imediatamente e saindo da cabina. Depois, caminhou pela praia até a altura do hotel, es-

gueirando-se por entre os milhares de adoradores do sol e do mar, espalhados pela areia. Foi postar-se nas proximidades do homenzinho moreno que vendia pipas em forma de gaivotas para as crianças, apenas mais um integrante anônimo daquela multidão de feriado. Pelo canto dos olhos, ficou observando a entrada do hotel.

Não demorou muito para que visse saindo pela porta do hotel um homem ligeiramente encurvado, o queixo pequeno, os cabelos louros bem ralos. O homem atravessou a avenida, desviando-se dos carros, e aproximou-se do vendedor de pipas. Parou ali, olhando para as pessoas ao redor, com uma expressão preocupada. A praia estava apinhada. Qualquer uma das milhares de pessoas podia ser o mensageiro que lhe trouxera um recado da Bahia. Ele olhou para o relógio de pulso, verificando se já haviam passado os 10 minutos a que Manuel se referira. Manuel teve certeza então de que aquele homem era de fato Luís Ferreira, o meio-irmão de Eunícia Camarra.

Manuel encaminhou-se na direção dele, por entre a confusão de banhistas. No caminho, tirou a mão do bolso, onde estava escondido um dardo cortado ao meio, com uma ponta de metal fina e comprida, do tipo que ele costumava lançar contra um alvo de cortiça. A ponta do dardo estava muito afiada, quase como uma agulha. Metade da haste de madeira fora serrada, a fim de que pudesse caber facilmente na mão de Manuel, ficando de fora apenas cinco centímetros da ponta de metal, na qual ele passara uma substância escura e pegajosa.

Havia diversos fregueses reunidos em torno do vendedor de pipas. Quatro rapazes jogavam bola a poucos metros de distância. Um homem gordo e uma mulher magra estavam deitados na areia, quase aos pés de Ferreira.

Aproximando-se de Ferreira, Manuel pareceu tropeçar no pé estendido do homem gordo. Cambaleou um pouco e pisou com toda força no pé de Luís Ferreira. Manuel esticou os braços para a frente, como se procurasse recuperar o equilíbrio. E, nesse momento, espetou a ponta do dardo no pulso de Ferreira, logo abaixo da manga do casaco.

Ferreira nem sentiu. A picada da agulha foi ignorada diante da dor intensa da pisadela no pé. Ele pulou para trás, esbravejando. Manuel pediu desculpas por sua falta de jeito e afastou-se, perdendo-se na multidão alguns segundos depois.

Não se apressou em demasia, para que o notassem, mas também

não perdeu tempo em sair dali. Não olhou para trás. Nem mesmo quando saiu da praia, alguns quarteirões depois, caminhando rapidamente pela Avenida Atlântica, na direção do centro da cidade. Em nenhum momento, ele olhou para o lugar em que deixara Ferreira. Para quê? Não havia necessidade. Ele sabia perfeitamente o que estava acontecendo lá atrás.

O curare da ponta do dardo já deveria ter concluído sua ação fatal. O corpo de Ferreira devia estar caído na praia, ainda despercebido, provavelmente, por entre tantos corpos estendidos na areia. Os terminais nervosos dos músculos de Ferreira já deviam estar paralisados e inúteis. O coração dele logo deixaria de bater para sempre, paralisado pelo veneno mortal. Em três minutos ou até menos, Ferreira estaria morto. Isso era inevitável. A menina loura da Bahia, que de forma tão estranha despertara a capacidade de afeto de Manuel Andradadas, há muito adormecida, estava agora a salvo de qualquer perigo.

Manuel permitiu-se uma risadinha, a caminho do centro da cidade. Se alguém salva sua vida, pensou ele, então você lhe deve uma vida em troca. E se alguém paga por uma morte, então você lhe fica devendo uma morte pelo dinheiro que recebeu.

Ele sorriu, os olhos castanhos fixados diretamente à sua frente.

Aquela questão de ética, no final das contas, não tinha sido tão difícil assim.

A ARMADILHA

Stanley Abbott

Os Emory Sinclair deveriam ser felizes. Eram donos da casa em que moravam, na Rua 70-Leste, em Nova York, possuíam uma suntuosa casa de veraneio em Palm Beach e mal podiam contar todo o dinheiro que tinham.

Mas Emory Sinclair, depois de ter ganhado uma fortuna antes de completar 35 anos, estava procurando dobrá-la, antes de chegar aos 45 anos. Helen Sinclair, negligenciada e entediada, passava os dias em dispendiosos salões de beleza, sendo massageada, embelezada e posta em forma. Embora ela tivesse 36, parecia ainda não ter chegado à casa dos 30 anos.

Tudo poderia ter corrido bem, se Emory Sinclair não tivesse despedido a sua secretária. Mas ele a despediu, convencido de que todas as mulheres eram idiotas congênicas, contratando Paul Fenton para substituí-la. A Sra. Sinclair não demorou a descobrir que o jovem era solteiro e muito atraente.

De um quarto no terceiro andar da casa da Rua 70-Leste, a que chamava de gabinete, Emory Sinclair negociava com moedas estrangeiras. Movimentando seu imenso capital ao redor do mundo, ele jogava nas notícias de um governo prestes a cair, um ditador assassinado, uma colheita fracassada. E insistia para que seu secretário particular morasse na mesma casa.

Além de seu trabalho normal, Paul Fenton cuidava também das contas particulares da Sra. Sinclair. Como era um jovem bem-apessoado e que sabia vestir-se, era freqüentemente convidado a preencher um lugar vago, nos jantares oferecidos pelos Sinclair. Em outras ocasiões, ele sentia

o maior prazer em acompanhar Helen Sinclair a um teatro ou outro espetáculo qualquer, quando Emory Sinclair estava ocupado demais para ir.

Não se passou muito tempo antes que o instinto feminino de Helen Sinclair lhe revelasse o que estava acontecendo. Paul era um companheiro divertido e agradável. Helen sabia o risco que estava correndo ao enganar Emory, mas o perigo tornava a aventura ainda mais saborosa.

Mas o que começara como um romance tranqüilo transformou-se numa paixão abrasadora, que pegou a ambos de surpresa, subjugando-os inteiramente. Ficaram convencidos de que não mais poderiam viver um sem o outro. Paul teria ido procurar Emory Sinclair e lhe contado tudo, mesmo que isso significasse a perda do emprego, se Helen não o tivesse contido. Embora ela parecesse apenas uma mulher bonita, havia uma firmeza extraordinária naquele queixo delicado e uma astúcia sempre à espreita por trás dos olhos muito azuis. Helen não tinha a menor ilusão quanto à reação de Emory, caso ela lhe pedisse o divórcio. Ela não tinha dinheiro seu e Paul dispunha apenas do salário, que só teria enquanto conservasse o emprego. E o amor numa água-furtada não era algo que atraísse a Helen. Além do mais, ela não tinha o menor desejo de separar-se de uma fortuna que sabia elevar-se a mais de um milhão de dólares .

Durante as semanas seguintes, Helen pensou bastante no problema. Para dizer a verdade, não lhe saiu da cabeça por um instante sequer. Havia ocasiões em que ela julgava perceber um sorriso zombeteiro no rosto gordo e rosado de Emory Sinclair, perguntando-se então se ele não saberia de tudo e se estava divertindo com a situação. Seria próprio de Emory brincar de gato e rato. Foi isso, somado à sua própria frustração, que a lançou numa fúria silenciosa. Descobriu-se imaginando idéias para livrar-se dele (não gostava da palavra assassinar). Mas não conseguia imaginar um meio que não fosse violento e, ao mesmo tempo, fosse totalmente seguro. Mas Helen Sinclair não era mulher de desistir facilmente e acabou por engendrar um plano realmente engenhoso.

Mas a oportunidade só se apresentou no dia em que eles estavam fechando a casa da Rua 70-Leste para irem passar o inverno fora. Helen estava sentada no gabinete de Emory, no terceiro andar, esperando que o marido terminasse de despachar alguns papéis com Paul. Estariam partindo em menos de uma hora. Já estava tudo pronto, os móveis cobertos por capas, a bagagem no vestíbulo, os empregados todos pagos.

Paul aproximou-se dela.

— Aqui estão as suas passagens de avião, Sra. Sinclair.

Ela percebeu que Emory a estava observando. Como odiava aquele sorriso divertido e zombeteiro dele! Jamais poderia saber o que ele estava pensando. Era um enigma indecifrável.

— Paul tem de ir ao centro da cidade para levar alguns documentos — disse Emory. — Mandeí que Johnson o levasse no carro, pois não iremos mais precisar. Tomaremos um táxi até o aeroporto.

Ele se virou para Paul e ordenou:

— Diga a Barton para pedir um táxi para nós, daqui a 15 minutos.

Enquanto Paul falava pelo telefone interno com o mordomo, Helen Sinclair pensava rapidamente. Assim que Paul sáísse, ela ficaria sozinha em casa com Emory. Helen levantou-se e caminhou até a porta. O coração batia descompassado, mas exteriormente ela parecia muito calma, ao dizer:

— Neste caso, vou dizer a Barton que pode ir embora também. Não precisaremos mais dele, depois que tiver chamado o táxi.

Helen foi para o seu quarto, no andar de baixo, onde ficou sentada, escutando. E enquanto esperava, repassou mentalmente mais uma vez o que teria de fazer assim que Paul sáísse. Estava acertado para que ela e Emory seguissem juntos para o aeroporto. Ela pegaria um avião para a Flórida, onde passaria um mês com os Henderson, antes de abrirem a casa que possuíam em Palm Beach. Emory ia para Chicago, onde passaria três semanas no Monahan Club, indo depois ao encontro dela, na casa dos Henderson. Paul seguiria para Filadélfia, passando as férias com a família. O plano era perfeito. Ninguém saberia de nada durante três semanas. Quando Emory não aparecesse no Monahan Club, eles pensariam simplesmente que mudara seus planos na última hora. No momento em que verificassem que Emory estava desaparecido, já seria tarde demais. O que ela tinha de fazer agora era bem simples, apenas uma questão de calcular o tempo com toda exatidão. Quando tudo terminasse, bastaria apenas dar um telefonema. O plano era infalível.

A batida da porta da frente fê-la levantar-se. O carro estava começando a arrancar quando ela chegou à janela. Agora Paul já se fora e tudo o que ela precisava fazer era livrar-se de Barton. Apressou-se, pegando o casaco, a bolsa e as luvas. Depois de uma última olhada no espelho, ajeitando o pequeno chapéu de pele para que assentasse melhor, ela pegou o elevador e desceu para o andar térreo.

— O Sr. Sinclair alterou um pouco seus planos, Barton; — disse ela ao mordomo. — Só vai embora mais tarde. Deixe as malas dele aqui no vestíbulo e ponha as minhas no táxi. Diga ao motorista que irei dentro de poucos minutos.

Barton voltou e Helen disse-lhe que não precisaria ficar esperando. Assim que ele saiu, Helen verificou se a porta da frente estava realmente trancada.

Ela olhou para o relógio. Deveriam partir às 10:30 horas. Ainda faltavam seis minutos. No corredor que levava do vestíbulo para a cozinha, nos fundos da casa, Helen acendeu a luz e abriu um armário. Na parede, estava o quadro de luz. Numa prateleira por baixo havia uma caixa de papelão, cheia de fusíveis. Helen examinou-os rapidamente. Alguns estavam bons, outros queimados. Pegou um que estava queimando e colocou-o em cima da prateleira, voltando em seguida ao vestíbulo, onde ficou esperando pelo barulho do elevador. Ao seu redor, a casa estava fria e silenciosa. Ela teve a impressão de estar ali pela vida inteira. Tentava não pensar, mas sua imaginação voava desenfreada. Quando começou a tremer, perguntou-se se conseguiria chegar ao final.

Subitamente empertigou-se, ao ouvir bater a porta do gabinete de Emory e depois os passos dele, a caminho do elevador. Assim que ouviu o zumbido distante do motor do elevador, Helen seguiu rapidamente para o corredor, abriu a caixa de luz e tirou o fusível onde estava escrito “Elevador”, substituindo-o pelo outro que separara, o já queimado. Deixou cair o fusível bom na caixa de papelão. Depois, respirou fundo. Vinha agora a parte que ela mais temia.

Ao atravessar apressadamente o corredor, ela pôde ouvi-lo batendo na porta do elevador, parado lá em cima. Quando saiu para o vestíbulo, o barulho era ainda maior, ecoando pelo poço do elevador, trovejando em seus ouvidos, deixando-a à beira do pânico. No momento em que os saltos de seus sapatos reuniram sobre o chão de mármore, as batidas na porta do elevador cessaram subitamente. Ela já estava quase chegando à porta da frente quando o barulho recomeçou, ecoando com violência pela casa, acompanhado por gritos frenéticos, que lhe provocaram um calafrio. Helen esgueirou-se rapidamente pela porta da rua e bateu-a assim que saiu. Parou no alto da escada, respirando ofegante, para descobrir que o motorista a fitava atentamente. Será que ele ouvira alguma coisa? Ela ficou ouvindo atentamente, fingindo estar procurando alguma coisa

na bolsa. Não era possível ouvir qualquer coisa e a porta ficara aberta apenas por um instante. Helen recuperou rapidamente o controle, desceu a escada e entrou no táxi.

— Por favor, motorista, vamos depressa ou perderei o avião.

No avião, ela tomou uma pílula para dormir e disse à aeromoça que não queria ser incomodada. Quando acordou, o avião já estava sobrevoando a Flórida. Os Henderson receberam-na no aeroporto e levaram-na para a casa deles, à beira-mar. O sol brilhava no céu.

Nos dias seguintes, Helen Sinclair procurou não pensar. Nadou, jogou tênis, fez compras. Nunca ficava sozinha. De noite, sempre havia uma festa. Ao ir para a cama, ela tomava pílulas para dormir. Assim, conseguiu manter a consciência a distância. Na sexta noite, sonhou que alguém estava batendo na porta do quarto. Cambaleou até a porta, para abri-la. Mas quando puxou, a maçaneta saiu em sua mão. As batidas continuaram, incessantemente. Aterrorizada, ela chutou e socou a porta. Mas a porta permaneceu imóvel, como um sólido bloco de mármore.

Helen acordou gritando, contorcendo o corpo banhado em suor. Ficou sentada na cama por algum tempo, escutando. A casa estava em silêncio. Ninguém tinha ouvido. A pergunta que há dias ela se vinha recusando a fazer, subitamente lhe surgiu à mente. Será que ele já estava morto? Por mais que tentasse, Helen não conseguiu evitar os pensamentos. Sua mente parecia dotada de vida própria além do seu controle. Com uma nitidez apavorante, ela viu Emory aprisionado dentro do elevador, gritando por socorro, sentado no chão, chutando a porta... e morrendo, lentamente, inexoravelmente.

Helen não conseguia mais agüentar. Se ao menos pudesse falar com alguém... Olhou para o telefone na mesinha de cabeceira, perguntando-se se deveria ou não falar com Paul. Pegou o telefone e discou para o Serviço Interurbano, mas desligou antes que a telefonista atendesse. Era perigoso demais. Helen compreendeu que teria de guardar aquilo para si mesma, pelo resto da vida. À medida que os dias foram passando, a mente de Helen Sinclair se foi acalmando. Três semanas depois, o acontecimento já pertencia ao passado e não mais a perturbava.

Os Henderson lhe estavam oferecendo uma festa naquela noite. Era o aniversário dela. Estava a caminho do cabeleireiro, quando Lois Henderson, que ia junto, perguntou:

— A que horas Emory vai chegar?

Helen estremeceu. Havia quase esquecido que era naquele dia que Emory deveria vir encontrar-se com ela.

— Acho que na parte da tarde. Não sei a que horas.

— Se ele for como o meu marido, só vai lembrar-se de que é o seu aniversário no ano que vem.

Helen riu.

— Emory também é assim.

Ela se recordou, estranhamente divertida, como admirara um lindo colar de esmeraldas, exposto numa joalheria em Nova York. Mas Emory achara-o caro demais. Helen prometeu a si mesma que compraria o colar, assim que voltasse a Nova York. De tarde, Helen subiu para o seu quarto, a fim de descansar um pouco, antes da festa. Pensou no que iria fazer quando Emory não aparecesse. Deixaria que os Henderson vissem que estava preocupada, mas não tomaria qualquer providência até o dia seguinte. Telefonaria então para o Monahan Club, em Chicago, e para Paul, em Filadélfia. Diria a Paul que estava voltando para Nova York. Telefonaria também para Barton e lhe pediria que abrisse a casa da Rua 70-Leste. E pediria a Paul que comunicasse às autoridades o desaparecimento de Emory. Não haveria a menor dificuldade. Quando chegasse a Nova York, toda a parte desagradável já estaria terminada. Helen entregou-se a devaneios pensando na Europa e em Paul, num casamento discreto.

Mais tarde, vestiu-se e desceu. Ao entrar no living, deparou, inesperadamente, com Emory Sinclair. Ficou paralisada por um instante, sentindo o sangue desaparecer de seu rosto. Tinha certeza de que ia desmaiar. Tentou falar. Os lábios mexeram-se, mas não saiu qualquer som. Emory estava de pé, com um copo na mão, fitando-a com aquele seu sorriso divertido e zombeteiro.

— Olá, Helen. Você parece que viu um fantasma. Ela se limitou a fitá-lo, incapaz de falar, perguntando-se o que acontecera. Ele não podia ter conseguido sair sozinho. Devia ter sido ajudado pelo motorista do táxi... ou por Barton, que era o único que tinha uma chave da casa. Talvez Barton tivesse esquecido alguma coisa, voltando para buscar. Helen desabou numa cadeira.

— Não me estou sentindo bem — ela tentou dizer, conseguindo apenas emitir um débil sussurro.

Emory foi até o bar, sem nada dizer, serviu um drinque e levou-o para Helen. Era scotch puro. Ela o tomou.

— Não tente falar — disse ele, sentando-se em frente a Helen e acendendo um charuto.

Helen ficou imóvel, sentindo suas forças retornarem lentamente, observando-o por baixo das pestanas, tentando decifrar-lhe a expressão. “Ele vai deixar que eu procure adivinhar”, pensou Helen.

— Você já está parecendo melhor, Helen — disse Emory, depois de algum tempo. — Será que pode aguentar uma surpresa?

Ele estava inclinado para a frente, observando-a atentamente. Mas Helen nada disse. Emory pôs o charuto num cinzeiro e meteu a mão no bolso.

— Desta vez eu não esqueci, Helen. — Ele tirou do bolso uma caixa preta, estendendo-a para Helen, ao mesmo tempo em que abria a tampa. — Para você, Helen.

Ela estendeu a mão, hesitante. Sobre uma base de cetim branco, estava um colar de esmeraldas. Helen olhou para o colar, depois para o rosto do marido, perplexa, sem entender mais nada.

— Quando foi que você...

— Comprei-o quando fui ao centro da cidade, na manhã em que partimos de Nova York. Queria resolver tudo, antes de pegar o avião para Chicago.

— Você foi ao centro?

Helen ouviu suas palavras, como se fossem formuladas por outra pessoa. Emory sorriu.

— Foi por isso que não fui com você para o aeroporto. Pedi a Paul que lhe dissesse que eu tinha ido levar aqueles documentos para o centro, no lugar dele. Eu não queria que você desconfiasse de nada. Queria que a sua surpresa fosse completa.

Helen deixou escapar um grito angustiado.

— Paul ficou lá em cima?

— Ficou. Eu o deixei tomando umas providências finais.

Helen levantou-se, cambaleante, segurando-se numa cadeira, em busca de apoio. Emory sorriu-lhe novamente, divertido, zombeteiro.

— Voltei a casa para pegar minhas malas e Paul ainda estava lá.

Helen fitou-o, de olhos arregalados, incapaz de falar, o rosto extremamente pálido.

— E continuava lá quando eu fui embora — acrescentou Emory calmamente.

UM HÁBITO PERIGOSO

Robert Edmond Alter

No momento exato em que pisou a bordo do navio, Krueger experimentou uma vaga sensação de que havia alguma coisa errada. Ele nunca compreendera o atavismo por trás desses alertas instintivos, mas já os tivera antes e geralmente tinham sido certos.

Ele parou no alto da prancha de embarque, sobre a pequena platibanda com uma grade de ferro, no convés da popa, de onde se podia ver o porão. Lá embaixo, os estivadores brasileiros estavam acabando de arrumar a carga. O camareiro estava parado junto a uma porta onde se lia “Segunda Classe”, com a mala surrada de Krueger na mão. Ele olhou para Krueger, com um ar de impaciência indiferente .

Krueger deu uma última olhada ao redor, sem nada ver de incomum, caminhando em seguida para o lugar onde se encontrava o camareiro.

E aconteceu novamente, uma premonição de perigo na última fração de segundo, tão intensa que ele se encolheu todo. Depois, no instante em que uma massa escura e indistinta surgiu no seu campo de visão, ele se jogou para um lado. O objeto, o que quer que fosse, caiu no convés, com um estrondo assustador, bem a seus pés.

Krueger lançou apenas um rápido olhar para o objeto. Era um balde de metal, cheio até a borda de parafusos e porcas, além de uma infinidade de outras miuçalhas sujas de graxa. Ele se moveu novamente, avançando rápido para a direita, enfiando a mão por baixo da capa de chuva para pegar a pistola de cano cortado que estava no bolso de trás da calça. Olhava para cima, para o convés superior imerso em sombras, para a grade de metal do local em que ficavam os escaleres.

Não viu ninguém. Não havia o menor movimento. O camareiro aproximou-se dele, chocado, sem querer acreditar no que acabara de acontecer.

— Deus do céu, senhor! O que aconteceu?

Krueger percebeu que os estivadores também estavam observando, lá de baixo. Retirou a mão rapidamente de debaixo da capa, vazia.

— Algum idiota quase me matou com aquele balde! Foi isso o que aconteceu!

O camareiro olhou para o balde, espantado.

— Esses marinheiros são uns miseráveis descuidados!

Krueger estava recuperando o controle. O camareiro estava certo, é claro. Fora apenas um acidente.

Krueger era um poliglota. Falava fluentemente sete línguas, o que era muito importante em seu ofício. Assim, pode falar com o camareiro na língua dele:

— Leve-me a meu camarote.

O camareiro assentiu e levou-o, por um corredor mal-iluminado, para um camarote da segunda classe. Ficava a boreste e não era muito grande. Tinha uma vigia enferrujada, uma pia do lado direito, um pequeno guarda-roupa à esquerda e um beliche que não parecia muito confortável. E mais nada.

Krueger deu uma pequena gorjeta ao camareiro e sentou-se no beliche com um suspiro, como se se preparasse para relaxar e desfrutar a viagem. Ele sempre procurava manter uma aparência calma e comum na presença dos serviços. Camareiros, garçons, recepcionistas de hotel, todos possuíam uma capacidade irritante de se recordar de certos pequenos maneirismos dos fregueses, ao serem interrogados posteriormente.

Depois de agradecer a gorjeta, o camareiro saiu, fechando a porta. Krueger continuou sentado no beliche por mais algum tempo levantando-se depois para trancar a porta. Mas não havia qualquer tranca. Ainda se podia ver as marcas dos parafusos na madeira da porta, mas a tranca fora removida.

Era esse o problema em viajar de segunda classe. Não havia coisa alguma que estivesse inteira, nada havia que funcionasse perfeitamente. Os beliches eram sempre cheios de protuberâncias, o máximo que saía da torneira quente era água morna, as vigias, sempre emperradas. Krueger tivera de se acostumar a todos esses incômodos, aturando-os ao longo

de toda a sua vida. O Partido acreditava piamente que tostão poupado era tostão ganho, criticando Krueger freqüentemente, por despesas que julgava desnecessárias. Mesmo assim, o Partido ainda era o seu melhor cliente.

Ele tirou do bolso uma caixa de fósforos de papel e ajustou-a como uma cunha por baixo da porta. Era o bastante para mantê-la fechada. Depois, abriu a mala e tirou um rolo de esparadrapo, cortando oito pedaços, com 20 centímetros de comprimento cada um. De joelhos, prendeu a pistola por baixo da pia. Os camareiros de segunda classe tinham o péssimo hábito de revistar a bagagem dos passageiros quando estes não estavam em seus camarotes.

Krueger jamais recorria a armas de fogo em seus trabalhos. Eram óbvias demais, bastante arriscadas. Preferia arrumar acidentes de aparência inocente. A pistola era apenas uma arma de autodefesa, para o caso de ser descoberto e ter que escapar à força, o que já acontecera mais de uma vez, em sua atribulada carreira.

Estava com 53 anos, quase totalmente calvo, com propensão a engordar. Tinha um rosto tão suave e inocente quanto o de um escriturado de terceira classe, a menos que a pessoa olhasse diretamente para seus olhos. Mas Krueger dificilmente permitia que alguém o fitasse assim. Trabalhava em seu ofício há 30 anos. Era um assassino profissional.

Voltou a sentar-se em seu beliche e pensou no homem que ia matar, a bordo daquele navio.

Inconscientemente, a mão direita subiu para a orelha e ele começou a puxar gentilmente o lóbulo. Surpreendendo-se no ato, baixou a mão rapidamente. Era um péssimo hábito, um hábito perigoso, que precisava controlar. Os hábitos eram perigosos em seu trabalho, perigosos demais. Serviam para identificá-lo, serviam para denunciá-lo, proporcionavam ao agente inimigo uma oportunidade de localizá-lo. Era como se ele sísse a passar por entre uma multidão, com um cartaz pendurado no peito, escrito Sou Krueger, o Assassino.

Ele se recordou, nitidamente demais, do que acontecera com seu velho amigo Delchev. Inconscientemente, Delchev desenvolvera um péssimo hábito, um cacoete horrível: o gesto simples e involuntário de afastar a gravata e o colarinho do pomo-de-adão, com o dedo indicador. Ao longo dos anos, a informação se espalhara. O hábito fora observado e devidamente anotado. Passara a constar de todos os dossiês sobre Delchev,

nos arquivos de todos os serviços secretos do mundo. Delchev tornara-se um homem facilmente identificado, pelo seu hábito. Não importava com que disfarce, nome falso ou qualidade ele se apresentasse, mais mais cedo ou mais tarde era denunciado por seu hábito. E, ao final, o haviam apanhado por causa disso.

Krueger soubera de outro agente que costumava partir cigarros ao meio, de um que costumava beliscar a orelha, sempre a mesma. Ambos estavam mortos, tendo sofrido acidentes previamente arrumados.

E havia também um profissional de grande atividade, que já se apresentara sob tantos pseudônimos que passara a ser conhecido na profissão simplesmente como Mister M.

Krueger sempre achara que poderia descobrir M, em seis meses, se alguém lhe fizesse uma proposta que tornasse a busca interessante. É que havia uma anotação nos dossiês sobre M de um mau hábito dele, capaz de atrair a atenção de qualquer um. M tinha a mania de marcar as caixas de fósforos de papel com a unha do polegar, fazendo recortes regularmente espaçados, nos quatro lados.

Puxar o lóbulo da orelha não era tão grave assim. Mas Krueger sabia que, não obstante, era um hábito perigoso. No futuro, deveria ser mais cuidadoso com essas pequenas manias. Tinha de eliminar todos os pequenos hábitos de sua personalidade, até se tornar completamente apagado e inexpressivo.

Ele ouviu o repicar distante do sino do navio. Depois, ouviu os apitos. O convés começou a vibrar. Os motores entraram em funcionamento, com um estrépito que Krueger sentiu subindo por sua espinha. Uma pausa rápida e o navio começou a se deslocar, lento, as máquinas pulsando mais regularmente.

Estava na hora de começar o trabalho. Estava na hora de começar a procurar a futura vítima.

O refeitório ficava ao lado do salão e ambos eram sujos. Além de muito apertados. Podiam-se ver rachaduras enferrujadas nas paredes brancas, nos cantos das janelas. A comida gordurosa, muito temperada e mal preparada, combinava com o ambiente. Mas Krueger permaneceu calmo e afável. Na sua profissão, não se devia atrair a atenção desnecessariamente, queixando-se das coisas.

Espremido entre uma mulher gorda e um padre, ele pegou o guardanapo e já ia prendê-lo no colarinho, quando se conteve a tempo e pôs

o guardanapo no colo.

Tome cuidado, tome muito cuidado com essas coisas. Foi o homem que punha o guardanapo pendurado no colarinho, no último serviço. Nunca repita o mesmo maneirismo! Ele sorriu para o homem que estava do outro lado da mesa, dizendo:

— Poderia passar-me o cardápio, por gentileza?

O homem a quem se dirigira tinha uma aparência apagada. Andava na casa dos 40 anos, os cabelos escassos, usava óculos. O nome dele era Amos Bicker e deveria sofrer um acidente fatal... devidamente providenciado por Krueger.

Krueger estudou-o, disfarçadamente. Não parecia ser o tipo de homem que fosse necessário matar. Aparentava ser um funcionário público subalterno. Contudo, por um motivo ou outro, inocente ou não, ele mesmo se colocara na posição de perigo de vida, ao meter-se no caminho do Partido. As instruções de Krueger eram para providenciar uma Eliminação Imediata. E assim teria de ser. Quanto ao meio...

Ele surpreendeu a mão na metade do caminho para a orelha. Diabo! Mas ele continuou com o gesto, apenas desviando o curso e coçando a nuca. Depois, examinou o cardápio. Ali estavam dois dos seus pratos prediletos: coquetel de ostras e filé. Pediu ambos. Virou-se então para conversar com o padre, experimentando dirigir-lhe a palavra em espanhol. Acertou em cheio. Era a língua do padre. Mas enquanto conversava, estava na verdade pensando no homem do outro lado da mesa, em Amos Bicker e na sua remoção permanente.

Krueger sempre preferia os acidentes que pareciam normais. Assim, a bordo de um navio, o melhor esquema ainda era o velho “homem ao mar”. Poderia providenciar por inúmeros meios o acidente. Poderia fazer amizade com a vítima, sugerindo um passeio noturno pelo convés. Um rápido golpe de judô e... Ou, se a vítima gostasse de beber, depois de entabular amizade para fazê-lo beber até cair, para em seguida... Havia um terceiro método, que atraía bastante Krueger, pois evitava uma observação pública de qualquer contato seu com a vítima. Poderia entrar no camarote de Bicker nas horas mortas da madrugada, derrubando-o com uma injeção, que induzia à inconsciência total e rapidamente. Depois... O depois seria bastante simples. “Homem ao mar”...

O camareiro trouxe o coquetel de ostras de Krueger. Krueger pegou o garfo pequeno e já ia começar a comer. Mas parou no meio do mo-

vimento, estremeando. Alguma coisa se estava esfregando contra sua perna, por baixo da mesa. Ele se inclinou ligeiramente e levantou a ponta da toalha. Um gato sarnento, provavelmente o gato do navio, estava absorvido a se esfregar em sua perna.

— Vem cá, gatinho — murmurou Krueger.

Ele adorava animais. Se levasse uma vida mais sedentária, teria uma casa cheia de animais de estimação. E com uma esposa também, é claro.

Um marinheiro apareceu neste momento na porta de boreste e perguntou em voz alta:

— Onde está o Sr. Werfel?

— Sou eu! — disse Krueger prontamente.

Era uma coisa em que ele jamais se enganava. Nunca esquecia o pseudônimo que estava usando no momento.

— O capitão deseja vê-lo, senhor.

Uma multidão de porquês invadiram a mente de Krueger. Mas ele logo compreendeu a explicação óbvia e levantou-se, sorrindo. Era por causa do acidente com o balde. Era muito desagradável, porque o acidente atraía uma atenção indevida para ele, do camareiro, dos estivadores, daquele marinheiro, de todos os demais passageiros e do capitão.

Krueger encontrou-se com o capitão na ponte de comando. O capitão, uma mistura heterogênea de sangues mediterrâneos, derramou-se em desculpas, por causa do acidente. Krueger riu, delicadamente. Ora, não tinha sido nada. Coisas assim podem acontecer em qualquer navio. Ele gostaria que o capitão esquecesse todo o desagradável incidente. Ele apertou a mão do capitão e aceitou o charuto que lhe foi oferecido. Até mesmo deixou que o capitão lhe permitisse examinar a ponte de comando.

Voltou para o refeitório com o sorriso profissional insípido. Mas algo acontecera durante a sua ausência.

Os passageiros estavam de pé, junto às paredes do refeitório. O cozinheiro, seus assistentes e o camareiro formavam um círculo no meio do refeitório. Mas o destaque da cena estava no chão, bem no meio da sala. Era o gato do navio, o corpo esticado num comprimento inacreditável, sacudido pelas mais grotescas convulsões, a boca espumando.

— Oh, Sr. Werfel! — gritou a mulher gorda que estivera sentada ao lado de Krueger, ao vê-lo. — Fiz uma coisa terrível! Não! Pensando bem,

até que fiz bem! E foi muita sorte para o senhor que eu tivesse feito!

— Mas o que aconteceu? — indagou Krueger asperamente, sem tirar os olhos do gato a se contorcer. — O que fez afinal?

— Aquele pobre animal pulou em cima de sua cadeira assim que saiu. Queria comer suas ostras! É claro que tratei de impedir. Mas como o senhor estava demorando muito a voltar e havia muitas moscas por aqui...

— Deu-lhe então as minhas ostras! — disse Krueger.

— Exatamente. E antes que qualquer um de nós compreendesse o que estava acontecendo, o pobre animal começou com essas horríveis...

— É melhor acabarmos com o sofrimento desse pobre animal — disse o padre, adiantando-se.

Mas ninguém se ofereceu para ajudá-lo. Krueger esperou algum tempo, até que a maioria dos passageiros já se havia retirado. Depois, chamou o camareiro para um lado e perguntou:

— O que havia naquelas ostras?

O camareiro estava aturdido com o incidente.

— Não tenho a menor idéia, senhor! Será que as ostras estavam estragadas, por terem ficado muito tempo na lata?

— Vamos verificar a lata.

Havia um cheiro leve de putrefação na lata, mas que só podia ser percebido por quem tivesse um olfato sensível e a segurasse bem perto. Krueger baixou a lata e olhou para o camareiro.

— Alguém mais pediu ostras?

— Não, senhor. Foi o único.

Krueger forçou-se um sorriso.

— O que se vai fazer? Acidentes acontecem...

Mas ele bem que gostaria que houvesse algum meio de analisar o conteúdo daquela lata. Ou melhor até: que se fizesse uma autópsia do gato para descobrir o que o matara. Krueger voltou para seu camarote, mais furioso do que abalado.

Daquela vez a morte chegara bem perto. Perto demais. Por qualquer ângulo que se encarasse o incidente, ele tivera de fato muita sorte. É claro que as ostras podiam estar estragadas ... essas coisas acontecem... mas logo depois do acidente com aquele balde...

Ele foi até a pia e estendeu a mão para pegar sua arma. Não estava mais lá! O esparadrapo continuava no mesmo lugar, exatamente como o

pusera, mas a arma desaparecera.

Vamos com calma, advertiu ele a si mesmo, puxando o lóbulo da orelha. Um marinheiro poderia perfeitamente ter derrubado o balde, acidentalmente. Os camarotes de segunda classe de navios, como aquele, freqüentemente não tinham mais tranca na porta. É possível haver a deterioração em latas com alimentos, mal preparados. E os camareiros sempre roubam coisas dos camarotes dos passageiros.

Somando-se tudo isso, porém, a situação parecia muito suspeita. E se as suas suspeitas tivessem fundamento, o que ele poderia fazer? Não poderia provar que a queda do balde e as ostras envenenadas não tinham sido acidentes. E se interrogado a respeito da pistola desaparecida, o camareiro certamente assumiria um ar de inocência.

Devo agir com todo cuidado, pensou Krueger. Com o máximo de cuidado possível, até que a missão esteja concluída. Era possível que o Partido tivesse deixado escapar, involuntariamente, a notícia daquele trabalho. E era possível também que o Partido...

Não! Isso era um absurdo. Ele sempre fora um fiel servidor e o Partido sabia disso. E sabia também que ele era um dos melhores no ramo. Não! Não! Krueger estava agora puxando violentamente o lóbulo da orelha! Era um absurdo!

Ele tornou a enfiar a caixa de fósforos por baixo da porta. Não satisfeito com isso, colocou a mala na frente da porta, usando novamente o esparadrapo para prendê-la no chão. Alguém poderia entrar, é verdade, mas faria muito barulho: Krueger apagou a luz, despiu-se rapidamente e deitou-se.

A princípio, ele pensou que fosse o cobertor de lã a arranhá-lo. Depois, lembrou-se de que havia um lençol entre seu corpo e o cobertor. Logo compreendeu que não era o lençol, porque se estava mexendo, embora ele permanecesse completamente imóvel.

Sentiu a coisa deslizar por sua barriga, arrastando-se lentamente sob o peso do lençol, como se estivesse empanturrada de comida. Ele começou a levantar a parte superior do lençol. No mesmo instante, a coisa, o que quer que fosse, correu nervosamente na direção de seu umbigo. Krueger ficou imóvel, prendendo a respiração, incapaz de mexer um músculo sequer.

A coisa parou também, como se estivesse esperando que o homem fizesse o primeiro movimento decisivo. Krueger podia senti-la em sua bar-

riga, agachada, esperando. Estava viva, o que quer que fosse... e começou a se mover novamente. Ele podia sentir os pés minúsculos (eram muitos) subindo na direção de seu tórax, as perninhas cabeludas fazendo cócegas em sua pele arrepiada, que ondulava numa revulsão de asco.

Krueger conseguiu. Com movimentos perfeitamente coordenados, estimulados pelo terror que sentia, jogou para o lado o cobertor e o lençol, ao mesmo tempo em que o antebraço direito passava rapidamente por cima da barriga e ele rolava do beliche para o chão.

Estava de pé um instante depois, procurando freneticamente pelo interruptor de luz.

A coisa saiu correndo sobre o lençol branco que revestia o colchão. Era uma tarântula de pernas grossas, asquerosa, tão peluda quanto um passarinho. Krueger pegou um sapato e esmagou-a, batendo repetidas vezes. Como o colchão não oferecia muita resistência, a aranha demorou a morrer, contorcendo-se freneticamente.

Krueger jogou o sapato longe e foi até a pia para lavar o suor viscoso do rosto. Não havia campainha no camarote para chamar o camareiro. Ele abriu a porta barricada e gritou:

— Camareiro!

O camareiro apareceu alguns minutos depois, com um sorriso solenito.

— Pois não, senhor? O que deseja?

Krueger apontou para a aranha esmagada em cima da cama. O camareiro aproximou-se e olhou. Franziu o rosto, resmungando. Não parecia estar muito surpreso.

— Isso acontece de vez em quando, senhor. É por causa do nosso carregamento de bananas. As aranhas entram no navio escondidas entre os cachos de bananas e sempre dão um jeito de subir para os camarotes.

Era o tipo de resposta que Krueger já estava esperando, uma explicação plausível, que não deixava qualquer margem à contestação. Mas já era demais. A tarântula fora ai última gota d'água. Krueger tirou a mão do lóbulo da orelha e começou a vestir-se, dizendo em voz autoritária ao camareiro:

— Quero falar imediatamente com o capitão.

O camareiro deu de ombros, numa atitude fatalista. Se aquele gringo nervoso queria incomodar o capitão àquela hora da madrugada, isso não era da sua conta.

Krueger passou pelo camareiro, empurrando-o rudemente e dizendo:

— Não preciso da sua ajuda para encontrar o capitão. Você não serve para nada.

Ele estava começando a esquecer todas as suas regras. O capitão também não ajudou em nada. Repetiu as mesmas desculpas esfarrapadas: marinheiros descuidados, fábricas de alimentos enlatados negligentes, os pequenos e incômodos riscos de se levar um carregamento de bananas num navio que era também de passageiros...

Krueger ficou furioso, mexendo no lóbulo da orelha cada vez mais nervosamente.

— Escute aqui, capitão! Sou um homem e posso conformar-me com todos os acidentes possíveis, desde que se mantenham dentro dos limites das probabilidades. Mas acontece que todos esses acidentes ocorreram apenas comigo! E todos no mesmo dia!

— O que está querendo insinuar, Sr. Werfel? Certamente não vai querer dizer que alguém a bordo deste navio está querendo matá-lo, não é mesmo? Afinal, deve ser um homem que não tem inimigos. Ou será que tem?

Krueger recuou prontamente, ao ouvir o comentário do capitão. Era um assunto do qual preferia não falar. Se enveredasse por esse caminho, teria de dar incontáveis explicações, intermináveis e embaraçosas.

— Eu não disse isso, capitão. Falei apenas que estão acontecendo acidentes demais comigo a bordo de seu navio e espero que me proteja devidamente.

— Mas claro que lhe oferecerei toda a proteção necessária, Sr. Werfel! Deixe-me ver... Pode ficar no camarote de qualquer um dos meus oficiais. Ou até no meu, se assim desejar. E posso designar um homem para ficar permanentemente. ..

— Não, não! — disse Krueger, rapidamente. — Isso não é necessário, capitão! Não pretendo parecer um prisioneiro a bordo deste navio. Quero apenas que me arrume outro camarote, que tenha uma tranca na porta.

Deixando a ponte de comando, Krueger decidiu que estava precisando de um drinque. Iria ver se o bar ainda estava aberto. Seus nervos começavam a escapar-lhe ao controle, o que não era de admirar. As coisas estavam saindo totalmente erradas. Ele estava quebrando todas as regras

que se fixara ao longo de muitos anos de profissão, atraindo mais atenção para si que um figurão qualquer a viajar naquele navio.

Ele parou no alto da escada por onde se descia para o convés escuro e batido pelo vento onde ficavam os escale-es. Havia alguém lá embaixo, alguém familiar, debruçado na amurada de ferro, logo depois do primeiro escaler de boreste.

Krueger passou a mão rapidamente pelo rosto, limpando a espuma que o vento lançara. Começou a descer a escada, em silêncio, sem fazer o menor barulho. O homem que estava no convés dos escaleres era Amos Bicker, contemplando o mar escuro e agitado, os antebraços apoiados sobre a amurada molhada, de costas para Krueger.

Krueger desceu outro degrau da escada, os olhos semi-cerrados verificando rapidamente todos os detalhes de interesse profissional.

Bicker estava junto à roldana posterior do escaler, cuja popa o punha ao abrigo do vento. Estava debruçado a cerca de um metro da extremidade da amurada, onde nada havia por baixo, para que o escaler pudesse ser baixado sem qualquer obstáculo. Embaixo, só o mar.

Era a posição mais apropriada. Krueger poderia encerrar sua missão, naquele momento. Depois, teria condições para concentrar-se na própria sobrevivência, em precaver-se contra aqueles repetidos acidentes... se é que eram mesmo acidentes.

Ele desceu o último degrau da escada e pôs os dois pés no convés dos escaleres.

Krueger e sua vítima estavam a sós na noite, o mar sussurrando lá embaixo. E a vítima, que de nada desconfiava, pensava estar inteiramente sozinha ali. Não haveria necessidade de muito esforço. Uma breve corrida, um pequeno empurrão, apanhando Bicker de lado, impelindo Bicker por cima da amurada, para o espaço vazio e para o mar que o esperava lá embaixo.

Sorrindo tensamente, Krueger começou a correr, quase sem fazer barulho, com extrema agilidade.

Todos os escaleres voltaram e o capitão recebeu os relatórios de cada um. Sacudindo a cabeça, o capitão voltou para seu gabinete e sentou-se atrás da escrivaninha.

— É um acidente realmente lamentável — disse ele. — É uma infelicidade que esteja envolvido, Sr. Bicker.

Amos Bicker estava sentado numa cadeira, de frente para a escrivaninha, encolhido e tenso. O primeiro-imediato lhe dera uma dose de uísque, mas parecia que pouco adiantara. Era evidente que Bicker estava com os nervos abalados. As mãos tremiam, a voz também.

— Não conseguiram encontrar o... o...

— Não encontramos o menor sinal — disse-lhe o capitão. — Deve ter afundado como uma pedra. Mas por favor, Sr. Bicker, não fique tão aflito, não se culpe pelo que aconteceu. Não poderia ter feito mais do que fez. Gritou “homem ao mar” no momento em que aconteceu e teve até a presença de espírito de jogar uma bóia na água. Comportou-se de maneira admirável, Sr. Bicker.

O Sr. Bicker estremeceu, envolvendo o copo vazio com as duas mãos. Era bem possível, pensou o capitão, que ele estivesse prestes a entrar em estado de choque.

— Fume um cigarro, Sr. Bicker — disse o capitão, estendendo-lhe, solícito um maço de cigarros, juntamente com a caixa de fósforos.

O Sr. Bicker teve dificuldade em acender o cigarro, de tanto que suas mãos tremiam.

— Ele devia estar louco... com algum distúrbio mental — murmurou ele, voz rouca. — Eu não conhecia o homem, nunca o tinha visto antes, exceto no refeitório, esta noite. Estava parado ali na amurada, sem incomodar ninguém, contemplando o mar, sem nem mesmo pensar... E de repente ouvi um barulho, como se alguém estivesse correndo. Quando me virei, lá estava ele, correndo direto para mim. E como era terrível a expressão que tinha no rosto!

— Sei como deve estar abalado, Sr. Bicker — disse o capitão, simpaticamente. — Nós compreendemos. Ninguém tem a menor dúvida de que havia algo... um tanto esquisito, digamos assim, no comportamento do Sr. Werfel. Tenho razões para acreditar que o pobre coitado realmente pensava que alguém a bordo deste navio estava tentando matá-lo. Andava imaginando coisas. Foi muita sorte que a sua reação tenha sido dar um passo para trás, ao invés de para o lado. Caso contrário, poderia ter caído no mar junto com ele.

O Sr. Bicker assentiu, olhando para o chão. Com a unha do polegar direito, distraidamente, estava fazendo pequenas marcas, regularmente espaçadas, num dos lados da caixa de fósforos de papel do capitão.

O QUARTO VAZIO

Donald Honig

O portão rangeu, com um suave queixume feminino, quando ele o fechou, depois de passar. O barulho fê-lo parar por um momento no caminho e olhar para a casa. A casa estava às escuras, avultando sombriamente na noite escura. Ele se perguntou se ela não estaria acordada, se o rangido do portão por acaso não a despertara. Mas realmente não se importava. As coisas já tinham ido tão longe que ele já não mais se importava com coisa alguma. As cenas estavam começando a deixá-lo nervoso demais. Já não mais agüentava as constantes repetições, as acusações (que não mais se dava ao trabalho de negar), as censuras intermináveis.

Ele subiu pelo caminho e pelos degraus da varanda, tirando a chave do bolso. Entrou na casa, fechando a porta. E no mesmo instante sentiu a hostilidade, o ódio gerado pela presença dela, pelo ressentimento constante dela.

Guardou a chave novamente no bolso e já ia subir a escada quando ouviu a voz dela saindo da escuridão, calma, controlada, pronunciando o nome dele como se tivesse acabado de decidir o que fazer, depois de horas de silenciosa meditação.

— Carl.

Ele estacou brusco, ao pé da escada, a mão sobre o corrimão. Sabia exatamente onde ela estava, parada ao lado do velho relógio de pé, no canto perto da porta. Quando ela o esperava, era ali que sempre ficava.

— A esta altura, eu já deveria estar acostumado, mas você continua a me deixar sobressaltado — disse ele. — Por que diabo não me deixa saber onde está? Por que não fica com uma luz acesa?

— E por que eu deveria?

A voz dela soava muito tensa, na escuridão. Carl podia ver, sem realmente olhar, o rosto fino, os lábios cerrados, os olhos pequenos e intensos começando a ficar enevoados.

— Você faz alguma coisa às claras, Carl? Você me avisa de alguma coisa?

— Você sabe perfeitamente onde eu estava.

A voz dele era calma, paciente. Podia vê-la agora, perto do relógio, perto do pêndulo que oscilava de um lado para outro.

— Não, Carl, não sei. Quero que você me diga. Quero que continue a me dizer toda vez que for até lá, até que sua consciência comece a latejar dentro da cabeça.

— Por favor, Laura, não comece outra vez.

— Mais uma vez, Carl. E mais e mais, sempre mais, mil vezes mais, até que você pare.

— Ou até que eu a largue.

— Você nunca faria isso.

Agora ela iria dizer: “Se você me abandonasse, o que iria fazer? Para onde iria? Você não tem dinheiro nem emprego, Carl. Eu o mantenho aqui e o sustento com o dinheiro que o levou a casar-se comigo, porque outrora acreditei em você e o amei...”

— Cale-se! — gritou Carl, antes mesmo que ela começasse a dizê-lo.

— Está bem, Carl.

— Mas que diabo, Laura! Será que você não pode acostumar-se à realidade das coisas?

— Estou acostumada a você, Carl, mas não ao que está fazendo. Nenhuma mulher poderá jamais acostumar-se a uma coisa dessas.

— Sabe por acaso quantos homens casados se encontram com outras mulheres?

— Está tentando justificar-se, Carl?

— Não tenho que justificar-me de coisa nenhuma, nem para você nem para ninguém mais!

Ele estava começando a sentir uma calma perigosa, o prenuncio de uma grande tempestade. Estava tornando-se cada vez mais frio. Podia sentir a sensação invadi-lo, penetrá-lo inexoravelmente, saindo da escuridão tensa e hostil, como se fosse de algum reservatório de trevas. Ficou fascinado, como se estivesse sendo dominado por uma força estranha e

nova.

Quem ela pensava que era? Será que ela pensava que seu dinheiro nojento dava direitos de propriedade sobre a alma e o corpo dele?

Carl encaminhou-se para ela, exultante, inebriado, com aquela calma estranha e perigosa que o dominava, a raiva cega e implacável que estava fazendo seu sangue espumar.

Laura ficou alarmada, com a maneira pela qual ele se estava encaminhando para ela na escuridão, tão silencioso, tão concentrado...

— Carl! — disse ela, a voz estranhamente baixa, mas estridente e aterrorizada. — Não...

Atracaram-se no escuro, junto ao relógio. Bateram com violência de encontro ao velho relógio. O pêndulo continuou a oscilar, pacientemente, indiferente a tudo. Eles se afastaram do relógio, ainda atracados, numa luta tensa e desesperada. Pela garganta de Laura saía um ruído cavo de gargarejo. Carl fê-la girar e ela caiu de joelhos, as mãos dele cravadas em sua garganta. Laura fitou-o, a boca aberta, sem conseguir falar. Os olhos de ambos ficaram separados apenas por alguns centímetros. Os olhos de Carl eram frios, concentrados. Nos olhos de Laura podia-se ver o brilho da morte.

Finalmente, ele a largou. Laura caiu de lado, inerte. E ficou estendida diante do relógio, sob o movimento infinito e indiferente do pêndulo. Das profundezas do velho relógio veio um estalido suave, como um súbito suspiro de remorso.

Carl olhou ao redor. Era estranho, pensou ele, que nada se tivesse alterado, que tudo continuasse tão quieto, como se todas as coisas estivessem ingenuamente inconscientes ou desinteressadas pelo que acontecera. Um assassinato acabara de ser cometido ali e nada mudara. Nem mesmo ele. Sentia-se muito calmo com relação ao que fizera. Nem mesmo estava com a respiração ofegante. As próprias mãos, que haviam cometido o crime de forma tão eficiente, não apresentavam a menor diferença. Ele estava de pé ali como se nada tivesse acontecido.

E talvez nada tivesse acontecido. Do ponto de vista da punição, os assassinatos só ocorriam se os outros descobriam. Mas ele não ia sair pelas ruas a dizer a todo mundo que assassinara a esposa. Ela também não contaria nada a ninguém. E a única coisa que o velho relógio de pé diria seriam, as horas.

Ele foi para o living, fechou as cortinas e acendeu um abajur. Tirou

o casaco, sentou-se numa poltrona e acendeu um cigarro. Podia ver parte do corpo inerte de Laura. Ficou a contemplá-lo, pensativo, segurando o cigarro diante da boca, a fumaça subindo diagonalmente através do seu rosto. O que faria com ela agora?

Recordou-se de ter lido recentemente sobre um esqueleto que fora desenterrado do porão de uma velha casa, que estava sendo demolida. Havia calculado que o esqueleto, de uma mulher, estivera enterrado no porão há pelo menos 50 anos. Carl disse a si mesmo que algum outro homem cometera um crime semelhante ao seu e conseguira escapar impune, vivendo tranqüilamente e sendo enterrado como um homem virtuoso.

E, assim, Carl Bogan desceu para o porão. Com uma picareta, conseguiu rachar o chão do porão, arrancando grandes pedaços de concreto. Não demorou muito para estar escavando a terra escura e mole. Tremia de excitação. Cuidadosamente, abriu um buraco grande o suficiente. Já era madrugada. Subiu e pegou o corpo da esposa. Levou-o para o porão e colocou-o na tumba.

Havia um velho saco de cimento no porão. Era do tipo que já vem misturado com areia, para uso dos operários de fim-de-semana. Misturou o cimento com água e pouco depois já havia coberto o buraco aberto no chão. A esta altura, os primeiros raios de sol começavam a entrar pelas janelinhas do porão, anunciando um dia maravilhoso.

Assim que acabou, Carl sentou-se numa cadeira de vime no porão e fumou um cigarro, olhando para a cova sinistra. Depois, cobriu o lugar com o tapete do corredor.

E assim Laura tinha desaparecido.

Mas as pessoas iriam notar. Carl pôs-se então a imaginar uma história para explicar o desaparecimento de Laura. Não seria muito difícil, porque Laura nunca tivera uma atividade destacada na vizinhança. Não era uma dessas ruas em que todo mundo sabe quem foram os ancestrais e qual a renda do vizinho. As aventuras extraconjugais de Carl haviam envergonhado Laura (ela achava que todo mundo sabia, embora Carl fosse bastante discreto) e ela se isolara, a tal ponto que, agora, sua ausência súbita poderia passar despercebida.

Escreveu para os parentes distantes de Laura, na Califórnia, informando que ela estava doente. Tomou cuidado para não alarmá-los, pois não queria que viessem correndo para uma visita súbita. (Afinal, Laura era

uma parente consideravelmente rica.) Mas fez tudo de uma vez. Naquela mesma tarde, escreveu quatro cartas diferentes, a serem despachadas a intervalos de uma semana, descrevendo a doença de Laura, as melhoras, as recaídas e a morte subsequente.

Os dias foram passando. No terceiro dia, Carl percebeu que ainda não saía de casa, desde a noite do assassinato.

Censurou-se acerbamente. Nada havia a temer, ninguém viria correndo para desenterrá-la, se por acaso saísse de casa. Mas era assim que ele se sentia.

O telefone tocou. Carl atendeu. Era para Laura. O açougueiro disse que a Sra. Bogan não fora buscar a encomenda. Havia alguma coisa errada?

— Não — disse Carl rapidamente. — Não há nada errado. Apenas a Sra. Bogan não se está sentindo bem.

Palavras de simpatia do açougueiro. Era a última coisa que Carl queria ouvir naquele momento. Interrompeu o açougueiro bruscamente e desligou.

Aquilo o fez pensar de novo. Ele dissera que nada havia de errado, para logo depois acrescentar que Laura estava doente. Coisas assim poderiam deixar as pessoas desconfiadas. Talvez os vizinhos não fossem tão cegos ou indiferentes. Alguém acabaria por notar que a Sra. Bogan não mais aparecia e começaria a fazer perguntas.

Laura poderia ter amigas. Pensando nisso, Carl compreendeu que conhecia muito pouco sobre os hábitos da esposa. Ele passava os dias inteiros fora de casa, às vezes não voltava por vários dias seguidos. Como poderia saber o que Laura fazia, com quem conversava?

Ele dormiu um pouco naquela tarde. E teve um pesadelo. Por mais que seu subconsciente tentasse desesperadamente romper os grilhões do sono e despertá-lo, o fato é que não o conseguiu. Ele continuou dormindo, suando e se remexendo, ao longo de todo o angustiante pesadelo. Laura estava tentando desenterrar-se, lá no porão. Ele podia ouvi-la escavando. Havia gritos abafados de terror e raiva. O barulho feito por Laura, escavando, foi tornando-se cada vez mais alto, ensurdecedor. O chão de concreto começou a rachar. Houve uma explosão terrível no porão, sacudindo as fundações da casa, as paredes, chocalhando as janelas.

Carl levantou-se de um pulo, os olhos arregalados, horrorizado com o que acabara de ver. Olhou ao redor. Estava tudo quieto. Quietos demais.

Sentiu que a calma aparente era um logro. De meias, desceu correndo para o porão, o coração batendo descompassado, de tanto medo. No pânico, quase tropeçou e rolou pela escada do porão. E logo estava lá embaixo, de pé sobre o tapete, tremendo de apreensão. Abaixou-se e, com as duas mãos, levantou o tapete.

O lugar permanecia inalterado. Recolocou o tapete no lugar e erigiu-se. Cobriu os olhos com a mão. O que estava acontecendo com ele? Compreendeu quase que no mesmo instante. Estava mesmo pedindo por aquele pesadelo, ao ficar em casa daquele jeito.

Tratou de sair. Imediatamente, sentiu-se revigorado, aliviado, como se alguma ameaça sombria tivesse sido afastada. Parou na calçada, diante da casa, sentindo os raios fortes do sol. Foi então que uma voz o chamou:

— Ei, Sr. Bogan! No mesmo instante, ele sentiu o coração se apertar, a serpente da consciência a envolvê-lo. Esforçou-se ao máximo para manter a calma, censurando-se por ter de fazer o esforço.

A mulher da casa ao lado estava também parada na calçada. Era uma mulher um tanto gorda, de blue jeans e uma camisa branca velha do marido. Tinha na mão uma tesoura de poda.

— Como tem passado, Sr. Bogan?

Ele ia muito bem.

— E a Sra. Bogan? Não a vejo há quase uma semana.

Já começava! Laura desaparecera há apenas três dias e já estavam pensando em uma semana. Dali a pouco, começariam a murmurar. Em seguida, iriam acusá-lo de assassinato.

— Ela não está passando bem.

Palavras de simpatia. Como se aquela mulher realmente se importasse! Malditas bisbilhoteiras! Ela agora ia querer saber...

— Há alguma coisa que eu possa fazer?

— Não, obrigado.

— Ela está muito doente?

— Não sei.

— Já chamou um médico?

Nos olhos da mulher já havia uma acusação, ainda não de assassinato (mas era só esperar um pouco!), mas de que ele certamente espancara a esposa, que Laura devia estar de cama, cheia de equimoses pelo corpo.

— Já. E o médico disse que ela precisa de repouso absoluto.

— Posso ir perguntar a ela se está precisando de alguma coisa? Talvez eu possa preparar-lhe uma sopa.

— Não, não, obrigado.

Carl percebeu que se apressara em responder, tivera até pressa demais. Mas que diabo! O que estava acontecendo com ele?

— Eu mesmo estou cuidando dela — acrescentou.

— Mas quando estiver no trabalho...

Eles ainda acreditavam que Carl trabalhava. Pelo menos isso ele conseguira esconder dos vizinhos. Mas aquela mulher idiota era insistente. E continuaria insistindo, até que comesse a ficar desconfiada. E tudo faria e se intrometeria sob o pretexto de sua bondade para com a humanidade!

— Vou contratar uma enfermeira.

Novamente, Carl percebeu que falara depressa demais. Mas tinha de dizê-lo.

A mulher sorriu. Não estava desconfiada agora, nem ao menos se mostrava insistente. Era admirável como uma pequena mentira, no momento certo, poderia resolver qualquer problema. Carl sorriu. Os dois sorriram-se, à luz intensa do sol.

Carl voltou para dentro da casa, trancando a porta. Sentou-se numa poltrona. O que fora dizer? Mas tinha sido a única maneira de repelir a mulher. Uma mulher daquele tipo era bem capaz de ficar possuída por suas boas intenções e invadir a casa armada de uma sopa.

Mas, talvez, no final das contas, talvez não fosse uma idéia tão ruim assim. Carl começou a pensar seriamente no assunto. Não poderia contratar uma enfermeira de verdade, é claro, mas poderia trazer alguém para tomar conta da casa, uma pessoa para cozinhar e limpar, enquanto Laura estivesse supostamente doente. A pessoa não precisaria necessariamente avistar-se com a Sra. Bogan. Afinal, a Sra. Bogan estava gravemente doente. Precisaria de repouso absoluto, não ser incomodada por ninguém. Haveria ordens rigorosas nesse sentido. Com isso, todas as suspeitas seriam dissipadas. Carl teria tempo para respirar, enquanto pensava no que fazer em seguida. Além do mais, ele já se comprometera a arrumar alguém.

Publicou um anúncio no jornal. Precisa-se de alguém para cuidar da casa, enquanto a dona está doente. Alguém para cozinhar e limpar, sem se meter no que não fosse da sua conta.

Alguns dias depois, Betta Cool tocou a campainha. Carl foi abrir a porta. Ela estava com o jornal na mão, aberto na seção de classificados. Era uma mulher alta, o rosto um tanto pálido, não muito bonita, mas também sem nada de feia. Pálida e quase bonita, lábios finos, olhos pensativos. Ainda não havia chegado aos 40, pensou Carl. E o instinto aguçado dele em tais assuntos disse-lhe também que era o tipo de mulher em quem poderia um dia confiar. De qualquer maneira, uma mulher não falaria o que não fosse necessário. Carl podia sentir que ela já carregava inúmeros outros segredos.

Houve uma entrevista rápida e cortês. A Sra. Cool — ela informou que era divorciada — já fizera trabalhos semelhantes antes. Morava no outro lado da cidade, sozinha. Respondeu às perguntas de Carl quase que somente com monossílabos. Parecia inglesa. Ou, antes, irlandesa.

Sabia cozinhar?

— Claro.

E cuidar da casa?

— Claro.

E Betta Cool acrescentou:

— Também conheço um pouco de enfermagem, se meus serviços forem necessários.

— Não precisa preocupar-se com isso. O emprego é exclusivamente para os serviços domésticos. A Sra. Bogan precisa de repouso absoluto, sem ser incomodada por ninguém.

Carl falou quase num sussurro, ressaltando em seguida:

— O médico vem vê-la uma vez por semana.

A Sra. Cool fitou-o, um olhar firme e prolongado. Ela queria saber mais alguma coisa, mas não iria fazer a pergunta diretamente. Assim, dando à sua voz o tom de emoção adequado, Carl acrescentou:

— Ela ia ter um filho.

A Sra. Cool no mesmo instante manifestou a sua simpatia.

— Ela está muito doente — murmurou Carl, baixando os olhos, numa atitude de desespero, procurando imprimir às suas palavras o tom mais pessimista possível, embora não totalmente destituído de esperanças.

Assim, o trato foi feito. A Sra. Cool viria todas as manhãs, arrumaria a casa (somente o andar térreo), cozinaria as refeições da Sra. Bogan. O Sr. Bogan levava as refeições para o segundo andar, sentava-se no quarto

de Laura e comia-as. Depois, levava os pratos vazios para baixo, com os comentários da Sra. Bogan:

— Ela disse que é uma excelente cozinheira, Sra. Cool.

— Obrigada, senhor.

Carl observava-a. Ela não era uma mulher feia. Absolutamente. E, de vez em quando, ela também lhe lançava um olhar furtivo. Carl sentiu que a mulher estava com pena dele. Ele sabia como tal situação iria acabar. As mulheres e sua compaixão... A Sra. Cool preparava refeições especiais para ele, que era obrigado a comê-las, apesar de já estar empanzinado.

As coisas viraram rotina, tudo transcorrendo sem maiores novidades por uma semana, depois duas. Todas as manhãs e todas as tardes, Carl levava a bandeja com os pratos cobertos de guardanapos para o quarto vazio, trancava a porta, sentava-se e comia tudo, murmurando de vez em quando algumas palavras à guisa de conversação, esperando que a Sra. Cool, lá embaixo, pudesse ouvi-las.

Todas as tardes, às 4 horas, a Sra. Cool ia embora. Uma tarde, Carl acompanhou-a até o ponto de ônibus.

— Como ela está indo? — perguntou a Sra. Cool.

Carl sacudiu a cabeça.

— Continua na mesma. O que não é nada bom. O médico esteve lá em casa ontem, pouco depois de sua partida, e disse que ela não está apresentando nenhuma melhora. No estado dela, isso é péssimo. Ela se limita a ficar deitada na cama, olhando para as paredes, quase sem falar.

— Está certamente pensando na criança.

— É bem provável.

Chegaram ao ponto de ônibus. Ela o fitou nos olhos.

— Falando com toda franqueza, Sr. Bogan, quais são as possibilidades dela?

— Aqui entre nós, Sra. Cool, não são nada boas. Senti isso, pela expressão do médico.

— Não sabe como estou com pena do senhor. Está passando por uma terrível provação. Conheço esse tipo de solidão. É o mesmo que tenho sofrido por toda a minha vida.

— É mesmo?

— É, sim.

Carl não conseguiu reprimir a sua frase seguinte:

— Talvez possamos procurar nos animar mutuamente, qualquer dia desses.

Ele não esperava nenhuma resposta, mas Betta Cool! surpreendeu-o.

— Talvez, uma noite dessas, uma vizinha possa ficar tomando conta dela, para que possamos ir a um cinema juntos. Seria muito bom para o senhor.

— Claro que seria — disse rápido Carl, subitamente animado. — Eu não ficaria surpreso se isso pudesse ser acertado.

Assim, uma “vizinha” começou a tomar conta de Laura, todas as noites. E Carl Bogan estava novamente envolvido com uma mulher. A solidão da Sra. Cool, uma vez assaltada, desmoronou ruidosamente.

Eles passavam noites alegres e agradáveis. Carl não se parecia com um homem que estava com a esposa agonizante. Dançavam e iam assistir a todos os espetáculos. Bebiam alegremente. E Carl ia levá-la a casa.

— Está fazendo com que eu me sinta novamente como uma colegial, Carl.

— Acho que nós dois estávamos precisando disso.

— Mas não acha que é errado o que estamos fazendo?

— Claro que não. Tire essa idéia da cabeça, Betta. Somos apenas dois seres humanos que estão procurando aproveitar um mínimo, diante dos problemas terríveis que o destino nos reservou.

— Quanto tempo acha que ela ainda vai viver?

— Não sei. Ela nunca muda. Seu estado continua estacionário.

— A impressão é de que nunca mais vai acabar...

E era exatamente assim que Carl queria que continuasse. Não sabia o que fazer em seguida. Se por acaso dissesse que Laura morrera, isso implicaria novos problemas. O enterro não poderia ser secreto. Diversas pessoas teriam de ser informadas. Haveria necessidade de um atestado de óbito. E também o agente funerário. Seriam complicações demais, mesmo que ele conseguisse fazer um enterro particular.

Ele pensou em contar toda a história a Betta. Ela o amava, o que a transformava numa mulher escrava. Mas Carl teve receio. Conseguira levar a farsa a bom termo, até aquele momento, sem a ajuda de ninguém. Não lhe agradava a idéia de colocar-se nas mãos de outra pessoa, correndo todos os riscos inerentes. Não obstante, era preciso fazer alguma coisa... e com rapidez.

Provavelmente a única coisa que ele poderia fazer seria desaparecer. O que não era uma idéia tão ruim como podia parecer à primeira vista. Havia uma boa possibilidade de que Laura, assim como acontecera com a outra mulher, não fosse descoberta pelos próximos 50 anos. Carl poderia dizer que os dois iam viajar, como meio de apressar a convalescença de Laura. Assim, estaria tudo acabado. Quem iria pensar em escavar no porão?

Carl ia pensando nisso tudo quando levou a bandeja de Laura para o quarto vazio. Sentou-se ali e comeu, olhando pela janela. Poderia vender a casa. Teria pelo menos esse dinheiro. É claro que era uma pena perder todo o resto do dinheiro de Laura, mas essa seria a penalidade que ele teria de pagar.

Foi então que ele teve uma inspiração súbita. Por que perder todo aquele dinheiro? Por que não colocar Betta no lugar de Laura? Com um enterro íntimo, poderia perfeitamente escapar. Somente o pessoal da agência funerária é que veria o corpo... e eles não conheciam Laura. Era um verdadeiro golpe de gênio. Como as peças se ajustavam em seu lugar, maravilhosa e ironicamente! Mas ele teria de pensar em todos os detalhes cuidadosamente.

Desceu para a cozinha com os pratos vazios.

— Ela comeu tudo? — perguntou Betta.

— Comeu — respondeu Carl, fitando-a de maneira estranha.

— Carl... você me ama?

— Ora, Betta, creio que você sabe disso muito bem. Para dizer a verdade, eu estava pensando em você durante todo o tempo em que fiquei lá em cima.

— Quando ela morrer, você continuará a me amar?

— Mais do que nunca.

— Isso não vai demorar a acontecer, Carl.

— O que está querendo dizer com isso?

Betta olhou para os pratos vazios. Depois, tornou a olhar para Carl.

— Pus veneno na comida dela, a fim de apressar a sua morte.

Carl empalideceu. Depois, começou a sentir o corpo entorpecido, o veneno a dominá-lo inexoravelmente.

Ainda conseguiu chamá-la de idiota antes de morrer, contorcendo-se furiosamente no chão, diante dos olhos atônitos dela.

OS CÃES DE GUARDA DE MOLICOTL

Richard Curtis

Ao levantar os olhos do drinque, Lou Romer descobriu um par de olhos familiar a examiná-lo atentamente, do outro lado do bar. Embora o dono dos olhos não fosse hostil, Lou preferia não se envolver. Em seu ofício, ser reconhecido pelos amigos significava ser, mais cedo ou mais tarde, localizado pelos inimigos. Além do mais, não se podia dizer que Myron Tweemey fosse um amigo. Ele simplesmente estava do mesmo lado da lei que Lou... e era o lado em que não existia essa coisa a quem chamam de amigo.

Lou pôs 20 pesos em cima do balcão e encaminhou-se para a porta. Mas Tweemey levantou-se também, acompanhando-o para a noite fria da Cidade do México, emparelhando-se com ele. Lou enveredou por uma das ruas mais escuras que cortavam La Reforma, a artéria principal. Não queria ser visto ao lado de Tweemey, em ruas bem iluminadas.

Seguiram em silêncio, Lou uma cabeça mais alto que o companheiro e muito mais bem-apeado. Tweemey tinha um nariz grande e adunco, olhos muito pequenos. Quase que precisava correr para acompanhar Lou. Táxis que passavam chamavam os dois homens, os motoristas prometendo uma noite excitante e inolvidável. Duas garotas morenas e joviais passaram por eles, lançando-lhes olhares sedutores e risadinhas sugestivas.

— Não acha que um homem tem todas as condições para se divertir um bocado por aqui, Lou?

Lou ignorou a tentativa de puxar conversa, limitando-se a perguntar:

— Como foi que descobriu onde eu estava?

— Nós dois utilizamos os serviços do mesmo cavaleiro, na hora de colocarmos certas mercadorias. Foi ele quem me contou que você estava na cidade.

— Mas que miserável! Se ele não consegue ficar de boca fechada... — Lou acelerou o andar, como se esperasse que Tweemey acabasse ficando para trás, de exaustão. Mas o outro continuou a acompanhá-lo. — Nunca imaginei que tivéssemos alguma coisa para dizer um ao outro, Tweemey.

Lou falou sem nem mesmo olhar para trás.

— Talvez tenhamos, talvez não. Eu queria apenas dar-lhe os parabéns por aquele trabalho das jóias no St. Regis. No dia seguinte, publicaram nos jornais uma fotografia de Edith Glayde. E ela estava com uma cara de furiosa.

O queixo de Lou tremeu por um rápido instante, mas ele não demonstrou qualquer outra reação.

— Não sei do que você está falando.

Estavam passando por baixo de um lampião e os dentes de Tweemey brilharam.

— Desde que eu saiba do que estou falando, não tem importância que você saiba ou não.

Tweemey sorriu e, baixando a voz para um sussurro confidencial, acrescentou:

— Vamos falar com franqueza. O trabalho foi tipicamente seu. E nosso amigo mútuo, evidentemente, mostrou-me uma ou duas pedras, confirmando minha suspeita,

— Acho que precisarei ter uma conversinha com aquele sujeito.

— Não se preocupe com isso. Ele não vai contar a mais ninguém. Só o disse a mim para fomentar os negócios. E seu segredo estará seguro comigo.

— É mesmo? Mas a que preço?

Tweemey estacou bruscamente e fitou Lou, com uma expressão de cachorro que acabara de levar uma surra.

— Não sou um dedo-duro, Lou.

— O que está querendo então?

Lou fitava Tweemey com antipatia e desconfiança, que não se esforçava em disfarçar.

— Estive estudando um trabalho que me parece bastante promiss-

sor, Lou. Mas terá de ser feito por duas pessoas, com os nossos talentos. Gostaria de lhe apresentar o plano. Se você aprovar, daremos o golpe juntos, ficando a metade para cada um. Se não gostar, você seguirá o seu caminho e eu o meu. Mas tenho certeza de que vai gostar. É um trabalho fácil demais.

— Lembra-se de que disse a mesma coisa sobre aquele trabalho da Caixa de Penhores? E a sua negligência quase nos levou à cadeia. Foi a primeira e última vez em que trabalhamos juntos. Eu lhe disse isso na ocasião e repito agora.

— Quantas vezes tenho de lhe dizer, Lou, que não foi culpa minha? Não houve a menor negligência de minha parte. Foi uma coincidência em um milhão. O guarda tinha esquecido o...

— Não me interessa o que o guarda esqueceu. Você tem de me garantir chances melhores que uma em um milhão.

— Se assim é, tenho certeza de que vai aceitar.

Lou fitou-o ceticamente, mas o olhar de Tweemey era firme e confiante. Lou hesitou por um instante, depois disse:

— Não podemos ir a algum lugar para conversarmos em particular?

Tweemey ficou radiante e sugeriu o quarto dele no hotel. Mas Lou não estava disposto a correr qualquer risco. Tweemey deixou tudo por conta dele, Lou, que o levou a um banco num dos muitos pequenos parques existentes na Capital mexicana. As vozes deles eram abafadas pelos arbustos densos e perfumados. Tweemey expôs o plano, enfatizando os pontos importantes com puxões intermitentes na manga do paletó de Lou.

— Já ouviu falar em Molicotl?

— É uma cidade mineira, arapuca para turistas.

— É muito mais que isso. Fica no alto de uma montanha que eu juro que é toda de prata, ouro, pedras preciosas e semipreciosas. Todos os dias eles tiram da terra uma pequena fortuna. E vêm fazendo isso desde que a cidade foi fundada, há 200 anos.

Tweemey deu três puxões na manga do casaco de Lou, ressaltando esse ponto, antes de continuar:

— Em produção, eles só perdem para Taxco. E como acontece em Taxco, há também em Molicotl um monte de artistas e artesãos que fazem jóias e vendem-nas para os turistas. Há dezenas de lojas. A maioria só vende porcaria, mas há umas poucas que têm mercadorias de alta classe.

— Claro, claro. Turquesas de meio quilate engastadas em prata alemã...

— Não sabe de nada, Lou. Eles têm diamantes imensos, engastados em platina. E esmeraldas, safiras, rubis. Uma porção de pedras ainda não lapidadas nos cofres, coisa fácil de vender, porque ainda não está catalogada. Estive lá e vi pessoalmente. Reconheço que não tem a mesma qualidade que a gente encontra na Tiffany, mas tem a quantidade da Woolworth, o que vem a dar no mesmo. Garanto que há mais coisas lá do que você poderia levar.

— Continue — disse Lou, mostrando, pela primeira vez, um lampejo de interesse.

— Todas as pedras ficam guardadas nos cofres das lojas, durante as noites.

Os dentes de Tweemey brilhavam com uma luz violeta do letreiro luminoso da loja do outro lado do parque.

— Acho que aqueles cofres vieram com Cortez. Posso abrir três deles pela manhã, só para praticar um pouco, antes mesmo de escovar os dentes.

— Os donos das lojas moram nelas?

— Só os das lojas mais pobres, justamente as que não nos interessam. Os donos da que vamos assaltar vivem no bairro rico da cidade, nas colinas.

— E não há guardas ou vigias?

Tweemey sacudiu a cabeça, vigorosamente.

— Alarmas?

Tweemey riu.

— Eles têm sorte quando o sistema de eletricidade está funcionando. Não há nenhum alarma.

— E a polícia?

— Tem um delegado gordo e um assistente que é o idiota da cidade. A cadeia fica do outro lado da cidade, longe das lojas. As ruas estreitas tornariam muito difícil que eles nos alcançassem rapidamente, se tivessem um carro, coisa que não acontece. O delegado e seu assistente moram na cadeia e um ou outro está sempre dormindo. O único problema são os cachorros, mas falarei deles daqui a pouco.

Lou arrancou os dedos de Tweemey da lapela de seu casaco.

— Espere um pouco. Que cachorros são esses? Qual o problema

deles? Fale sobre isso agora mesmo.

Lou examinou atentamente os olhinhos de Tweemey, à procura de algum sinal suspeito. Se Tweemey não estava querendo falar sobre os cachorros, então esse deveria ser o perigo e ele poderia senti-lo nos olhos pequenos. Mas Tweemey não demonstrou a menor relutância em falar no assunto. Pelo contrário, o sorriso dele aumentou.

— Claro, Lou, claro. Eu apenas estava pensando em deixar para o fim a parte mais engraçada da história. Nada tenho para esconder. Cada dono de loja tem um cachorro estúpido, que deveria servir como cão de guarda. E uma coisa eu devo dizer: os cachorros latem ao menor ruído.

Lou já ouvira o bastante. Levantou-se subitamente.

— Prazer em vê-lo de novo, Tweemey. Desejo-lhe muita sorte em seu próximo serviço. Vai realmente precisar de um parceiro... para levar biscoito de cachorro.

Tweemey também levantou-se.

— Espere um instante, Lou. Não vá embora enquanto eu não contar a história toda. Estou apenas querendo fazer um pouco de drama.

Ele tornou a sentar-se no banco e puxou Lou para baixo, pela bainha do casaco, obrigando-o a sentar-se a seu lado.

— Os cachorros latem ao menor ruído Lou. Mas sabe qual é o menor ruído que existe naquela cidade?

Lou não deu qualquer palpite, limitando-se a fitar Tweemey, friamente, impacientemente.

— O menor ruído é um latido de cachorro! — explicou, enquanto dava puxões na lapela do casaco de Lou, a cada palavra. — Será que não percebe o que estou querendo dizer? Os cachorros latem a noite inteira! Assim que o sol se põe e o primeiro cachorro late, os outros o acompanham, como se fosse uma reação em cadeia, até que o sol volte a surgir, na manhã seguinte. Aposto que você nunca ouviu falar num negócio assim, em toda a sua vida. Os hotéis para os turistas ficam inclusive fora da cidade, porque ninguém consegue dormir com todo aquele barulho, exceto os nativos. Aqueles mexicanos... eles fazem tudo ao contrário!

Lou sentiu que o nó em seu estômago relaxava, ao começar a compreender o que o amigo estava dizendo!

— Pode compreender o que significa um cão de guarda que não consegue ficar de boca fechada, não é mesmo, Lou? É como o pastor que grita “lobo!” a cada 10 segundos. Se os guardas saíssem correndo a cada

vez que um cachorro latisse naquela cidade, seria como um filme de Mack Sennett: ficariam correndo a noite inteira, todas as noites. Só que não existem guardas naquela cidade em quantidade suficiente para lotarem uma cabina telefônica. Pelo que posso imaginar, a única função daqueles cachorros é fazer barulho suficiente para assustar os assaltantes em potencial.

— Mas os cachorros não são brabos, Tweemey?

A risada de Tweemey rompeu a quietude da noite.

— Lou, aqueles cachorros são os covardes mais esqueléticos e sarnentos que já vi. Eles saem correndo com o rabo entre as pernas, se a gente disser a palavra “gato”.

— Para que servem eles então?

— Se você fosse um arrombador comum, Lou, entraria numa loja onde a sirena já está tocando? É claro que não. Essa é a psicologia daqueles mexicanos. Mas é uma psicologia barata, para quem tem um pouco de cabeça.

Lou fez então a sua primeira contribuição ao plano:

— E o barulho, na verdade, iria trabalhar em nosso favor, pois é quase certo que ninguém por lá costuma trabalhar até tarde.

O aceno resolutivo e confiante de Tweemey pareceu pregar os últimos pregos no sólido plano que ele estava apresentando .

— Exatamente, Lou. Agora, deixe-me explicar-lhe mais alguns detalhes.

Tweemey contou que o homem por trás do trabalho era o amigo mútuo, o receptador Diaz. Fora Diaz quem sugerira o trabalho e pagara a viagem exploratória de Tweemey a Molicotl. Quando Tweemey voltara, com a informação de que o trabalho seria muito fácil, Diaz o mandara procurar Lou.

— Diaz não me diria onde você estava, Lou, se não fosse lucrar também com o trabalho.

— E qual é o trato?

— Diaz vai pagar por tudo: a viagem de ida, a fuga, até mesmo as passagens para sairmos do país. Em troca, nós temos de usar os serviços dele para colocarmos a moamba. Não nos vai custar nada, Lou. E ainda teremos um homem a nos ajudar durante o tempo todo. Na noite do trabalho, um dos homens de Diaz mandará um táxi a Molicotl. O táxi nos levará a uma das pequenas cidades costeiras, onde haverá uma lancha à

nossa espera. A lancha nos levará até Acapulco, onde encontraremos Diaz e lhe entregaremos a mercadoria. E de lá partiremos de avião para o lugar que desejarmos.

Tweemey bateu nos próprios joelhos, na maior satisfação, como se tivesse acabado de fazer uma exposição perfeita sobre um problema jurídico.

— O que me diz, Lou? — perguntou ele.

Lou ficou calado, pensativo, por vários minutos, esmiuçando lentamente cada ângulo do plano, à procura de alguma falha. Seus olhos se deslocaram do rosto violeta de Tweemey para as estrelas azuladas que cintilavam no céu da Cidade do México. Finalmente, ele disse:

— Parece fácil demais.

— Foi como eu pensei. Mas depois de pensar no trabalho durante uma semana inteira, fiquei convencido de que não há o menor perigo. O pessoal de Molicotl pensa que está seguro, com o isolamento da cidade, os cachorros e os cofres. O único crime que ocorre por lá é o roubo de pequenos objetos sem valor nas lojas, por turistas respeitáveis. Fiz algumas investigações discretas e descobri que a única tentativa de algum trabalho grande, nos tempos modernos, ocorreu nos anos 20, quando alguns cava-lheiros de Chicago assaltaram três lojas, à luz do dia.

— E o que aconteceu?

— Deu certo. Ou melhor, teria dado, se eles não tivessem entrado na estrada errada, no caminho para Acapulco. Eles caíram do alto de um penhasco. Mas nós não vamos pegar essa estrada.

Lou finalmente assentiu.

— Pode contar comigo, Tweemey. Mas, antes, quero dar uma olhada pessoalmente.

— Ótimo, Lou. Você vai ver que será fácil demais.

Para não serem vistos juntos, eles seguiram separadamente para Molicotl, hospedando-se em hotéis diferentes. Encontravam-se sempre cautelosamente e jamais eram vistos ao mesmo tempo em La Joya Encantada, a loja que haviam escolhido para assaltar.

Lou percorreu a cidade toda a pé, examinando a loja por todos os ângulos possíveis. Depois de cinco dias de investigações, ele chegou à conclusão de que o trabalho deveria ser exatamente fácil, como Tweemey dissera. E Tweemey também não mentira a respeito dos cachorros. Eles latiam e uivavam a noite inteira. Molicotl, de noite, era como um imenso

canil, pouco antes da hora da comida. O barulho era bem capaz de levar um homem à loucura. E quem quer que tivesse o coração um pouco fraco, certamente pensaria duas vezes antes de assaltar uma loja guardada por um daqueles cachorros irrequietos. Mas os cachorros apenas latiam, não mordiam. A barulheira deles proporcionaria uma excelente cobertura para se arrombar um cofre.

— Vamos entrar em ação — disse Lou a Tweemey. — Diga a Diaz para providenciar o táxi para a noite de amanhã.

Na noite seguinte, no ponto em que a rua principal de Molicotl passava a ser reta e virava uma estrada, seguindo para oeste, na direção do mar, um táxi preto parou no acostamento de cascalho. Lou e Tweemey, observando de longe, viram o motorista fazer o sinal convencionado, com um cigarro aceso. Eles seguiram então pela rua íngreme, calçada de pedras, na direção de El Centro, a praça principal da cidade, onde se localizavam os prédios municipais e comerciais mais importantes de Molicotl. A Calle Naranja, onde ficava La Joya Encantada, começava na praça. Eles passaram pela loja, atentos a qualquer circunstância perigosa. Mas não viram nenhuma nem ouviram qualquer barulho anormal. Voltaram então e entraram furtivamente na loja. O barulho dos passos era completamente abafado pelo clamor dos cachorros. Os cachorros ali estavam para desencorajar a assustar assaltantes em potencial. Lou não podia deixar de reconhecer que eles desempenhavam muito bem o seu papel. O barulho era de deixar qualquer um nervoso. Era preciso muito esforço para fazer a razão prevalecer sobre o medo irracional de ser atacado e morto por uma matilha de cães raivosos.

A frente da loja era protegida por uma porta de sanfona de aço, que era esticada e fechada com um cadeado todas as noites. Poderiam ter aberto o cadeado com a maior facilidade, mas teriam de enfrentar outro cadeado, na porta propriamente dita. Assim, decidiram entrar pela porta lateral, que dava para um beco estreito. Era uma porta de aço, com uma fechadura embutida na maçaneta. Tweemey abriu-a em poucos minutos e eles entraram na loja.

Foram recebidos por dois vira-latas que latiam sem cessar. Quando eles entraram, os animais farejaram-nos, depois baixaram a cabeça e meteram o rabo entre as pernas, indo refugiar-se debaixo de uma bancada da oficina. Lou estava preparado para golpear os dois cachorros, mas eles se mostraram tão comicamente dóceis que ele nem mais pensou neles.

Lou e Tweemey entraram em ação imediatamente. Tweemey começou a trabalhar no cofre que estava na oficina, enquanto Lou ia cuidar do cofre menor, que se encontrava numa pequena reentrância da frente da loja. O cofre de Tweemey continha as pedras não lapidadas, o ouro, a prata e a platina, enquanto no de Lou estavam as jóias já prontas. Lou pensou ter aberto o seu cofre rapidamente.

Mas antes de conseguir fazê-lo, ouviu o barulho das pedras na oficina, indicando que os dedos experientes de Tweemey o haviam batido por alguns minutos. Ao abrir a porta de seu cofre, Lou deparou com um fabuloso tesouro em anéis, braceletes e colares de diamantes, rubis, esmeraldas e safiras, além de jóias de topázio e alexandrita e outras pedras semipreciosas. O trabalho de ourivesaria era perfeito, e os desenhos, incomuns e extraordinariamente bonitos.

Lou tratou logo de meter as jóias no saco que levava. Ao fazê-lo, começou a ouvir a respiração sibilante de Tweemey, o ranger das pranchas do assoalho e as batidas de seu próprio coração. Sentiu-se vagamente preocupado, mas não conseguiu compreender por que, pois geralmente se mantinha calmo num trabalho e jamais permitia que os pequenos ruídos o deixassem em pânico. Amarrou o saco e levantou-se.

— Tweemey!

O sussurro cortou o silêncio.

— Qual é o problema? Que golpe espetacular, hem?

O sussurro de Tweemey teve o mesmo efeito ensurdecedor em Lou.

— Está ouvindo alguma coisa?

Tweemey foi encontrá-lo no meio da loja.

— Não.

— Eu também não. Ei!

Subitamente, Lou estava ouvindo um novo som, lá fora, de pés que se arrastavam. Não demorou a perceber que havia incontáveis pés metidos em sandálias a correrem pelas pedras do calçamento, nas ruas ao redor. Pelas janelas da loja, começou a filtrar-se uma luz alaranjada, oscilante. Lou correu até uma das janelas e espiou cautelosamente para fora.

Homens com tochas, porretes e rifles estavam parados lá fora. Outros seguiam pelo beco, cercando outra loja. Na frente da loja havia mais um grupo de mexicanos, tochas erguidas, armas nas mãos, aspecto ameaçador. Lou percebeu que, na frente de todas as lojas que podia avistar

dali, havia mexicanos parados. Tweemey e Lou percorreram apressadamente a loja, em busca de algum outro caminho de fuga. Mas as duas únicas saídas eram a porta da frente e a lateral, que dava para o beco, também ocupado. Estavam cercados. O coração de Lou batia descompassadamente, os dentes mordiam com força o lábio inferior.

Eles trocaram um olhar demorado e desesperado. Tweemey começou a gemer.

— Mas como foi que eles descobriram que estávamos aqui?

— Eles não sabem exatamente onde estamos, Tweemey. Sabem apenas que uma loja foi arrombada, em algum lugar da cidade. Vão ficar parados lá fora, até sairmos. E, se não sairmos, virão nos buscar depois que o dia clarear. — Lou suspirou, desesperado, acrescentando:

— Eu sabia que não me devia meter em nenhum trabalho com você!

— Está tudo tão quieto, Lou — murmurou o pequeno arrombador.

— Por que está tudo tão quieto assim?

Foi só então que Lou compreendeu, subitamente, o que tinha acontecido.

— Os cachorros!

— Tem razão, Lou. Eles pararam de latir.

— São cães de guarda ao inverso! — balbuciou Lou, encostando-se, meio tonto, num dos balcões.

Ele compreendia tudo agora claramente. Em todos os outros lugares, os cachorros eram treinados para ficar em silêncio, só ladrando ante a aproximação de pessoas estranhas. Mas os habitantes de Molicotl haviam ido mais longe. Tentavam desencorajar os assaltantes em potencial de sequer fazerem a tentativa. Assim, treinavam seus cachorros para latirem durante a noite inteira. Se um estranho era bastante tolo para não entender o recado e entrava num lugar qualquer, o cão de guarda imediatamente parava de latir. Os cachorros das lojas vizinhas percebiam o silêncio súbito do companheiro e paravam também de latir, até que o silêncio se irradiava de loja em loja e toda a cidade ficava imersa numa quietude total. Os moradores da cidade, acostumados aos latidos, eram alertados pelo silêncio.

Era como a piada do londrino que dormia com as batidas do Big Ben, durante anos a fio. Mas na noite em que o relógio quebrou e as badaladas não soaram, o londrino acordou sobressaltado, gritando: “O que

aconteceu?”

Os cachorros, não conseguindo desencorajá-los com os latidos, haviam encurralado a ambos, com seu silêncio.

Lou e Tweemey se entreolharam, tomando em silêncio uma decisão. Os rabos dos cachorros sacudiam-se amigavelmente, quando eles abriram a porta e as tochas se adiantaram, envolvendo-os.

O QUE ACONTECEU LÁ EM CIMA

Helen Nielsen

A Sra. Emily Proctor tinha as mais lindas rosas da Roxbury Avenue. E assim era porque nunca permitia que o jardineiro se aproximasse delas. O marido, Samuel, sob orientação meticulosa, podia remexer a terra, na época de pôr o fertilizante. Mas o jardineiro japonês tinha de restringir suas atividades ao gramado na frente da casa e às sebes.

A Sra. Emily Proctor fazia questão de cuidar pessoalmente de suas rosas. E havia muitas rosas. As trepadeiras começavam na entrada do caminho para carros, estendendo-se ao longo de todo o muro branco, até os fundos do terreno. As roseiras que formavam touceiras ficavam nos cantos do prédio, na frente e atrás. As roseiras em pequenos pés isolados espalhavam-se pelo jardim que ocupava o L formado pelo projeto arquitetônico de Roxbury Haven, um prédio de 10 apartamentos de aluguel, para solteiros e casais. Emily e Samuel Proctor moravam no apartamento 5A, ao final do jardim. Na porta do apartamento estava afixada uma pequena placa, onde se lia a palavra “Gerente”.

Todos os apartamentos do andar térreo davam para o jardim. Os apartamentos de cima tinham pequenas varandas, com grades de ferro, na frente das portas corrediças de vidro. Das roseiras espalhadas pelo jardim, das moitas nos cantos do prédio e das roseiras trepadeiras no muro, perto da garagem, a Sra. Emily Proctor, sempre metida num avental, com luvas de jardinagem e chapéu de palha, podia ver as portas de todos os apartamentos, todas as vagas na garagem e todas as pessoas que entravam ou saíam de Roxbury Haven. Nada havia, a respeito de algum dos inquilinos, que ela não soubesse.

A Sra. Emily Proctor era uma mulher feliz.

No dia da primeira audiência do caso Haynes versas Haynes, perante o Juiz Carmichael, Emily calculou suas atividades de forma precisa. Estava regando a Mary Margaret McBride, à entrada do caminho de carros, há quase 30 minutos, quando Tod Haynes voltou. Ela viu o conversível preto descer lentamente pela rua — lentamente demais para Tod Haynes, que, em geral, fazia tudo com o máximo de rapidez. Ele era sempre muito rápido, em todos os sentidos, pensou a Sra. Proctor, sombriamente. O carro mal se estava movendo ao entrar no caminho para a garagem. O rosto de Tod Haynes, que a Sra. Proctor viu antes que ele a visse, era o de um homem que estava guiando com sono ou o de alguém que acabara de ser atingido por um muro que desabara. Foi então que ocorreu uma coisa perturbadora. Tod Haynes viu Emily. E olhou para ela com uma expressão furiosa. Depois, o conversível deu um pulo brusco para a frente, derrapando ligeiramente, de forma a obrigá-la a jogar-se contra a roseira. E passou por ela, ruidoso, entrando na garagem.

— Mas que homem horrível! — balbuciou Emily.

Ela não esperava que Mary Margaret McBride respondesse. Assim, a voz causou-lhe alguma surpresa:

— O que há com ele? Será que está bêbado?

— Eu não ficaria surpresa se fosse isso — respondeu Emily. — Ele bebe demais.

Só então é que ela se lembrou. Virando-se rapidamente, deparou com o Sr. Kiley, o carteiro, que acabara de cruzar o gramado e se aproximava dela, com a correspondência na mão. Automaticamente, Emily ajeitou os cabelos e arrumou o chapéu de palha.

— Oh, bom dia, Sr. Kiley! — disse ela, a voz abrandando-se imediatamente. — Eu não deveria ter falado assim sobre o Sr. Haynes. Afinal, ele anda com muitos problemas.

— Está doente? — perguntou Kiley.

— Creio que é pior que isso. O pobre Sr. Haynes está sendo processado pela esposa, que quer o divórcio. E a primeira audiência foi esta manhã.

O Sr. Kiley sacudiu a cabeça, com uma expressão pesarosa.

— Deterioração moral... Começaram a publicar uma nova série de artigos no jornal, falando sobre isso, Sra. Proctor. Os lares se estão desfazendo, as crianças não têm mais qualquer controle e estão cometendo todos os desatinos possíveis, a deterioração moral se espalha por toda

parte. E vai acabar arruinando o país inteiro.

Emily Proctor sorriu, condescendentemente.

— Nem me precisava dizer, Sr. Kiley. Se administrasse um prédio de apartamentos, não precisaria ler os jornais para saber a quantas anda a deterioração moral.

Do lugar em que estava, o Sr. Kiley podia ver a fileira de varandas que se estendia ao longo do segundo andar do prédio. Nesse momento, Patti Parr saiu para a varanda do apartamento 4B. Era uma loura platina-da, ainda muito jovem, o corpo espetacular envolto por um négligé branco, transparente. Ela se espreguiçou sensualmente, olhando para o céu. O Sr. Kiley ficou apreciando o espetáculo por um momento, comentando em seguida:

— Acho que tem toda razão, Sra. Proctor.

Emily olhou para a varanda do 4B, franziu o rosto e depois estendeu a mão para a correspondência que o Sr. Kiley segurava.

— Tem alguma coisa para mim? Ora, apenas mais uma conta! Mas pelo menos posso pôr o resto da correspondência nos escaninhos de cada inquilino. Só Deus sabe como seus pés devem estar doídos, Sr. Kiley! Posso poupar-lhe o trabalho. Não tenho mesmo nada para fazer neste momento.

A esta altura, Emily já estava praticamente empurrando o Sr. Kiley na direção da calçada.

— E espero, Sr. Kiley, que não repita a ninguém o que falei a respeito do Sr. Haynes. Se há uma coisa que eu não suporto é mexerico — acrescentou ela.

O Sr. Kiley começou a descer a rua e Emily ficou parada na calçada por um momento, a contemplá-lo. Era uma manhã maravilhosa. As crianças que ainda não estavam em idade escolar brincavam nos quintais. Ela se perguntou o que as jovens mães pensavam da vida, deixando que os filhos espalhassem brinquedos tão caros pela vizinhança. E perguntou-se também por que a Sra. Williams não tomava alguma providência com relação à filha. A menina comia constantemente e mais se parecia com um balão cheio.

Ao virar as costas, entrando de novo no Roxbury Haven, Emily percebeu que Patti Parr já entrara. Sentiu-se aliviada. Patti Parr aparecera na varanda no momento menos apropriado possível, pois Tod Haynes estaria saindo da garagem a qualquer instante. Emily foi até as caixas de corres-

pondência, onde ficou escutando atenta, sem se virar, os passos firmes que vinham da garagem nos fundos. Os passos se aproximaram, parando subitamente.

— Também censura a nossa correspondência? — perguntou Tod Haynes.

Emily, com a maior parte da correspondência ainda nas mãos, estava tentando enfiar o *New Romances*, da Srta. Brady, numa abertura destinada apenas a cartas. Quando a revista caiu das mãos dela, Tod Haynes abaixou-se rapidamente, pegou-a e devolveu. Os lábios de Emily formaram a palavra “obrigada”, mas a voz recusou-se a soar. Tod fitou-a por um instante, sombriamente, depois virou-se e caminhou para a escada interna do prédio, deixando Emily Proctor com uma sensação estranha, que ela mais tarde iria reconhecer como de início de terror.

O casamento de Tod e Ann Haynes inquietara Emily desde o início. Ela tinha certeza de que não duraria muito tempo. Tod Haynes não era o tipo de homem que pudesse dar um bom marido.

— Acha isso só porque ele não está bem de vida? — perguntou-lhe Sam. — Dê-lhe algum tempo e tenho certeza de que ele irá melhorar.

Mas não era nisso que Emily estava pensando. Tod Haynes tinha um olhar de mulherengo, qualquer mulher podia senti-lo. E Ann Haynes não era de se deixar enganar por ninguém. Era uma mulher atraente e cheia de confiança, a quem Emily secretamente invejava. O tipo de mulher adulta, que assumia plenamente suas responsabilidades, esperando que seu companheiro fizesse o mesmo. Emily não adivinhou nem deduziu tudo isso. Os apartamentos do Roxbury Haven eram colados um no outro. Quando um dos apartamentos ficava vago, uma das obrigações da co-administradora era inspecioná-lo, antes de ser novamente alugado. E foi uma situação assim que ocorreu pouco depois de os Haynes se terem mudado para o 5B. Emily estava inspecionando o 4B e não pôde deixar de ouvir uma conversa significativa do casal, na varanda do 5B, numa tarde de verão, pouco antes do anoitecer.

A magnólia, que Sam estava sempre dizendo que ia aparar, crescia ao lado da varanda do 5B. Por causa dela, Emily, que estava dentro do 4B, perto da porta corrediça da varanda, ficou ouvindo a conversa de Tod e Ann.

— Qualquer dia desses, não me agüento mais e pego um machado

para resolver o problema — disse Tod.

Ann riu suavemente. Houve então um desses silêncios atraentes, durante o qual a imaginação de Emily fê-la sentir-se um pouco nervosa.

Depois de algum tempo, Tod voltou a falar:

— Está arrependida, Sra. Haynes?

— Não, não estou. E você?

— Estou começando a me acostumar com os arreios. Foi como eu lhe disse quando me candidatei ao lugar: com alguma experiência, mas sem referências...

— Tod...

— ... mas com muita vontade de aprender. Ann, precisa dar certo.

— E vai dar, Tod.

— Tem de dar! A vida tem de começar a fazer algum sentido.

A esta altura, Emily já sabia que estava ouvindo indevidamente a conversa. Mas ela sempre procurava convencer-se de que uma de suas obrigações, como co-administradora, era descobrir que tipos de inquilinos havia no prédio. As referências nada significavam. Ela não podia saber como a pessoa era, por trás do que aparentava. E assim ela continuou a ouvir a conversa.

— Já estraguei tudo uma vez, Ann. Mas isso não irá acontecer novamente. Minha sorte mudou no dia em que entrei no escritório de Curtis e encontrei-a na mesa de recepção. Lembra-se do que me disse naquela ocasião?

A voz de Ann tornou-se subitamente profissional:

— O Sr. Curtis irá recebê-lo dentro de alguns minutos, Sr. Haynes.

— Não, Ann, não é a isso que me estou referindo e sim àquelas palavras maravilhosas que me disse pouco antes de eu entrar para falar com Curtis. Devia saber que meus joelhos estavam tremendo, porque me disse: “Sr. Haynes, gostaria que soubesse que na minha estante há um livro todo marcado e muito querido, intitulado *A Summer Ago*.”

Ann riu suavemente.

— Você ainda se lembra disso!

— Um livro que vendeu exatamente 622 exemplares, Ann. A única coisa boa que fiz, antes de tornar-me um gênio indolente! Ann... — A voz de Tod tornou-se subitamente tensa, quando ele acrescentou, depois de uma breve pausa: — ... segure-se firme, pois tornarei a procurar Curtis. E, desta vez, será para valer.

Voltou a haver silêncio. Emily podia sentir o cheiro das magnólias. Começou a ser invadida por um sentimento de culpa. Foi afastando-se da porta, repassando mentalmente tudo o que sabia a respeito dos novos inquilinos do 5B. Foi então que Ann voltou a falar:

— Tod, não se casou comigo só por causa disso, não é?

— Como?

— Porque eu não vou ser usada, Tod. Amo-o demais para ser apenas a mulher de que você precisa, até voltar outra vez para o alto.

— Não diga bobagem, Ann.

Junto à porta de entrada do 4B, Emily ouviu e assentiu, com a expressão de quem nunca errava. Os instintos dela jamais estavam errados. Tod Haynes não era o tipo de homem que pudesse ser um bom marido.

A comprovação dos presságios de Emily não demorou a surgir. Todas as manhãs, Ann Haynes saía para o escritório, enquanto o marido ficava em casa. Era uma situação que Emily achava deplorável.

— Se ele deu um jeito para que a esposa trabalhe em seu lugar, acho que é uma grande idéia — comentou Sam.

Mas Sam não compreenderia. Era muito arriscado deixar sozinho um homem como Tod Haynes. Ele era atraente demais, como todas as mulheres do Roxbury Haven não demoraram a constatar. Até mesmo a Sra. Abrams se interessou por ele, nos seus sessenta e tantos anos, afirmando que Tod Haynes lhe lembrava o neto Robert, que estava servindo na Alemanha.

— Na OTAN — disse ela a Tod. — Muito perto do General Norstadt.

E Tod era tão simpático que a Sra. Abrams errou um ponto no suéter que estava tricotando para o neto Robert. O Sr. Abrams levantou os olhos do Wall Street Journal durante um incrível total de 30 segundos, mais tempo do que alguém já o vira fazer antes, ao longo dos últimos meses.

Havia também a Srta. Fanny Brady, que vinha fazendo pontas em filmes desde os tempos das câmaras de manivela e simplesmente se recusava a aposentar-se. Fanny tinha uma fraqueza por roupas de baixo vermelhas e seus cabelos constantemente mudavam de cor, indo do laranja ao prateado. Mal ela ouviu o barulho da máquina de escrever de Tod e imediatamente tentou interessá-lo em escrever a história da vida dela.

— Posso garantir que não será uma história cansativa. Tenho cada coisa para contar...

— Um livro só sobre o seu passado? — caçoou Tod.

— Pois eu tenho a impressão de que seu futuro será ainda mais interessante.

A partir desse dia, a Srta. Fanny Brady ficava radiante cada vez que Tod atravessava o jardim ou aparecia na varanda de seu apartamento, num intervalo para um café e um cigarro.

Emily não perdia um só desses acontecimentos. Muito antes de o apartamento 4B ser novamente alugado, ela já antipatizava com Tod Haynes. Mas nunca se deu ao luxo — ou ao sofrimento — de procurar compreender o motivo de sua antipatia. Nunca pensou, enquanto partilhava suas refeições insípidas com Sam, que, no fundo, talvez seus ressentimentos fossem contra Ann Haynes. Uma coisa, no entanto, Emily logo compreendeu, através dessa arte antiga a que dão o nome de intuição feminina: foi que haveria encrencas no Roxbury Haven, a partir do momento em que Patti Parr alugou o apartamento 4B.

Geralmente era Emily quem mostrava os apartamentos vagos. Sam limitava suas atividades aos serviços de manutenção, pela manhã, antes de sair para seu outro emprego, de meio expediente. Mas na manhã em que Patti Parr apareceu no Roxbury Haven, os saltos altos batendo em cadência pelo caminho, indo tocar a campainha da porta onde se via a placa “Administrador”, foi Sam quem a levou para ver o apartamento. Antes de fazê-lo, porém, ele ajeitou devidamente os suspensórios e vestiu o suéter italiano (igual a um de Tod Haynes) que Emily lhe dera, sob protestos. Eles estavam há tempo demais lá em cima e Emily resolveu subir para ver o que estava acontecendo, sob o pretexto de verificar se o apartamento estava limpo. Encontrou os três no corredor, conversando alegremente. A porta do apartamento de Tod Haynes estava aberta e ele falava com Patti Parr como se fossem velhos amigos.

— Achei o apartamento maravilhoso — disse Patti, quando Emily se aproximou. — Mas eu queria saber como ficaria o apartamento, depois de mobiliado. O Sr. Haynes estava na varanda e ouviu meu comentário, prontificando-se gentilmente a mostrar-me.

— É uma obrigação ser bom vizinho — disse Tod. — E então, Sra. Proctor, não acha que mereço uma comissão por ter ajudado a alugar o apartamento? — Soltou uma risada e acrescentou: — Eu estava brincando, é claro. Ter uma nova vizinha já é comissão mais do que suficiente...

Quando Patti Parr se mudou, Tod Haynes mostrou-se extremamen-

te prestativo ao ajudá-la a pôr as cortinas no lugar. Emily duvidava muito de que Patti fosse do tipo literato, mas o fato é que Tod a ajudou também a arrumar os livros. Alguns dias depois, quando chegou uma encomenda para Patti, por um entregador especial, Emily levou-a ao apartamento 4B, encontrando Tod numa situação muito estranha. Ele estava escarrapachado no diva, com um drinque em uma das mãos e um punhado de folhas datilografadas na outra. Ele levantou os olhos quando Emily apareceu na porta. A expressão de desaprovação dela deve ter sido patente, pois Tod franziu o rosto, para logo depois sorrir maliciosamente.

— Patti, o que acha de eu ler para a Sra. Proctor aquele capítulo que me estava preocupando? Afinal, estou querendo ver uma reação feminina ao que escrevi e a Sra. Proctor bem que pode servir.

Patti sacudiu a cabeça rapidamente. O gesto deveria passar despercebido a Emily, mas tal não aconteceu. Era uma espécie de sinal entre eles. Emily nada entendeu. Mas não ficou surpresa quando, alguns dias depois, ouviu Tod e Ann discutindo acerbamente na garagem.

— Eu lhe avisei, Tod. Não vou deixar que me use!

— Está fazendo uma tempestade em copo-d'água, Ann. Apenas tomei alguns drinques...

— Acho que você ainda se lembra do que a bebida já lhe fez no passado.

A discrição impediu que Emily continuasse a ouvir a discussão. Mas ela estava preparada para o que aconteceu em seguida. Tudo começou quando Tod conseguiu vender o livro que escrevera. Ele voltou para casa dirigindo um conversível preto; de segunda mão, é verdade, mas grande e espetacular. O carro roncou imponentemente pelo caminho e entrou na garagem. Momentos depois, Tod atravessou o jardim. Era novembro e a qualquer momento as chuvas começariam a cair. O céu estava carregado, cor de chumbo. Emily começou a recolher seus equipamentos de jardinagem.

— Deixe-me ajudá-la — disse Tod, pegando o saco de fertilizante. — Diga-me uma coisa, Sra. Proctor: põe guarda-chuvas sobre as suas queridas plantas, quando chove, ou deixa que elas enfrentem desarmadas o mundo cruel?

Emily ficou um pouco espantada, mas logo percebeu que Tod andara bebendo novamente. Acompanhando-a até a porta do apartamento dela, Tod acrescentou:

— Não se preocupe comigo. Vou para o meu apartamento agora e telefonarei para minha esposa. Depois, vou levá-la para jantar fora, dançar um pouco. Talvez até peguemos um foguete direto para a Lua.

Ele subiu a escada a cambalear, deixando Emily um tanto confusa.

Mas Tod Haynes não saiu com a esposa naquela noite. Já estava quase escurecendo quando Patti Parr desceu e tirou seu pequeno carro estrangeiro da garagem. No meio do caminho para a rua, no entanto, o motor morreu. Emily ouviu Patti tentando ligá-lo novamente, por algum tempo. Depois, Tod desceu e tentou ajudá-la a ligar o motor. Mas de nada adiantou. A esta altura, já começara a chover. Com os dois rindo bastante, Tod empurrou o pequeno carro de volta à garagem e saiu logo depois com o seu conversível preto. Emily viu Patti entrar no carro de Tod e os dois se afastarem.

Ann Haynes chegou a casa, de volta do trabalho, no horário habitual. Como era uma mulher precavida, que costumava ler a previsão do tempo antes de sair para o trabalho, ela estava usando a capa de chuva, com capuz. Emily observou-a subir a escada e depois ficou olhando para a varanda do apartamento dos Haynes. Viu Ann aparecer na varanda por diversas vezes. Chovia cada vez mais intensamente. À medida que as horas passavam, Emily se via torturada pela indecisão. Deveria contar à Sra. Haynes que o marido dela saíra de carro, depois de andar bebendo? Numa noite de chuva, ele corria ainda mais perigo de sofrer um acidente. Com Sam fora de casa, trabalhando, Emily não tinha ninguém para aconselhá-la. Emily estava sentada junto ao telefone, pensando, quando o aparelho começou a tocar. Ela atendeu. Era Ann Haynes, perguntando um tanto timidamente:

— Sra. Proctor, será que viu meu marido sair de casa, esta tarde?

— Vi, sim. Mas não deve preocupar-se. Ele saiu no carro dele.

— No carro dele?

— O carro em que ele voltou para casa. Parecia estar muito feliz. Pouco depois, a Srta. Parr, do apartamento ao lado do seu, saiu de casa, mas o carro dela enguiçou. Seu marido desceu e levou-a...

— Obrigado! — disse Ann Haynes, abruptamente.

O estalido do telefone, sendo desligado com violência, ficou ecoando no ouvido de Emily. Ao recolocar o fone no gancho, ela tinha a sensação vaga e apreensiva de que talvez tivesse falado demais. Mas experimentava também uma sensação de estranho prazer.

Na manhã seguinte, a Sra. Haynes não foi trabalhar. No meio da manhã, logo depois que parou de chover, Patti Parr voltou para o Roxbury Haven, de táxi. O conversível preto de Tod Haynes só apareceu duas horas depois. Dez minutos depois, a batalha começou. Todos os que estavam no jantar puderam ouvir a discussão, até Tod se lembrar de que as portas de vidro que davam para a varanda estavam abertas e fechá-las estrepitosamente.

Emily estava trocando uma lâmpada no corredor do andar térreo quando Ann Haynes saiu do apartamento 5B, com uma valise na mão, começando a descer a escada. Tod foi atrás dela.

— Mas isso é um absurdo, Ann! Fui apenas comemorar a venda do livro! Pretendia pegá-la no escritório, mas encontrei no caminho um velho amigo...

— Não é tão velho assim, pelo que ouvi dizer! — gritou Ann, virando a cabeça ligeiramente para trás.

— O que lhe contaram? Quem lhe contou? É tudo mentira! — Tod desceu rapidamente a escada. — Não vou deixá-la ir embora, Ann! Não quero que me abandone.

Mas Ann foi embora, figurativamente batendo com a porta na cara de Tod. Ele praguejou baixinho, virou-se e viu Emily no alto da escada. Fitou-a de maneira estranha, por alguns segundos, depois tornou a subir a escada, para o seu apartamento.

O olhar que Tod lançou a Emily na manhã em que Ann foi embora não passava de um sorriso, comparado com a expressão furiosa e sombria de quando ele retornou da primeira audiência do processo de divórcio. Foi um olhar que Emily absorveu e manteve dentro de si, ao mesmo tempo que segurava a correspondência dos inquilinos. Ninguém jamais a deixara tão assustada. E ninguém jamais tentara atropelá-la. Ela queria desesperadamente falar a respeito com alguém. Mas Sam ainda estava dormindo. E quando os freqüentadores habituais do jardim apareceram, com o Sr. Abrams mergulhando na leitura de seu jornal, a Sra. Abrams deliciando-se com a releitura de uma carta de Robert, e Fanny Brady absorvida pela revista nova, a normalidade parecia ter voltado a Roxbury Haven, levando Emily a pensar que os dois incidentes não tinham maior importância. Ela voltou a trabalhar em suas rosas. Pouco depois, no entanto, sentiu que alguém a fitava com atenção. Virou-se lentamente. Tod Haynes estava parado na varanda do 5B. Não tomava uma xícara de café

nem fumava um cigarro. Apenas fitava-a, fixamente, com uma expressão malévola. E mesmo quando Emily olhou para ele, Tod continuou a fitá-la. Se Emily fosse de acreditar em tais coisas, teria dito que Tod estava lançando-lhe um mau-olhado.

Depois de algum tempo, Tod entrou no apartamento. Emily ficou aliviada, até a sensação voltar, a sensação de estar sendo vigiada. Levantou os olhos para a varanda do 5B. Não havia ninguém lá.

— Emily.. .

Ela se virou bruscamente. Tod Haynes estava parado a dois passos dela. Emily quase soltou um grito.

— Eu a assustei, minha cara? — disse ele, com jovialidade. — Sinto muito.

Emily ficou temporariamente paralisada. Apesar de sua familiaridade com as outras mulheres, Tod nunca se dirigia a ela pelo primeiro nome. Como se não fosse o bastante, ele segurou o braço dela e puxou-a para mais perto de si.

— Acabei de descer, Emily. Poderia pedir a Sam para ajudar-me a pegar meu baú na garagem? ,

— Seu baú? Está indo embora?

Tod Haynes sorriu, de uma maneira estranha e assustadora.

— Nunca se sabe, não é mesmo, Emily?

Sam pegou a marmita do almoço e encaminhou-se para a porta. Emily pensou que ele ia sair sem fazer qualquer comentário. Mas Sam parou na porta e olhou para trás, dizendo:

— Haynes tentou realmente atropelá-la?

— Tentou, sim. Foi esta manhã, no caminho para a garagem. E não estou inventando. O carteiro viu tudo. E se tivesse visto a maneira como ele me olhou, Sam, quando eu estava separando a correspondência lá embaixo...

— Andou lendo novamente os cartões-postais dos inquilinos?

— Eu não estava lendo coisa nenhuma! E depois, momentos atrás, lá no jardim... — Emily respirou fundo, para logo depois acrescentar, em voz mais baixa: — Ele se mostrou tão familiar...

— Com você? — perguntou Sam.

Emily não estava gostando do tom de voz do marido. Era evidente que ele não estava impressionado. Ela podia às vezes examinar a corres-

pondência dos inquilinos, mas só para ver de onde as cartas tinham sido despachadas. Algumas pessoas tinham amigos interessantes, em lugares interessantes, não apenas um marido que não se importava quando a esposa era ameaçada e insultada.

— É muito esquisita a maneira como ele olha para mim, Sam. Acho que o divórcio afetou-lhe a mente.

— Ele me pareceu estar muito bem quando levamos o baú lá para cima. E não vejo por que um divórcio deveria deixar um homem perturbado.

— Sam Proctor!

Mas Sam não se sensibilizou. Ao partir, ele disse:

— Vou dar-lhe um pequeno conselho, Emily: pare com sua mania de ficar parada na entrada dos carros.

Sam foi trabalhar e não deveria voltar antes de meia-noite. Emily ficou em casa, com suas dúvidas e apreensões, tentando racionalizá-las e, assim, dissipá-las. A Sra. Haynes partira às pressas, levando apenas uma valise. Provavelmente deixara todas as suas coisas, para vir buscá-las depois. Ela ouviu o barulho do baú sendo arrastado pelo chão, lá em cima.

Pouco depois, aconteceu outra coisa muito estranha. Emily ouviu Tod Haynes descer. Ele saiu para o jardim e começou a conversar com o velho Sr. Abrams, que estava sentado lá fora, sozinho, tomando sol. Ninguém jamais conversava com o Sr. Abrams. A curiosidade de Emily levou-a a sair também.

— ...foram 37 anos — estava dizendo o velho, excitado. — Passei todo esse tempo trabalhando em ferragens. Posso dizer-lhe qualquer coisa que deseje saber em matéria de ferragens.

— Onde posso comprar uma boa serra? — perguntou Tod.

— Há uma imensa variedade de serras. Qual é o tipo que está querendo?

Tod hesitou. Virou-se, lentamente, deparando com Emily, a poucos passos dali. Ele a fitou, fixamente, até que Emily começou a experimentar a mesma sensação que tivera, quando ele o olhava da varanda.

— Para que está querendo a serra? — insistiu o Sr. Abrams.

Sem tirar os olhos de Emily, Tod disse:

— Quando uma coisa está grande demais, é preciso cortá-la.

Depois, ele se afastou, sem dizer mais nada a ninguém. Ao voltar para o Roxbury Haven, trazia consigo uma serra nova e um rolo de corda.

Emily não tornou a vê-lo, até depois de escurecer. Durante esse tempo, ela ficou escutando. Ficou esperando pelo ruído da serra em ação, mas nada ouviu. Ficou esperando pelo ruído do baú sendo arrastado, mas nada ouviu. Tudo o que ouviu, foi o som dos passos dele. Passos lentos, pensativos. Quando ela ficava quieta, em silêncio, todos os barulhos no prédio pareciam ser ampliados. Emily ouviu Patti Parr descer e sair, para se encontrar com alguém. Ouviu os Smith voltarem para casa. Ouviu Harry Stokes voltar e sair logo em seguida. E, lá em cima, os passos continuavam. Pararam por um momento e Emily ouviu o chuveiro sendo aberto, apenas por alguns segundos. Depois, houve o barulho de um copo ao quebrar-se, na cozinha. Minutos mais tarde, ela ouviu os passos descendo a escada e parando diante de sua porta. Emily não sabia que estava tão tensa até o momento em que a campainha tocou.

Ela abriu a porta e deparou com Tod Haynes.

— Emily... — Ele fez uma pausa, sorrindo estranhamente. — Eu sabia que você estaria esperando junto à porta...

Era visível que ele andara bebendo. Os cabelos estavam despen-teados, a gravata torta. Quando ele deu um passo para a frente, Emily encolheu-se.

— Não precisa ficar com medo de mim, Emily. Não vou entrar. — Ele carregava uma trouxa, que deslocou de um braço para o outro. — É a minha roupa suja, Emily. Estou sempre esquecendo de levá-la para a tinturaria, agora que sou novamente solteiro... Emily, sei que você nunca deixa de reparar nessas coisas, por isso achei melhor avisá-la. Esta noite, uma mulher virá ao meu apartamento.

Emily abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ele não a deixou falar.

— Não, não diga nada por enquanto. Só lhe estou contando porque posso estar fora quando ela chegar e não quero que você se fique preocupando. Acho que se preocupa, demais com todos nós.

Ao conseguir, por fim recuperar a voz, Emily disse, em tom inespereadamente estridente:

— Andou bebendo novamente, Sr. Haynes.

— Eu sei. É uma coisa terrível, não acha? Tenho todos os tipos de péssimos hábitos... como o de dar carona a uma moça bonita, quando o carro dela não quer pegar.

— E só voltar para casa no dia seguinte!

Tod sorriu.

— Eu sabia que você tinha reparado em tudo! Perguntei a mim mesmo: quem mais poderia saber, além da querida Emily?

Ele estava sorrindo, é verdade, mas não era um sorriso de felicidade. Por trás do sorriso, nos olhos dele, havia aquela mesma expressão que tanto assustara Emily, durante o dia inteiro.

— Sr. Haynes, não pode culpar-me pelos seus erros.

— Tem toda razão. Não posso mesmo... Mas quando a mulher que estou esperando chegar... e se eu ainda não tiver voltado... deixe-a subir sem incomodá-la... por favor. Ela tem uma chave do apartamento. Está vindo apenas buscar o baú dela.

— Está querendo dizer que será sua esposa?

Tod sacudiu a cabeça, tristemente.

— Emily, querida, não tenho mais esposa...

Ele se afastou. E só depois que havia desaparecido é que Emily começou a pensar como Ann Haynes sozinha conseguiria levar o baú pesado.

Já eram passadas quase duas horas quando Emily ouviu o barulho de passos lá fora. Correu até a janela e espiou, vendo a Sra. Haynes entrar no prédio. Usava sua capa de chuva, com o capuz. Os passos subiram a escada. A Sra. Haynes abriu a porta do apartamento 5B e entrou. Percorreu lentamente o apartamento. Emily ficou esperando pelo barulho do baú sendo arrastado, mas nada ouviu. Momentos depois, os passos saíram para a varanda do apartamento. Silenciosamente, Emily abriu a sua porta. Sentiu o cheiro de um cigarro. E, logo depois, um ruído... um murmúrio súbito de surpresa.

— Pensei que você fosse mais esperta — disse Tod, baixinho. — Acha mesmo que eu ia deixá-la ir embora assim?

Não houve tempo para uma resposta. Enquanto Emily ouvia lá embaixo, paralisada, pensando que Tod deveria ter voltado sem que ela percebesse, houve um baque surdo, o barulho de algo sendo arrastado, as portas da varanda sendo fechadas rapidamente. Ao mesmo tempo, uma pequena fagulha vermelha desceu lá de cima, vindo cair aos pés de Emily. Ela a pegou. Era um cigarro, ainda aceso, com manchas de batom, vermelhas.

Emily entrou apressadamente e trancou a porta. Mal se atrevia a respirar. Ela recordou todos os acontecimentos do dia: a raiva no rosto

de Tod, quando ele voltara do tribunal; o incidente no caminho para a garagem; as estranhas mudanças de atitude dele; o baú, a corda, a serra... Nesse ponto, a mente dela hesitou. Foi então que tornou a ouvir ruídos lá em cima, algo sendo arrastado, talvez uma cadeira, um baque surdo, finalmente um estrondo, que fez o teto estremecer.

Ela esperou. Não havia mais nada. Não, não! Os passos recomeçaram. Ao pararem, ela ouviu o baú sendo arrastado pelo chão. Depois, mais passos. O chuveiro foi aberto, a água correndo ao máximo. E ficou correndo por muito tempo. Para que servia o chuveiro? Para lavar... o quê? Sozinha em seu mundo de sons, Emily entrou em pânico. Correu para o telefone. A polícia? Seria difícil de explicar. Ela hesitou. Sam! Isso mesmo, telefonaria para o trabalho de Sam e tentaria fazê-lo compreender o que estava acontecendo. Com o fone na mão, ela ficou subitamente imóvel. O chuveiro continuava aberto, mas havia agora um novo som, mais próximo. A porta do apartamento acima foi fechada estrepitosamente, passos desceram a escada. Pararam diante da porta dela. Houve silêncio por alguns segundos, antes de os passos se afastarem, lentos. Emily largou o fone em cima do gancho e correu até a janela. Tod Haynes estava atravessando o jardim, os ombros curvados, a cabeça abaixada. Debaixo de um dos braços, carregava algo, embrulhado num jornal. Poderia ser uma serra.

Emily ficou aterrorizada. Mas tinha de saber. Esperou até que ele desaparecesse, depois foi pegar a chave-mestra. Subiu silenciosamente para o segundo andar e abriu a porta do 5B. Lá dentro, estava tudo escuro, exceto no banheiro onde havia uma luz acesa. Emily ficou parada, esperando, até que seus olhos se acostumassem à escuridão. O baú estava ao lado da porta, envolto pela corda, muito apertada. Da ponta da corda pendia uma etiqueta de entrega, endereçada à Sra. Haynes, conforme Emily pôde constatar, à luz fraca que vinha do banheiro. Ela avançou, contornando o baú, a uma boa distância. O banheiro era como um ímã. Encaminhando-se para o banheiro, ela sentiu o pé bater em alguma coisa. Ela abaixou-se e pegou. Era um copo, ainda cheirando a uísque.

Emily entrou no banheiro. O chuveiro continuava aberto e o vapor saía por cima do boxe, de tal forma que era difícil ver alguma coisa. Emily tinha de saber o que havia por trás da porta de vidro fosco do boxe. Por um momento, porém, ela ficou paralisada. Em nenhum momento, durante sua caminhada até o chuveiro, ela vira qualquer indício da Sra. Haynes.

Mas Emily não estava sozinha no apartamento. Descobriu-o no instante em que a porta do banheiro foi violentamente fechada, às suas costas. Ela gritou e virou-se bruscamente. A maçaneta da porta ainda estava girando. Emily agarrou a maçaneta com as duas mãos e puxou-a com toda força, contra quem quer que estivesse lá fora, tentando abrir a porta. Os dedos dela encontraram o trinco...

O grito de Emily foi estridente e prolongou-se por algum tempo. Pelo menos o tempo suficiente para que todos os moradores do Roxbury Haven se agrupassem diante do apartamento 5B, onde ficaram, impotentes diante da porta trancada, até que Tod Haynes subiu a escada correndo, de dois em dois degraus. Enquanto ele abria a porta rapidamente, os dois guardas que Fanny Brady precavidamente chamara, de um carro de patrulha que passava pela rua, abriram caminho através do grupo. Foram diretos para o banheiro, a fonte dos gritos, agora mais fracos. Bateram na porta, com uma autoridade que não poderia deixar de ter resposta. Toda molhada e balbuciando histericamente, Emily emergiu do interior do banheiro, cheio de vapor.

— Mas é a Sra. Proctor! — exclamou Tod. — Mas o que estava fazendo no meu banheiro?

Ela o fitou, horrorizada, balbuciando:

— Assassino!

Ao redor de Emily havia diversos rostos. Eram os seus inquilinos, incrédulos e atônitos. Ninguém parecia estar compreendendo.

— Assassino! — repetiu ela. — Ele a cortou no boxe, com uma serra. E meteu os pedaços do corpo dela num baú!

Tod Haynes nada disse. Um dos guardas entrou no banheiro e fechou o chuveiro. Não havia qualquer mancha de sangue ou fragmentos de ossos no boxe. A serra estava na pia da cozinha.

— Comprei a serra para cortar um galho de magnólia que se estende para a varanda — explicou Tod. — Há um ano que aquele galho me incomoda.

As coisas começaram a acontecer como se fosse um sonho. Um dos guardas foi até a varanda e voltou logo em seguida, esfregando a testa, no lugar em que esbarrara no galho da magnólia. Com isso, restava apenas o baú, que foi imediatamente aberto. Dentro dele só estavam as roupas da Sra. Haynes, inclusive a capa de chuva com capuz. Enquanto a verdade ia penetrando lentamente na mente confusa de Emily, Tod acendeu com

calma um cigarro, olhando distraidamente para a ponta e depois removendo o último vestígio de batom que tinha no canto da boca.

— Foi você! — gritou Emily. — Foi você que voltou! Você era a Sra. Haynes!

Todos ficaram olhando para Emily, atônitos.

— Acho que já compreendemos tudo — disse um dos guardas. — Vamos indo, madame. Conheço um excelente médico que terá o maior prazer em recebê-la.

Emily sentia-se impotente. Enquanto era levada por entre o grupo de seus espantados inquilinos, compreendeu que Tod tramara todo o esquema, para desacreditá-la. Ela tinha certeza de que ninguém mais iria agora acreditar em suas palavras.

Na porta, eles foram detidos por um homem de capa, que estava quase tão confuso quanto Emily.

— Fiquei tocando a campainha lá embaixo, mas ninguém atendeu. Tenho uma intimação para... — O homem fez uma pausa, para ler no papel que tinha nas mãos. — ...para a Sra. Emily Proctor, para depor como testemunha no processo Haynes versus Haynes.

Emily olhou rapidamente para Tod, a tempo de ver o que ninguém mais viu ou poderia compreender: um sorriso de profunda satisfação.

SOU MELHOR DO QUE VOCÊ

Henry Slesar

Nicki não se encontrava em casa quando houve o telefonema. Sua colega de apartamento estava excitada demais para apresentar um relatório coerente. Ela não tinha muita certeza do lugar em que o Sr. Wolfe vira Nicki atuar: se na peça da temporada de verão, na aparição de dois minutos em Gypsy ou no comercial de televisão para um aspirador. Mas que diferença isso podia fazer? Nicki deveria apresentar-se no Broadhurst Theatre, às 4 em ponto, se quisesse ter uma audiência. Nicki ficou tão excitada que saiu da pensão sem nem mesmo passar um pente pelos cabelos louros emaranhados. Percorreu a pé os 13 quarteirões até o teatro, não querendo permitir-se a indulgência de um táxi. Poderia conseguir um lugar na peça, é certo, mas o elenco vinha sendo escolhido há mais de um mês e agora só deveriam restar os papéis secundários.

Havia apenas cinco pessoas no palco quando Nicki chegou. Quatro mal a olharam quando ela avançou, hesitante, até a frente do palco. O quinto, um homem de aparência ainda jovem, o rosto ossudo, vestindo um pulôver, aproximou-se dela, sorrindo. Nicki sabia que era Wolfe, o diretor, importado de um teatro dos subúrbios, em sua estréia na Broadway, com uma nova comédia.

— Eu a conheço — disse ele. — Você é Nicki Porter. Obrigado por ter vindo.

— Eu é que lhe agradeço — disse Nicki tímida, usando sua voz rouca e sonora.

Nicki não era extraordinariamente bonita nem mesmo provocantemente comum. A sua melhor característica era a voz.

— Vou dizer-lhe do que se trata, Nicki. Há uma jovem viúva nesta

peça, bastante jovem, mas não exatamente do tipo inconsolável. O papel é pequeno, mas é justamente daquele tipo que atrai a atenção.

Ele olhou para o lado e gritou para um homem corpulento, que estava conversando com uma mulher bonita, de calça comprida azul.

— Ei, Jerry, quer arrumar-me um script?

Nicki folheou o script rapidamente. O diretor disse:

— Leia a fala de Mary Lou, na página 12. Ela é sulista, mas não queremos um tipo com sotaque sulista carregado. — Começou a afastar-se, parando alguns passos depois, para dizer: — Escute, Nicki, quero deixar tudo bem claro. Paramos de recrutar o elenco para a peça na sexta-feira passada. O único papel sobre que eu ainda estava em dúvida era o de Mary Lou. Já tinha escolhido uma atriz para ele. Mas depois me lembrei de você, por causa de uma peça que representou em Watkin Glen...

— Atuei em *Voice of the Turtle*.

— Foi isso mesmo. Seja como for, achei que você seria a pessoa indicada para o papel de Mary Lou. Mas não fique muito esperançosa, pois talvez não dê certo.

Ele deu de ombros, como que a partilhar com Nicki sua compreensão sobre as incertezas do teatro.

A fala da página 12 era de bastante conteúdo. Nicki sentiu que estava lendo muito bem. Quando ela acabou, a mulher de calça azul bateu palmas de leve, aprovadoramente.

— Foi muito bom, Nicki — disse Wolfe, com um suspiro. — Não vamos deixá-la esperando pela decisão por muito tempo, pois os ensaios começarão na próxima semana. — Sorriu subitamente e acrescentou: — Mas onde será que deixei minhas boas maneiras? Quero que você conheça a turma.

Ele levou Nicki até o grupo e apresentou-a, enunciando os nomes de personalidades famosas da Broadway, como se estivesse apresentando simples convidados, na sala de visitas de alguém. Nicki apertou a mão de cada um, lutando contra o rubor que sabia se estar espalhando até as pontas de suas orelhas. Ela era sempre assim, tímida e calada, na presença de pessoas descontraídas, que já conheciam as recompensas do sucesso teatral. Eram as pessoas que já estavam ancoradas, solidamente fixadas no que lhe parecia ser um oceano caprichoso e traiçoeiro. Ao sair do teatro, Nicki sentia-se como um pequeno bote à deriva no oceano.

Mas as analogias marítimas que lhe ocupavam a mente desapare-

ceram no instante em que a porta dos bastidores se fechou. Nicki viu-se de novo na sólida realidade da calçada, compreendendo, com um sobressalto, que haviam realmente gostado de sua leitura e que o papel lhe pertenceria. Virou-se e olhou mais uma vez para os cartazes do teatro. Foi quando viu a moça morena sair do saguão e parar para olhá-la. Nicki sentiu um impulso súbito de correr até aquela desconhecida e contar-lhe toda a história de sua felicidade inesperada. Em vez disso, porém, ela se virou e seguiu para o café que havia na esquina.

Já ia tomar a segunda xícara de café quando avistou a moça morena sentada três mesas depois, olhando-a como se esperasse por um convite. Nicki sorriu, apenas um sorriso breve, que poderia ser interpretado como resultante de alguma satisfação interior ou como um convite. A moça morena certamente optou pela segunda interpretação, pois pegou sua bolsa e levantou-se, aproximando-se de Nicki.

— Posso sentar-me?

A voz dela parecia ansiosa. Os dentes muito brancos mordiam o lábio inferior. Ela era bonita, pensou Nicki, ao estilo de Julie Harris. Mas os olhos estavam inchados, um pouco esbugalhados.

— Claro — disse Nicki, afastando suas coisas para um lado da mesinha. — Acho que a vi lá no teatro...

— Eu estava realmente lá — disse a moça, sentando-se.

— Mas, por favor, não conte nada para o Sr. Wolfe. Sou Jill Yarborough. Talvez o Sr. Wolfe lhe tenha falado a meu respeito.

— Não, não falou.

— Mas nem isso?

Ela forçou uma risada, que impressionou Nicki como sendo extremamente teatral.

— Você é atriz?

— Foi isso o que eu disse a eles. Eu estava sentada no fundo do teatro, durante a sua leitura. Esteve ótima. Não pude ouvi-la muito bem, pois não estava projetando a voz. Mas achei que se saiu muito bem.

— Obrigada.

Nicki remexeu-se na cadeira, inquieta, subitamente assustada com a intensidade do olhar da moça.

— Estou surpresa de que o Sr. Wolfe nada tenha dito a meu respeito, pois ele praticamente me prometeu o papel de Mary Lou, na sexta-feira passada. Ouvindo-me, não dá para se perceber, mas o fato é que sou

do Sul. Mas estou no Norte há tanto tempo que mal se pode perceber o sotaque. Você tinha percebido alguma coisa?

— Não.

— Esforcei-me como uma louca para perder o sotaque e agora me acontece isso! Não acha que é de desesperar?

— Levou a mão enluvada aos lábios, como que para reprimir uma risadinha. Mas não havia nenhuma. — Há quase um ano que não consigo um trabalho de verdade. Um trabalho como atriz, que é o que me interessa. Quando Wolfe disse que eu era justamente o que ele estava procurando, fiquei na maior alegria, com vontade de gritar. Mas ele me telefonou na manhã de sábado e disse que ainda não tinha certeza se eu era a pessoa certa para o papel. Foi uma terrível manhã de sábado...

— Sinto muito, Srta...

— Yarborough. Mas chame-me de Jill. Seu nome é Nicki?

— É, sim.

— Mas eu não meti a cabeça no forno e liguei o gás nem fiz nada parecido — disse Jill Yarborough, os olhos fixados na testa de Nicki. — Mas perdi toda a alegria. Resolvi dar um pulo até ao teatro hoje, para ver o que estava acontecendo. E vi.

Nicki sentiu vontade de tocar na mão da moça, fazer alguma coisa para atenuar a dor que havia na voz dela. Mas conseguiu apenas responder, aos sussurros:

— Sinto muito. Também já passei por isso. Há oito meses que estou lutando por uma oportunidade. Mas não creio que já haja alguma coisa decidida...

Jill Yarborough soltou uma risada.

— Ora, Nicki, deixe disso! Você sabe muito bem que ele gostou de você. Não há a menor dúvida. — A risada se transformou num sorriso e ela acrescentou: — Acontece que eu sou melhor do que você. Melhor para o papel, sob todos os aspectos.

Nicki, embaraçada, olhou para a xícara vazia. A moça morena ficou calada por algum tempo. Mas os olhos inchados não se despregaram do rosto de Nicki, que podia ouvir a respiração dela, apesar de toda a barulheira do restaurante. Depois, em voz tão baixa que Nicki precisou esforçar-se para ouvir, a moça disse:

— Não aceite o lugar, Nicki. Diga a ele que você não pode aceitar o papel.

— Como?

— Não aceite o papel. Ligue para o Sr. Wolfe e diga que não quer o papel, que tem outro compromisso e haveria um conflito de tempo.

Nicki ficou chocada ao ouvir as palavras absurdas, a proposta inacreditável.

— Você não pode estar falando sério!

— Claro que estou. Sou melhor do que você, Nicki. Esforcei-me muito mais. Você não merece o papel tanto quanto eu.

— Mas eu também preciso do trabalho. Você não pode...

— Não precisa tanto quanto eu. Não precisa da maneira como eu. Não pode precisar.

A moça fechou os olhos, num gesto compassivo, como uma cortina que se baixasse sobre uma janela de luz ofuscante.

— Se aceitar o trabalho, Nicki, eu vou matá-la. Por isso, Nicki, quero que me ajude. Pois irei fazer exatamente isso.

Nicki ficou espantada, empurrando a cadeira para trás.

— Vou matá-la, Nicki — repetiu. — Depois, me matarei. Há muito tempo que venho pensando em me matar. Mas dei a mim mesma uma última oportunidade. Que foi esta.

Ela abriu a bolsa. Mostrou um pequeno vidro, escuro, meio escondido por seus dedos trêmulos. Na parte inferior do rótulo, Nicki viu claramente uma caveira, com dois ossos cruzados por baixo.

— Não me pode ameaçar! — sussurrou Nicki. — Não vou deixar que me assuste e me tire...

— Não estou tentando assustá-la, Nicki. Estou apenas lhe dizendo o que vou fazer. Se disser sim a Wolfe, nós duas morreremos. Se quiser, pode contar tudo o que eu lhe falei para a polícia. Verá o que vai acontecer. Eu simplesmente rirei e direi que você está doida.

Ela se levantou rapidamente e virou a cabeça, como para evitar que Nicki visse as lágrimas em seus olhos. Pegou a bolsa e uma das luvas, que arrancara em seu nervosismo. Depois, deixando meio dólar em cima da mesa, partiu rapidamente na direção da porta giratória.

Nicki nem pensou na decisão a tomar. O assunto foi relegado para segundo plano em sua mente, quando ela voltou para a pensão e durante a excitada conversa com Theresa, a moça com quem partilhava o quarto e as aspirações. Ela nem mesmo falou a Theresa sobre Jill Yarborough. Não ia renunciar à sua primeira oportunidade verdadeira, em quase um ano,

por causa de um simples blefe.

O telefone tocou às 8:30 da manhã seguinte. Nicki atendeu.

— Nicki? Aqui é Carl Wolfe... — Ela fechou os olhos e rezou. — Se você gostou de nós, Nicki, ótimo, porque nós gostamos de você. A primeira reunião do elenco será na terça-feira, às 10 horas da manhã. Você poderá estar presente?

— Mas claro!

Nicki desligou, contornou a cama numa atitude indiferente, pegou um travesseiro e bateu com ele em sua colega de apartamento, que ainda estava dormindo.

— Acorde, sua tola! — gritou ela, extasiada. — Eu consegui o papel!

Ela se esqueceu completamente de Jill Yarborough. O trabalho de decorar o seu papel, de três páginas, fê-la esquecer completamente. Carl Wolfe, sempre delicado, mas exigente, fê-la esquecer. Um bloqueio no primeiro ensaio, seguido por uma representação triunfante, a que Wolfe, de má vontade, classificou de “quase perfeita”, contribuiu também para fazê-la esquecer os olhos ardentes e esbugalhados, o pequeno vidro escuro, a angústia e a ameaça de Jill Yarborough.

Na noite de quarta-feira, Nicki chegou a casa, de volta do teatro, às 7:30, exausta mas ainda exultante. Theresa chamara-a para sair naquela noite, pois seu namorado, Freddy, tinha um amigo que adoraria conhecer uma atriz de verdade. Mas Nicki recusara. Abriu a porta do apartamento e entrou na escuridão e na solidão que lá reinavam, com a ausência de Theresa. Despiu-se, lavou os cabelos, vestiu um roupão e acomodou-se no sofá, com um livro. Quando a campainha da porta tocou, ela foi atender, sem a menor hesitação, pois já esquecera inteiramente de Jill Yarborough.

A moça estava usando um casaco preto comprido, com uma gola de pele falsa, que apertava em torno do pescoço com a mão, nervosamente. Ela disse o nome de Nicki, que teve vontade de bater a porta. Mas não o fez e a moça entrou no apartamento.

— Não foi fácil descobri-la, Nicki. Tive de perguntar ao porteiro do teatro...

— Por favor, não crie confusão. Já está tudo acertado. Não há necessidade de fazer uma cena, Srta. Yarborough.

— Pode chamar-me de Jill.

A moça correu os olhos pelo apartamento, rapidamente, começando em seguida a tirar o casaco. Por um momento, Nicki pensou que não

haveria qualquer problema. A moça parecia tranqüila, descontraída. Ela colocou o casaco em cima de uma cadeira, dizendo:

— É um apartamento bem agradável. Mora sozinha?

— Tenho uma colega que mora aqui. Ela deve estar de volta a qualquer momento.

Jill Yarborough sorriu.

— Aposto que não. Aposto que ela saiu com alguém, mas você preferiu ficar em casa. Sei como a gente fica quando está trabalhando. Nem mesmo se quer saber de homem. Não é mesmo?

— Eu... eu estava muito cansada para sair esta noite.

— Mas é claro.

A moça sentou-se, cruzando as mãos sobre o colo. Até esse momento, Nicki estivera com receio de fitá-la nos olhos. Só o fez agora, descobrindo que o brilho intenso nos olhos da moça não havia decrescido, desde a última vez em que se haviam encontrado.

— Como foi o primeiro ensaio, Nicki?

— Acho que correu tudo bem.

— Não acha que Carl Wolfe é um cara meio esquisito? Num instante ele é superdelicado, no instante seguinte está gritando como um sargento no quartel. Já ouvi falar a respeito da maneira como ele trabalha.

— Ele é uma excelente pessoa.

A moça sorriu novamente, com uma expressão sonolenta.

— Aposto que você pensou que eu não estava falando sério. Não é mesmo?

— Você estava muito transtornada naquele dia...

Jill Yarborough pôs o casaco no colo. Enfiou a mão no bolso. Nicki, sentada na cadeira, ficou subitamente tensa. A moça tirou o vidro escuro do bolso do casaco.

— Mas eu estava falando sério, Nicki. Tinha realmente a intenção de matá-la e depois matar-me.

Nicki estava cada vez mais nervosa.

— Por favor, não vá cometer nenhuma tolice...

— Você pensou que eu estava apenas blefando. Mas eu não estava. Era a pessoa indicada para aquele papel. Sou melhor atriz do que você, muito melhor. Sabe o que há de errado com você, Nicki? — Falava em tom sonhador, quase indiferente. — Você é toda voz, Nicki, não tem corpo. Representa apenas com a laringe.

Ela revirou o vidro que tinha na mão e acrescentou, suavemente:

— Vou obrigá-la a beber isto.

Nicki contorceu-se até a beira do sofá e levantou-se, balbuciando:

— Vou gritar... Se tentar alguma coisa, começarei a gritar, até atrair todos os moradores do prédio.

— Você não tem o que é necessário — disse Jill Yarborough, amargamente. — Não está disposta a lutar até o fim por um papel, da maneira como eu estou. Para chegar-se a algum lugar no teatro, é preciso ser um pouco louca. E é preciso lutar, com todas as armas, em cada degrau da escada. É por isso que eu sou melhor do que você, Nicki.

Ela tirou a rolha do vidro.

— Saia daqui! — gritou Nicki.

Jill Yarborough sorriu e levantou-se. Ela avançou, os ombros curvados, os olhos e os dentes grotescamente Brancos, no rosto sombrio e atormentado. Avançou lentamente, como uma personagem de pesadelo.

— Isto é para você, Nicki — disse ela, levantando o vidro. — Para você...

Nicki gritou.

A moça estacou bruscamente, mudando a expressão. Levou a mão trêmula à testa. O brilho de seus olhos desvaneceu-se. Depois, prendeu a respiração e levou o vidro aos lábios. Jogou a cabeça para trás e o conteúdo do vidro desapareceu rápido, descendo-lhe pela garganta. Ela engoliu em seco, dolorosamente, e deixou o vidro escapar de seus dedos, caindo no tapete. Nicki gritou de novo e cobriu os olhos com a mão. Quando tornou a olhar, Jill Yarborough ainda estava no mesmo lugar, sem se mexer, atordoada por seu gesto. Nicki, soluçando, aproximou-se dela.

— Saia de perto de mim! — disse a moça, a voz muito rouca. — Já conseguiu o que queria! Agora, saia de perto de mim!

Ela deu um passo para a frente e seus joelhos dobraram. Segurando o estômago, ela balbuciou:

— Oh, Deus, como dói...

— Vou chamar um médico...

— Fique onde está!

— Mas tem de me deixar ajudá-la...

Jill Yarborough foi até o sofá, apoiando-se no braço. Começou a ter ânsias de vômito e caiu de joelhos. Foi nesse momento que Nicki pegou o telefone.

Os internos que cuidaram de Jill Yarborough, no quarto de Nicki, eram ambos jovens, impessoais e compenetrados. Durante quase uma hora soaram ruídos estrangulados por trás da porta fechada do quarto. Nicki ficou sentada no sofá da sala, tremendo, à espera de uma notícia.

Finalmente, um dos internos saiu do quarto. Era um rapaz de cabelos louros, encaracolados. O problema acabara e ele se mostrava mais cordial. Quando Nicki começou a balbuciar suas perguntas, ele sorriu.

— Ela vai ficar boa, inteiramente boa, dentro de mais um ou dois dias. Usamos uma bomba estomacal e lhe demos alguns sedativos. — Ele se sentou e acendeu um cigarro. — Mas tenho de fazer-lhe uma pergunta, muito importante.

— O que é?

— A moça disse que pensava estar bebendo um xarope, que tudo não passou de um equívoco. Você estava aqui na hora em que aconteceu?

— Estava.

O interno ficou olhando para Nicki, pensativo, por algum tempo, antes de dizer:

— Se ela tomou o veneno deliberadamente, teremos de comunicar o fato à polícia. O suicídio é crime neste Estado.

— Está querendo dizer que ela será presa?

— Não será tão terrível assim. Ela será enviada para uma enfermaria de observação, num dos hospitais municipais, para que possamos vigiá-la, além de submetê-la a um exame psiquiátrico completo. As pessoas com tendências suicidas não desistem na primeira oportunidade. — Ele fitou Nicki atentamente, ao perguntar: — Pode confirmar a história dela?

— Claro — disse Nicki, desviando os olhos. — Foi na realidade um acidente. Ela não tinha absolutamente a menor razão para cometer suicídio.

Depois que a ambulância foi embora, Nicki telefonou para o Broadhurst, mas ninguém atendeu. Descobriu o telefone de Carl Wolfe no catálogo. Por sorte, ele estava em casa e escutou em silêncio as frases iniciais de Nicki.

— Sinto muito, mas não posso fazer nada — disse Nicki. — Terei de sair da cidade durante as próximas semanas e não poderei participar dos ensaios. Assim, acho que é melhor cancelarmos o nosso trato.

— Eu compreendo — disse Wolfe, finalmente. — Lamento muito, Nicki. Achei você a pessoa certa para o papel. Talvez em alguma outra

ocasião...

— Tem alguém mais para o papel, não é? Eu não gostaria de atrapalhar nada.

— Tenho, sim, Nicki. Há uma outra candidata, a moça a quem íamos dar o papel, até você aparecer.

Graças a Deus, pensou Nicki. Ela se despediu rapidamente e desligou. Foi na ponta dos pés até o quarto. A moça ainda estava adormecida, mas remexeu-se e abriu os olhos, quando Nicki se aproximou da cama.

— Acabei de telefonar para Carl Wolfe — disse Nicki, friamente. — Pode me ouvir, Jill? Liguei para Carl Wolfe e disse que não queria mais o papel. É todo seu agora. Não o quero nem a metade do que você quer.

A voz de Nicki era extremamente amarga. Jill Yarborough sorriu.

— Sou melhor do que você, Nicki — disse ela, com suavidade. — Mereço o papel. Não acabei de prová-lo?

— Como assim?

— Quase morri — disse Jill Yarborough, rindo em seguida, asperamente. — Você poderia engolir água e quase morrer? Era só isso, Nicki. Apenas água! Você poderia, Nicki? Poderia?

Ela se esforçou para sentar-se e Nicki recuou para longe da cama.

— Poderia? — gritou Jill Yarborough novamente, com raiva e altivez, exultante com seu triunfo.

UM ASSASSINATO SIMPLES E FÁCIL

C.B. Gilford

O assassinato cometido por Norman Landers foi perfeito, sob muitos aspectos. Um assassinato clássico, pode-se dizer, desses que costumam figurar nos manuais sobre o assunto.

Em primeiro lugar, a vítima era um parente, o que permitiu a Norman ter um conhecimento completo de seus hábitos, fraquezas etc. O motivo era duplo, dinheiro e uma mulher, sendo, portanto, irrepreensível. A execução do crime foi ridiculamente segura e fácil, quase não envolvendo problemas de álibi, fuga e outros do gênero. Em tudo e por tudo, foi uma oportunidade tão maravilhosa que Norman Landers, um homem que não era absolutamente um assassino nato, que não tinha a menor propensão a feitos violentos e sangrentos, simplesmente não pôde resistir à tentação.

Mas terá sido, no todo, um crime perfeito? Apesar de todas as circunstâncias favoráveis, será que Norman Landers conseguiu escapar à descoberta e punição, conquistando realmente as recompensas visadas pelo seu ato?

Essa é a pergunta que se tem de fazer. E não é uma pergunta que tenha resposta fácil. A resposta é, pelo menos, um tanto confusa, ao invés de um simples e fácil sim ou não.

Mas vamos à história. Eram dois primos. Norman e Arnold, ambos com o sobrenome de Landers. Havia um alto índice de mortalidade na família e ambos foram criados pela tia Elizabeth. Isto é, foram criados mais ou menos a distância. Passaram a infância e a juventude em colégios internos, às vezes diferentes, às vezes o mesmo. Finalmente, cursaram e se formaram numa universidade pretensiosa do Leste. Pouco depois, a

tia Elizabeth, convenientemente, morreu. Uma morte natural, diga-se de passagem. Não há motivos para se acreditar que não tenha sido assim.

Isso aconteceu em 1928. A tia Elizabeth deixou para cada rapaz a quantia de 150 mil dólares. É um bocado de dinheiro e era ainda mais naquele tempo.

O ano seguinte, como o destino assim determinaria, foi o de 1929. Norman se julgara um grande financista. O estouro da Bolsa provou o contrário. Um ano depois de se tornar rico, Norman estava inteiramente sem dinheiro.

Arnold foi mais afortunado. Guardara sua herança em dinheiro vivo e a depressão tornou-o ainda mais rico, em comparação ao que fora antes. Era um homem rico e cidadão respeitável. Assim, era natural que pensasse em casar-se.

Foi desse modo que Clare Kimberly entrou em cena. Clare era uma feiticeira. Loura natural, com um corpo espetacular, era uma moça de instrução universitária e bastante culta. Ao mesmo tempo, tinha a medida certa de assanhamento, naquela combinação de dama e vagabunda que é irresistível para quase todos os homens. E ainda por cima era muito bonita.

Arnold Landers conheceu-a e apaixonou-se por ela. Mas Norman, que vivia agora da caridade de Arnold e por isso nunca estava muito longe do primo, viu-a e também se apaixonou. Até mesmo a cortejou, de forma um tanto indireta. Mas como era paupérrimo, é claro que não teve a menor chance. Clare Kimberly, independente de quem pudesse preferir na ocasião, decidiu casar-se com Arnold.

O casamento realizou-se em 1931. Dois anos depois, nasceu um menino, o único filho que eles tiveram. O garoto foi batizado com o nome de Euin.

Em 1940, a sorte de Arnold Landers se apagou e ele foi acometido por uma doença que acabou por deixá-lo parcialmente paralítico, confinado a uma cadeira de rodas, sofrendo uma dor mais ou menos constante, em graus diversos. A dor exigia o uso regular de drogas paliativas.

O cenário estava armado para um assassinato.

Norman Landers só foi compreendendo a situação gradativamente. Não tirou a conclusão imediata de que o assassinato era a melhor coisa que tinha a fazer. Afinal, não era tão sanguinário assim. Ao contrário, a oportunidade se lhe apresentou, insistentemente, a necessidade tornou-

se irresistível.

Pouco depois de o primo ficar doente, ele passou a morar permanentemente na casa dele. A idéia foi do próprio Arnold. Era preciso haver um homem saudável na casa. Era mais seguro. Mais seguro...

— Não se importa, não é, Norm? Eu gostaria muito se viesse morar conosco.

Norman considerou todas as circunstâncias. Seus aposentos consistiam apenas de um quarto pequeno, numa pensão ordinária. Viviam pulando de um emprego enfadonho para outro e no momento estava desempregado.

— Não, Arnold, não me importo. Não tenho nada melhor a fazer.

Nesse momento, ele não saberia dizer qual seria exatamente a atitude de Clare. Ela ficara bastante abalada com a doença de Arnold. Fora uma moça alegre e extrovertida e se transformara numa mulher alegre e extrovertida. Não parecera ficar muito infeliz por ter tido apenas um filho. Um filho apenas era um fardo bem menor do que muitos. Poderia continuar a ir a festas e a divertir-se. Mas a doença de Arnold estragara tudo. Clare era egoísta, mas não egoísta e insensível o bastante para continuar a antiga vida despreocupada e alegre, sem a companhia do marido.

— Arnold convidou-me a vir morar aqui com vocês, Clare. O que acha da idéia?

Clare lançou-lhe um olhar estranho. Aos 30 anos, ela estava mais linda do que nunca. Parecia que os olhos haviam escurecido, mas continuavam de um azul deslumbrante. Havia poucas rugas ao redor deles, quase invisíveis. Os cabelos continuavam gloriosamente louros. O corpo, se é que isso era possível, tornara-se ainda melhor, com a idade madura.

— Acha que é uma idéia sensata? — perguntou ela, finalmente. — Afinal, levando-se em consideração todas as circunstâncias...

Norman compreendeu o que ela estava querendo dizer e amou-a por isso. Clare estava recordando como ele gostara dela no passado. Estava preocupada, pelo que parecia, com o bem-estar dele, não com o dela.

— Arnold quer que eu venha morar aqui, Clare, porque acha que a casa precisa da presença de um homem. Como uma espécie de guarda. Não serei nada mais do que isso.

Por aí pode-se ver como eram inocentes as intenções dele naquele momento. Não estava pensando em tornar-se o amante de Clare e certamente não estava imaginando cometer um assassinato.

Quando Norman foi conversar com a última pessoa envolvida no caso, o pequeno Euin, os resultados foram um tanto diferentes, mais difíceis, mais desconcertantes. Ele encontrou o menino no vasto gramado que havia diante da casa, brincando com seu cachorro preto.

O menino mal olhou quando Norman o cumprimentou calorosamente, continuando a cocar as orelhas do cachorro. Era um garoto bonito, com os cabelos louros da mãe. herdara a beleza e a alegria dela, ao invés de ficar com a seriedade e o ar sorumbático típico dos Landers.

— Euin, seu pai está querendo que eu venha morar aqui com vocês.

— Por quê?

— Para que haja um homem são na casa, enquanto ele estiver doente.

— Eu sou um homem são.

Norman procurou atenuar a situação.

— Você vai ser, Euin, dentro de muito pouco tempo. Acho que seu pai quer que eu fique apenas por pouco tempo, até que você seja um pouco maior e possa tomar conta de tudo.

Os olhos do menino, azuis como os da mãe, fixaram-se nos de Norman.

— Está certo, se é o que meu pai deseja. Mas só até que eu fique maior.

Norman hesitou. Nunca se envolvera muito com Euin, jamais chegara perto dele, não se tornara íntimo do menino. E agora, subitamente, descobria que Euin era um garoto, apesar de ter apenas oito anos, com opiniões próprias, bastante firmes. Uma dessas opiniões ficou logo patente: Euin não gostava muito de seu tio Norman.

Mas Norman procurou remediar a situação com um falso entusiasmo:

— É um acordo, Euin. Ficarei até que você se torne maior

Quando a guerra chegou, Norman conseguiu evitar o serviço militar, sob a alegação da idade e o fato de ter a responsabilidade pela família do primo. E continuou na casa de Arnold, apesar de Euin estar cada vez mais crescido. E apesar também da hostilidade de Euin, constante, não violenta, silenciosa.

Norman começara a perceber que não tinha a menor vontade de ir embora. O que fora a princípio uma aceitação constrangida de uma situação difícil com Claire transformara-se num desejo de melhorar tal

situação.

Clare era visivelmente infeliz. É verdade que ela continuava fiel a Arnold. Nada existia entre ela e Norman. Mas, com o passar do tempo, surgira entre os dois uma espécie de silencioso entendimento. Ou pelo menos era o que Norman imaginava. Se não fosse por Arnold, Clare seria dele, Norman. Ele não tinha a menor dúvida. Arnold, com sua doença incurável, já estava fora de cena. Só que ainda não estava. Arnold estava morto, mas não oficialmente.

Norman começou a meditar e a observar Arnold. O primo doente começara a renunciar à vida mais ativa na cadeira de rodas e passava cada vez mais tempo na cama. Era o fim que se avizinhava, calculou Norman, no que foi confirmado pelos médicos. Mas ainda faltava muito para que Arnold estivesse morto, o que os médicos também confirmaram.

Por que ele não morre de uma vez? Norman fazia-se essa pergunta sem resposta pelo menos uma dúzia de vezes por dia. Quero o dinheiro dele, quero a casa dele, quero a mulher dele. A mulher dele me está querendo também.

Mas não era apenas uma questão de ganância e concupiscência. Norman, é claro, não usava tais termos para explicar sua motivação. Era também uma questão de misericórdia. Arnold sentia dores, às vezes dores terríveis. E tão terríveis que, numa ocasião, nem mesmo a droga que usava fora suficiente para aliviá-las completamente. Arnold devia morrer, por seu próprio bem.

Mas ele não morria.

Norman tinha cada vez mais dificuldades em ocultar sua impaciência e irritação. Passava agora cada vez mais tempo com Arnold. Era a única pessoa na casa que tinha forças suficientes para levantar o doente da cama para a cadeira de rodas e de volta para a cama. E Arnold parecia necessitar da companhia do primo, mais até do que da companhia da esposa ou do filho.

— Não sei o que eu faria sem você, Norm — dizia ele, frequentemente. — Clare nunca conseguiria cuidar de tudo sozinha. E, quanto a Euin, eu até prefiro que ele não me veja muito neste estado. Não quero que ele se recorde do pai apenas como de um entrevado.

Diante dessa insinuação de espera de morte iminente, Norman sempre se animava, mas tratava de censurar o primo:

— Você não parece muito esperançoso.

— Esperançoso? Ora, Norm, sou um homem condenado!
— Mas não está se sentindo pior, não é mesmo?
— Dificilmente eu poderia ficar melhor, Norm. A dor fica tão terrível às vezes que tenho dúvidas se conseguirei agüentá-la.

Então acabe com tudo!, Norman tinha vontade de gritar. Há uma droga venenosa na sua mesinha de cabeceira. Por que não toma uma dose excessiva?

— Não há nada que se possa fazer, Arnold? — perguntou ele um dia, finalmente.

— Como assim? Todos os médicos...

— Não me estou referindo ao que os médicos podem fazer.

— E quem então poderia fazer alguma coisa?

— Você mesmo. Os médicos dizem para você tomar apenas uma quantidade determinada do remédio. Mas se essa quantidade não é suficiente, por que não...

Norman não pôde terminar. Já fora temerário e descuidado em demasia. A sugestão precisava ser mais indireta, mais sutil. Ele já estragara tudo.

— Está realmente se referindo a suicídio, Norman?

— Bom, não exatamente...

— O que quis dizer então?

— Não sei... esqueça o que eu disse...

Mas era evidente que Arnold não ia esquecer. Ficou olhando para o primo, com um brilho definido nos olhos, o brilho do medo.

Desesperadamente, Norman tentou mudar de assunto. Mas Arnold não o permitiu. E enquanto Norman andava de um lado para outro do quarto, os olhos de Arnold o seguiam implacáveis. Finalmente, para escapar àqueles olhos, Norman inventou um pretexto qualquer e saiu do quarto.

Tinha de ficar sozinho para pensar e para refrear seu pânico. Sabia perfeitamente o que fizera. Não era tanto o fato de haver sugerido o suicídio a Arnold. Mas, ao fazê-lo, revelara suas próprias motivações. Os olhos apavorados de Arnold, seguindo-o pelo quarto, demonstraram cabalmente que ele compreendia, sabia agora como Norman desejava ocupar seu lugar à cabeceira da mesa, seu lugar junto a Clare.

E mais cedo ou mais tarde, Arnold acabaria por revelar seu medo a alguém. Assim, era preciso detê-lo, o mais depressa possível.

Naquela noite, Norman pôs no copo de Arnold cinco vezes mais da quantidade prescrita da droga que aliviava as dores. E ficou parado junto à cama, enquanto o primo, num estado de semi-estupor, parcialmente provocado pelas dores intensas, bebia toda a mistura.

Depois, Norman foi para seu próprio quarto. Mas não dormiu imediatamente. Ficou acordado, procurando ouvir ruídos suspeitos no quarto de Arnold, que ficava ao lado do seu. Ouviu Clare entrar para desejar boa noite ao marido. Mas calculou, pelo fato de ela se haver retirado rapidamente que Arnold não respondera e que o estado dele ainda não se tornara alarmante. Ao início da madrugada, Norman finalmente adormeceu, de pura exaustão nervosa.

Quando acordou, o sol entrava pelas janelas do quarto e alguém batia na porta. Vestiu rapidamente um roupão por cima do pijama e foi abrir a porta. Deparou com Euin, todo vestido e com uma expressão solene.

Norman levou um minuto inteiro para recuperar-se de sua surpresa. O menino nunca antes o procurara. A visita dele, naquele momento, só podia ser o prenúncio de um desastre.

Mas como sempre fazia ao tratar com o menino, embora soubesse que não o enganava, Norman conseguiu aparentar uma falsa jovialidade.

— Entre, Euin, entre.

— Não quero entrar. Vim aqui apenas para dizer-lhe uma coisa.

— Pois então pode dizer, Euin.

— Estive conversando com meu pai.

Esforçando-se ao máximo para manter o autocontrole, Norman procurou desviar a conversa.

— Não deveria incomodar seu pai a esta hora da manhã, Euin. Ele precisa dormir bastante...

— Sempre vou falar com ele de manhã bem cedo, tio Norman, quando não há ninguém para mandar-me sair. Meu pai e eu tivemos uma longa conversa esta manhã.

Norman cerrou os punhos, até que as unhas se estivessem cravando dolorosamente nas palmas.

— E sobre o que conversaram, Euin?

— Meu pai disse que estava morrendo.

— Morrendo? Então eu tenho de ir...

Norman tentou passar pelo menino, mas este o deteve, brusca-

mente.

— Não precisa ir até lá, tio Norman. Meu pai já está morto.

O detetive da polícia, um homem chamado Giardello, foi bastante delicado, de nada desconfiando. Comunicou à família que a morte realmente ocorrera em decorrência de uma dose excessiva da droga para atenuar as dores do doente. Aparentemente pressupôs, sem que fosse necessário sugerir-lhe, que a droga fora auto-administrada.

Mesmo assim, ele fez algumas perguntas de rotina, primeiro a Norman, depois a Clare, finalmente a Euin. O detetive formulou as perguntas finais com todo cuidado, a fim de não sugerir à mente infantil a horrível idéia de suicídio.

— O que foi exatamente que seu pai lhe disse?

— Que estava morrendo.

— Sabe exatamente o que significa essa palavra?

— Sei. Meu pai me explicou.

— E o que mais ele disse a respeito de morrer? Disse, por exemplo, se queria morrer?

— Não, senhor.

— Ele disse alguma coisa que nós... sua... mãe deveria saber?

O menino hesitou e Norman ficou esperando pelo golpe terrível. Não havia a menor dúvida em sua mente de que Arnold, se realmente conversara com o filho pouco antes de morrer, certamente lhe contara que o tio Norman desejava vê-lo morto e por isso lhe dera uma dose excessiva da droga.

— E então, filho, o que ele disse? — insistiu o detetive, gentilmente.

Euin olhou para o seu interrogador e depois, lentamente, e com deliberação, desviou seu olhar para Norman. Os dois ficaram a olhar um para o outro por um longo tempo. Para Norman, que procurava desesperadamente ler algum significado, os olhos do menino pareciam impassíveis, enigmáticos. Ele se sentiu impotente, totalmente desamparado, seu destino nas mãos daquele menino.

Em desespero, ele ecoou a pergunta do detetive:

— Conte ao homem o que seu pai disse...

— Ele me falou uma porção de coisas — respondeu o menino, solenemente. — Mas foram apenas coisas entre nós dois.

Foi Clare quem pôs um ponto final na situação, suplicando:

— Deixem-no em paz, por favor...

Ela própria estava extremamente nervosa.

— Claro, claro — concordou o detetive, retirando-se 10 minutos depois.

Norman ficou observando a saída dele, mal conseguindo acreditar em sua sorte. Clare saiu da sala, mas Euin continuou. Pegara um livro na estante e distraidamente começou a folheá-lo. Sem ler, apenas folheando. As páginas ao serem viradas faziam um sussurro ritmado.

Norman não conseguiu suportar mais o suspense.

— Por que não contou ao policial, Euin?

— Contar o quê?

— O que você e seu pai conversaram.

Novamente o olhar vazio. Seria um olhar misterioso ou realmente nada havia de importante? Será que Arnold contara ou não alguma coisa ao menino? Será que não quisera poupar-lhe algo tão horrível como um assassinato na família? Porque, certamente, Arnold deveria ter sabido por que estava morrendo e pelas mãos de quem.

— Meu pai e eu falamos sobre coisas que diziam respeito apenas a nós dois — repetiu o menino.

Norman não permaneceu na casa de Clare. Era impróprio agora, raciocinou ele. Mas é claro que estava sempre por perto e resolvia todos os problemas domésticos que precisavam da presença de um homem, como o fazia antes.

Não tinha, realmente, alternativa. Teria preferido ir embora de vez. Mas como poderia fazê-lo? Não tinha dinheiro, não possuía habilidade alguma que lhe permitisse prover-se das necessidades básicas da vida. Assim, tinha de ficar. E, depois que tomou essa decisão, outras decisões se sucederam, automaticamente. Se ele tinha de ficar, então podia e devia tirar o melhor proveito da situação. O que significava dar prosseguimento a seus planos originais.

Depois de deixar passar um ano, como era apropriado, Norman pediu Clare em casamento. Ela aceitou prontamente, mas impôs, timidamente, uma condição:

— Só me casarei com você, Norman, se Euin der permissão.

— Euin?

— Isso mesmo. Você terá de pedir permissão a Euin para casar-se comigo.

Se ela não fosse tão adorável e atraente e se ele não tivesse outra opção que não desejá-la, Norman ter-se-ia recusado a concordar com tamanho absurdo. Seja como for, tentou convencê-la primeiro a desistir daquela condição.

— Não, querido, você tem de falar primeiro com Euin — declarou Clare, obstinada. — Afinal de contas, foi ele quem ouviu as últimas confidências de Arnold. Talvez Arnold lhe tenha declarado seu último desejo a respeito de um novo casamento meu.

Norman estremeceu.

— Mas que idéia mais absurda!

— Não, querido, não se trata disso.

Depois, Clare cobriu a boca de Norman com a sua, a fim de impedi-lo de continuar a falar.

Naquela mesma noite, Norman foi procurar Euin na biblioteca. O menino dera para ler continuamente e em geral podia ser encontrado na biblioteca todas as noites, depois do jantar. Norman sentia-se extremamente imbecil, ao procurar um menino de 13 anos para fazer-lhe uma pergunta daquelas. E sentia medo também. Era o tipo de situação que poderia levar o menino a romper seu silêncio.

— Euin, pedi sua mãe em casamento e ela aceitou. Você tem alguma objeção?

O menino parou de ler. Mas em vez de levantar os olhos, começou a folhear o livro. Era um pequeno hábito irritante que ele adquirira. Fazia-o sempre que Norman lhe falava, caso estivesse com um livro nas mãos.

— E por que eu teria alguma objeção, tio Norman?

— Ora, pensei que sua primeira objeção poderia ser pelo fato de não gostar de mim.

O menino continuou a folhear o livro.

— Por que teve essa impressão, tio Norman?

O menino tinha uma capacidade infalível de fazer Norman sentir-se ordinário e inferior.

— Escute aqui, Euin, pelo menos entre nós dois podemos ser francos. Você nunca gostou de mim...

Euin fechou o livro bruscamente, com um estalo.

— Está certo, tio Norman, vou admitir: não gosto de você.

— Então é contra o meu casamento com sua mãe.

— Não, não sou.

— E por que não?

O menino fitou Norman nos olhos. Parecia muito mais velho que seus 13 anos. Talvez porque tivesse vivido tanto tempo num mundo de adultos, sem companheiros de sua idade. Talvez isso fosse natural.

— Acho que deve casar-se com minha mãe, tio Norman, porque creio que minha mãe deseja casar-se com você. Portanto, isso a faria feliz.

— Compreendo...

Mas Norman não conseguia compreender. Como sempre, ele se sentia em desvantagem diante do menino.

— Assim, eu darei minha permissão, desde que me prometa uma coisa.

— O quê?

— Minha mãe foi infeliz por muito tempo. É uma pessoa que gosta de rir e há muitos anos que não tem uma chance de rir, desde que meu pai ficou doente. Terá de prometer-me que a levará para passear e dará muitas festas em nossa casa. E terá também que levá-la à Europa. Ela só foi à Europa uma vez, antes de se casar. Sempre quis voltar. Terá de prometer que irá levá-la à Europa.

— Mas isso irá custar muito dinheiro, Euin.

— Terá todo o dinheiro que precisar, depois que se casar com minha mãe.

O menino ainda encarava Norman, o rosto compenetrado e sério, os olhos sem qualquer malícia. Mas como se poderia saber o que havia naqueles olhos, tão azuis quanto os da mãe e aparentemente ingênuos? Mas que diabo!, pensou Norman. O que será que o menino sabia?

Não... não... ele não devia começar com isso novamente. Se Euin sabia alguma coisa sobre o assassinato, já tivera uma oportunidade de dizê-lo. Se não o fizera, era porque não sabia.

— Tio Norman, vai fazer minha mãe rir e ser feliz?

— Ora, é claro que eu tenciono fazer justamente, isso...

— E irá levá-la a passear, dará muitas festas aqui em; casa, viajará com ela para a Europa?

— Mas é claro que sim, Euin.

— Então tem minha permissão para casar-se com ela.

— Obrigado.

Confuso, atordoado, Norman quase que cambaleou até a porta, querendo apenas escapar da presença do menino. Mas antes que ele cru-

zasse a porta, a voz ainda não amadurecida de Euin deteve-o:

— Só mais uma coisa, tio Norman.

Ele se virou. O menino estava com o livro aberto no colo, folheando-o distraidamente.

— O que é, Euin?

— Eu gostaria de ingressar numa escola militar, no ano que vem. Ainda não decidi qual delas, mas lhe direi na ocasião apropriada.

— Uma escola militar?

— Exatamente, tio Norman. Não vai querer que eu fique por aqui, não é mesmo? Dizem que dois é bom, três é demais. Além do mais, a situação ficaria muito difícil para você, agora que sabe que não o aprecio.

Norman ficou olhando para o menino, mas Euin já voltara a se concentrar na leitura do livro. Norman procurou pensar em alguma outra coisa para dizer, mas não conseguiu imaginar absolutamente nada. Assim, abriu a porta e saiu, fechando-a em seguida, em silêncio.

Norman deveria ter apreciado sua lua-de-mel na Europa. Nunca estivera antes no exterior e ia em companhia da mulher que seu coração escolhera para esposa.

Mas tal não aconteceu. Em 1947, o continente ainda se estava recuperando da chuva de bombas e havia todos os tipos de racionamento. Clare adorou a viagem, sempre procurando alguma coisa de que se recordava e descobrindo se estava intacta, mudada ou destruída. Para ela, foi uma espécie de jogo. Mas, para Norman, a viagem foi por demais enfadonha, do princípio ao fim.

A própria Clare também foi um desapontamento. Norman não conseguiu definir exatamente por que, por mais que tentasse fazê-lo. Estivera apaixonado por ela e a desejara durante 17 anos. Esse período de espera deveria ter-lhe aguçado o apetite. Mas talvez tivesse esperado demais e nenhuma mulher fosse capaz de corresponder a tantas expectativas. Além disso, conhecera Clare quando ela tinha 20 anos. Ela estava agora com 37 anos. Ainda era bonita, é claro. Mas não podia haver a menor dúvida, pensou Norman, que Arnold desfrutara os melhores anos de Clare.

Havia também ocasiões em que a consciência dele parecia despertar. Norman sentia então que sua situação excepcional, dono de uma pequena fortuna e de uma bela mulher, estava sendo estragada pelo fato de ter cometido um assassinato. Nessas ocasiões, ele sofria durante um dia

inteiro, mergulhado na mais profunda depressão, até sua mente racionalizar que na verdade não cometera um assassinato, mas sim uma morte misericordiosa.

Mas era quando ele pensava em Euin que se via dominado pelo mais profundo desespero. Era tudo culpa de Euin. Ele, Norman, realmente não carecia de desejo por Clare nem estava sendo atormentado pela consciência culpada. O único problema era que os seus novos bens, o dinheiro e a esposa, não estavam seguros enquanto Euin possuísse o segredo de como os adquirira.

E por que será que o menino não faz nada? Ele sabe que sou culpado de assassinato. É isso que lhe dá a atitude de superioridade que sempre demonstra na minha presença. É por isso que ele sabe que pode fazer o que bem quiser comigo. “Leve minha mãe para a Europa e mande-me para uma escola militar.” Era pura chantagem. Ele sabe. Eu sei que ele sabe. Mas o que ele está esperando?

Foi em Veneza, passeando numa gôndola, com o gondoleiro fazendo serenata para Clare num italiano incompreensível, com Clare reclinada no outro lado do barco a contemplar a lua do Mediterrâneo, que Norman Landers decidiu que teria de cometer outro assassinato.

Mas assassinar um aleijado na cama é uma coisa e liquidar um rapaz saudável, inteligente, desconfiado e alerta, é outra muito diferente. Norman Landers entrou num período de frustração intenso como jamais experimentara antes, quando Clare era a esposa de Arnold ou enquanto esperava que Arnold morresse.

Norman calculou que a ocasião apropriada seriam as férias de verão, quando Euin voltava da escola. Ele fez diversos planos. Haveria um acidente fatal quando ele e Euin saíssem para caçar juntos. Ou então haveria uma queda fatal do penhasco que determinara previamente, quando ele e Euin saíssem para um passeio pelos bosques.

É claro que nenhum desses planos jamais chegou a ser executado. O ponto fraco deles era o fato de exigirem uma camaradagem entre o homem e o rapaz, coisa que não existia.

— Por que vive me importunando, tio Norman? — perguntou o menino um dia.

— Eu o estou importunando?

— Claro que está. Está sempre me pedindo para acompanhá-lo a

algum lugar.

— Eu simplesmente pensei que poderíamos ser mais amigos.

— Pensei que já tivéssemos concordado, tio Norman, que eu não gosto de você.

Furioso, Norman teve vontade de bater no menino, mas conteve-se a tempo. Aos 14 anos, Euin era quase tão alto quanto Norman, estava tornando-se musculoso e era visivelmente um jovem atleta, em excelente estado físico. O resultado de qualquer esforço físico seria pelo menos duvidoso.

Na verdade, pensou Norman subitamente, horrorizado, também o seria o resultado de qualquer tentativa de afogar ou provocar uma queda de Euin, dando a impressão de ser acidente. Ele tinha muita sorte de não ter tentado nada disso contra o menino.

— Não está com um aspecto dos melhores, tio Norman.

— Estou sentindo-me muito bem.

— Acho que não, tio Norman. Está consumindo-se nas festas de mamãe.

— Essas malditas festas! — exclamou Norman, numa súbita explosão de raiva.

— O que foi mesmo que disse, tio Norman?

— Eu disse essas malditas festas!

— Não gosta delas?

— Não, não gosto...

— Mas essas festas deixam mamãe feliz, não é mesmo?

— Ela adora...

— E isso é a única coisa que importa, não é mesmo? Ambos queremos ver mamãe feliz, não é mesmo, tio Norman?

Eles se encararam por um momento. Os olhos de Euin eram muito azuis, muito inocentes. Apesar disso, o segredo estava ali, em algum lugar, talvez no sorriso, um sorriso débil, que quase não chegava a ser um sorriso, apenas uma ligeira contração de um dos cantos da boca polpuda e sensual de Euin.

Nos anos seguintes, Norman Landers tentou cometer assassinato por diversas vezes. Não com armas violentas e sangrentas, como um revólver, uma faca ou um punhal, pois Norman não era um homem violento. Nem pelos métodos ligeiramente menos violentos de morte acidental,

que outrora cogitara mas que haviam deixado de ser práticos. E também não pelo meio mais sutil de um veneno, que já utilizara uma vez, com sucesso. Tivera a oportunidade de fazê-lo com o pai de Euin, mas não surgira nenhuma com o próprio Euin. É verdade que Norman chegou a cogitar de acrescentar ptomaína a um peixe servido ou qualquer outro alimento apropriado. O único problema foi que ele não conseguiu encontrar um meio de fazer com que Euin comesse o peixe, sem que tivesse de comer também.

Não, o método que Norman finalmente escolheu foi o mais sutil que podia haver, o mais indireto, o mais seguro.

E também, infelizmente, um método que dependia da sorte, a boa sorte dele e a má sorte de Euin.

Quando o rapaz completou 15 anos, Norman deu-lhe de presente uma motocicleta. Era uma dessas motocicletas reluzentes, de corridas, capaz de inflamar o entusiasmo de qualquer rapaz, quer estivesse ou não pensando na possibilidade de um assassinato.

— É uma motocicleta muito veloz — informou o vendedor. — Pode facilmente atingir 150 quilômetros horários. Gostaria que instalássemos um controlador da velocidade?

— Nós a traremos mais tarde para isso — respondeu Norman. — Mas tenho de levar a motocicleta agora mesmo. É um presente de aniversário...

Quando Euin completou 16 anos e pôde tirar a carteira de motorista, seu tio Norman comprou-lhe um carro. Na verdade, não era um simples carro, mas um desses modelos esporte, importado.

— Aposto que esse carrinho é mais veloz que minha velha motocicleta — comentou Euin, deliciado.

— É realmente muito mais veloz — assegurou-lhe Norman.

Aos 17 anos, ao ingressar numa universidade do Leste que se gabava de possuir um Clube Alpino, Euin ganhou de presente equipamentos completos de alpinismo e esquiagem.

Aos 18 anos, ele se transferiu para uma universidade à beira-mar e ganhou uma lancha de presente. Continuou na escola e aos 19 anos ganhou um equipamento de mergulho.

Pouco antes de Euin completar 20 anos, os esforços e a persistência de Norman quase que foram finalmente recompensados. Mas o acidente não teve maiores conseqüências. O carro ficou bastante avariado, quase

que totalmente destruído, mas o motorista saiu ileso. E assim, no dia do seu vigésimo aniversário, Euin ganhou de presente do tio Norman um carro ainda mais moderno e veloz.

E também um conselho:

— Depois de um acidente, meu rapaz, é preciso recomeçar a guiar imediatamente depois. Caso contrário, irá criar uma fobia qualquer e nunca mais conseguirá guiar novamente.

Aos 21 anos, Euin ganhou de presente um avião e um curso completo para tirar o brevê.

Mas Euin resistiu a todos esses riscos, qualquer um dos quais teria facilmente matado Norman. E isso porque Norman era um homem comum, cheio de medos, tão consciente do perigo que o via em toda parte. Afinal de contas, ele só assassinara Arnold porque a oportunidade fora óbvia demais, a facilidade fora muito grande, o risco quase não existira. Na verdade, não se podia dizer que Norman fosse realmente um assassino de primeira classe.

Euin Landers a tudo resistiu porque era igual à mãe. Ele preferia viver a vida. Clare conseguira ser feliz sem muita ajuda do marido e Euin cresceu de forma esplêndida, mesmo sem um pai para ajudá-lo.

E Norman envelheceu prematuramente. Para isso, contribuiu o medo terrível que ele sentia de Euin e a frustração pelo fracasso nas diversas tentativas de livrar-se de seu algoz. O problema foi agravado pelo resultado de seu casamento com Clare, pela incompatibilidade que descobriu existir entre eles. E havia também a preocupação com dinheiro.

Todas essas dificuldades que o atormentavam alcançaram uma espécie de clímax quando Euin se apaixonou por Delia Sherman.

Em matéria de amor e casamento, Euin também seguiu fielmente as pegadas da mãe. Delia Sherman não era exatamente o tipo de Euin, mas nem por isso deixava de ser atraente. Mas, principalmente, ela era rica. Muito mais rica do que Arnold Landers, quando Clare se casara com ele. Mas, diga-se a bem da verdade, a inflação corroera consideravelmente os valores, durante todo esse tempo.

Clare, agora uma matrona simpática de quarenta e poucos anos e finalmente vencida pela propensão para engordar, envolveu-se com um vigor extraordinário no problema da corte de Euin a Delia. E tratou de alertar Norman para as obrigações dele:

— É uma oportunidade maravilhosa para Euin, Norm. Ele estará ar-

rumado pelo resto da vida, se se casar com Delia. Mas temos de ajudá-lo, querido. Temos de ajudá-lo a conquistar Delia.

— E isso implica o quê? — perguntou Norman, apreensivo.

— Teremos de impressionar os Sherman. Não podemos deixar que eles pensem que Euin é uma caça-dotes e que Delia vai casar-se com um rapaz pobre.

— E o que teremos de fazer para isso, Clare?

— Temos de começar a receber mais.

Clare saiu valsando pela sala — sem Norman, é claro — num frenesi de antecipação.

— Em primeiro lugar, teremos de reformar a casa imediatamente, a fim de podermos hospedar os Sherman. E daremos também algumas festas. Não as festas pequenas que temos oferecido até agora, querido, mas algo em grande escala.

— Clare...

É claro que os protestos de Norman de nada adiantaram. Eles reformaram a casa e passaram a oferecer festas. Foram tantas que Norman até perdeu a conta.

Além do mais, para Norman, todas as festas eram iguais. Eles contrataram um mordomo e nas noites das festas o serviço de banquetes sempre mandava garçons extras. Mas sempre sobrava algum serviço para Norman. Era um prato de hors d'oeuvres extra a oferecer aos convidados, alguma velha senhora que queria um drinque especial, o carro de alguém que precisava ser retirado do caminho para que outro pudesse sair, uma corrida louca pela estrada à procura de mais gelo. Clare tinha a noção de que ser hostess era estar sempre dançando, como se fosse a convidada de honra. Norman não se importava muito, pois dançar com ela seria ainda mais extenuante do que as missões que constantemente tinha de realizar.

Foi numa dessas festas, a única que, na memória de Norman, distinguiu-se das demais, que Clare desfechou o golpe final. Ela o encontrou na cozinha e começou a arrastá-lo para a sala. No caminho, Clare sussurrou-lhe, furiosa:

— Euin vai fazer o comunicado-surpresa de seu noivado com Delia.

— Para surpresa de quem? — indagou Norman, a voz cansada.

— E eu quero também fazer uma coisa, para ter certeza de que os Sherman não irão levantar alguma objeção. Quero anunciar que nós vamos dar uma casa a Euin, como presente de casamento.

Norman parou no meio da sala apinhada e perguntou a Clare, em voz baixa, muito fria:

— Que casa?

— Euin e eu já escolhemos. Está acabando de ser construída, numa área exclusiva. E custa apenas 60 mil...

— Sessenta mil!

Norman teve a impressão de que ia desmaiar.

— Só isso, querido. Mas lembre-se de que Euin se está casando com milhões.

— Mas não temos 60 mil dólares, Clare!

— Claro que temos, querido. Hipotequei nossa casa.

Em junho, Euin Landers e Delia Sherman se casaram, numa cerimônia espetacular, partindo para uma viagem de lua-de-mel ao redor do mundo. Em agosto, Clare Landers, depois de viver a vida ao máximo de intensidade, sofreu um ataque cardíaco e morreu. Euin e Delia, que na ocasião estavam na Taiti, pegaram um avião e voltaram apressadamente para casa. Euin providenciou o funeral mais dispendioso possível.

Eles conversaram pela última vez na noite depois do funeral. Durante o dia houvera muitas pessoas pela casa, parentes, amigos, conhecidos. Todos os antigos freqüentadores das festas de Clare compareceram ao enterro dela. Mas, de noite, ficaram só os dois na biblioteca.

— Quer um drinque, tio Norman?

Norman jamais se acostumara ao hábito de beber e normalmente não o fazia. Naquele momento, porém, sentia necessidade de um drinque.

— Quero, sim, Euin. Obrigado.

Euin preparou dois scotchs e foram sentar-se junto à lareira, de frente um para o outro, bebendo lentamente. Era uma noite fria, mas não havia fogo na lareira, porque não havia criado algum para acendê-lo.

— Vamos fazer um brinde a mamãe — disse Euin, levantando o copo.

Beberam juntos. Depois, Norman comentou:

— É um tanto estranho fazer um brinde a uma pessoa que está morta.

— Vamos fazer um outro brinde. Bebamos ao feliz reencontro de minha mãe e meu pai.

Norman hesitou apenas por um segundo, antes de levantar seu copo e beber novamente.

— Que seja um feliz reencontro!

— Acho que será mesmo — disse Euin, fitando-o nos olhos. — Afinal de contas, minha mãe teve uma vida feliz. Creio que isso agradou muito a meu pai.

— Espero que sim — murmurou Norman, tomando outro gole.

— E tudo graças a você, tio Norman.

Norman tentou sustentar o olhar do rapaz, mas não conseguiu.

— Ora, Euin, não creio que eu tenha contribuído tanto assim.

— Mas contribuiu, tio Norman. Muito mais do que imagina. Deu a sua primeira contribuição quando envenenou meu pai.

Houve um pesado silêncio na sala, finalmente quebrado por um suspiro profundo de Norman. Um suspiro de alívio.

— Então você sabia, Euin.

— Claro que eu sabia.

— Sempre achei que você sabia. Mas jamais consegui: entender seu silêncio. Por que nunca contou a ninguém?

— Nunca adivinhou por quê?

— Não, Euin, nunca.

Norman olhava para Euin com uma expressão suplicante, mas não encontrou no outro qualquer emoção correspondente. Euin estava com a mesma expressão vazia que se formara nos primeiros encontros dos dois.

— Se bem está lembrado, tio Norman, eu estava com meu pai quando ele morreu.

— Claro que eu me lembro.

— E tivemos uma longa conversa.

— Você disse que haviam conversado sobre coisas que diziam respeito apenas aos dois. Lembro-me disso perfeitamente.

— Creio que posso agora revelar nosso segredo, tio Norman.

— Eu bem que gostaria de saber.

— Para começar, tio Norman, devo dizer que eu menti para a polícia. Meu pai falou-me que queria morrer. Disse que você lhe havia sugerido o suicídio, mas que ele não tinha coragem de cometê-lo. Por isso, contou com a sua coragem. E ficou bastante satisfeito quando o assassinou, tio Norman.

Norman Landers ficou escutando em silêncio. Mesmo o drinque,

do qual ele agora precisava para ter um pouco de coragem, ficou esquecido a seu lado.

— Meu pai me disse que estava contente por morrer, pois a vida não mais lhe servia de coisa alguma e ele era apenas um fardo incômodo para a esposa e o filho. Mas o fato de ter sido assassinado por seu querido primo apresentava um problema. — Fez uma pausa, esvaziou o copo, acendeu um cigarro. Dava a impressão de estar fazendo tudo isso com uma lentidão deliberada, com o fim de irritar seu ouvinte. — A revelação do crime teria certamente, como consequência, a punição do criminoso. Mas, infelizmente, isso significaria também a punição da esposa e do filho. Nenhum dos dois conseguiria escapar à notoriedade de um assassinato. Meu pai achava que o suicídio, pelo menos um suicídio em circunstâncias que justificassem tal ato, seria um estigma preferível.

— Seu pai lhe contou tudo isso? — interrompeu-o Norman, espantado. — Mas você era apenas um menino na ocasião!

— Eu tinha 12 anos de idade, tio Norman. Compreendi tudo muito bem. Mas, à medida que os anos foram passando, compreendi ainda melhor. Meu pai tinha toda a razão. Se fôssemos envolvidos pelo escândalo de um assassinato, minha mãe não teria a vida feliz que teve. E eu não estaria hoje casado com Delia Sherman.

Norman tornou a suspirar, dizendo, pensativo:

— Tem toda razão...

— Acima de tudo, meu pai queria proteger-nos. E queria também que minha mãe fosse feliz. Ela precisava de alguém para cuidar dela. Era uma mulher um tanto despreocupada e ingênua. Meu pai sabia disso e foi o que me explicou: “Quando eu morrer, só Deus sabe as tolices que Clare poderá fazer. Ela realmente precisa de um homem controlado a seu lado, alguém como o velho Norm.”

Levantei objeções. Não me agradava a idéia de ver o assassino de meu pai casado com minha mãe. Mas meu pai obrigou-me a prometer: “Faça tudo para que sua mãe se case com o tio Norman, Euin.” E tenho de reconhecer agora, tio Norman, que ele estava absolutamente certo. Se minha mãe não se tivesse casado com você, ter-se-ia metido nas maiores confusões. Assim, suponho que devo agradecer-lhe por isso.

Norman continuava ouvindo, inteiramente atordoado. A voz de Euin parecia vir de muito longe:

— Mas meu pai me alertou também: “Cuide para que ele a trate

bem. Clare tem de viver à sua maneira, não à maneira dele. Lembre-se de que sua mãe precisa divertir-se. E cuide também para que você e sua mãe tirem o melhor proveito do dinheiro que estou deixando. Não quero que o velho Norm saia lucrando com esta história.” Acho que eu soube cumprir muito bem os desejos de meu pai. Não acha, tio Norman? Minha mãe divertiu-se como queria, eu recebi uma boa instrução e ainda ganhei aqueles brinquedos caros com que você esperava matar-me. Agora, para dizer a verdade, estou plenamente preparado para enfrentar a vida. Creio que tudo saiu às mil maravilhas. Você já cumpriu seu papel, tio Norman. Mamãe está morta e eu estou arrumado na vida. E você não tem um tostão.

Euin fez nova pausa, lançando o cigarro quase no fim dentro da lareira escura. Depois, levantou-se, endireitando o impecável terno escuro do enterro, e anunciou:

— É melhor eu ir agora. Já prestou seus serviços, tio Norman. Cometeu um crime e cumpriu sua sentença. Entrou nesta prisão sem um tostão e vai sair sem um tostão. Mas, durante todo o tempo, teve pelo menos casa e comida. Creio que não tem do que se queixar.

Norman não se levantou.

— Quer dizer que é uma despedida para sempre, Euin?

— Exatamente, tio Norman.

— E o que vai acontecer comigo?

— É algo que não me interessa. Para dizer a verdade, espero que morra de fome.

Norman Landers ficou olhando por algum tempo, em silêncio, para a lareira vazia. Sua mente funcionava lentamente. Uma coisa, porém, era clara: ele não estava disposto a morrer de fome.

— Depois de tudo o que fiz por você e por sua mãe... e por seu pai também, já que falamos nisso...

Ele ouviu mais do que viu o movimento de Euin na direção da porta. E falou, pouco antes de os passos cruzarem o limiar da porta:

— Euin!

— O que é, tio Norman?

— Se eu tiver de morrer de fome, se não puder contar com teto sobre a minha cabeça, só me restará um único recurso: ir à polícia e contar que fui eu que assassinei Arnold Landers.

— Tio...

— E o que será que os Sherman vão pensar disso?

Houve um longo momento de silêncio.

— O que está querendo, tio Norman?

Norman falou bem devagar. Havia um livro sobre a mesinha a seu lado. Ele o pôs no colo e começou a folheá-lo, distraidamente.

— Em primeiro lugar, quero deixar uma coisa bem clara: não gosto de você, meu sobrinho. Em segundo lugar, não quero nenhuma festa. Quero ser deixado em paz. Mas quero uma casa confortável e quero um pouco de dinheiro. Vamos ver... cerca de... não, talvez um pouco mais do que isso...

BÊBADO DE MORRER

Arthur Porges

É preciso muita coisa para confundir um patologista experiente e mais ainda para surpreendê-lo. Nenhuma descoberta inesperada, por mais grotesca que seja, é capaz de chocar um homem familiarizado com todos os possíveis usos e abusos do corpo.

Mas, algumas semanas atrás, estive envolvido em um caso que me obrigou a esmiuçar além do necessário na maioria deles e deixou-me emaranhado em minhas próprias emoções, como um gato a brincar com um novelo de lã.

Foi uma das dores de cabeça do Tenente Ader. Ele e eu trabalhamos juntos, informalmente, há alguns anos. Embora eu não esteja oficialmente ligado à polícia da cidade de Norfolk, o Hospital Pasteur é o único que existe na região, com um patologista em expediente integral. E esse patologista sou eu, Dr. Joel Hoffman, de meia-idade, solteirão, possivelmente por causa da minha dedicação ao trabalho. Como o laboratório criminal mais próximo fica a 250 quilômetros de distância, Ader sempre me procura para realizar autópsias e fazer outros exames que o médico-legista local, uma nomeação exclusivamente política, não consegue fazer de forma adequada.

Na verdade, o caso começou há 15 meses. Por mais estranho que possa parecer, eu estava presente na ocasião, embora não soubesse então das conseqüências posteriores. O Tenente e eu voltávamos de um esfaqueamento no lado sul da cidade. Fora um crime simples, sem qualquer sutileza, consistindo apenas de uma faca de cozinha enfiada num pulmão. Mas, na volta, soubemos pelo rádio de um acidente de trânsito não muito distante e Ader decidiu dar uma olhada. Ader acha que não há mal algum

em dar uma incerta nos subordinados de vez em quando, para verificar como eles estão agindo. Na opinião dele, isso os mantém sempre alerta.

Era um exemplo típico e repugnante do que se pode chamar de assassinato legal. Deparamos com um conversível imenso e espalhafatoso, um motorista trêmulo e uma mulher aturdida, debruçada sobre o corpo do filho, um menino de oito anos.

Ao pararmos, o homem responsável pela tragédia protestava veementemente para todos os espectadores, mas especialmente para os dois guardas do carro-patrolha.

— Não estou bêbado — dizia ele, a voz apenas ligeiramente engrolada. — É a minha diabetes. Estou precisando de insulina. Claro que tomei dois drinques, mas estou completamente sóbrio.

O homem recendia a álcool, mas seus gestos e atos não eram os de um bêbado. É um fenômeno bastante conhecido. O choque do acidente dissipara as nuvens do sistema nervoso dele. Assim, para um espectador que ignorasse o fenômeno, ele parecia estar plenamente controlado.

Fui cuidar da criança. Não havia a menor esperança. O menino morreu cinco minutos depois, antes que a ambulância chegasse. A mãe, bonita e bem vestida, ficou ajoelhada ao lado do filho, pálida e rígida, como se estivesse em transe. Era aquele estado perigoso que precede o abençoado alívio das lágrimas.

Eu nunca soube direito os detalhes do acidente. Ao que parece, mãe e filho, o último puxando um cachorrinho, estavam esperando no cruzamento. Subitamente, o animal escapara. Antes que a mãe pudesse detê-lo, o menino saíra correndo pela rua, atrás do cachorro. Era um cruzamento com listras no chão para os pedestres e ele deveria estar seguro, pois a lei é rigorosa neste particular e determina que os carros devem esperar. Mas o conversível vinha em alta velocidade e o motorista estava embriagado. A mesma velha história de sempre.

Ader ficou observando os internos colocarem o pequeno e patético corpo na ambulância. Os músculos de seu queixo estavam tensamente contraídos.

— Conheço esse assassino e o conversível dele — disse-me Ader, a voz muito áspera. — Ele não podia deixar de acabar matando alguém, mais cedo ou mais tarde. Se existe alguém que nada vale, é esse homem. Eu bem que gostaria de poder prendê-lo desta vez.

Olhei atentamente para o homem. Era um tanto gordo, muito bem

vestido, bronzeado, mas desse tipo de pele que se adquire em casa, com lâmpadas especiais, e não ao ar livre. Tinha uma papada grande e bolsas por baixo dos olhos. A palidez inicial dele já desaparecera. Mas continuava muito nervoso, embora isso não o tivesse feito perder a arrogância. Era como se antecipasse um soco no nariz e estivesse preparado para protestar contra a brutalidade policial.

— Não se pode culpar um homem por coma diabético, Tenente — disse ele, em tom de desafio. — Já tentou uma vez e o júri não aceitou seus argumentos. Lembra-se de mim? Sou Gordon Vance Whitman e não algum vagabundo-assustado e sem amigos, a quem poderá incriminar sem dificuldades.

— Você está embriagado — disse Ader. — E esqueceu de acrescentar o terceiro ao seu ilustre nome.

— Estou coisa nenhuma! Meu problema é apenas da coma diabético.

Havia um brilho astuto nos olhinhos dele. Olhei para Ader, que deu de ombros, um gesto de aversão.

— Já pegamos esse cara diversas vezes antes, por dirigir embriagado. Ninguém foi morto antes, apenas aleijado. E deve saber que os sintomas de embriaguez e coma diabético são semelhantes. Um júri não tem conhecimentos suficientes para determinar a diferença, especialmente com os advogados caríssimos e astuciosos que ele sempre contrata.

— Os júris são sempre ótimos — disse Whitman, sorrindo, a oscilar ligeiramente. — E tudo o que estou precisando agora é de uma pílula.

Com uma lentidão deliberada, ele tirou um frasco do bolso, abriu-o, pegou um tablete e enfiou-o na boca. Pude ver o rótulo. Era uma dessas novas drogas, que substituem a insulina, para pessoas acima dos 40 anos.

— É apenas uma questão de excesso de açúcar no sangue — disse Whitman, falando alto e bem devagar, para que todos o ouvissem.

— Não parece estar muito preocupado com o menino que acabou de matar — disse-lhe eu, sentindo uma vontade quase irresistível de sofrer um soco, com toda a minha força, naqueles dentes bonitos e visivelmente encapados.

— Claro que tenho pena do menino — respondeu ele, a voz solene. — Mas não foi culpa minha. O garoto saiu correndo atrás daquele cachorro idiota e nada pude fazer.

— Isso não é desculpa — disse Ader, rispidamente. — Se não es-

tivesse embriagado e dirigindo em alta velocidade, poderia ter visto o menino com antecedência suficiente, freado a tempo. Você o atropelou num cruzamento para-pedestres.

— Se eu estava mesmo dirigindo em velocidade excessiva, isso aconteceu depois que a coma me deixou atordoado — explicou Whitman. — Apaguei completamente por um minuto e é possível mesmo que tenha pisado no acelerador com mais força.

— Poderia pelo menos dar um jeito para que ele nunca mais volte a dirigir um carro — sugeri a Ader.

— Isso sem dúvida será de grande consolo para a família do menino — disse ele, exasperado. — E de nada adiantaria eu tentar. Não tem a menor idéia do problema. Mas vamos indo. Briggs e Gerber podem cuidar dos detalhes.

— Espere um instante — disse eu. — E o que vamos fazer com ela?

Ader teve um sobressalto, como se surpreendido por alguma coisa.

— Eu já me ia esquecendo. Mas que idiota que sou! Olhamos para a mulher. Ela continuava agachada no mesmo lugar, mas agora aninhava o cachorrinho nos braços. De sua garganta saía um gemido baixo e patético. O pequeno animal, apertado com muito força e sentindo-se infeliz, acompanhava-a com um ganido estridente.

— Você e Briggs podem levá-la para casa, no carro-patrolha — disse-me Ader. — Localizem o marido e chamem o médico da família.

Parecia uma boa idéia. Consegui fazer a mulher levantar-se e levei-a para o carro da polícia. Briggs sentou-se ao volante e partimos imediatamente. O gemido baixo foi tornando-se cada vez mais alto. Subitamente, ela estava soluçando com uma terrível intensidade. Era melhor mesmo que ela chorasse, embora deva haver um limite.

Fazia pelo menos 10 anos que eu não tratava de um paciente. Todos os meus clientes são apenas cadáveres, para serem examinados. Não obstante, sempre levo um equipamento de primeiros socorros, para o qual tive uso naquele momento. Tive a maior dificuldade, mas finalmente consegui administrar um sedativo à pobre mulher. Jamais esquecerei aquela viagem. O vestido elegante da mulher estava todo sujo da sarjeta, o rosto dela, cuidadosamente maquilado, era uma máscara de sofrimento. E o pobre cachorrinho gania incessantemente.

Por duas vezes, a mulher desvencilhou-se de minhas mãos e tentou saltar do carro em movimento.

— Quero voltar! — gritou ela. — Para onde estão levando Derry? Largue-me! Deixe-me ir!

Conseguimos finalmente levá-la para casa e chamamos o marido, um professor universitário. Ele pegou o médico da família na volta para casa e fui assim aliviado da obrigação de cuidar da mulher. Briggs deixou-me no hospital, onde havia à minha espera muitas horas de trabalho acumulado. Contudo, por mais ocupado que eu estivesse, não conseguia tirar o acidente da cabeça. Será que os médicos algum dia conseguem acostumar-se com essas coisas? Duvido muito. Mais do que nunca, eu sentia que acertara em cheio ao evitar a clínica geral. Era fácil demais ficar envolvido emocionalmente. Durante muitos dias, depois do acidente, eu estremecia toda vez que pensava na pobre mulher e em sua perda irreparável.

Algum tempo depois, Ader contou-me toda a triste história de Gordon Vance Whitman III. Era um playboy de mais de 50 anos, com um total de milhões quase equivalente à sua idade. Era um dos homens mais processados do país. Nunca prestara para nada. A coisa mais interessante a respeito dele era a previdência do pai, um astuto pirata de uma geração anterior, quando a moral financeira era ainda mais baixa do que atualmente. Ele pusera a herança do filho sob a forma de um fundo inviolável, do qual Gordon desfrutava apenas os rendimentos. Tais disposições, que protegem irresponsáveis como Whitman contra reivindicações legítimas, são proibidas na maioria dos Estados. Infelizmente, isso não acontece no meu Estado. Os rendimentos, é claro, eram fabulosos, pelos padrões normais. E os advogados da família haviam recorrido a todos os expedientes legais, para evitar que qualquer parte desses rendimentos pudesse ser penhorada.

Whitman casara-se diversas vezes com as coristas habituais, todas elas recebendo polpudas pensões. Mas outros processos contra ele, totalizando milhões de dólares, não podiam ser executados, por causa das maquinações do falecido Whitman pai.

Em suma, Ader não via muitas esperanças de condenar Whitman pelo atropelamento do menino.

Eu andava ocupado demais para acompanhar atentamente o desenrolar de mais uma injustiça social, a morte desnecessária e irresponsável de um menino. Mas, pelo que me recordo, a carteira de motorista de Whitman foi suspensa por um longo tempo e mais um julgamento

de grande repercussão se acrescentou à lista interminável dos processos dele. Whitman conseguiu livrar-se da acusação de embriaguez, já que os testes de sangue são proibidos em nosso Estado. A velha história da diabetes ajudou-o a escapar novamente. Quanto ao problema do transporte, há sempre motoristas disponíveis, por um determinado preço. E depois que especialistas dignos e respeitáveis testemunhassem que a diabetes dele estava sob controle, aquele cidadão exemplar poderia até mesmo recuperar o direito de aleijar e matar o próximo.

De vez em quando, eu lia alguma notícia a respeito dele. Afinal, Whitman era sempre notícia. Teve outro casamento, desta vez com uma starlet. Parecia que ele tinha preferência por ruivas do tipo mignon. Era a quarta mulher desse tipo que se tornava Sra. Whitman.

Ader comentou para mim, em determinada ocasião:

— Mais alguns casamentos e talvez o miserável fique esgotado o bastante para não sair mais guiando por aí como um louco, a matar crianças!

O acidente ocorrera há mais de um ano e parecia já pertencer ao passado, de onde não voltaria. Mas, no mês passado, iniciou-se uma nova e trágica fase da história de Whitman.

Ader telefonou-me no fim de uma tarde de terça-feira. O corpo de um homem acabara de ser encontrado no interior de um apartamento trancado, num terceiro andar. Não havia sinais de violência, não havia qualquer indício de outra pessoa presente por ocasião da morte. A vítima, aparentemente, estivera desfrutando uma bebedeira solitária. Deitara-se no divã. Mas ao invés de acordar com a cabeça estalando e com o estômago embrulhado, simplesmente não despertara.

Com uma satisfação macabra, Ader acrescentou:

— E o prezado falecido é nada mais nada menos que o nosso velho amigo, Gordon Vance Whitman III.

— Isso é ótimo. Mas onde é que eu entro na história?

— Temos uma estranha política aqui na chefatura. Gostaríamos de saber como o miserável morreu.

— É bom você tirar as fotografias habituais e depois trazer-me o corpo. Provavelmente não poderei deixar o hospital hoje. Mas já lhe posso antecipar que, pelo que me disse, ele deve ter sofrido um enfarte.

— É o que parece. Mas tenho um instinto muito esquisito nessas coisas e quero ter certeza.

— Não há problema. Traga-me o cadáver e farei a autópsia esta noite.

Naquela altura, é claro, não havia a menor indicação de ter havido um assassinato, por causa da porta trancada e tudo o mais. Não há muitos mistérios ao estilo de John Dickson Carr na vida real.

A polícia levou-me o corpo por volta das 5 horas da tarde, entregando-me também as fotografias tiradas no local. Fui também informado dos detalhes. Uma das numerosas amiguinhas de Whitman, incapaz de acordá-lo com a campainha da porta, decidira finalmente chamar o zelador do prédio, o qual, por sua vez, chamara a polícia. A polícia arrombara a porta e descobrira Whitman morto. Fora assim, por obra do acaso, que haviam encontrado o corpo tão depressa. Agora, o problema estava entregue a mim. Todos esperávamos que a causa da morte tivesse sido algo rápido, intenso e natural. Eu próprio seria capaz de apostar nisso. Daí porque tive a minha primeira surpresa de verdade, em muitos anos.

Uma autópsia, quando feita apropriadamente, é uma tarefa longa e extenuante. A parte “bruta”, como costumo chamar aquela que é executada na mesa de autópsia, é quase idêntica a uma série de grandes intervenções cirúrgicas, que devem ser realizadas com o mesmo cuidado e precisão como se a pessoa ainda estivesse viva e sob os efeitos de anestesia. Nenhum médico-legista incompetente, nomeado por injunções políticas, é capaz de fazer um serviço desses. Um patologista consciencioso leva de três a seis horas para concluir essa fase da autópsia. A fase seguinte, a do microscópio, pode durar semanas a fio, abrangendo incursões na química, bacteriologia, toxicologia e qualquer outra especialidade que se possa enunciar.

Meu exame preliminar pareceu confirmar a existência de algum tipo de colapso respiratório, pois o rosto estava acinzentado e os lábios azulados, um estado a que se dá o nome de cianose. Não obstante, há uma rotina padronizada para uma autópsia. Assim, comecei pelo crânio. O tecido cerebral parecia bastante normal. Não havia o menor sinal de um coágulo sangüíneo, o que excluía um tipo de derrame.

Em seguida, trabalhando de acordo com o procedimento habitual, examinei a cavidade torácica e no mesmo instante deparei com algo estranho. A aparência dos pulmões: o edema e sinais de forte irritação atraíram imediatamente minha atenção. Inclinei-me para olhar melhor, com uma lente de aumento. No momento em que meu rosto se aproximou,

senti um odor estranho: o cheiro débil e azedo de feno recém-colhido, juntamente com o cheiro mais forte e inconfundível de ácido clorídrico.

Era uma pista que eu poderia facilmente não ter percebido, o que representaria muitas horas de trabalho em laboratório, para descobrir o óbvio. Ninguém que serviu no Exército poderia esquecer aquele cheiro de feno mofado. Nos primeiros meses de 1942, quando a guerra com gás parecia bastante provável, todos os soldados, especialmente os homens que serviam no Corpo Médico, foram ensinados a reconhecer os principais tipos de gases venenosos. Aquele cheiro inconfundível era de fosgênio, um gás letal inventado durante a I Guerra Mundial. Uns poucos respiros e a vítima poderia afastar-se, sem qualquer outro sintoma além de alguma tosse e congestão pulmonar, tratando de sua vida despreocupadamente, só para desmaiar e morrer mais tarde, sem qualquer aviso. É um gás traiçoeiro por causa disso, formando ácido clorídrico nos pulmões.

Eu disse que era um mistério: um homem morto com fosgênio, numa sala fechada. O caso já não era mais de morte acidental ou por causas naturais, não com os pulmões da vítima cheios de um gás venenoso.

Espero que não me interpretem erroneamente. Sou um patologista e não um detetive. Teoricamente, depois que concluí a autópsia, meu trabalho estava terminado. Mas quando surge um mistério desses, o que raramente acontece, e podem dispensar-me por algum tempo no hospital, gosto de acompanhar o Tenente Ader em suas investigações. Às vezes, sou capaz de prestar-lhe alguma ajuda; na pior das hipóteses, sou um bom ouvinte das teorias dele.

Ader levou-me até o apartamento, onde tive outro choque. Eu imaginara que alguém bombeara o fosgênio para dentro da sala. Não parecia haver qualquer outra explicação possível. Mas eu estava enganado. Alguns testes simples mostraram que não houvera uma disseminação do gás pela sala. Por mais fantástico que pudesse parecer, o gás letal fora diretamente injetado nos pulmões da vítima — e apenas lá. Isso implicava a existência de um tanque de fosgênio, juntamente com um tubo ou máscara. O caso estava tornando-se cada vez mais misterioso.

Mas Ader deixou de lado esse ponto, pelo menos no momento. Em vez disso, concentrou-se na fonte do fosgênio, achando que seria mais fácil descobrir uma pista por esse lado. Afinal, não se encontra um tanque cheio de um gás venenoso de guerra na loja da esquina. Não é muito difícil fabricar um pouco de fosgênio, quimicamente, mas não sob uma forma

que permita injetá-lo nos pulmões de uma pessoa.

Ader verificou em todos os quartéis da região. Não ficamos surpresos ao constatar que nenhum deles possuía um estoque de fosgênio. A guerra química, com gases, é quase coisa do passado. Os quartéis dispunham apenas de amostras em quantidades ínfimas, para ensinar aos recrutas os odores característicos. E eram todas amostras inofensivas. O único depósito de gases químicos do Exército, existente no Estado, declarou, taxativamente, que não estava faltando nenhum tanque de fosgênio.

Com isso, restava a questão do motivo. Ader e eu não pudemos deixar de sorrir, desanimados. Era evidente que Gordon Vance Whitman III tivera muitos inimigos. Talvez nem tantos quanto o falecido Hitler, mas em quantidade suficiente para dificultar as investigações.

O ângulo do dinheiro também foi decepcionante. Whitman não tinha herdeiros. No caso de sua morte, o imenso fundo seria convertido numa fundação, algo assim como a Ford e a Rockefeller. O que significava que nenhuma daquelas sentenças contra Whitman teria agora mais chances de ser executada.

O trabalho da polícia é, na maior parte, uma rotina extenuante. Alguém assassinara o falecido Sr. Whitman, embora ainda não soubéssemos como. Portanto, não podia deixar de existir um motivo. Ader e seus homens investigaram uma lista de mais de 20 pessoas, todas com boas razões para odiarem a vítima. Retirei-me dessa parte da investigação, inclusive porque já estavam clamando pela minha presença no hospital. Mas continuei a pensar na questão do fosgênio. E fiquei rebuscando esse ângulo durante semanas, enquanto os homens de Ader se lançavam à rotina cansativa da investigação das pessoas com motivos para o crime.

Os esforços deles foram finalmente recompensados. Todos os suspeitos foram eliminados, restando apenas uma mulher. Não podia haver a menor dúvida de que se tratava da pista mais promissora encontrada pela polícia. Por mais estranho que possa parecer, Ader a princípio relutara em incluí-la na lista de suspeitos. Era quase certo, pensou ele, que a mulher não tinha a menor ligação com o caso. Mas os princípios da investigação policial básica estão muito arraigados num oficial competente e consciencioso e o nome da mulher acabou sendo acrescentado à lista. A relutância de Ader explica-se pelo fato de a mulher ser apenas a criada que limpava os corredores do prédio e realizava outras tarefas manuais semelhantes. A limpeza dos apartamentos era problema dos próprios moradores.

Ela disse chamar-se Sra. Talbot. Mas uma investigação meticulosa revelou que seu verdadeiro nome era Eleanor Oldenburger. Uma mulher com diploma universitário e viúva de um eminente professor, ela sofrera recentemente um colapso nervoso total. Começara naquele emprego algumas semanas depois de sair do hospital. Na possibilidade remota de que a presença dela naquele prédio em particular pudesse ter algum significado, Ader resolveu procurar por alguma ligação entre a mulher e Whitman. Não demorou muito para encontrar. Se alguém tinha uma boa razão para detestar o falecido playboy, a Sra. Oldenburger sobressaía-se entre todos. O que nos levou a 15 meses atrás, à morte daquele menino, atropelado por Whitman. O nome do menino era Derry, filho único dos Oldenburger. A morte do menino certamente apressara a morte do professor. O pequeno seguro dera apenas para cobrir as despesas de cuidados médicos com a viúva, pois o tratamento de colapsos nervosos é sempre elevado. Um processo de perdas e danos contra Whitman, iniciado pelo professor antes de sua morte, terminara com uma sentença favorável, fixando a indenização em 300 mil dólares. Mas havia dezenas de outras sentenças semelhantes anteriores e não havia como cobrá-las.

Quando Ader me contou tudo isso, fitei-o nos olhos e disse:

— Se ela o matou, nada mais justo. Por que não deixar o caso como está?

Ele não desviou os olhos.

— Sou um policial e não posso fazer uma coisa dessas. Não sou juiz, não me compete tomar tal decisão. — Um sorriso sugestivo surgiu-lhe no rosto, quando acrescentou: — Eu bem que gostaria de saber como ela conseguiu. Mas se não houver provas suficientes para termos um caso sólido, confesso que não ficarei desolado.

Fez uma pausa, a voz se tornou pensativa:

— Marido, filho... tudo perdido por causa daquele nojento. Não se pode realmente culpá-la.

— Como ela é?

— Você a viu. Eu diria que é uma mulher de 40 anos, mais ou menos. Até agora, só a vi no trabalho, com aqueles uniformes horríveis que as criadas costumam vestir para as faxinas. Mas tenho o pressentimento de que esse traje não passa de um disfarce. Se bem me lembro, ela tinha um par de olhos azuis muito brilhantes, que não combinam absolutamente com uma simples criada. Mas pretendo ir visitá-la em casa. Não quer

ir comigo?

Aproveitei ansiosamente a oportunidade. Embora isso não me aproximasse da decifração do mistério do foscênio, a mulher começava a me interessar, por tudo o que representava. Qualquer que tivesse sido o plano dela, demonstrava uma inteligência fria e aguçada, assim como um implacável julgamento de Minerva.

Ela morava num apartamento pequeno, mas bem cuidado, em Orange Grove. Observei que Ader piscou repetidas vezes, espantado, ao vê-la. Ela usava uma calça comprida de corte elegante, de algum tecido cinza, e uma blusa azul-claro, realçando-lhe o corpo esguio mas arredondado, que sugeria mais 25 do que 45 anos. Os cabelos eram do tipo que Holmes chamava de “louro positivo”, isto é, um louro natural, mas com pontos luminosos e sutis variações de cores. Ela parecia bastante relaxada.

Com uma frieza quase insolente, insisti para que tomássemos Martíni. Depois que nos acomodamos, com os copos na mão, ela se sentou, toda enroscada como um gato, na ponta de um sofá grande.

— O interrogatório já pode começar — disse-nos ela, jovialmente.

Na superfície, ela era uma mulher dura, insensível e fria. Como médico, treinado para estudar pessoas por trás das fachadas patéticas, eu sabia que os nervos dela estavam tensos a um ponto quase insuportável, que ela estava à beira da histeria.

Ader foi um tanto ríspido. Creio que ele também percebeu a tensão dela e esperava assim fazer com que ela perdesse o controle.

— Por que não nos disse seu verdadeiro nome?

O sorriso dela aumentou.

— Ora, Tenente, eu estava fazendo um trabalho servil, nas circunstâncias mais deprimentes possíveis. Por que eu deveria alardear minha situação de mulher arruinada?

— Escolheu deliberadamente aquele prédio para trabalhar. O administrador declarou que telefonou a ele diversas vezes, pedindo o emprego. Por que tinha de trabalhar justamente lá? Não era para poder liquidar Whitman com mais facilidade?

Ela respondeu suavemente:

— Tenho certeza de que sabe que não sou obrigada a responder qualquer de suas perguntas, sem a presença de um advogado. Mas nada tenho a esconder. Gostei da localização daquele prédio. Afinal, fica perto

deste apartamento, onde estou morando agora. Poderia ir a pé para o trabalho. Estou nervosa demais para guiar, atualmente. Além disso, não posso me dar ao luxo de ter um carro. Mas o que o fez pensar que eu haveria de querer matar Whitman?

— Sabemos de tudo a respeito de Derry, Sra. Oldenburger. Caso já tenha esquecido, o Dr. Hoffman e eu aparecemos no local logo depois que aquele porco do Whitman...

Ela estava agora terrivelmente pálida, mas interrompeu Ader com a voz ainda calma:

— Estou vendo que concorda que ele não passava de um porco.

— É claro que concordo. Simpatizo com a sua posição, sob todos os aspectos. Mas isso não significa que eu possa desculpar um assassinato.

— Mas também não pode provar coisa alguma, Tenente. Pelo que eu soube, o apartamento estava trancado por dentro.

— A bandeira da porta estava parcialmente aberta. Não é verdade que costuma usar uma pequena escada para limpar os umbrais das portas?

— Claro que sim. Afinal, tenho apenas 1,68 m de altura.

— Estava usando a escada naquele dia?

— Estava. Acha por acaso que me espremi pela bandeira da porta e fui matar Whitman?

Ader franziu o rosto.

— A bandeira da porta é muito pequena para dar passagem a alguém. Eu a medi. Nem mesmo uma mulher com o seu corpo poderia consegui-lo.

Ela lhe lançou um olhar de zombeteira consternação.

— Mas que coisa terrível, meu caro Tenente! E eu que sempre me orgulhei de meu corpo esguio!

— Não sabemos como o fez... ainda. Mas, evidentemente, descobriu onde Whitman morava e arrumou o emprego no prédio. De alguma forma, conseguiu encher os pulmões dele com um gás venenoso... foscênio, para ser mais exato. É apenas uma questão de tempo até que descubramos o método que usou.

Ela ergueu as sobrancelhas muito bem tratadas e remexeu-se nas almofadas macias. Parecia inteiramente relaxada, mas eu podia ver uma veia que latejava junto à sua orelha, expressivamente.

— Foscênio? Não tenho a menor idéia do que seja. apesar de ter

estudado um pouco de química na universidade. Quanto ao emprego, tive um colapso nervoso. Provavelmente também já sabe disso. Durante semanas, fui uma catatônica. Quando me recuperei, por algum tempo ainda me era impossível fazer qualquer esforço mental. Tinha de encontrar algum trabalho físico, bem simples. E isso é tudo, Tenente. Não sou um gênio científico para fabricar um gás venenoso e injetá-lo nos pulmões de um homem, dentro de uma sala trancada.

— O que a faz pensar que o gás teria de ser fabricado? — perguntou Ader, asperamente. — Por que não poderia ser simplesmente comprado?

Ela ficou visivelmente tensa, consciente de seu erro.

— Alguém pode comprar um gás venenoso na loja da esquina, Tenente? Creio que não. Seja como for, cavalheiros, já está ficando tarde. Se me dão licença...

Nós fomos embora. Não havia nada mais a fazer. Ela estava sob terrível tensão, mas não cederia. Contudo, eu tinha a impressão de que ela teria, inevitavelmente, uma reação mais forte ainda pelo ato que cometera, com o conseqüente arrependimento. E a perspectiva do que poderia acontecer não me agradava.

Mas a curiosidade intelectual é uma verdadeira paixão para mim, e eu não podia desistir da resposta ao mistério. No dia seguinte, fiz meu primeiro avanço de verdade. Consegui situar o nome Oldenburger. Claro que eu já vira artigos dele, no passado. Sobre o que versavam? Foi então que me lembrei: Oldenburger era um eminente químico fisiológico, consultado frequentemente pelos grandes centros especializados no assunto.

Entrei em contato imediatamente com o centro mais próximo, com resultados altamente significativos. O mistério estava resolvido, faltando apenas um pequeno detalhe. E foi Ader quem me forneceu a informação que faltava, embora não o soubesse. Era a primeira vez que eu não lhe revelava minhas descobertas. Pedi-lhe simplesmente que me arrumasse uma relação dos produtos de limpeza utilizados pelas faxineiras do prédio em que Whitman morava. Entre eles, evidentemente, estava o tetracloreto de carbono, sempre disponível para se remover manchas das cortinas. Decidi fazer uma visita à Sra. Oldenburger, por conta própria.

Desta vez, ela usava um vestido simples, desse tipo simples-de-bom-gosto-carro, se me podem compreender. Confirmei minha suspeita de que ela estava longe da miséria e jamais precisaria de um emprego de faxineira para conseguir sustentar-se.

Tornando a vê-la, compreendi como era uma mulher realmente atraente. Sem a presença de Ader, ela pareceu ficar mais à vontade. Como eu já desconfiara, a frieza anterior era uma atitude artificial, uma couraça.

Minhas emoções me dilaceravam. Pretendia provar que conhecia a solução do mistério, mas depois disso... depois disso eu ainda não sabia o que iria fazer.

Aceitei um drinque e por alguns minutos conversamos, sobre assuntos amenos, sem a menor relação com o caso. Comecei a perder a esperança de poder revelar o que descobrira, pois ela parecia estar em paz consigo mesma. Aparentemente, a consciência dela se aquietara. Talvez tivesse finalmente racionalizado o assassinato, a ponto de não sentir-se culpada.

Relaxada e cordial, ela possuía aquela rara capacidade de subtrair por algum tempo uma parte de sua extraordinária beleza, para depois liberá-la subitamente, quase como se fosse uma arma para derrubar os incautos. Eu não tinha a menor defesa contra tal arma e também não queria ter.

A conversa amena tinha de acabar em algum momento e resolvi tomar a iniciativa:

— Sei exatamente como o fez.

O rosto dela ficou ligeiramente franzido.

— Eu tinha mais medo de você do que do policial. Meu marido mencionou seu trabalho algumas vezes. Acho que a propósito de um novo teste de envenenamento por morfina.

Eu posso ter corado. Não era absolutamente o que eu poderia esperar como um contragolpe.

— Obrigado. E eu também sei alguma coisa sobre o trabalho do professor Oldenburger. Certa vez, ele teve um caso dos mais interessantes e misteriosos, que lhe foi apresentado por um centro de toxicologia. Talvez tenha discutido o caso com você. O apego de Whitman ao álcool foi a chave de tudo. Um dos fatos mais estranhos da química é o de que, se um homem com bastante álcool em seu sistema cheirar um pouco de tetracloreto de carbono, as duas coisas irão misturar-se em seu sangue, formando o foscênio, um dos gases mais letais usados na I Guerra Mundial. Creio que ensopou um pedaço de pano com o removedor de manchas e estendeu-o pela bandeira da porta, preso no cabo da vassoura ou em alguma outra coisa, mantendo-o sobre o nariz e a boca de Whitman. Com

a escada, não deve ter havido a menor dificuldade. Dois ou três minutos seriam suficientes. Se alguém aparecesse, poderia retirar rapidamente a vassoura e fingir que estava cuidando da faxina. Além disso, quem pode saber melhor do que a faxineira quando os apartamentos estão ou não vazios, durante o dia? — Olhei para o rosto pálido e controlado dela, calado por um momento antes de acrescentar: — Não estou certo? Não houve testemunhas. Então por que não admitir?

Ela ficou sentada em silêncio, uma mulher frágil, parecendo estar apenas em repouso. Meu coração sentia por ela. Finalmente, com voz trêmula, falou:

— Foi quase assim. Só que usei um caniço de pesca. Rufus, meu marido, adorava pescar trutas. E o caniço que usei era o mesmo com o qual ele ensinou Derry a pescar.

Ela virou a cabeça, desviando os olhos de mim.

— É um caso que não resistirá num tribunal — declarei. — Duvido muito de que algum júri...

— Não! — disse ela, veementemente. — Não deve dizer isso. Eu estava perturbada, como uma louca. Foi terrível o que fiz. Tenho tido pesadelos desde então, vendo aquele pano horrível... suspenso sobre um homem adormecido, indefeso... — Ela se empertigou na cadeira, antes de anunciar: — Tenho uma confissão assinada. Gostaria que chamasse o Tenente Ader.

Para minha surpresa, comecei a protestar. As palavras me saíam num fluxo incontrolável. Disse a ela que, sem meu depoimento, não existiria um caso. E eu simplesmente me recusaria a comparecer ao tribunal. Falei que Ader nada sabia sobre o removedor de manchas. Ela se limitou a sorrir, como se eu fosse uma criança.

Ela se declarou culpada. Mas, por lei, é bem possível que ainda haja um julgamento. Contratei o melhor advogado do Estado. Eu estava agora convencido de que ela ficara temporariamente insana e essa era a defesa que deveríamos apresentar. Nenhum júri iria condená-la.

Durante as intermináveis semanas de manobras legais, fomos tornando-nos cada vez mais íntimos. Nunca imaginei que pudesse casar-me com uma assassina. Mas, como eu disse no princípio, não é muito fácil existir alguma coisa que possa chocar um patologista.

A ÚLTIMA AUTÓPSIA

Bryce Walton

Doc Crowell ficou sentado a noite inteira com a velha Nancy Stokes, em Reeve's Mill, aliviando a febre intermitente dela e escutando pacientemente as histórias da Guerra Civil, que já ouvira muitas vezes antes. Voltou para sua casa ao nascer do sol e conseguiu atender ao telefone na sala de visitas ainda no primeiro toque da campainha. Não queria que o barulho acordasse a esposa, antes que pudesse sair novamente de casa.

Ele soltou uma risadinha cansada ao tirar o fone do gancho, convencido de que era Pete Hines, para dizer que a esposa Hanna estava novamente para dar à luz. Seria o 12.º pequeno Hines que Doc Crowell traria ao mundo. Pete ainda lhe estava devendo os últimos cinco partos. Ele era um homem bastante esperto, até mesmo para uma cidade como Cypressville. Sempre planejava os partos da esposa para coincidir com os de sua vaca Guernsey, de forma a que Doc Crowell pudesse também ajudar o bezerro a nascer, eliminando assim as despesas com o veterinário.

Mas não era Pete Hines.

— Bom dia, *Coroner* (médico-legista) — disse o Xerife Roy Blimline, com sua voz arrastada.

Doc Crowell passou a mão pelos cabelos grisalhos, nervosamente.

— É Doc Crowell, o *coroner* do condado, quem está falando, não é? — perguntou o Xerife.

Doc Crowell cocou a barba por fazer. Fora nomeado *coroner* do condado dois anos atrás, porque não havia mais ninguém disponível para o posto. Quase não havia necessidade dos seus serviços como servidor público. Os habitantes dos pântanos e das colinas ao redor de Cypressville eram ainda menos curiosos sobre a maneira como um homem havia mor-

rindo do que tinham sido sobre a maneira como ele vivera. Além do mais, Doc Crowell era o que agora se chama caprichosamente de “um médico de roça dos velhos tempos”. Em outras palavras: ele parecia gostar de tratar das pessoas, de mantê-las mais ou menos vivas, sem se perguntar por quê. Sentia-se feliz por trazer vida ao mundo, muito embora os resultados pudessem deixar profundamente perturbados os geneticistas mais judiciosos. Por outro lado, ele nunca se sentira atraído por examinar as pessoas que haviam partido.

Assim, ele se havia esquecido por um momento de que era o *coroner*.

— Oh, sim, claro, Xerife — disse ele finalmente, com uma jovialidade forçada.

— Parece que vai ganhar algum dinheiro dos contribuintes, Doc. Ao que tudo indica, estamos com um casinho de homicídio nas mãos.

— Homicídio? — repetiu Doc Crowell, distraidamente.

— E é um crime misterioso, Doc. A pessoa morta deve estar aqui há tempo que não acaba mais. — A risada que o Xerife soltou não era das mais espontâneas. — E ainda não encontrei a cabeça nem as mãos.

Doc Crowell sentiu subitamente o calor úmido e sufocante da manhã. E disse suavemente:

— Lamento muito saber disso, Xerife.

— Pois eu não posso dizer que lamento, Doc. Não há notícia de nenhuma pessoa desaparecida por aqui e por isso só pode ser alguém de fora. E é a oportunidade que temos de resolver um caso de homicídio, Doc! Nunca tive nenhuma chance de deslindar um homicídio de verdade. Claro que estouraram os miolos de Rabbit Martin no verão passado, mas todo mundo sabia que foi o velho Allardice. Não houve mistério algum. Sempre desejei abocanhar um desses crimes misteriosos de verdade!

— Esta cidade bem que vai gostar de um pouco de excitação.

— Vou precisar de sua ajuda, Doc. A polícia da cidade grande sempre tem um interno que vai ver as coisas no local do crime e depois conta para o médico-legista. Mas aqui, Doc, vai ter de fazer os dois papéis.

Doc Crowell hesitou. É ela, pensou ele. Não podia ser mais ninguém. Sempre dera um jeito de não pensar muito a respeito dela. Mas quando isso se tornava impossível, ele comprava uma garrafa de I. W. Harper, o que ajudava consideravelmente. Mas talvez ele sempre tivesse sabido que ela terminaria aparecendo, mais cedo ou mais tarde.

— Onde foi que encontrou o corpo? — perguntou ele, surpreso com a calma de sua voz.

— O cachorro de Rabe farejou o corpo esta manhã, quando ele estava atravessando Jones Culvert, atrás de umas codornas.

— Foi em Jones Culvert — murmurou Doc Crowell, como se houvesse outra pessoa na sala.

— Estou telefonando do restaurante que fica na estrada, Doc, a alguns quilômetros de Jones Culvert. Poderá ver o carro de Rabe e o meu na beira da estrada, quando chegar ao local.

Doc Crowell ficou sentado na sala de visitas durante 15 minutos, completamente imóvel. Era uma sala de visitas antiquada, com algum cheiro de mofo. Nada fora alterado nela há pelo menos 10 anos. O sol que se levantava pelo céu penetrou pelas persianas e iluminou o abajur com a copa cheia de borlas, projetando a sombra fina e inconsistente de Doc Crowell no papel de parede florido. Finalmente ele se levantou, com alguma dificuldade, sentindo-se mais velho do que os seus 53 anos. Foi ao banheiro, pensando que se estava sentindo tão velho como dificilmente haveria de ficar.

Molhou o rosto com água fria e depois olhou, sem muito interesse, para o rosto cansado e cordial, bastante familiar, que aparecia no espelho.

Ao passar pela porta do quarto, na ponta dos pés, viu emergindo de baixo do lençol uma das pernas flácidas da esposa, mais parecendo uma perna desmembrada de algum boneco de cera. E vislumbrou também, felizmente bem depressa, o rosto dela, contorcido mesmo no sono, de auto-piedade, numa sólida futilidade.

Sacudiu a cabeça, tristemente, ao se encaminhar para o carro. Sentia pena de Genevieve. De certa forma, ele se sentia culpado pelo que quer que acontecera com ela, anos atrás. Genevieve fora lentamente engordando e começara a queixar-se sempre, num murmúrio irritante. Há anos que Doc Crowell nem mesmo chegava a ver o corpo dela. Os dois partilhavam um mausoléu para os vivos. Ou seria melhor e mais apropriado falar em mortos-vivos?

Ao atravessar de carro a praça da cidade, ele pensou, um tanto desolado, que era Genevieve quem ele devia ter matado. Se tinha que matar alguém, deveria ter sido Genevieve. Anos atrás. Teria então ficado livre. Sua vida teria sido inteiramente diferente. Teria vivido em outra cidade e talvez trabalhado em pesquisa. Sempre desejara dedicar-se à pesquisa

médica. Talvez, a esta altura, já tivesse descoberto a cura do câncer. Mas Cypressville era a cidade natal de Genevieve e por isso tinham permanecido ali. E ali haviam morrido, um pouco de cada vez, destruindo-se mutuamente com rancores, negligências e incompreensões simplesmente inexplicáveis.

Se o assassinato pode melhorar alguma coisa, talvez o assassinato de Genevieve, há uns 20 anos, pudesse ter sido uma bênção. Ela não teria degenerado e ele ficaria livre. Mais importante do que isso: Laura... seria esse mesmo o nome dela? ... Laura agora estaria viva. Se ele fosse um homem livre durante todos aqueles anos, jamais teria conhecido ou se interessado por alguém da espécie de Laura. E ela estaria viva e o mundo seria diferente.

Mas é claro que tais pensamentos eram ridículos, não é mesmo? As coisas são o que são e nada pode jamais ser diferente.

Ele contornou a praça, passando pela estátua de um soldado de cavalaria confederado, com o sabre ainda erguido em meio a um ataque. O tempo parecia ter parado em Cypressville. Apenas as pessoas haviam mudado. Tinham envelhecido e morrido. Antes disso, fizeram coisas que não podiam evitar, indagando-se invariavelmente por que a vida não poderia ter sido diferente.

Doc Crowell parou o carro fora da cidade, pegou uma garrafa de I. W. Harper de baixo do banco traseiro e tomou vários goles. Sentia-se melhor ao chegar ao local do crime. O que acontecera fora simplesmente uma necessidade inevitável. Ele tivera de fazê-lo. Além do mais, já estava feito e não poderia desfazê-lo. Mas também não era necessário que os outros soubessem e que fora feito exatamente, quem o fizera e por quê.

Por mais ansioso que estivesse em ser um grande detetive, ninguém poderia dizer, em sua consciência, que o Xerife Roy Blimline fosse um perito em investigações criminais. E, ao saltar do carro, Doc Crowell ia pensando que, afinal de contas, ele era o único médico-legista que existia por aquelas bandas. Os médicos-legistas são vitais para se deslindar os crimes. Sem um relatório competente do médico-legista, até mesmo o mais experiente investigador criminal tinha dificuldades quase insuperáveis.

Doc Crowell calculou que o seu único problema seria o de dar a impressão de estar realizando o seu dever conscienciosamente, ao fazer a autópsia, sem ao mesmo tempo incriminar-se.

O Xerife Roy Blimlme coçou a nuca do pescoço vermelho e suado e sacudiu o chapéu de abas largas para afugentar os mosquitos famintos. Ele sorriu e cuspiu o caldo do tabaco em cima de uma pilha de formigas.

— Aí está a pessoa, Doc. E estou falando em pessoa porque ainda não sei se é homem ou mulher.

Doc Crowell respirou fundo e depois espiou por trás do tronco apodrecido. Ficou surpreso ao descobrir quão pouco afetado ficou com a visão do cadáver. Talvez fosse porque o tempo e a devastação da natureza houvessem alterado inteiramente a aparência, fazendo o corpo confundir-se com as folhas escuras, úmidas e semi-apodrecidas acumuladas ao longo do outono.

— Há quanto tempo acha que o corpo está aí, Doc?

— Há muitos meses. Mas qualquer um pode dizer isso.

— Tenho de saber, Doc. É muito importante a gente ter certeza do tempo aproximado da morte e todas essas coisas.

Doc Crowell estava agora encarando sua missão pública com crescente desinteresse.

— Sei disso, Roy. E farei o melhor possível para ajudar.

— Deve haver uma maneira de determinar quando foi que aconteceuu.

— Para que a autópsia seja eficaz, Roy, deve ser realizada logo depois da morte. Mesmo assim, nem sempre é possível determinar-se com exatidão o momento da morte.

— E por que não, Doc? Eles não têm esse problema nos livros que eu li!

— Há muitos fatores envolvidos, Roy. A maneira mais segura é pela verificação das mudanças no corpo. Especialmente o conteúdo do estômago e da parte superior do intestino. Pode-se assim ter uma idéia do tempo da digestão. Neste caso, porém, já se passou tempo demais. O cadáver está em decomposição e... os órgãos vitais estão faltando. Será muito difícil fazer uma autópsia decente.

Roy remexeu a terra com a ponta da bota.

— Não tem roupas, não tem jóias. E não há nada dessas coisas por perto. Calculo que a cabeça e as mãos foram cortadas para evitar a identificação. Foi por isso que eu compreendi logo de saída que era um homicídio.

Doc Crowell tornou a enxugar o suor da testa.

— E então, Doc, pode me dizer se é homem ou mulher?

Crowell hesitou. Não podia parecer muito estúpido, pois era conhecido como um médico competente e bastante inteligente.

— O formato da pélvis sugere uma mulher — disse ele finalmente, com todo cuidado. — Mas isso não é uma prova conclusiva. Muitos esqueletos masculinos e femininos são semelhantes. Só se pode ter certeza com um exame interno. Neste caso, porém, isso é impossível, porque os órgãos vitais já não existem mais.

Roy assentiu, agora com uma expressão sombria.

— Ratos, lobos, insetos, até mesmo passarinhos, devem estar alimentando-se do cadáver há meses — continuou o médico.

O cachorro de Rabe latiu ansiosamente no pântano próximo.

— Estou louco de vontade de descobrir bem depressa o resto do cadáver — murmurou Roy.

— Talvez seja difícil provar que foi assassinato, Roy.

— Hem? Mas como poderia ser outra coisa, com a cabeça e as mãos cortadas desse jeito?

— Especulação não é prova, Roy. Agora, nem mesmo é possível determinar se a mutilação ocorreu por ocasião da morte ou mais tarde.

Don Crowell fez uma pausa. O que estava dizendo era a pura verdade.

— A pele em decomposição aqui no pescoço parece indicar que a cabeça foi realmente cortada. Mas não será fácil, depois de todo esse tempo, determinar quando e como. Nem mesmo com um exame ao microscópio. De qualquer maneira, uma autópsia completa nos poderá revelar alguma coisa.

— Mas a gente tem de descobrir alguma coisa, Doc!

— O tempo está contra nós, Roy. Depois de todos esses meses, o que poderemos procurar como possível causa da morte? Os órgãos que poderiam conter veneno já não mais existem. Será que a vítima foi enforcada, estrangulada, espancada, levou um tiro ou uma facada? Depois de todo esse tempo, ainda será possível encontrar um buraco de bala ou uma bala perdida entre o que resta do cadáver. É possível encontrar também os indícios de um ferimento à faca. Mas, neste momento, não estou vendo o menor indício dessas coisas. No caso de um tiro ou de marcas de porrete, o lugar mais apropriado de se procurar seria o crânio. Mas acontece que o crânio está desaparecido. A vítima pode ter sido enforcada,

estrangulada, sufocada ou afogada, sem que haja qualquer possibilidade de sabê-lo agora.

Roy tornou a cuspir o caldo de tabaco.

— Mas temos de descobrir alguma coisa.

— Seria uma grande ajuda se você conseguisse encontrar a cabeça, Roy. Poderíamos pelo menos determinar a causa da morte. As cabeças também servem para uma identificação positiva dos cadáveres, por causa dos dentes. Mas a cabeça pode não estar por perto. Talvez tenha sido enterrada em outro Estado.

— O que acha que aconteceu, Doc?

— Neste momento, Roy, não sei dizer quando nem como aconteceu. O corpo que teve sua posição mudada, depois da morte, apresenta uma depressão e uma palidez maior nas partes que não estavam em contato com a superfície sobre a qual foi descoberto. Pode-se dizer, pela conformação das diversas partes do corpo, se foi ou não mudado de lugar, durante o período a que chamamos de flacidez primária. Mas, depois de tanto tempo, é muito difícil saber. A pessoa pode ter morrido muitos meses antes de ser jogada aqui. E não posso dizer como nem quando. Pelo menos não neste momento.

Roy estava quase gemendo de frustração.

— Do jeito que fala, Doc, parece que a gente tem tanta chance quanto uma bola de neve no inferno de resolver este crime.

— Farei o melhor possível, Roy. O que mais quer que eu diga?

— Como poderei descobrir o motivo do crime, sem nem ao menos saber quem era a vítima? Sem nem mesmo saber se era homem ou mulher? Sem saber de absolutamente nada!

Roy remexeu o esqueleto com a ponta da bota e depois ajoelhou-se com um suspiro ofegante. Com um graveto, começou a cutucar o lugar do qual deslocara um pedaço do cadáver. Pequenos insetos brancos saíram em disparada, diante da luz súbita.

— Ei, Doc! Por que não pensei nisso antes? O cadáver está em cima dessas folhas velhas. E elas estão aqui desde o outono passado. Portanto, o cadáver foi deixado aqui nessa época!

— Tem razão — disse Doc Crowell, num sussurro estranho. — Desde o outono passado...

Doc Crowell mandou colocar o que restava do cadáver sobre uma velha mesa de operações, no depósito que havia nos fundos do seu con-

sultório. Abriu outra garrafa de I. W. Haerper, do estoque de uma dúzia de garrafas que escondera dentro de um arquivo. Tomou diversos goles, depois enfiou as mãos em luvas de borracha e começou a trabalhar. O uísque ajudou-o a manter uma atitude abstrata e filosófica com relação àquela situação difícil. Foi interrompido por diversos pacientes, inclusive pelo pequeno Jamie Wheelis, que fora mordido por um besouro, embora a mãe obstinada insistisse que fora uma cobra. O velho Jacobson apareceu com o ombro novamente deslocado, tendo de receber uma injeção de morfina para que Crowell pudesse recolocá-lo no lugar, mandando-o para casa. Por volta das 11:30, porém, Doc Crowell já conseguira concluir um fac-simile razoável de uma autópsia.

Seria uma imprudência apresentar um relatório que pudesse parecer excessivamente negligente. O gabinete do Promotor Estadual começara a despachar espões para verificar as autópsias realizadas nos condados do interior. Crowell tomou mais alguns goles, antes de meter a garrafa numa das gavetas da escrivaninha, a tempo de receber Roy Blimline.

Doc Crowell entregou ao ansioso Xerife um relatório de duas páginas, escrito com uma letra meticulosa e um tanto antiquada.

A radiografia não mostrara nenhum buraco de bala. Ele não encontrara nenhuma bala. Não encontrara também qualquer indicação da causa da morte. Ainda não havia prova alguma de homicídio. A altura aproximada podia ser determinada pelo comprimento dos principais ossos de cada perna. A tíbia da perna direita tinha 363mm de comprimento, enquanto a tíbia da perna esquerda tinha 265mm. De acordo com a tabela, a altura da vítima devia ter sido entre 1,65m e 1,68m. A vítima provavelmente era jovem, o que podia ser determinado pelas cartilagens da frente do peito, especialmente das primeiras costelas. Devia ter 20 anos ou menos. Podia-se determinar a idade com mais exatidão enviando-se radiografias para um antropologista competente, capaz de tirar outras conclusões da espinha dorsal e dos ossos dos antebraços e das pernas.

Os restos da pele do pescoço decapitado pareciam ter sinais de corte. O mesmo se podia dizer sobre os tecidos dos pulsos. Todos os órgãos internos haviam desaparecido. O tecido cortado, examinado ao microscópio, da melhor forma possível, tendo em vista o adiantado estado de decomposição, não indicava qualquer reação celular.

— E o que significa isso, Doc?

— Que os cortes que deceparam as mãos e a cabeça foram feitos

depois da morte.

Roy sorriu, desconsolado.

— Sabia que isso ajuda um bocado, Doc? Eu já estava começando a imaginar que a vítima poderia ter saído correndo por aí, sem cabeça.

Doc Crowell sorriu, um tanto tenso.

— Se quiser, Roy, pode chamar outro médico-legista. Há uma porção de patologistas legais lá em Palm City.

— Não precisa ficar nervoso só porque eu fiz uma brincadeira, Doc.

— Pois então telefone para o gabinete do Promotor Estadual e peça ajuda.

— Sabe perfeitamente que eu jamais recorreria àqueles sujeitos, Doc. Mas tenho certeza de que vamos conseguir deslindar este caso sozinhos!

— Sua fé me comove profundamente — disse Doc Crowell, ironicamente.

Ele se sentou atrás de sua escrivaninha atulhada. Até aquele momento, seu relatório era o mais honesto possível. Mesmo sem prevenção, não poderia ter feito melhor, considerando as exíguas facilidades que tinha à sua disposição.

Praticamente não existia qualquer indício que a autópsia pudesse descobrir, naquele caso. Se algum relatório de autópsia negligente, nos condados do interior, fosse denunciado, certamente haveria um escândalo. Doc Crowell sabia perfeitamente que muitos assassinos escapavam impunes todos os anos e, nas regiões mais isoladas e atrasadas, por causa de autópsias superficiais, incompetentes, negligentes e talvez deliberadamente falhas. Ele queria que aquela sua autópsia resistisse a qualquer investigação.

Foi nesse momento que Rabe Holloway entrou no consultório, a sorrir triunfantemente, acompanhado por seu cachorro, ambos espalhando lama dos pântanos por toda parte. Rabe colocou uma caixa de sapatos em cima da escrivaninha.

Roy Blimline e Doc Crowell olharam para a caixa e viram a mão.

Doc Crowell ficou olhando para a mão, incapaz de falar, enquanto sentia uma camada de gelo surgir-lhe no estômago. A mão estava escura, murcha. Ao primeiro olhar, dava a impressão de ser um inseto ou talvez um caranguejo, aprisionado dentro da caixa.

— Comece a trabalhar nela, Doc — disse Roy alegremente.

Ele e Rabe saíram, acompanhados pelo cachorro. Atravessaram a rua na direção da estalagem de Martha, onde tomariam umas cervejas.

Doc Crowell afastou-se da caixa e cambaleou até o arquivo. Abriu uma garrafa e tomou rapidamente alguns goles. Depois, pegou a mão e levou-a para a sala de autópsia, o depósito nos fundos. Finalmente reuniu coragem para tirar a mão da caixa, colocando-a sobre a mesa. Sentou-se em seguida numa cadeira empoeirada e rachada. Não havia qualquer barulho lá fora, naquela tarde quente e abafada. Ele ouviu uma vespa zumbindo em algum lugar do telhado.

Doc Crowell estremeceu e enxugou mais uma vez o suor do rosto. O cadáver em decomposição tinha um aspecto outonal e um odor estranhamente suave de folhas mortas e terra úmida. No outro lado da sala, pendurado num velho gancho enferrujado, havia um esqueleto humano empoeirado. O crânio polido sacudia-se sutilmente e o sorriso imutável parecia dirigir-se a Doc Crowell.

Ele se recordou da outra, das duas mãos juntas, avançando para seu rosto, com as unhas afiadas. Ficara surpreso com a força daquelas mãos, resistindo tenazmente. Tinham sido mãos jovens. Mãos fortalecidas pela vontade de viver. Certamente haviam surpreendido até a si mesmas, pela maneira como tentaram desesperadamente permanecer vivas.

Era a ânsia de viver da juventude, pensou Doc Crowell, tomando outro gole da garrafa. O otimismo cego e ansioso de mãos jovens, querendo viver. O outono parece então muito longe. As estações parecem intermináveis. Mas chega um tempo em que esse anseio já não é tão desesperado ...

Por que, Laura? Por que você tinha de transformar um equívoco meramente desagradável num pesadelo sem fim?

Ele fechou os olhos. Ignorava o suor que escorria pelo rosto e pingava na frente da camisa, um pouco suja. Algumas vezes, mesmo quando não se é tão jovem, também se fica desesperado. E fica-se desesperado e ansioso pela vida que jamais se irá conhecer.

Uma vez, uma única vez, depois de todos aqueles anos vazios, ele se desencaminhara. Era o eufemismo que gostava de usar. Desencaminhara-se, saíra de um caminho reto, restrito, o caminho dos mortos. Não podia deixar de admitir que, com uma esposa como Genevieve, por muitas vezes antes se sentira tentado. Tinha ido atender ao chamado de um doente perto de Lockridge, a quase 150 quilômetros de Cypressville. E lá

estava Laura, a garçonete, trabalhando até tarde da noite num pequeno restaurante de beira de estrada.

Não tinha a menor importância qual a aparência dela ou sua personalidade. Ele não conseguia realmente recordar-se. Simplesmente era aquele o momento de ele desencaminhar-se. Depois, já tarde demais, é que percebeu a ânsia predatória nos olhos dela. Viu-a algumas vezes. Mas mandara-lhe uns bilhetes estúpidos e ingênuos, altamente comprometedores, murmúrios e juras sem a menor dignidade, de um devasso totalmente incompetente e cansado.

Depois, naquela noite, ele a tinha levado de carro na direção de Cypressville, atravessando a fronteira estadual. As ameaças começaram. A Lei Mann, seqüestro, violação. Ela demonstrara ser, inacreditavelmente, profunda conhecedora de todas as falhas mais sórdidas da lei. Tinha os bilhetes dele como prova, além do anel que ele lhe dera. Chantagem.

Pensando no anel, Doc Crowell soltou uma risada seca e lúgubre. Abriu a gaveta do meio da escrivaninha e olhou para a caixa que continha o anel. Ela também rira quando ele pedira que o devolvesse. Mas ele o recuperara, apesar disso. E desde então não voltara a olhar para o anel.

Abriu a caixa e ficou contemplando o anel, a faiscar na luz fraca da sala. Fechou a caixa bruscamente e tornou a metê-la no fundo da gaveta, antes da entrada de Roy.

— O que descobriu com aquela mão, Doc?

— A decomposição já está adiantada demais para que se possa obter impressões digitais.

— E o dedo que está faltando, Doc, será que não tem nada?

Doc Crowell encostou a testa na mão, subitamente.

— O que quer saber?

Roy suspirou.

— É parte também da mutilação, Doc?

— É, sim. O dedo foi removido depois da morte.

— Roubo! O assassino estava querendo tirar o anel a toda pressa!

— É possível — murmurou Doc Crowell, quase inaudivelmente.

— O que tem nas unhas é mesmo esmalte prateado, Doc?

Doc Crowell levantou os olhos rapidamente.

— É, sim. As células epiteliais das unhas são muito duráveis. Não se decompõem facilmente. E, ao que parece, a mesma coisa ocorre com o esmalte de unhas.

— Assim, Doc, tudo parecia indicar que a vítima provavelmente era uma moça.

— Provavelmente.

— O esmalte prateado combina com o que disse a respeito da pélvica feminina, da altura e tudo o mais. Agora, já tenho alguma coisa de concreto para entrar em ação, Doc. Tenho de procurar uma garota, em torno dos 20 anos e com cerca de 1,65m de altura, que usava esmalte de unha prateado e desapareceu por volta de outubro passado.

— Receio que vá encontrar muitas garotas que correspondam a essa descrição, Roy.

— E tem mais uma coisa, Doc: estou convencido de que o assassino é um homem daqui!

O coração de Doc Crowell disparou, batendo muito alto. Logicamente, ele se perguntou se Roy não poderia ouvir o barulho dentro de seu peito, que mais parecia com uma máquina que subitamente se descontrolara, pelo excesso de trabalho.

— Como chegou a essa conclusão, Roy?

— Por causa do lugar em que o corpo foi escondido. Eles vinham pela Rodovia 3. O assassino sabia exatamente onde parar, a fim de atravessar o pântano sem cair em areias movediças. Sabia exatamente onde deixar o corpo, a fim de que demorassem muito a encontrá-lo, se é que algum dia seria encontrado. Uma pessoa que não conhecesse aquela área jamais se atreveria a andar por ali. Por isso é que eu digo que só pode ter sido alguém daqui mesmo.

— É um raciocínio perfeito — admitiu Doc Crowell.

Por que, pensou ele, considerando tudo o que já havia feito, não fora capaz de assumir o gesto final e horrível, mas prático, de lançar o corpo nas areias movediças?

Roy soltou novamente sua risada rouca e bateu com a mão na coxa.

— Vamos resolver esse crime bem depressa, Doc! Já pedi informações sobre a garota em todas as cidades vizinhas. Calculei que a polícia deve ter nos arquivos algum dado sobre as moças desaparecidas.

Doc Crowell assentiu.

— Não se esqueça de me contar, se descobrir mais alguma coisa, meu caro Sherlock Holmes.

No final da tarde, Rabe trouxe a mão direita, dentro de um saco de papel. Doc apressou-se em dizer que a nova descoberta em nada con-

tribuíra para esclarecer o crime. Roy sentou-se no consultório, enxugou o suor da testa e olhou para as botas enlameadas.

— Recebi um telefonema de Lockridge há cerca de uma hora, Doc. O Xerife de lá se chama Gregson. Ele acha que pode ser uma garçonne de lá, que está desaparecida há quase um ano. A altura, a idade, as unhas prateadas, tudo confere. Vai partir do princípio de que é a mesma moça. Já começou a investigar entre os amigos dela e coisas assim.

— Tenho a impressão de que ele está fazendo suposições demais, Roy.

Pouco depois Rabe voltou, carregando uma caixa de papelão de cerveja, suja de lama, a berrar tanto quanto seu cachorro, gritando que finalmente encontrara a cabeça.

O cachorro deu um pulo e aninhou o focinho enlameado no colo de Doc Crowell. Ele olhou para o rosto sorridente de Rabe com uma irritação visível. Roy levantou-se, para ir telefonar para Gregson, em Lockridge. Antes de sair, disse a Doc Crowell:

— Descubra tudo o que puder sobre essa cabeça, Doc!

Quando finalmente conseguiu levar a cabeça para a sala da autópsia, pondo-a em cima da mesa, Doc Crowell ficou imóvel, mal conseguindo respirar, no calor sufocante, diante da proximidade terrível. Depois, tomou uns goles da garrafa de I. W. Harper, nervosamente, enquanto o esqueleto continuava a rir, em silêncio, dependurado no gancho enferrujado. Segurando a garrafa de encontro ao peito, ele se sentou, pensando no problema do catabolismo, a decomposição do tecido morto.

Se Laura tivesse sido deixada dentro do pântano, ter-se-ia transformado completamente em argila. Se algum dia ela fosse descoberta, ninguém jamais poderia determinar a diferença. As alterações num corpo morto são totalmente diferentes das mudanças celulares naturais que ocorrem num corpo vivo. As mudanças em vida são decorrentes do processo funcional, de crescimento. A morte, no entanto, é uma rápida progressão para a não-função: Daí porque a unidade celular se decompõe, revertendo aos elementos mais básicos. A função é destruída. A morte é destruição. O corpo na morte é finalmente e para sempre consumido.

Mas será que existia realmente alguma diferença básica?

Laura, não há realmente tanta diferença assim; portanto, não fique furiosa, desapontada ou triste. Se há alguma diferença, é apenas uma questão de gradação. Às vezes, os vivos estão na verdade mortos, mas

alguns parecem não sabê-lo.

Doc Crowell levantou-se e arrotou.

Às 9 horas da noite, Roy voltou, muito entusiasmado, indagando o que Doc descobrira a respeito da cabeça. Doc Crowell entregou-lhe mais uma folha escrita de relatório da autópsia. Adiantado estado de decomposição. Considerável perda do tecido menos resistente, tornando impossível a identificação pela aparência facial. Restava alguma pele no lado esquerdo da cabeça e do pescoço, aparentemente o lado que ficara virado para baixo. A extremidade inferior da pele do pescoço parecia ter sido cortada. Havia cabelos, provavelmente louros, ainda presos no couro cabeludo, no lado esquerdo. Não havia indicações da causa da morte na cabeça. Não havia qualquer buraco de bala.

Roy telefonou para o Xerife Gregson, em Lockridge, a fim de transmitir-lhe as novas informações. Depois, comunicou a Doc Crowell, radiante:

— A garçonne desaparecida era loura!

Pouco depois, um dentista enviado por Gregson entrou correndo no consultório de Doc Crowell. Examinou rapidamente os dentes da morta, depois de ajustar nas concavidades os que estavam soltos. Comparou-os com diversas radiografias que trouxera numa pasta.

— É a mesma moça — confirmou ele, saindo em seguida, tão depressa quanto chegara.

Roy pegou o telefone e comunicou a boa notícia a Gregson, em Lockridge. Depois, ficou escutando atentamente por alguns minutos, antes de desligar. Sentou-se numa cadeira e cortou um naco de fumo de mascar.

— Ela tinha apenas 17 anos, Doc. Mas, segundo Gregson, tinha uma experiência muito maior do que a idade. Não tinha pais. Vivia com um tio bêbado. Saía com qualquer um, contanto que usasse calça e tivesse algum dinheiro no bolso.

Ela parecia muito mais velha, pensou Doc Crowell. Acredite em mim: ela parecia muito mais velha. E disse também que era mais velha, até atravessarmos a fronteira estadual.

Doc Crowell compreendeu subitamente que suas mãos estavam trêmulas e úmidas de suor.

— E também já agarraram o assassino, Doc.

Uma sensação próxima do terror invadiu Doc Crowell quando se sentou, muito rígido. Olhou para Roy com uma concentração exagerada,

enquanto seu estômago parecia virar ao contrário.

— Um suspeito, Roy?

— Gregson passou a tarde inteira trabalhando nele.

— É mesmo? E quem é esse provável assassino?

— Um garoto chamado Hal Bronson. Desde que a garota desaparecera que Gregson desconfiava que ele tinha alguma coisa a ver com o caso. Mas não tinha provas do que acontecera com ela. Mas agora que ele sabe que Laura Grendstedt foi morta, está pressionando o garoto para confessar o crime, por todos os meios. E não deve ser brincadeira o que ele deve estar fazendo com o garoto.

— Quer dizer que o rapaz ainda não confessou?

— Ainda não. Mas Gregson diz que ele vai ceder a qualquer momento. Pelo que parece, esse Xerife Gregson é um sujeito duro.

— E ele tem certeza absoluta de que o rapaz é culpado?

Enquanto contava a história, Roy ia de vez em quando até a porta e cuspiam na escuridão. Hal Bronson dissera que, na noite em que Laura desaparecera, havia marcado um encontro com ela num posto de gasolina fora de Lockridge. O pai dele era um homem rico e Hal não queria que soubesse do tipo de garotas com quem andava. Assim, eles se encontravam mais ou menos em segredo ou pelo menos tentavam fazê-lo. Na verdade, o rapaz andara metido em encrencas desde que tivera idade suficiente para perceber a diferença entre os sexos. Só não passara algumas temporadas num reformatório graças ao dinheiro do pai. Ele ficou esperando por Laura no posto de gasolina. Ela acabou aparecendo, mas acompanhada por outro homem, num carro todo sujo de lama, segundo o rapaz. Ela se limitou a dar uma risada para Hal Bronson, sem sair do carro, que seguiu rapidamente adiante, pela Rodovia 3, na direção de Cypressville. Bronson insistia que fora a última vez que vira ou tivera notícias de Laura Grendstedt. Mas não conseguia lembrar-se da placa do carro nem da marca. Ninguém mais tinha visto o carro. Mas havia muitas testemunhas que viram Hal e Laura juntos, anteriormente. A menos que o “outro homem” aparecesse, Gregson não podia ignorar o fato de que Hal Bronson fora a última pessoa a ver Laura com vida. E não podia também ignorar que fora ele quem marcara um encontro com Laura, na noite em que ela fora assassinada.

— E não é só isso, Doc! Ele costumava passar os verões com uma tia, que morava perto da Rodovia 3, na mesma área em que o corpo foi

encontrado! Assim, Bronson sábia como levar o corpo até lá, sem cair em areias movediças! Só não consigo entender por que ele não jogou o corpo nas areias movediças.

Depois de algum tempo, Doc Crowell levantou os olhos, indagando cautelosamente:

— Quer dizer então que o caso está praticamente encerrado?

— Gregson diz que o garoto não demora a confessar tudo, Doc. De qualquer maneira, ele é o culpado.

— Tem certeza?

— Mesmo que ele não confesse, irão acusá-lo do crime. Aquele garoto nunca prestou, Doc. Não resta a menor dúvida de que é o culpado!

Doc Crowell abriu a gaveta do meio da escrivaninha e tirou uma garrafa de I. W. Harper e dois copos. Quando ia fechando a gaveta, a caixa com o anel escorregou para a frente e fitou-o.

Os olhos de Roy ficaram arregalados ao verem a garrafa. Todos sabiam que Doc Crowell de vez em quando se refugiava na garrafa. Mas ele ocupava também uma posição digna e respeitada na comunidade. Em cidades pequenas como Cypressville, os habitantes são bastante compreensivos em relação aos cidadãos mais idosos e respeitados, que são forçados pelas vicissitudes da vida a procurarem refúgio na garrafa, de vez em quando. Mais importante do que isso, era o fato de Doc Crowell ser o único médico da cidade. E mais importante ainda era a sua incapacidade de importunar os pacientes por causa das dívidas acumuladas. Os habitantes de Cypressville não eram apenas pobres, mas também famosos por sua frugalidade extremada. Certa ocasião, quando Doc Crowell resolvera passar a cobrar dois ou três dólares pelas consultas a domicílio, a reação geral fora a de que o médico na cidade estava possuído pelo demônio e em breve os chifres começariam a aparecer em sua testa. Todos sabiam que, se Doc Crowell conseguisse receber metade do que lhe era devido, já poderia ter-se aposentado há muito tempo, levando uma vida de luxo. Assim, se Doc Crowell vinha manifestando ultimamente uma tendência cada vez mais acentuada para procurar consolo na bebida, os cidadãos farisaicos preferiam não comentar o assunto. Além do mais, não havia ninguém que pudesse culpá-lo, levando em consideração a esposa a que estava preso, por tomar um drinque de vez em quando.

Apesar de tudo isso, Roy achou que era um exagero o fato de Doc Crowell exibir sua fraqueza de maneira tão clara. Não que Roy se impor-

tasse muito por alguém apreciar um drinque. Mas a porta estava aberta e havia sempre pessoas passando pela rua. Ele olhou para a garrafa e depois para o rosto pálido e barbado de Doc Crowell, percebendo o brilho anormal que havia nos olhos do médico.

— Minha boca está seca, Roy. Seca demais...

Doc Crowell olhou para a noite lá fora, que não mais estava clara como antes. As estrelas iam rapidamente desaparecendo, como galinhas assustadas. Um vento úmido, vindo do oeste, trazia nuvens carregadas de chuva.

Ele voltou a olhar para Roy e encheu os dois copos com o I. W. Harper, mas não fez a menor menção de beber.

— Sabe, Roy, você e Gregson não passam de dois rematados idiotas e mentirosos descarados.

— Hem?

— Se o único exercício de vocês é tirar conclusões precipitadas e erradas, então devo dizer que estão em grande forma. Acontece que eu sei que Bronson é tão culpado do crime quanto você, Roy.

— Não diga uma coisa dessas, Doc. Gregson deve saber o que está fazendo. Além do mais, como pode ter certeza de que Bronson não é culpado?

Doc Crowell ergueu as mãos.

— Porque eu sou o culpado, Roy. É por isso que eu sei. É por isso que tenho certeza de que Hal Bronson não é o culpado. Cientificamente, pode-se dar a isso o nome de lei dos postos que se excluem ou...

— Mas que coisa, Doc!

Roy olhou para a garrafa, sacudindo a cabeça.

— Mas que coisa, Doc!

— Fui eu mesmo quem matou Laura Grendstedt, Roy. Com essas minhas mãos hábeis e experientes. Estrangulei aquela pobre moça. Parece-me desnecessário ressaltar que o método do crime dificilmente poderia ser descoberto numa autópsia, depois de decorrido tanto tempo.

Doc Crowell confessou tudo, lenta e calmamente, da mesma maneira como contava histórias engraçadas nas noites de verão, quando os homens se reuniam na praça.

Roy ficou escutando, continuando a sacudir a cabeça, numa negativa ritmada e constante, como se fosse um desses brinquedos mecânicos. E de boca aberta. Um filete de saliva de tabaco escorria pelo canto de sua

boca, como um barbante preto.

— Acho que deve andar bebendo demais, Doc. Mas por que tem de brincar com uma coisa dessas?

— Ela estava tentando fazer chantagem comigo, Roy. Não se trata de uma brincadeira. Ela me queria explorar, na tola suposição de que todo médico é um homem rico. Mas é claro que eu não podia pagar. E ela ameaçou denunciar-me. Todo mundo iria saber. E a verdade é que eu aprecio bastante o respeito que me é conferido por esta comunidade, Roy.

Roy soltou uma risada nervosa e enxugou o suor do rosto.

— Está mesmo falando sério, Doc?

— Quando expliquei que não tinha dinheiro, ela riu e recusou-se a acreditar. Meu carro estava parado a cerca de dois quilômetros ao norte do local onde o corpo foi encontrado. Outros carros passavam pela estrada. Ela rasgou o vestido e ameaçou saltar do carro e fazer sinal para a primeira pessoa que se aproximasse, a quem contaria como ficara naquele estado, mentindo que eu tentara violentá-la. Foi então que a matei, Roy. Mas não foi um ato tão frio e calculista como pode parecer pela maneira como estou contando. Foi como um sonho. Não resta dúvida de que havia muito ressentimento e ódio acumulados dentro de mim. Explodi subitamente. Antes de compreender o que estava fazendo, eu... eu já tinha feito.

Roy ainda conseguiu soltar outra risada hesitante.

— Não poderia jamais ter feito uma coisa dessas, Doc. É a primeira vez que o vejo inventando uma história que não dá para ninguém acreditar.

— Também me parecia impossível, Roy, até eu compreender que acabara de matá-la. Não nos conhecemos uns aos outros, Roy. Mas conhecemos ainda menos a nós mesmos. Estou absolutamente convencido disso.

— Nunca vou acreditar na sua história, Doc!

Roy esvaziou o seu copo de uísque e, com as mãos trêmulas, tornou a enchê-lo.

— Não adianta que nunca vai conseguir convencer-me.

— Receio de que terá de acabar convencendo-se, Roy.

— Não vou, não, Doc. E sabe o que acontecerá se contar essa história aos outros? Ninguém vai acreditar!

— Ela riu de mim. Eu era velho e ridículo. Há muitas razões, mas o

fato é que fui eu o culpado. Talvez qualquer outro tivesse agido da mesma forma, em circunstâncias iguais.

A voz dele fora abaixando à medida que falava. Parou em seguida e ficou olhando pela janela. Tinha começado a chover.

— Pensei nas pessoas daqui, Roy. Pensei em todas elas, de como dependem de mim. Eu as ajudo, Roy, mantendo a todos saudáveis e mais felizes, porque conheço todo mundo. Fui eu quem trouxe a maioria a este mundo e conheço cada um muito melhor do que qualquer outro jamais chegaria a conhecer. Eu teria ido para a cadeia e as pessoas daqui não teriam mais ninguém para se preocupar com elas, mais ninguém que se importasse se elas continuariam vivas ou não. — Fez uma pausa, sorrindo. — O único paciente a quem eu não conhecia muito bem era eu mesmo.

— Ninguém por aqui jamais irá acreditar nessa história, Doc.

— Estou arrependido do que fiz, Roy. Não importa o motivo, não pode haver justificativa para o meu ato, não é mesmo? Estou arrependido, porque deve ser algo terrível ser assassinado. E eu sei disso, Roy, porque há anos que isso vem acontecendo comigo.

Doc Crowell levantou e olhou-se no espelho por cima da pia, vendo sua imagem vacilante. Em seguida, prosseguiu:

— Quem sou eu? Quem é você, Roy? Descobrir assassinos é algo inteiramente inútil, não é mesmo, Roy? Um caso de assassinato só começa quando supostamente está encerrado, depois que o assassino é capturado e convenientemente punido. Porque, a menos que consiga descobrir o motivo que o levou ao crime, não terá realmente solucionado coisa alguma. Não é mesmo, Roy?

— Já solucionamos este caso, Doc. Gregson e eu. E você ajudou o bastante. O garoto lá de Lockridge deve confessar o crime a qualquer momento.

— Não, Roy, eu é que sou o assassino. O velho e bondoso Doc Crowell matou aquela pobre moça! — Soltou uma risada, antes de continuar: — Laura morreu bruscamente, ainda muito jovem. Entre mim e ela, a única diferença é que estou morrendo bem mais devagar e chegarei ao fim já velho. Sabe, Roy, é preciso tomar muito cuidado para não tirar conclusões precipitadas a respeito de coisa alguma especialmente sobre corpos em decomposição. — Bateu com a mão no próprio peito, acrescentando: — Tome como exemplo o caso deste corpo. Seria tolice e perda de tempo tentar adivinhar a causa da morte.

O sorriso de Roy, ao levantar-se, era mais confiante. Ele estendeu a mão para a garrafa.

— Acho que posso perfeitamente acompanhá-lo numa bebedeira, Doc. Deve andar sentindo-se meio solitário, tendo de beber sozinho. — Encheu os dois copos, fitando Doc Crowell. — Deve andar apoiando-se na garrafa em demasia, Doc. Nunca ouvi ninguém dizer tanto absurdo, desde que o velho Allardice conseguiu fazer-se enforcar.

— Estou vendo que se recusa a aceitar a verdade, Roy.

— Bebeu demais e está chumbado, Doc. É esse o problema. Não está em seu juízo perfeito. Conheço-o muito bem. É louco o suficiente para querer salvar a vida daquele garoto. Não é isso o que está tentando, Doc?

Doc Crowell sacudiu a cabeça.

— Eu deveria sentir-me lisonjeado com o seu desejo de transformar-me num santo e mártir, Roy. Mas eu não sou nada disso. Estou confessando o assassinato porque fui eu que o cometi e você tem de prender-me.

— Claro, claro, Doc. — Roy soltou uma risada, passando a mão pela boca. — Estou vendo que está bêbado que nem uma gambá, Doc. Está pensando que vale a pena salvar a pele daquele garoto. Mas ele nunca prestou, Doc. Aquele garoto deveria ter sido afogado num barril de água de chuva, antes mesmo de abrir os olhos, como costumam fazer com os gatinhos recém-nascidos.

Doc Crowell abriu bruscamente a gaveta e tirou a caixa com o anel.

— Não existe qualquer prova contra aquele rapaz, Roy. Só existe indícios circunstanciais e talvez uma confissão arrancada a força. Mas eu tenho aqui uma prova indiscutível, Roy. Uma prova concreta de que sou eu o assassino!

Roy fitou Doc Crowell, depois baixou os olhos para a caixa do anel, voltou a fixá-los no rosto do médico. Neste momento, Rabe gritou da rua, informando a Roy que Gregson lhe estava telefonando, de Lockridge. E Roy disse então:

— Não faça nada até eu voltar, Doc.

Doc Crowell ficou observando Roy sair e depois sentou-se, olhando para a caixa do anel. O tempo foi passando. Ele levantou e foi até a porta da sala onde fizera a autópsia, olhando lá para dentro. Voltou à escrivaninha, sentou-se, tomou um gole interminável da garrafa. Quando Roy

voltou, havia no rosto dele uma expressão esquisita, um olhar de triunfo e ao mesmo tempo de tristeza. Roy revidava o chapéu entre as mãos, nervosamente.

— Agora é tarde demais para tentar ajudar aquele garoto, Doc. — Ele pegou um copo cheio de I. W. Harper. — Vamos brindar a um caso de homicídio, Doc, um caso resolvido e arquivado.

— O que está querendo dizer com esse tarde demais?

— Suicídio, Doc. Acho que isso não deixa a menor dúvida de que aquele garoto maluco é que era o culpado, não é mesmo?

— Suicídio?

— Exatamente. Bronson enforcou-se na cela, há meia hora.

Doc Crowell ficou imóvel na cadeira por algum tempo, sem nada dizer, olhando para a noite chuvosa, com a caixa do anel na mão direita. Depois, o telefone tocou e ele atendeu. Um sorriso cansado estampou-se em seu rosto. Finalmente, com uma impaciência zombeteira, ele disse:

— Fique calmo, Pete Hines. Sua mulher ainda não está pronta. E você já devia saber disso. Ela já teve experiência bastante dessas coisas e deve saber que não precisa de mim neste momento. Procure não ficar muito nervoso. Eu estarei aí antes do amanhecer.

Ele tornou a guardar a caixa do anel na gaveta e fechou-a, antes de levantar-se e pegar o chapéu para sair.

UMA FAMÍLIA UNIDA PELO IDEAL

Richard Hardwick

Os irmãos Farrel, Roger e Paul, tinham respectivamente 11 e 12 anos quando o pai se sentou com eles e revelou-lhes os fatos da vida, de maneira franca e objetiva. Os fatos da vida conforme Horatio Farrel os via, é bom que se diga. Na revelação paterna não houve qualquer referência a questões biológicas, nenhuma menção a passarinhos, abelhas ou salmões a lutarem valentemente para subirem o rio contra a correnteza. Essas coisas eram obras da natureza e, na opinião de Horatio Farrel, a própria natureza poderia encarregar-se delas. Os fatos que ele procurou esclarecer para os filhos eram os feitos pelos homens, lei, ética, obrigações contratuais, juros, compostos e simples, as muitas maneiras de se tirar vantagens dos outros e de ficar por cima. Ele ressaltou a importância da posição, de se fixar objetivos desde cedo, não se permitindo absolutamente que algo se interponha na conquista plena de tais objetivos.

Enfiando os polegares no colete, Horatio Farrel resumiu a conversa:

— Essas coisas, Roger e Paul, são a própria essência da vida, o próprio motivo da existência, nos tempos que estamos vivendo. O sucesso e a integridade, nessa ordem, são os conceitos que devem nortear a vida de vocês. Um homem é sempre medido por essas coisas. Escolham o seu objetivo na vida, procurando algo bem alto, e jamais permitam que coisa alguma os afaste dele.

Ele parou de falar e olhou para os filhos, como se esperasse aplausos.

— Como você, papai? — perguntou Roger, que tinha 11 e já conseguira pular um ano na escola. — O importante é ser presidente do banco e daquele conselho de diretoria e tudo o mais?

— Conselhos de diretoria — corrigiu-o Horatio Farrel. — É precisamente sobre isso que estou falando. Sempre procurei e consegui ser o melhor em todas as coisas em que me meti, ao longo de toda a minha vida. E vocês, meninos, devem fazer a mesma coisa, pelo bom nome da família Farrel!

— Eu só tiro nota 10 na escola, papai — disse Roger.

— Sei disso, filho. E sinto-me orgulhoso de você. Roger virou-se para o irmão mais velho, que estava na mesma turma na escola.

— E como são as suas notas, Paul? — perguntou ele, com um sorriso malicioso.

Paul estremeceu, inquieto, evitando os olhos do pai.

— Eu tentei, papai. Fiz o melhor que me era possível. Juro que fiz.

O mais velho dos Farrel franziu o rosto, com uma expressão sombria.

— Eu já ia falar sobre isso, Paul. Parece que suas notas mal dão para passar de ano. Deve haver uma razão para isso.

— Acho que não sou tão inteligente quanto Roger, papai.

— Não diga bobagem, Paul. Se seu irmão pode conseguir, você também pode. No próximo semestre, filho, quero ver notas melhores, muito melhores...

Paul baixou a cabeça e assentiu. Roger conteve uma risada.

Paul Farrel esforçou-se arduamente. Contudo, por mais que tentasse, por maior que fosse o seu esforço, mais ele parecia ficar aquém do brilho do irmão. E a situação se manteve inalterável quando eles passaram para a escola secundária, Roger sempre o primeiro da turma, Paul num dos últimos lugares, conseguindo passar de ano com a maior dificuldade.

Mas Paul conseguiu ir em frente e formou-se ao mesmo tempo que Roger. Houve quem achasse que Paul conseguira o diploma graças à cumplicidade dos professores, muitos dos quais deviam dinheiro ao banco de Horatio Farrel. Outros professores, pelo que se dizia, haviam-no ajudado a se formar apenas porque não agüentavam mais ver aquele idiota na escola.

Os rapazes foram para a universidade, a mesma que o pai cursara, a mesma em que o avô havia estudado. Roger tornou-se o presidente da turma de calouros, o que não causou surpresa a ninguém. Paul, por outro lado, misturou-se com as centenas de outros calouros, dos quais se

distinguiu unicamente por ser o irmão de Roger Farrel. E novamente foi Roger quem surpreendeu seus professores, com suas notas e seus dons de liderança, enquanto Paul se debatia furiosamente nos últimos lugares da turma, como um touro atolado em areias movediças.

O pai não conseguia disfarçar sua insatisfação. Nem procurava fazê-lo.

— Você simplesmente não está fazendo tanto esforço quanto seu irmão! — disse ele a Paul, nos feriados de Natal, para logo depois acrescentar, num tom um pouco mais gentil: — Sei o que acontece com um rapaz de sua idade, Paul, quando começa a cursar a universidade, sentindo os primeiros arrepios pelo sexo oposto. — Horatio Farrel soltou uma risadinha lasciva, antes de continuar: — Não estou tão velho assim que não possa lembrar-me da atração de um tornozelo exposto de alguma linda colega. Mas não é esse o momento para perder tempo com essas coisas, Paul. Independente do que você possa ler ou ouvir, quero que saiba que os pobres e humildes não vão herdar a terra! São os fortes, filho, os que vão em frente apesar de todos os obstáculos contrários, os que não se deixam abater por absolutamente nada, são esses os únicos que conseguem vencer!

— Acho que simplesmente não sou muito inteligente, papai — murmurou Paul, abatido e desesperado. — Eles fizeram alguns testes de QI e outras coisas assim lá na escola e eu não me saí muito bem. Talvez eu devesse ir para alguma escola profissional...

— *Escola profissional!* — explodiu Horatio Farrel. — Um filho *meu!* Mas que absurdo! E quanto a esses testes, eles absolutamente nada valem! Não lhes dê a menor atenção! Você é um Farrel, o que significa que pode se igualar a qualquer homem! E agora, trate de se esforçar ao máximo!

Paul assentiu. .

— Está bem, papai. Mas não creio...

Mas Horatio Farrel já pegara novamente o *Wall Street Journal*. Abriu-o ruidosamente, o que significava invariavelmente que estava dando a conversa por encerrada.

Como era de se esperar, a situação não se alterou, só por causa das coisas que Horatio Farrel dissera ao filho. Os restantes quatro anos na universidade foram uma repetição do primeiro. Roger Farrel brilhava como

um cometa ofuscante a percorrer o compus, um jovem destinado a galgar as mais altas posições, no que quer que decidisse fazer. Enquanto isso, Paul continuou a se arrastar, um peixe vagaroso a enfrentar a correnteza muito forte, utilizando todas as células de seu cérebro a fim de permanecer na universidade e passar de ano, sempre na tangente. E sempre, por trás dele, espicaçando-o, estimulando, ameaçando, estava Horatio Farrel.

Na formatura, Roger recebeu um *summa cum laude*, fazendo o discurso de despedida da turma, que foi considerado muito superior à média dos discursos de despedida. Enquanto ele falava, confiantemente, uma chave da fraternidade universitária Phi Beta Kappa pendia de seu chaveiro.

Se os diplomas tivessem sido distribuídos pela ordem das notas, ao invés da ordem alfabética, Paul Farrel teria sido o último estudante a deixar a cerimônia.

Depois de curtas férias, Roger e Paul começaram a trabalhar no banco da família. Começaram como caixas, pois Horatio Farrel queria que os filhos tomassem conhecimento de todas as fases da operação do banco, antes de se tornarem diretores. Roger executou aquelas tarefas simples com a maior facilidade. Antes de decorrido um ano, ele já estava sentado atrás de uma escrivaninha, em cima da qual havia uma placa de mogno, na qual se podia ler, em letras douradas, o nome dele e o cargo, Assistente do Tesoureiro. Seis meses depois, o cargo de Roger passou a ser o de Assistente do Vice-Presidente. Enquanto isso, Paul continuou como caixa, sempre às voltas com as tiras das máquinas de calcular, fazendo e refazendo cálculos que nunca combinavam, a exhibir para os clientes do banco uma expressão de total perplexidade.

— Você se está esforçando, filho? — Horatio Farrel perguntou-lhe uma tarde, enquanto dois outros caixas conferiam os recibos de depósitos e os cheques descontados por Paul. — Está realmente dando-nos o melhor de si, rapaz?

Paul pôde responder apenas da maneira como sempre o fizera:

— Estou fazendo o melhor que posso, papai. Mas talvez eu não seja talhado para esse tipo de trabalho. Talvez ...

— Mas que diabo! Afinal, qual é o trabalho para o qual você é talhado?

Horatio Farrel, a esta altura, já estava gritando, a papada tremendo, o rosto cada vez mais vermelho.

— Eu sempre tive dificuldades com os números, papai — murmurou Paul, olhando com admiração para um dos outros caixas, cujos dedos voavam sobre a máquina de calcular. — Talvez eu devesse ir para uma escola profissional ...

Paul foi sendo transferido por todas as dependências do banco. A confusão que ele criou na contabilidade foi realmente monumental. No seu segundo dia como estafeta, Paul perdeu um envelope contendo 21 mil dólares em cheques compensados do banco. Felizmente, uma velhinha encontrou o envelope e devolveu-o ao banco. Mas isso foi a gota d'água para Paul Farrel. Na manhã seguinte ao incidente, encontraram um bilhete pregado na cama dele. Estava endereçado ao pai. No café da manhã, Horatio Farrel leu-o:

“Querido papai:

Já causei mais do que a cota normal de problemas para você e para o banco. Deixei a cidade, para tentar vencer na vida por minha própria conta. Também tomei emprestado 50 dólares de sua carteira...”

Horatio Farrel largou o bilhete em cima da mesa e rapidamente tirou a carteira do bolso. Contou o dinheiro e verificou que estavam faltando 60 dólares.

— Ele não sabe nem contar — murmurou ele, voltando à leitura da carta.

“...e irei pagar com juros de 6 por cento, assim que puder. (Se conseguir calcular os juros, ah! ah! ah!). Eu comunicarei assim que for um homem bem sucedido.

Seu filho,
Paul (Farrel)”

— Acho que foi ótimo nos livrarmos dele, papai — comentou Roger, servindo-se de outra pilha de panquecas.

Horatio Farrel amassou o bilhete e jogou-o para longe.

— Acho que você tem razão, Roger. Talvez estejamos muito melhor sem Paul.

Ele pegou o *Wall Street Journal*, abriu-o ruidosamente e começou a

mexer o café, enquanto lia.

Exatamente um ano depois, Horatio Farrel recebeu um envelope diferente na correspondência da manhã. Dentro do envelope, havia uma ordem de pagamento de 53 dólares e uma carta. O carimbo postal era de uma cidade à beira de um lago, no Meio-Oeste.

Horatio Farrel examinou a ordem de pagamento. O nome do emittente era Paul Farrel.

— Deve ter arrumado alguém para calcular os juros para ele!
Só depois é que Horatio Farrel leu a carta:

“Caro papai:

Uma porção de coisas me aconteceram desde que o vi pela última vez. Estou cursando uma escola profissional aqui e estou indo muito bem, apesar de ser eu quem o diga. Não esqueci nenhuma das coisas que me disse. Aqui está o dinheiro que tomei emprestado.

Do seu filho,
Paul (Farrel)”

— Escola profissional... — resmungou Horatio Farrel. Guardou a ordem de pagamento no bolso, jogou a carta na cesta de papéis e abriu o *Wall Street Journal*.

Depois disso, à exceção de um cartão de boas-festas ordinário, enviado todos os Natais, não houve mais notícias de Paul Farrel, durante quase 15 anos. E então, uma manhã, um sedã preto comum entrou na cidade. Era uma manhã de sábado. O carro, com seu solitário ocupante, seguiu diretamente para o banco. O motorista do sedã abriu a porta da frente do banco com uma chave e entrou, tornando a fechá-la em seguida.

Caminhou em passos rápidos pelo saguão vazio, passou diante das grades das caixas e parou diante de uma porta.

Por trás daquela porta estava sentado Horatio Farrel, de cabelos brancos, curvado, mas ainda com um brilho intenso nos olhos e sem a menor intenção de se aposentar. Ele estava sozinho naquele imenso templo de mármore erguido por seu próprio pai. Examinava alguns papéis à sua frente, sobre a escrivaninha, quando bateram na porta.

— Quem é? — gritou ele, irritado com a interrupção.

A imensa porta entreabriu-se ligeiramente e um rosto espiou para dentro da sala.

— Papai?

O velho semicerrou os olhos, depois baixou os olhos e espiou pelas lentes bifocais.

— Quem está aí? É você, Roger?

— Sou eu, papai, Paul.

A porta se abriu de todo e um homem alto e erecto entrou. Estava vestindo um terno escuro, que era ao mesmo tempo caro e conservador.

— Paul? É você mesmo, Paul?

Horatio Farrel empurrou os papéis para o lado e levantou-se. Paul Farrel atravessou o tapete grosso com uma agilidade que demonstrava autoconfiança, uma característica que Horatio Farrel jamais se recordara de ter visto no filho mais velho. A insegurança desaparecera, já não mais existia a timidez doentia. Em vez disso, o novo Paul transpirava confiança. Ali estava, indubitavelmente, um homem que sabia o que estava fazendo e para onde estava indo.

— Mas é você, rapaz! Ora, foi... foi...

— Há 16 anos, papai.

— Sente-se, filho, sente-se. Quer um charuto?

O velho empurrou uma caixa de charutos por cima da mesa. Paul tirou um charuto e cheirou-o. Sacudiu a cabeça, em aprovação. Horatio Farrel tornou a sentar-se.

— E agora me fale a seu respeito, Paul! Não há dúvida de que você desistiu daquela estúpida idéia de cursar uma escola profissional.

— Não foi bem isso o que aconteceu, papai.

— Vai ficar muito tempo na cidade? Quero saber de tudo o que você fez, durante todo esse tempo!

— Vou embora hoje mesmo, papai — disse Paul, acendendo o charuto e soprando uma nuvem de fumaça azul na direção do teto distante.

— Veio a negócios? Paul assentiu.

— Exatamente.

— Mas é uma pena que não possa ficar mais tempo! Como tem passado, rapaz? Nunca contou nada do que estava fazendo a Roger ou a mim, limitando-se a enviar aqueles cartões no Natal. Está envolvido em algum trabalho secreto, Paul?

— Pode dizer que sim, papai. E consegui chegar ao topo, como você sempre desejou que Roger e eu chegássemos. Não foi fácil. Houve ocasiões em que me senti inseguro, pensei que não conseguiria continuar. Mas sempre que eu me estava sentindo assim, papai, recordava as coisas que vivia repetindo para mim. Sempre disse que não devíamos deixar que nada se interpusesse em nosso caminho, papai. Que devíamos procurar tirar o melhor proveito em qualquer barganha e depois não abrir mão.

— Maravilhoso! Maravilhoso! — exclamou Horatio Farrel, exultante. — Mas qual é o negócio que o trouxe à nossa cidade?

— É um negócio com você, papai — disse Paul, apontando-lhe dis-
tratamente a ponta acesa do charuto.

— Um negócio comigo? Mas o que pode ser?

— Isto, papai.

Paul pôs o charuto num cinzeiro, com a mão firme, enfiando-a depois dentro do paletó impecável. Ao retirá-la, a mão empunhava um revólver com o cano cortado. Horatio Farrel ficou olhando para o revólver por um longo tempo. Depois, lentamente, começou a levantar-se.

— Creio que seria melhor se ficasse sentado, papai. E não se preocupe que não vai doer. Sempre achei que não se deve magoar as pessoas. — Soltou uma risadinha e acrescentou: — Pelo menos ainda não recebi uma queixa...

— O que... o que vai fazer com isso... — balbuciou Horatio Farrel, sem conseguir despregar os olhos do revólver. — Alguma brincadeira... não é?...

— Lamento, papai, mas não é. Agora, se você se sentar...

— Você... não pode...

— Tenho de fazê-lo, papai. Esse é o meu negócio, a minha profissão.

— Mas eu sou... eu sou seu pai! Você não pode...

— Não há nada de pessoal, papai. É um simples contrato, nada mais do que isso. Sabe perfeitamente que não posso deixar de cumprir um contrato. Minha reputação ficaria arruinada. Agora, se fizer a gentileza de ficar imóvel por um instante...

— Paul... Paul, deve haver algum engano...

O velho empurrou a cadeira para trás e levantou-se com surpreendente agilidade. Correu para o outro lado da mesa, na direção de uma segunda porta, na qual estava escrito: Roger Farrel, Vice-Presidente Executivo. Alcançou a porta, descobriu que estava fechada, começou a bater

nela com os punhos cerrados.

— Roger! — gritou ele. — Roger! Socorro! SOCORRO!

Paul Farrel atravessou a sala atrás dele. Sacudindo a cabeça, pacientemente, como se explicasse uma coisa a uma criança, ele disse:

— Roger não está aí dentro, papai. Não há ninguém no banco, a não ser nós dois. Foi Roger quem contratou nossa firma. — Olhou para o título, por baixo do nome do irmão, em letras douradas, acrescentando: — Roger quer ser o presidente do banco, papai.

Paul Farrel levantou o revólver e, muito profissionalmente, apertou o gatilho.

PODE CONFIAR EM MIM

Jack Ritchie

Mike Neeland não ia pagar os 200 mil dólares e por isso ia receber Sam Gordon de volta... em pedaços separados.

O dedo mindinho estava em cima de um chumaço de algodão, numa pequena caixa de papelão, aberta em cima da mesa.

— Isso chegou ontem — disse Neeland. — Creio que devo esperar receber mais alguma coisa, na correspondência de hoje. — Olhou para o relógio e acrescentou: — E deve chegar por volta de uma e meia.

Examinei o dedo por alguns segundos e depois me sentei. Era um trabalho novo para mim, como detetive, diferente de tudo o que fizera antes. Geralmente eu afastava as pessoas de Neeland e não as descobria para ele.

— Por que não paga? — perguntei.

Mike soprou uma baforada no seu charuto.

— O que Gordon representa para mim? Não passa de um vagabundo de smoking. Pago-lhe 150 dólares por semana, para ajudar a manter as coisas sob controle, no Blue Moraine. Nem mesmo me lembro da cor dos olhos dele.

— São castanhos — disse a esposa de Mike, Eve Neeland, sorrindo e murmurando em seguida: — Eu sempre noto a cor dos olhos de todo mundo.

O papel em que a caixa fora embrulhada dizia-me que a encomenda tinha sido despachada de North Lancaster, do outro lado da fronteira estadual, às 10:30 da noite anterior.

— Por que alguém haveria de imaginar que você seria capaz de separar-se de 200 mil dólares para ter Gordon de volta?

Neeland deu de ombros.

— Talvez Gordon falasse que era mais importante do que na realidade e alguém acreditou que ele era um irmão para mim ou meu braço direito.

Li o bilhete escrito a lápis, em letra de forma:

“TEMOS MAIS DE GORDON E PROMETEMOS UMA ENTREGA REGULAR. QUANDO ESTIVER DISPOSTO A SEPARAR-SE DOS 200 MIL DÓLARES, PONHA UM ANÚNCIO NA SEÇÃO DE ACHADOS E PERDIDOS DO JORNAL. PERDEU-SE TERRIER PRETO E BRANCO. ATENDE PELO NOME DE WILLI. ENTRAREMOS EM CONTATO COM VOCÊ.”

Eu não estava falando sério quando fiz a pergunta seguinte:

— Por que não procura a polícia?

Neeland riu.

— Danny, se isso fosse algo simples, como um homicídio, por exemplo, eu poderia chamar a polícia, só para me divertir um pouco. Afinal, pago impostos como todo mundo. E alguns capitães da polícia ganham mais dinheiro de mim que dos cofres municipais. Mas seqüestro é um crime federal. Eu não poderia fazer com que somente a polícia local cuidasse do caso. E assim que os agentes federais põem o pé dentro da casa de qualquer pessoa, têm o hábito desagradável de olhar em todas as direções. Passei 20 anos construindo essa organização e não vou correr o risco de vê-la desabar por causa de um vagabundo como Gordon. Não tenho a menor vontade de que o FBI me intime a um interrogatório perante o Congresso, transmitido pela TV.

A resposta era essa mesma, é claro. Era por isso que algumas pessoas esperavam que Neeland se separasse de uma parte substancial de seu dinheiro. Para manter os problemas dentro da família.

Eve empurrou languidamente uma mecha de cabelos cor de mel para o lugar apropriado.

— Neste caso, por que não pagar o que eles estão querendo? Não creio que 200 mil dólares possa levá-lo à falência ou pelo menos abalá-lo um pouco.

— Mesmo assim, ainda é um bocado de dinheiro. E também não quero iniciar um hábito. Se eu atender submissamente, outras pessoas ambiciosas podem julgar que se trata de um novo jogo de salão para ar-

rancar-me dinheiro.

Neeland franziu o rosto, ameaçador, e acrescentou:

— Quero apenas que você descubra, Danny, de um jeito ou de outro, quem teve a audácia de tentar arrancar-me alguma coisa, com um golpe desse tipo. E quando os encontrar, Danny, pode livrar-se deles como bem lhe aprouver. Não importa a maneira.

Eve bateu com a ponta de um cigarro sobre a mesa lustrosa.

— Por que não pagar primeiro o resgate de Gordon e depois sair atrás dos homens que o agarraram?

Eu sorri.

— Gordon ainda tem nove dedos das mãos e 10 dedos dos pés. E eles terão ainda muita coisa em que trabalhar, além dos dedos, antes de chegarem ao fim. Assim, temos tempo suficiente. Se Mike pagar agora, as pessoas que agarraram Gordon terão o mundo inteiro para se esconderem. Mas se ele deixar as coisas como estão, os caras vão ter de continuar por estas bandas do país.

Os olhos castanhos de Eve fixaram-se em mim.

— Você é realmente um homem de sangue-frio — disse ela.

O comentário soou como um elogio. Neeland riu.

— Danny jamais perde o sono, depois de qualquer um dos trabalhos de que o encarrego.

— Você possui a sua própria organização — disse eu. — Quando não me está usando, recorre a seus próprios homens, não é?

— Claro. Mas todos eles não passam de uns vagabundos. E a culpa é minha, porque é assim mesmo que eu quero que seja. Não gosto de ninguém muito esperto na organização.

Ele me estudou atentamente por um momento, antes de continuar:

— Eu o importo para os trabalhos mais difíceis e delicados, Danny, porque você tem inteligência suficiente para não cometer erros que possam deixar-me numa situação embaraçosa. Mas eu não gostaria que ficasse por perto o tempo todo. Isso me deixaria nervoso.

— Há quanto tempo Gordon desapareceu?

— Há uma semana. Mandaram-me pôr os 200 mil dólares numa valise e deixá-la no cruzamento da J com a 41, a 15 quilômetros da cidade, às 11 horas da noite de terça-feira. Tentei bancar o esperto. Ao invés do dinheiro, enchi uma valise com tiras de jornal e mandei que três dos

meus rapazes ficassem vigiando o lugar. Eles pegaram um cara insignificante, que parou seu carro velho e todo amassado para apanhar a valise. Levamos o cara para um lugar onde ninguém poderia ouvir seus gritos e lhe fizemos algumas perguntas. O nome do cara era Baini e era um João-ninguem. Nunca tinha ouvido falar de Gordon. Tenho certeza de que era verdade, porque ele estava disposto a nos contar qualquer coisa, até mesmo o nome de solteira da avó, se desejássemos saber. Ele simplesmente recebera um telefonema e a promessa de 50 dólares, para executar aquele serviço. Devia levar a valise para seu quarto e esperar até que alguém fosse procurá-lo. Não pôde nem mesmo dar uma descrição da pessoa que iria procurá-lo.

— Mandou alguém esperar no quarto de Baine, não é mesmo?
Neeland assentiu.

— Claro. Mas isso de nada adiantou. Há duas colinas junto ao cruzamento e era noite de lua cheia. Eles deviam estar observando e viram quando pegamos Baini. Recebi um bilhete no dia seguinte. Diziam que, se eu tentasse mais alguma coisa do gênero, iriam cortar a garganta de Gordon.

— E depois?

Neeland sorriu.

— E depois eu nada mais fiz. Fiquei esperando que eles tivessem desistido e se mandado. Mas agora estou vendo que continuam firmemente dispostos a fazer o negócio.

— Quem sabe que Gordon desapareceu?

— Só nós três nesta sala e os três rapazes que pegaram Baini. Não são muito espertos, mas sabem ficar de boca fechada. Não quero que a notícia se espalhe.

— Eles sabem que você está começando a receber pedaços de Gordon?

— Não. Podem ficar inquietos e pensar que não sou um bom chefe, por deixar que uma coisa dessas aconteça com um dos meus empregados.

Neeland acendeu outro charuto.

— Gordon trabalhava no Blue Moraine — continuou Mike. — É uma das minhas casas, na fronteira do condado. Tem uma esposa, Dorothy. Mas ela ainda não sabe que aconteceu alguma coisa. Quem quer que tenha agarrado Gordon, não se deu ao trabalho de informá-la, pro-

vavelmente por achar que ela não teria os 200 mil dólares do resgate. Eu disse a ela que mandara Gordon a São Francisco, numa pequena missão. Expliquei que ele passaria algum tempo ausente.

— E ela acreditou? Pensou mesmo que ele tinha viajado sem levar bagagem nem despedir-se?

— Eu expliquei a ela que Gordon não tivera tempo para isso. Fora um negócio inesperado e ele tivera de partir às pressas.

— Como é Gordon?

— Mais de 1,80m. Os dentes muito brancos. É tudo o que posso dizer. Como falei antes, ele era praticamente um estranho.

Houve uma batida na porta e um porteiro idoso, em mangas de camisa, entrou.

— Sua correspondência, Sr. Neeland.

Neeland pegou as cartas e o pequeno pacote e fez sinal para que o velho se retirasse. Eve Neeland levantou-se.

— Já vi dedos antes...

Ela pegou o casaco e saiu da sala. Neeland usou um canivete para cortar o barbante do pacote. Desembrulhou-o e levantou a tampa da caixa.

— Era o que eu estava esperando.

Pela curva do dedo, calculei que devia ser da mão direita. Pelo carimbo postal, podia-se ver que fora despachado na noite anterior de Grifffin, uma cidade à beira do rio, 40 quilômetros a oeste. Desta vez, não havia qualquer bilhete. Eles imaginavam que Neeland já recebera o recado necessário. Pus o chapéu na cabeça.

— Acho que vou dar um pulo ao Blue Moraine. É um lugar tão bom quanto qualquer outro para começar.

Neeland assentiu.

— Telefonarei antes de você chegar lá, para que tenha toda a cooperação necessária.

Deixei-o e atravessei o salão do Parakeet. Aquele era o clube que Neeland considerava seu quartel-general. Mas ele tinha pelo menos meia dúzia de outros, somente naquele condado. O lugar já estava preparado para as atividades noturnas. Só havia uma pessoa trabalhando, um técnico que desmontara uma das roletas e estava verificando se não havia inclinações suspeitas.

Blue Moraine ficava nas colinas, 30 quilômetros além da cidade.

Fora construído para dar a impressão de ser um restaurante de beira da estrada, mas o disfarce não enganava ninguém. Se é que alguém precisava ser enganado...

O bar era grande e acolhedor. Estava vazio, exceto pelo barman e por um homem magro sentado num banquinho. O homem magro perguntou-me:

— Regan?

Assenti.

— Neeland telefonou e disse-me que o esperasse. Sou Vam Camp. Dirijo a casa para Mike. — Ele pediu dois bourbons. — Em que posso ajudá-lo, Regan?

— Gostaria de saber tudo o que pudesse contar-me a respeito de Sam Gordon.

O homem arqueou as sobrancelhas.

— Ele está metido em alguma encrenca?

— É possível.

Como eu nada mais dissesse, ele deu de ombros.

— Não há muito para contar. Ele não trabalhou aqui por mais de uma semana. Era apenas mais um dos rapazes. Ficava com boa aparência de smoking. Exatamente como um dos fregueses. Um tipo grandalhão, mais ou menos do seu tamanho. Não bebia. Nunca o vi fora das horas de trabalho. Isso é tudo o que sei a respeito dele. Não gosto de maiores intimidades com os empregados.

O bartender trouxe os drinques e afastou-se.

— Mas, afinal, o que está acontecendo? — perguntou Vam Camp.

— Neeland não lhe contou?

— Não.

Tomei um gole do bourbon.

— Então você não gostaria de saber.

Ele tornou a dar de ombros.

— Está certo. Eu não gostaria de saber.

— Quando foi que viu Gordon pela última vez?

— Há uma semana.

— Onde acha que Gordon pode estar?

— Não tenho a menor idéia. Talvez ele tenha tomado um pileque que ainda não acabou.

— Você disse que ele não bebia.

Vamp Camp ficou ligeiramente irritado.

— Ou pelo menos não bebia durante as horas de trabalho. Mas não tenho a menor idéia do que ele podia fazer quando estava longe daqui.

— E quem pode ter?

— Creio que a esposa dele deve saber. Por que não vai perguntar a Dorothy?

— Quantos outros homens você tem aqui com a mesma função de Gordon?

— Três. Joe, Fred e Pete.

— Qual é o nome da esposa de Joe?

— Como é que vou saber?

— E o da esposa de Pete?

Ele percebeu aonde eu estava querendo chegar.

— Gordon trouxe Dorothy aqui uma noite e apresentou-me.

— Você tem uma boa memória. Ou será que ela era desse tipo que impressiona a gente?

Ele me lançou um olhar furioso.

— Pergunte-me sobre Gordon. Por que não se limita a isso?

Olhei ao redor.

— Seus verdadeiros negócios são lá em cima, não é? É onde estão as roletas?

Ele assentiu.

— Uma bela casa...

A boca dele contraiu-se subitamente.

— Não podia deixar de ser. Foi construída exatamente como eu quis e paguei.

Sorri para Vam Camp.

— Mas agora você apenas a dirige, não é? Neeland a comprou?

Ele pegou o drinque antes de responder:

— Pode-se dizer que foi isso mesmo que aconteceu.

— Não sente um pouco de amargura por causa disso?

O bartender aproximou-se nesse momento.

— O Sr. Neeland está ao telefone e deseja falar-lhe, Sr. Regan.

Fui até o telefone na parede e peguei o fone dependurado.

— Regan falando.

Neeland estava preocupado.

— Eles mandaram um bilhete para a esposa de Gordon.

— Ela entrou em contato com você?

— Entrou. Disse que vai procurar a polícia, se eu não der um jeito para que Gordon volte imediatamente.

— Não pode fazer com que ela espere mais alguns dias?

— Só consegui fazer com que ela esperasse mais algumas horas. Ela já sabe que Gordon está voltando aos pedaços e a idéia não lhe agrada.

— Quer que eu vá falar com ela agora?

— Acho que seria bom. Não consigo pensar em nada melhor. Inclusive já avisei a ela que você iria até lá.

Tirei um cigarro do maço com apenas uma das mãos.

— E se eu não conseguir coisa alguma?

Neeland hesitou por um instante.

— Neste caso, creio que terei de pagar os 200 mil dólares. Não me restará alternativa.

Ele me deu o endereço de Dorothy Gordon e desligou.

Ela morava num dos velhos prédios de apartamentos, de tijolos vermelhos, no lado leste da cidade. Quando me abriu a porta, vi que tinha olhos pretos bem grandes, o rostinho pequeno e era quase bonita.

Aparentemente, era do tipo de mulher que acredita em apertar um lenço em momentos de tensão.

— Sr. Regan?

— Exatamente. Vim para ajudá-la.

Ela sacudiu a cabeça.

— Ninguém pode ajudar-me, a não ser o Sr. Neeland. Ele simplesmente tem de pagar o dinheiro que os homens estão pedindo.

— Por quê?

Os olhos dela se arregalaram.

— Por quê? Porque... porque eles o estão retalhando...

— Estou querendo saber é por que Neeland é quem deve pagar?

— Mas ele tem o dinheiro, não é mesmo?

— Isso é o que alguém está pensando. Mas por que Gordon haveria de valer 200 mil dólares para Neeland?

Ela pareceu ficar horrorizada de que eu pudesse pensar uma coisa dessas.

— Sam trabalhava para ele!

— Eles provavelmente trocariam menos de 50 palavras durante um ano inteiro.

- Mas... mas... Eu pagaria o dinheiro, se tivesse.
- Ele é seu marido, mas nada representa para Neeland.

Havia uma fotografia colorida emoldurada numa das mesinhas de cabeceira. Sam Gordon tinha os cabelos ondulados e um meio-sorriso que tinha pretensões de ser irresistível. Era do tipo que escolhem para dirigir bigas nos filmes em cinemascope. Podia-se calcular que ele tinha músculos poderosos.

Dorothy Gordon deu outra amassadela no lenço.

— Se o Sr. Neeland não pagar, vou direto procurar a polícia.

— Se os seqüestradores descobrirem isso, vão matar seu marido imediatamente.

As mãos dela agitavam-se nervosamente.

— Mas não há outra coisa que eu possa fazer! Não posso deixar que eles... façam o que estão fazendo com Sam!

— Há quanto tempo estão casados?

Ela enxugou os olhos.

— Três anos.

— E há quanto tempo ele está trabalhando?

— Começou no ano passado. Desde que...

Ela parou no meio da frase. Completei-a por ela:

— Desde que o seu dinheiro acabou?

Ela ficou vermelha.

— Isso não é da sua conta.

Fiquei imaginando com quanto dinheiro ela entrara no casamento. Um homem que sabe ser atraente, como o sorriso de Gordon o indicava, geralmente não era de se casar a troco de nada.

— Vou chamar a polícia — disse ela, categórica.

— Dê-me mais algumas horas.

— Para quê? Tenho certeza de que não conseguirá trazer meu marido de volta.

— Posso tentar. Só mais algumas horas. Até às cinco. Ela pareceu ficar indecisa, como se procurasse por alguém que pudesse tomar a decisão em seu lugar.

— Vamos fazer um trato, Dorothy. Se até as cinco horas eu não der notícias de seu marido, pode chamar a polícia. Agora, deixe-me ver o bilhete que eles lhe mandaram.

As palavras tinham sido também escritas a lápis, em letra de forma:

“SRA. GORDON: ESTAMOS COM SEU MARIDO E QUEREMOS 200 MIL DÓLARES POR ELE. O HOMEM QUE PODE DAR ESSE DINHEIRO É MIKE NEELAND, MAS ELE ESTÁ BANCANDO O TEIMOSO. SEU MARIDO JÁ PERDEU DOIS DEDOS E PODE PERDER AINDA MAIS. PERGUNTE A NEELAND PELOS DETALHES.”

Devolvi o bilhete.

— Fale-me a respeito de seu marido. Como é que ele passa os dias?

— Ele normalmente trabalha no Blue Moraine das 9 da noite às 4 ou 5 horas da madrugada, dependendo do movimento.

— E depois?

— Geralmente volta para casa e dorme até o meio-dia.

— Geralmente?

— Sempre. Depois, toma café. E depois... — Ela pensou por um instante antes de rematar: — Depois vai à praia ou a um cinema.

— Sozinho?

— Comigo.

— E depois?

— Voltamos para casa e... ficamos lendo até a hora de ele ir para o trabalho.

— Eu gostaria de ter uma fotografia de seu marido.

Ela foi até a escrivaninha e voltou com uma foto em preto e branco. E avisou-me:

— Não se esqueça. Se não receber notícias suas até as 5 horas, telefonarei para a polícia.

Voltei para o Parakeet.

Eve Neeland estava num dos reservados do bar. Ao ver-me, disse:

— Ora, ora, eis que chega o homem que anda como um detetive.

Peguei um drinque e levei-o para o reservado. Ela me fitou por cima da borda de seu copo.

— Como está indo? — perguntou ela.

— Estou em ação. É tudo o que posso dizer, por enquanto.

Tirei a fotografia de Gordon do bolso. Ela a olhou.

— Ele gosta de si mesmo, não é? — disse ela, sorrindo para mim.

— Você não é bonito. E acho que fica contente por ouvir isso. Estive observando-o.

— Não está sempre observando todos?

— Está querendo saber se eu observei Gordon?

— Você é quem está dizendo.

— Ele nunca serviu, Danny. Era um caipira cheio de idéias. A meu respeito e de uma porção de coisas mais. Mas não deixo que ninguém me use como escada.

Mike, é claro, não sabe dessas coisas, não é?

— Mas que pergunta mais tola!

— Você se entendia com muita facilidade, não é mesmo?

— Com algumas pessoas. Mas com você pode ser diferente.

— Mike a interessa?

— Quase. Mas os dias são compridos... Mike é um trabalhador. Chegou aonde está trabalhando arduamente. Preciso de 20 anos para construir o que tem. Quanto tempo você levaria?

— Não é meu ramo de atividade.

Ela sorriu.

— Alguma mulher já conseguiu prendê-lo por algum tempo?

— Onde está Mike?

— No escritório.

Acabei o drinque e levantei. Ela ficou a me olhar.

— Você vai voltar. Algum dia...

Mike Neeland estava examinando os livros com um dos seus contadores. Mandou que o homem se retirasse, assim que eu entrei.

— Como estão indo as coisas, Danny?

— Talvez eu consiga descobrir alguma coisa. Dorothy Gordon deu-me prazo até as 5 horas para fazer algo espetacular. Sabe onde mora o tal de Bainei?

— Claro que sei. Mas acho que vai seguir uma pista falsa. Ele não sabe de nada. — Neeland ficou em silêncio por um minuto, rebuscando a memória. — Ele tem um quarto na zona leste, na Jackson. É um hotel ordinário chamado Sterling.

O porteiro do Sterling sabia a resposta sem precisar procurá-la:

— Bainei mora no 407.

— Ele está?

— É mais que provável. Não tem muitas condições de andar, do jeito como está. Acho que sofreu um acidente. Mas não sou de me meter no que não é da minha conta. Disse a ele que fosse para um hospital, mas

não me quis escutar.

O elevador automático, recendendo a mofo, levou-me ao quarto andar. Experimentei cuidadosamente a maçaneta da porta do quarto 407. Estava trancada. Bati. A voz era abafada:

— É você, Al?

Se essa era a senha para entrar, tratei de aproveitá-la:

— Sou.

Esperei meio minuto antes de ouvir a chave girar. Os olhos de Baini se arregalaram ao verem que não era Al. Ele tentou fechar a porta novamente. Mas eu entrei, empurrando-o pelo peito. Não o empurrei com muita força, mas mesmo assim ele soltou um grito e caiu. Compreendi o motivo quando fechei a porta. Os dois pés dele estavam envoltos em ataduras, evidentemente um curativo que ele mesmo fizera. Ficou deitado no chão por algum tempo, gemendo, até finalmente arrastar-se para a cama de latão. Escalou a cama e deitou-se, a mente ainda atordoada pela dor.

Baini era um homem pequeno, de pouco mais de 20 anos, com olhos pretos sempre em movimento, que viam muito mas jamais aprendiam qualquer coisa. O rosto estava inchado e a cor variava do rosa ao roxo. Os rapazes de Mike deviam ter começado por isso, sem fazer antes qualquer tentativa de serem mais sutis. Quando ele conseguiu fitar-me, eu perguntei:

— Quem é Al?

Ele passou a língua pelos lábios.

— Um porteiro daqui. Ele me traz as refeições.

— Você lhe contou alguma coisa a respeito de seu pequeno acidente?

Ele deve ter imaginado que eu era outro dos rapazes de Mike Neeland, pois sacudiu a cabeça rapidamente.

— Não, senhor. Nada contei a ninguém. Juro que não contei.

— E não sabe de alguma coisa a respeito de Sam Gordon?

O nome provocou uma reação nele, como num daqueles cachorros condicionados de Pavlov. Onde isso ainda era possível, seu rosto ficou pálido e a voz tornou-se trêmula.

— Nunca ouvi falar dele, mister. Juro por Deus.

Duvidava muito de que ele tivesse procurado a companhia de Deus ao longo dos 10 últimos anos, mas percebi logo que não era do tipo de

guardar segredos, se a situação não lhe parecia muito favorável. Tirei a fotografia de Gordon do bolso.

— Você conhece esse homem?

Ele assentiu, ansioso em agradar-me.

— Claro que conheço. É Ernie.

— Ernie o quê?

— Ernie Wallace. — Os olhos de Baini tiveram um lampejo súbito de compreensão. — Será que outras pessoas o conhecem como Sam Gordon, mister?

Tornei a guardar a fotografia.

— Fale-me tudo o que sabe a respeito de Ernie. Não esconda coisa alguma. Você passou por maus momentos, mas ainda pode enfrentar coisas piores. Tenho muito mais imaginação do que os homens que você conheceu na semana passada.

Ele falou bem depressa, para evitar-me a tentação.

— Praticamente nada sei a respeito de Ernie. Apenas jogamos sinuca no Swenson. Eu, Ben e Fitz. Ernie só apareceu lá durante duas semanas. Nunca nos disse onde morava.

— Alguma vez ele disse o que fazia para ganhar a vida?

— Não. E também não perguntei, mister. Não se fazem perguntas assim por aqui.

— E o que você, Ben e Fitz fazem para viver?

Ele se remexeu, inquieto.

— O que quer que apareça, mister. Ganham-se 20 dólares aqui, 30 dólares ali...

— Qualquer coisa que não exija trabalho, não é mesmo?

Ele concordou.

— Quando foi buscar aquela valise, a que lhe causou tanta infelicidade na semana passada, o que pensava que havia dentro?

— Não pensei em nada — disse ele, apressadamente. — Nunca penso nessas coisas. Apenas cumpro as ordens que me dão.

— Nem mesmo sentiu a tentação de dar uma olhada?

— Não, senhor. Não se pode fazer uma coisa dessas. Não se pode trair os homens. — Ele enxugou um pouco do suor do rosto. — Nós apenas fazemos pequenos serviços desse tipo, eu, Ben e Fitz. Às vezes damos também uma surra em alguém. Recebemos um telefonema dizendo-nos para fazer alguma coisa e nunca fazemos perguntas. E no dia seguinte re-

cebemos pelo correio 20 ou 30 dólares. Às vezes até 50 ou mais.

— Ernie soube como é que vocês três ganhavam o dinheiro para as despesas?

Baini deu de ombros.

— Acho que ele pode ter descoberto. Talvez tenhamos deixado escapar uma ou outra palavra.

— Onde posso encontrar Fitz e Ben? E quais são os sobrenomes deles?

— Eles passam a maior parte do dia no Swenson. É um bar que fica lá no alto da rua. Ben Grady e Fitz... Fitz é o sobrenome de Fitz. Eles moram em quartos por aqui, mas não sei exatamente onde.

Baini se encolheu todo quando acendi um cigarro, obviamente pensando que se tratava de um instrumento de tortura. Sorri.

— Não vai contar a ninguém que estive aqui?

— Não, mister. A ninguém. — Sacudiu a cabeça, quase pesaroso. — Não sei de nada sobre coisa alguma.

Andei com o meu carro por um quarteirão e meio. O Swenson era um salão de sinuca antiquado e gasto, com uma péssima iluminação e um faxineiro preguiçoso. As pontas de cigarro da noite anterior ainda estavam espalhadas pelo chão. Era o tipo de lugar que tinha serragem no chão e uma frequência familiar. Mas isso acontecera 20 anos antes e desde então a vizinhança mudara bastante.

Pedi uma dose de uísque puro e uma caneca de cerveja.

Viam-se duas mesas escalavradas e algumas cadeiras encostadas numa parede. A mesa de sinuca estava ocupada por quatro jogadores. Pelo espelho do bar, pude ver que estava sendo observado. Meu terno dizia aos jogadores que eu devia ser um turista que por acaso se perdera naquela parte da cidade ou talvez alguém com algum negócio para um deles.

Mudei de idéia quanto a fazer perguntas e procurar nomes ali. Eles iriam recordar-se de meu rosto e isso não me interessava. Tomei o uísque e saí. Atravessei a rua e entrei num café. O homem do balcão tirou um palito da boca, creio que para poder ouvir melhor.

— Café — disse eu, passando por ele e indo até a cabina telefônica, onde ligei para o Swenson.

Houve um clique quando alguém atendeu:

— Swenson.

- Eu gostaria de falar com Ben Grady.
- Ele não está aqui. Não aparece há uns três ou quatro dias.
- Então peça a Fitz para atender.

Houve um silêncio de 30 segundos e depois uma voz mais juvenil falou-me:

- Fitz falando.
- Tenho um trabalhinho para você.
- Quem está falando? Tony?

— Não. Mas estou telefonando em nome dele. O serviço vale 30 dólares. E é uma moleza.

Ele hesitou.

— Como está... ah... o braço doente de Tony? Está doendo muito? O reumatismo dele já melhorou?

O homem estava querendo bancar o inteligente. Eu apostava 100 contra um como Tony tinha muito óleo em todas as articulações.

— Deixe disso, rapaz. Nós dois sabemos que Tony nada tem.

— Eu estava apenas checando. O que quer que eu faça?

— Vá até o seu quarto e espere durante uma hora. Alguém pode ou não levar-lhe um pacote. Ele lhe dirá o que fazer então.

— Pode ou não?

— Isso mesmo. Tudo depende de como vão sair as coisas do outro lado. Mas não esquente a cabeça com isso. Receberá os 30 dólares amanhã, pelo correio.

Ele podia ter vontade de fazer mais perguntas, mas nem tentou. Para ele, eu era um dos “homens” e tinha de fazer exatamente o que lhe fosse ordenado.

Voltei para tomar o café e fiquei observando o Swenson, até que de lá saiu um rapaz de rosto quadrado e pele clara. Não devia ter muito mais que 21 anos. Ele começou a caminhar na direção oeste. Deixei uma moeda em cima do balcão e saí. Dei a Fitz uma dianteira de um quarteirão e meio e segui-o pelo outro lado da rua.

Depois de quatro quarteirões, ele entrou num prédio de três andares, sujo e caindo aos pedaços. Fui até lá e entrei no vestibulo, dando uma olhada nas caixas de correspondência. Fitz morava no apartamento 31.

Continuei em frente, até uma drugstore, onde comprei um envelope e um selo. Meti 30 dólares dentro do envelope e enderecei-o para Fitz. Não queria que ele perdesse a fé nos telefonemas. Afinal, ele bem que

podia receber outro, muito em breve.

Na cabina telefônica no final da loja, liguei para o Parakeet e pedi para falar com Mike Neeland.

— É melhor botar aquele anúncio na seção de achados e perdidos. Newland praguejou baixinho.

— Não consegui descobrir nada?

— Ainda estou trabalhando no caso, mas nada conseguirei descobrir antes das 5 horas.

Neeland resolveu dar sua contribuição:

— Temos de pensar em alguma outra coisa, Danny. Que tal seguir quem quer que vá buscar o pacote?

— Eu não faria nada disso, Mike. Eles provavelmente já previram essa possibilidade. Se alguma coisa sair errada; desta vez, acho que eles podem metê-lo no tipo de encrenca em que não está interessado. E só para poderem tirar alguma vingança de todo o negócio.

Ele tornou a praguejar.

— Detesto ter de me separar de 200 mil dólares. Mas o que realmente me enfurece é saber que alguns vagabundos estão escapando com meu dinheiro.

— Não tem alternativa neste momento, Mike. Dorothy Gordon vai telefonar para a polícia dentro de 15 minutos.

Neeland entregou os pontos.

— Está certo. Vou telefonar para ela e dizer que decidi pagar o resgate.

Nada me restava a fazer, no momento, a não ser esperar. Fui ao cinema naquela noite e dormi até tarde da manhã seguinte. De tarde, Mike telefonou-me para o meu quarto no hotel.

— Já providenciei os 200 mil dólares e estou esperando. Ainda não recebi nenhum aviso.

— E provavelmente não receberá enquanto não tiver escurecido. Quando foi que o anúncio apareceu?

— Na edição das 11 horas da manhã.

— Provavelmente eles irão telefonar-lhe esta noite, no último minuto. Dessa maneira, não lhe darão tempo de preparar uma armadilha.

— Não vou armar armadilha alguma — disse Neeland, sombriamente. — Quero apenas acabar com esse problema, o mais depressa possível.

— Ligue-me assim que receber algum aviso.

Foi uma longa espera. Neeland só me telefonou às 10 horas da noite:

— Eles acabaram de entrar em contato comigo.

— Pelo telefone?

— Não. Por telegrama — disse ele, rindo suavemente. — E um telegrama que parece bastante inocente: “ESTAREI ESPERANDO MINHA ENCOMENDA ESQUINA 57 E CC ONZE HORAS ESTA NOITE.”

Esperei até 15 para as 11 e depois segui no meu carro até o prédio de apartamentos em que Fitz morava. No terceiro andar, bati de leve na porta que tinha o número 31. Fitz não era o tipo que costumava passar as noites em casa, especialmente uma noite como aquela. Mas eu queria certificar-me.

Como não houvesse resposta, tirei do bolso o meu molho de chaves, onde encontrei uma que servia. Fechei a porta assim que entrei e acendi a luz.

Era um apartamento de um único cômodo, com uma kitchenette e um banheiro. A cama embutida na parede, de abaixar, estava toda desarrumada. Ocupava quase todo o cômodo. Programas de corridas cobriam quase que inteiramente o telefone, junto à janela. A kitchenette estava atulhada de pratos sujos e o banheiro estava encardido da sujeira de muitas semanas.

Apaguei a luz, sentei na cama desarrumada e acendi um cigarro.

Quando se quer alguém para pegar um pacote que contém 200 mil dólares, não se escolhe um nome ao acaso na lista telefônica. É preciso procurar uma pessoa que esteja disposta a fazer esse tipo de trabalho. E fazê-lo sem curiosidade. É preciso encontrar alguém que esteja acostumado a fazer tais coisas, sem formular perguntas, obedecendo estritamente às instruções.

Para isso, é preciso ir aos lugares onde se pode encontrar um homem assim e a seus amigos. Mas não se pode ir como Sam Gordon. Então, vai-se como Ernie Wallace. Joga-se sinuca com eles. Escuta-se. E, finalmente, depois de semanas talvez, decide-se em qual deles se pode confiar, para a missão que se tem em vista. Baini, por exemplo. Ou Ben Grady. Ou Fitz.

Baini é o primeiro a ser usado. Mas ele é apanhado e sai de circulação. Surge outra chance de pegar os 200 mil dólares. Não se pode correr

o risco de usar um completo estranho para ir buscar o dinheiro. Assim, só restam Ben e Fitz.

Fiquei pensando de quem seriam os dedos. De algum vagabundo apanhado por acaso nas ruas? Alguém cuja falta ninguém sentiria, enquanto estivesse sendo retalhado? Ou talvez os dedos fossem de Ben Grady. Seria ele o infeliz retalhado? Talvez fosse por isso que o sujeito lá do Swenson não o via há alguns dias.

O telefone tocou às 11:30 horas. Atendi, dizendo:

— Fitz.

A voz era quase um sussurro:

— Pegou a valise?

Gordon estava realmente impaciente.

— Peguei.

Houve um breve silêncio.

— Algum problema?

— Não.

— Alguém o seguiu? — Não.

Isso significava que Gordon não estivera vigiando o local da entrega do dinheiro. Desta vez, estava fazendo as coisas de forma um pouco diferente. Mais algum silêncio e depois:

— Leve a valise para a estação ferroviária da Northwestern e espere junto aos guichês de passagens.

Procurei manter a voz o mais neutra possível, esperando que fosse confundida com a de Fitz.

— Estará lá?

— Posso estar. Ou talvez você receba um recado ao chegar lá, dizendo para onde deverá ir em seguida.

O sussurro tornava impossível identificar a voz. Não que eu esperasse ser capaz de fazê-lo. Afinal, nunca vira nem ouvira Gordon falar.

— Vou partir agora mesmo — disse eu, esperando.

Um clique interrompeu a ligação.

Pus o fone no gancho. Tinha uma boa idéia do que deveria acontecer em seguida. Gordon talvez estivesse na estação, mas eu duvidava. Provavelmente, ao chegar à estação, haveria outro telefonema para Fitz, determinando-lhe que levasse a valise para outro lugar público qualquer. Gordon poderia esperá-lo lá, mas era mais provável que Fitz continuasse a ser enviado de um lugar para outro, até que, em algum ponto do cami-

nho, quando estivesse absolutamente seguro, Gordon reclamaria a valise.

Acendi um cigarro e esperei.

Às 11:35, ouvi passos e depois uma chave girando na fechadura. Entrei no banheiro e esperei até que a luz estivesse acesa e a porta fechada. Saí então do banheiro. Fitz ficou boquiaberto ao ver-me... e ao 38 em minha mão.

— Não faça barulho e tudo poderá terminar bem para você — disse-lhe eu.

Não creio que ele pudesse ter feito qualquer barulho naquele momento. Seus olhos estavam hipnotizados pelo revólver.

— Ponha a valise em cima da mesa.

Ele a olhou como se nunca a tivesse visto antes e fez o que lhe fora ordenado.

— Sabe o que tem aí dentro? — perguntei.

Ele foi rápido em negar;

— Não, senhor. Não tenho a menor idéia e não sou nada curioso.

— E, além disso, está fechada, não é mesmo?

— Sim, senhor. Mas, de qualquer maneira, eu não teria olhado.

Passei as mãos rapidamente sobre ele, para ver se carregava algo com que pudesse atacar-me. Depois, guardei o revólver. Podia cuidar de Fitz desarmado, se ele tentasse alguma coisa.

— Fique quieto.

— Sim, senhor.

Ele era do tipo que sempre se mostra delicado quando está com medo. Tirei do bolso o canivete, onde havia também uma chave de parafusos. Tinha de certificar-me de que o dinheiro estava lá dentro, antes de tomar qualquer outra providência. Não gosto de desperdiçar meus esforços ou me arrisear por nada.

Arrebentei a fechadura e abri a valise. Lá dentro liaria inúmeros maços de notas, num total de 200 mil dólares.

Fitz estava olhando, de olhos esbugalhados.

— É de verdade?

Eu esperava que fosse e não tinha motivo algum para duvidar de que não o fosse. Olhei para Fitz e tomei uma decisão quanto ao próximo passo. Se desse certo, as coisas seriam muito mais fáceis para mim. Prefiro que sempre sejam assim.

— Não. É falso. Não conseguiria enganar a velha da confeitaria da

esquina com esse negócio.

Ele me fitou, espantado. Sorri.

— O sindicato o estava experimentando. Queria saber se você merece confiança — acrescentei.

Eu não sabia se havia ou não um sindicato naquela cidade. Mas vagabundos como Fitz sempre acham que há. A palavra “sindicato” infunde medo e respeito a homens como ele. Fitz engoliu em seco.

— O sindicato?

— Isso mesmo. Estamos de olho em você há algum tempo. — Ele ainda não sabia se isso era bom ou mau. — Achamos que você está pronto para fazer coisas mais importantes. — Ele se mostrou consideravelmente animado. — Achamos que você tem tudo para lhe darmos missões mais importantes. Não é como Grady e Baini. — Ele estava ansioso por concordar com tudo o que eu dissesse.

— Eles não passam de vagabundos de sinuca.

— É isso mesmo. Mas você tem cabeça.

São poucas as pessoas que alegam inocência ao serem acusadas de terem inteligência. Fitz assentiu.

— Hoje em dia, é preciso ter cabeça para subir na vida. — Ele usou o seu cérebro de passarinho para fazer-me uma pergunta: — Você é que deveria pegar a valise?

Sorri.

— Será que eu deveria dar-lhe uma senha ou algo estúpido desse gênero?

Fitz sacudiu a cabeça.

— Claro que não. Simplesmente recebi um telefonema. Não sabia quem era. Mas o homem me disse que pegasse a valise e a trouxesse para o meu quarto. Alguém viria buscá-la nas próximas 24 horas.

Estalei a língua.

— Esse Georgie... Ele ganha 20 mil dólares por ano, além das gratificações, e estraga até um negócio simples como este. Ele poderia pelo menos ter dado uma descrição minha.

Peguei a valise e encaminhei-me para a porta. Virei-me ao chegar lá, como se tivesse uma idéia súbita.

— Tem alguma coisa planejada para o resto da noite?

— Não, senhor.

Deixei-o perceber que eu estava pensando. Coçei o queixo.

— Acho que você já está pronto. Não gostaria de conhecer o chefe do distrito?

Ele devia estar pensando nos 20 mil dólares anuais que Georgie supostamente estava ganhando.

— Claro, claro. Farei qualquer coisa que disser.

Deixei-o carregar a valise até o carro e ele seguiu tão orgulhoso quanto um cachorro com o jornal na boca. Ele quase que afagou meu carro, ao entrar.

— Lindo carro — comentou.

Já estava imaginando comprar um igual. Dei a partida.

— Turco tem a sua base no campo.

— Turco?

— O chefe do distrito.

Fitz estava pensando.

— Ele mora numa grande mansão?

— Com um terreno imenso. E árvores que não acabam mais.

A grande mente de Fitz estava em pleno funcionamento.

— Quanto é que o chefe do distrito ganha?

— O sindicato lhe dá 50 mil dólares — disse eu, piscando-lhe sugestivamente. — Mas qualquer um que seja esperto sabe como dobrar isso.

Fitz sorriu e retribuiu a piscadela. Éramos cúmplices no conhecimento.

Foi um passeio agradável de 25 quilômetros, pelos campos, por algumas estradas secundárias, até que encontrei um trecho bastante escuro e deserto no meio de um bosque. Parei o carro.

— Teremos de ir a pé pelo resto do caminho. O caminho de carros da propriedade de Turco está sendo consertado. Mas há um caminho que começa logo ali adiante e vai dar direto na casa.

Embrenhamo-nos pelo bosque por uns 100 metros e depois decidi que já era tempo de o sonho de Fitz chegar ao fim.

Eu seguia na frente. Virei-me subitamente, com o 38 na mão. Na escuridão, é possível até que ele não o tenha visto. Disparei apenas uma vez e ele caiu sem muito barulho. Quando me ajoelhei a seu lado, verifiquei que apenas um tiro fora suficiente.

Voltei para o carro. Gordon pensaria que Fitz o traía e Mike Neeland pensaria a mesma coisa com relação aos “sequestrados” de Gordon.

Duzentos mil dólares estavam desaparecidos e eu era o único que

sabia onde estavam.

De volta à cidade, aluguei um escaninho com cadeado na estação rodoviária e deixei a valise lá. Fora um belo dia de trabalho e senti-me tentado a deixar as coisas por isso mesmo.

Mas comecei a imaginar o que Gordon iria fazer agora. Quando ele finalmente concluisse que Fitz fugira com o dinheiro, continuaria a enviar mais dedos para Neeland, na esperança de assim conseguir arrancar-lhe outros 200 mil dólares?

Quanto mais eu pensava no caso, mais percebia que ainda poderia arrumar uns trocados extras. E se eu apresentasse Gordon a Neeland, com todos os 10 dedos intactos? Tinha a certeza de que Neeland ficaria profundamente — e lucrativamente, para mim — agradecido.

Coloquei-me no lugar de Gordon. Quando eu descobrisse que Fitz não fora à estação ferroviária, o que iria fazer? O que pensaria?

Que Fitz me traía? Que fugira com o dinheiro? Que fora apanhado pelos homens de Neeland? Estariam trabalhando nele, esperando por informações esclarecedoras?

Ou será que eu ficaria esperando, apesar de todas as suspeitas, que simplesmente ocorrera algum contratempo sem a menor importância? Talvez o carro de Fitz tivesse enguiçado. Mas, neste caso, será que o idiota não teria tido o bom senso de pegar um táxi?

Eu ficaria angustiado e furioso e acabaria com um maço de cigarros inteiro. Deveria ir ao apartamento de Fitz? Não. Isso estava fora de questão. Era perigoso demais. Os homens de Neeland poderiam estar à minha espera. Deveria ir até a estação ferroviária? Não. Isso de nada adiantaria. Eu mandara chamar por Fitz e ele não estava lá.

Não havia nada que eu pudesse fazer, exceto continuar a telefonar, volta e meia, para a estação ferroviária. E para o apartamento de Fitz. E será que esses telefonemas adiantariam alguma coisa? Eu não sabia. Mas era melhor ficar telefonando do que de braços cruzados.

Voltei para o apartamento de Fitz. Não tive de esperar muito tempo. O telefone tocou quando faltavam 15 minutos para 1 hora da madrugada. Atendi, dizendo:

— Fitz.

A outra extremidade da linha quase explodiu. Desta vez, não houve sussurro. Ele estava furioso demais para isso.

— Onde, diabo, você se meteu?

Eu nunca me encontrara com Gordon nem ouvira sua voz, mas aquele, decididamente, não era ele. Parecia com... Eu tinha de ouvir aquela voz falar mais um pouco para poder ter certeza.

— Tive problemas com o carro — murmurei.

A irritação do homem era incontrolável.

— Por que, diabo, não pegou um táxi?

Continuei a falar como se estivesse com a boca cheia de cornflakes.

— Pensei que fosse uma coisa que pudesse consertar em apenas um minuto, mas demorou muito mais.

Ele praguejou.

— E o que está fazendo no seu apartamento.

— Fiquei todo sujo e vim lavar-me e trocar de roupa.

Eu não podia vê-lo, mas tinha a nítida sensação de que o fone em sua mão estava correndo o risco de ser partido em dois.

— Escute, seu imbecil, vá imediatamente para a estação ferroviária. E isso significa agora mesmo!

Consegui identificar a voz. Era a de Vam Camp, o gerente de Mike Neeland no Blue Moraine.

— Você estará lá? — perguntei.

— Não se preocupe com isso. Simplesmente vá para lá e fique esperando.

Desliguei. Não me importava que Vam Camp fosse ou não à estação. Se ele fosse, certamente ficaria de vigia num lugar seguro, de onde poderia ver-me, sem que eu o visse. Era possível até que ele estivesse dando os telefonemas do Blue Moraine, planejando enviar-me de um lugar a outro, antes de aparecer para reclamar a valise.

Quarenta e cinco minutos depois, cheguei ao Blue Moraine. Era o auge da noite para o tipo de entretenimento que o clube oferecia. Os carros estacionados lá fora disseram-me que o segundo andar estava fazendo bons negócios.

Perguntei por Vam Camp e não fiquei surpreso ao ser informado de que ele estava presente. Fui até os fundos do primeiro andar, bati na porta onde havia uma tabuleta “Particular”, girei a maçaneta e entrei.

Vam Camp fitou-me com uma expressão irritada.

— O que quer agora?

Fechei a porta calmamente.

— Está tudo acabado, Vam Camp.

— Do que está falando?

— Tenho um bom ouvido para vozes. Não era com Fitz que você estava falando, ainda há pouco. Era comigo.

Os olhos dele se estreitaram, cautelosamente.

— E quem diabo é Fitz?

Sorri.

— Baini, Ben Grady e Fitz eram o que se poderia chamar de reserva de meninos de recados. Você mandou Baini ria primeira vez e ele foi massacrado. Ficou assim apenas com Ben e Fitz. Ben, pelo que eu soube, saiu da cidade. E, assim, restava apenas Fitz. Simples, não acha? Deduzi tudo isso com meu cérebro de minhoca.

— O que você está dizendo não faz o menor sentido para mim. — Mas a curiosidade dele acabou por prevalecer. — Mas onde está agora esse Fitz de quem você está falando?

Não sei se consegui corar, mas bem que tentei.

— Não sei. Fiquei esperando por ele. Finalmente, consegui arrombar a porta e entrei no apartamento dele. Parece que ele simplesmente pegou a valise e sumiu.

O rosto de Vam Camp ficou vermelho de raiva, mas ele nada disse. Enfie a mão no bolso, significativamente.

— Posso ter deixado Fitz escapar, mas ainda tenho você.

Ele ainda não estava disposto a admitir coisa alguma.

— E o que espera com isso?

— Acho que Mike Neeland vai ficar satisfeito pela oportunidade de ter uma conversinha com você. Entende o que estou querendo dizer, não é?

A idéia não lhe agradou muito. Ele fez uma encenação grande do ato simples de escolher um cigarro da cigarreira de prata que estava sobre a mesa.

— Quanto Neeland lhe está pagando?

— Espero ganhar 5 mil.

Vam Camp decidiu parar de representar.

— Pois eu lhe darei 10 mil.

Sacudi a cabeça.

— Eu não trairia Neeland. Ele tem muitos amigos.

— Vinte mil.

— Nem pelo dobro disso. E mesmo que eu aceitasse, você estaria

tentando comprar-me com um dinheiro que não existe. Se tivesse 20 mil, não se teria envolvido com seqüestro.

Esperei por algo mais concreto. Estava perguntando-me se eu mesmo teria de fazer a sugestão. O brilho de suor apareceu na testa de Vam Camp. Finalmente, ele disse:

— Escute, sou o gerente desta casa. Certo? Todas as noites arrecadamos 20, 30 mil dólares.

— O dinheiro não é seu.

Ele estava explicando algo a um menino retardado, pacientemente, mas também desesperadamente.

— Mas eu é que fico com o dinheiro por algum tempo. Mike não manda buscar a receita até as 6 horas da manhã.

Resolvi bancar o estúpido.

— E o que você vai dizer a Mike quando ele descobrir que está faltando dinheiro?

— Não vou dizer nada a ele — respondeu Vam Camp, impacientemente. — Às 6 horas da manhã, eu estarei longe deste Estado e continuarei viajando cada vez para mais longe.

Finalmente assenti.

— Vamos ver o dinheiro.

Vam Camp tinha algum dinheiro no cofre. Depois, foi para o segundo andar e recolheu o máximo de dinheiro possível, sem desfalcar as mesas nem levantar suspeitas. Eu o segui, enquanto ele fazia isso. Não de muito perto, para que ninguém se recordasse depois de que nos vira juntos, mas próximo o suficiente para desencorajá-lo da idéia de embolsar pessoalmente o dinheiro e escapar por alguma porta dos fundos.

De volta ao escritório dele, contamos o dinheiro e verificamos que havia em torno de 18 mil dólares.

Vam Camp estava suando profusamente com a tensão, enquanto metia o dinheiro numa valise e depois me entregava.

— E Gordon? — perguntei então.

Ele ficou um tanto irritado por ser recordado de Gordon naquele momeno em particular.

— Deixe-o morrer lá.

As palavras me surpreenderam.

— Onde ele está?

— Deixei-o todo amarrado no porão de um pequeno chalé que te-

nho nas montanhas.

Pus a valise debaixo do braço e decidi que agora não haveria mal algum em demonstrar um pouco da minha ignorância real sobre determinadas questões.

— Pensei que você e Gordon estivessem juntos nisso.

— E estávamos. — Olhou para o relógio, visivelmente ansioso em sumir dali. — Foi Gordon quem localizou Baini, Fitz e Grady. Mas depois que a primeira tentativa não deu certo, ele quis voltar atrás e esquecer tudo.

Compreendi tudo.

— Mas você não concordou. E os dedos realmente pertenciam a Gordon.

Ele assentiu. A questão não mais o interessava. Estava pensando em outras coisas.

— Você terá de se livrar de Gordon. E imediatamente — disse-lhe então.

— Por que me dar a esse trabalho? Ele morrerá de qualquer maneira, dentro de mais dois dias, sem comida e sem água.

— É possível. Mas já pensou no que acontecerá se ele conseguir escapar? Talvez ele seja doido o suficiente para ir à polícia e contar a história como se tivesse sido um seqüestro de verdade. Os dedos que lhe foram decepados farão com que a história pareça verdadeira a todo mundo. E então você terá de sumir não apenas com Neeland atrás, mas também com todo o FBI. Não teria a menor chance. — Deixei que meus argumentos penetrassem fundo, antes de acrescentar: — Se você tem algum escrúpulo em aplicar o golpe final, posso fazê-lo em seu lugar.

Vam Camp terminou aceitando meus argumentos, mas não o fez com muita felicidade.

— Está certo. Mas vamos até lá o mais depressa possível.

Fomos no carro dele. Foi uma viagem de 45 minutos, apesar de seguirmos a toda velocidade. Finalmente entramos numa velha estrada de terra e fomos parar diante do chalé, às 3 horas da madrugada.

Vam Camp saltou do carro com uma lanterna e eu o segui. O pequeno chalé não tinha eletricidade e recendia a poeira. Na cozinha, Vam Camp puxou uma argola no chão de linóleo, abrindo o alçapão que dava para o porão.

Iluminou a escuridão lá embaixo com a lanterna. O porão era pouco

mais que um buraco escavado na terra. Gordon estava estendido a um canto, com as mãos amarradas nas costas. Estava amordaçado e a corda em torno dos pés estava presa também em seu pescoço. Por qualquer ângulo que se olhasse, não pareciam muito grandes as possibilidades de ele escapar.

Gordon já não se parecia com o homem irresistível da fotografia. Em seus olhos, havia um brilho de terror.

— Acabe logo com isso — ordenou-me Vam Camp.

Não me dei ao trabalho de descer os degraus de madeira. Disparei uma única vez. Gordon foi sacudido pelo impacto da bala e rolou para o lado. Notei que faltavam dois dedos de sua mão direita. E isso serviu para me esclarecer uma coisa.

Vam Camp estava prestes a abaixar o alçapão.

— Ainda não acabei — disse-lhe eu.

Os olhos dele se encontraram com os meus e ele teve cerca de um segundo para compreender o que ia acontecer em seguida.

O tiro acertou-o em cheio. Enquanto ele cambaleava, dei-lhe um empurrão de leve, com as pontas dos dedos. Ele caiu no buraco e a lanterna rolou também lá para baixo, antes que eu conseguisse pegá-la. Fechei o alçapão e usei meu isqueiro para encontrar a saída do chالé.

Voltei no carro de Vam Camp até o Blue Moraine, peguei meu próprio carro e voltei para a cidade, aonde cheguei às 5 horas da manhã. O sol estava começando a nascer.

Encontrei um café que ficava aberto a noite inteira e comi alguma coisa. Depois, deposei os 18 mil dólares em meu escaninho na estação rodoviária e segui para o meu hotel, a fim de tomar um drinque de auto-congratulações.

Às 6:30, fui para o Parakeet. O jogo já acabara e os empregados tinham ido embora. Dentro de mais uma hora, a turma da limpeza iria aparecer.

Mike Neeland ainda estava em seu escritório, os olhos fundos, a demonstrar uma fadiga extrema.

— Algo saiu errado, Danny. Eles ainda não soltaram Gordon. A esposa dele me telefonou há 15 minutos. Disse que vai ligar para a polícia, se eu não der um jeito para que Gordon seja solto imediatamente.

Acendi um cigarro.

— Mike, já consegui juntar todos os pedaços do quebra-cabeças.

Sinto muito que seja tarde demais para tomar alguma providência, mas...

— De que está falando, Danny?

— Do seqüestro. Não foi absolutamente um seqüestro. Gordon ainda tem todos os 10 dedos das mãos e, a esta altura, já deve estar muito longe daqui.

Os olhos de Neeland se estreitaram.

— Os dedos provavelmente pertenciam a algum pobre-diabo que Gordon pegou na rua. Foi Gordon quem planejou todo o golpe.

Pensei por um momento nos oito dedos que Gordon ainda tinha, quando eu o vi pela última vez. Já sabia a resposta à pergunta que formulei em seguida:

— Recebeu outro dedo pelo correio ontem? — Não.

— Mas deveria ter recebido!

Ele franziu o rosto.

— Por quê? Eu já tinha concordado em pagar.

Sorri.

— De acordo com os carimbos postais, Gordon despachou os dois primeiros dedos de locais distantes 50 a 60 quilômetros. Os bilhetes prometiam uma entrega regular. Seu anúncio informando que ia pagar o resgate só apareceu no jornal às 11 horas. Assim, se ele dependia exclusivamente do anúncio para saber de sua concordância, já deveria ter despachado outro dedo, para que você o recebesse na correspondência de 1:30 da tarde. — Fiz uma pausa. — Mas ele já sabia que o anúncio ia ser publicado. Soubera-o no dia anterior. Não precisava dar-se ao trabalho de cortar outro dedo naquela noite e despachá-lo. E quem sabia que o anúncio ia ser publicado? Somente você, eu... e Dorothy Gordon.

E fora isso mesmo, apenas com uma ligeira diferença: Dorothy Gordon contara, mas a Vam Camp. Não a Sam Gordon. E eu tinha a impressão de que uma mulher que deixava seu marido ser retalhado, devia ter outros planos. Provavelmente, ela e Van Camp haviam decidido matar Gordon depois de receberem o dinheiro e fugirem juntos.

Mike Neeland ficou andando de um lado para outro da sala, digerindo minha informação.

— Há mais uma coisa, Mike — continuei. — Acho que Gordon pegou o dinheiro e fugiu sem levar a esposa.

— O que o faz pensar assim?

— Você me disse que ela acabou de telefonar. Iria fazer tal coisa,

se Gordon e ela já estivessem de posse do dinheiro? — Sacudi a cabeça.
— Não, Mike. Ela pensa que você não pagou. Mas vai acabar descobrindo que o marido fugiu.

Neeland ficou furioso, praguejando desabridamente.

— Quero que você dê um jeito em Dorothy Gordon imediatamente. Certo, Danny?

Assenti.

— Está certo, Mike. E farei esse serviço de graça. Não lhe fui de grande valia neste trabalho.

O telefone tocou e Neeland atendeu. Enquanto escutava, sua expressão se foi tornando ainda mais sombria. Finalmente, ele bateu com o fone.

Esperei, em silêncio, polidamente. Neeland respirava pesadamente.

— E por cima de tudo, parece que Vam Camp esvaziou o cofre do Blue Moraine e fugiu. A esta altura, ele também já deve estar na América do Sul.

Levantei-me e pus o chapéu na cabeça.

— Vou cuidar agora de Dorothy Gordon.

Eu já estava na porta quando ele me deteve.

— Danny...

— Pois não?

— Depois de cuidar dela, Danny, volte para cá.

— Claro. Eu lhe farei um relatório final.

— Não é sobre isso que estou querendo falar, Danny. Gostaria que ficasse comigo. Na organização.

Pensei um pouco na organização, nos 18 mil dólares que o Blue Moraine já havia lucrado às 2 horas da madrugada, nos diversos outros clubes que Mike possuía.

E pensei também em Eve Neeland.

Encarei-o.

— Ouvi você dizer certa vez que não queria ter por perto ninguém que tivesse um mínimo de inteligência.

Ele sorriu, embaraçado.

— Claro que você tem cabeça, Danny. Mas há algo muito mais importante em você.

— E o que é?

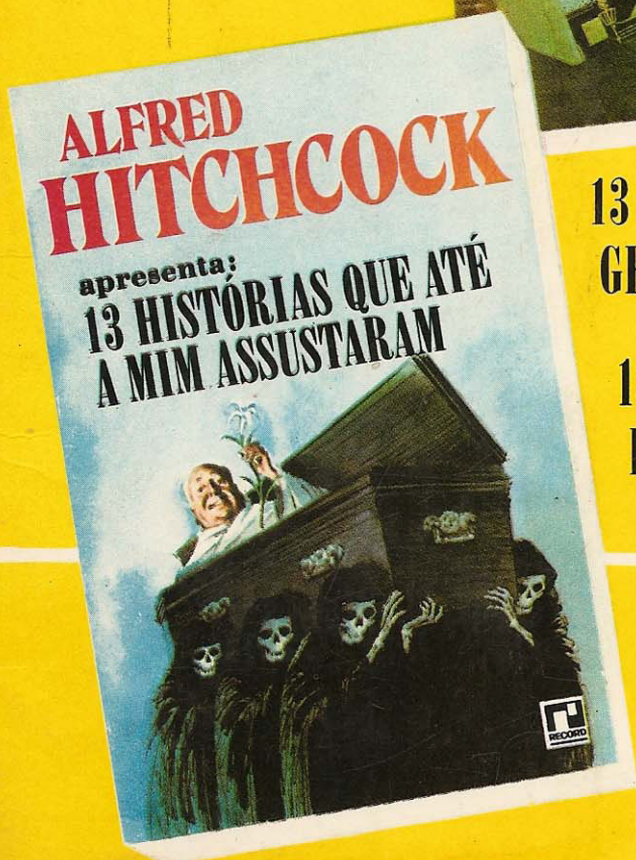
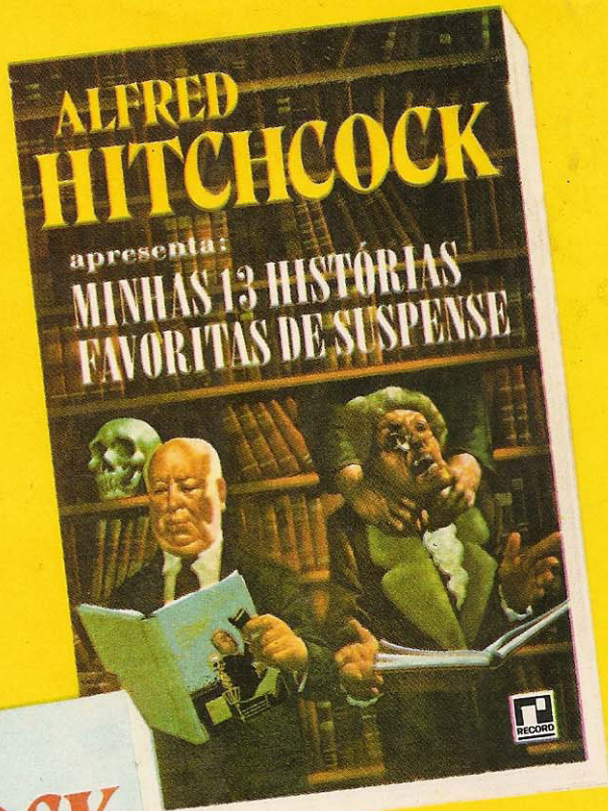
A expressão dele tornou-se subitamente solene:

— Posso confiar em você, Danny. Isso é o mais importante.

Não me afluaram lágrimas aos olhos, mas deixei Mike ver que eu estava engolindo em seco.

— Obrigado, chefe. Pode contar comigo.

LEIA
DESTA
EDITORA



**13 HISTÓRIAS DE
GELAR O SANGUE**

**13 HISTÓRIAS
HORRIPILANTES**

